

PUC

ALVARO DE PINHEIRO GOUVÊA

A RELAÇÃO DE "OBJEU": UMA ESTRATÉGIA EM PSICOTERAPIA

TESE DE DOUTORADO

Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro, Abril de 1996

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 - CEP 22453-900

RIO DE JANEIRO - BRASIL

N. Chamada: 150 / G719r / TESE UC

Título: A relação de "objeto", uma estratégia e

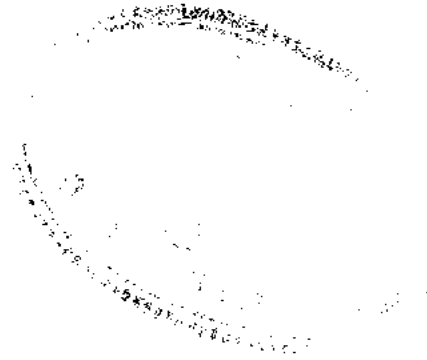


0. 0 9 3 2 8 7

ES-CENTRAL

2104

ALVARO DE PINHEIRO GOUVÊA



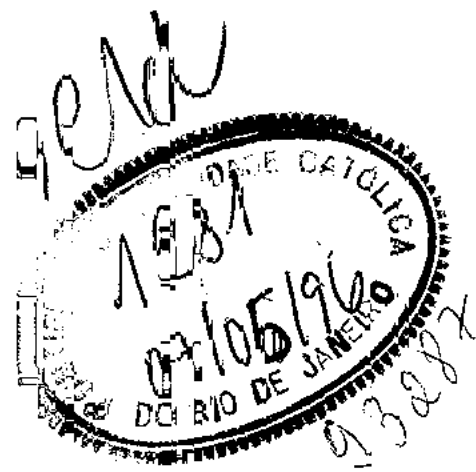
A RELAÇÃO DE "OB-JEU": UMA ESTRATÉGIA EM PSICOTERAPIA

**Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Clínica da PUC/Rio como parte dos requisitos
para obtenção do título de Doutor em Psicologia**

Orientadora: Profa. Monique Rose Aimée Augras

Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro, Fevereiro de 1996



DC- 65005-2

150
6492
TESEUC

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores: Monique AUGRAS e J-J.WUNENBURGER.

A CAPES E CNPQ que me apoiaram ajudando financeiramente nesse projeto de pesquisa

Ao departamento de Psicologia da PUC/Rio

Ao apoio direto e sobretudo indireto do "Centre Gaston Bachelard de Recherches sur l'imaginaire et la rationalité" e da Universidade de Bourgogne" - DIJON - FRANCE

A todos que participaram ativamente dos grupos realizados no ambulatório da AMABB (Associação de Moradores e Amigos do bairro Barcelos favela da Rocinha) e, ao apoio do médico João Claudio e da colaboração técnica das psicólogas Lilia, Nair e Sigrid.

A Bruno Jay pelas fotografias .

A todos aqueles que participaram na formação e nos trabalhos dos grupos realizados em Dijon, Boyer e Paris.

SUMÁRIO

SUMÁRIO	iii
ABSTRACT	iv
RESUMO	v
INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I - ALÉM DA RELAÇÃO DE OBJETO	27
1. O BURACO SEMIOLÓGICO: UMA QUESTÃO DE LINGUAGEM	36
2. UMA PSICANÁLISE EM BUSCA DE OBJETOS	47
A voragem da pulsão	47
Idéias ou coisas desses objetos da psicologia	58
3. PELO RETORNO DA BOBINA	67
Das ding ao alcance das mãos	71
O Fort-da como modelo psicoterápico	78
CAPÍTULO II - A RELAÇÃO DE OBJEU	83
1. OBJEU: UMA REFERÊNCIA LÚDICA	88
2. O JOGO DO DIVÃ	95
3. A LÓGICA DAS IMAGENS	104
A magia das imagens	109
O cenário analítico: uma zona intermediária para o Objeu	111
A imaginação porosa	114
CAPÍTULO III - A VIA DA ARGILA	117
1. O RENASCIMENTO DA IMAGINAÇÃO POROSA	122
1.1 - Fort-da-fort-da: a redescoberta do prazer sensorial	126
A argila como mediadora	132
1.2.- Do-jo-go-do-ob-jet-do-ob-jeu	134
Possessão: o caráter arbitrário da projeção	137
2. O MÉTODO	142
2.1 - O PENSAR DO MÉTODO	144
Do enquadre	146
Da "expressão conduzida" à "expressão livre".....	149
Do código manual ao código oral	154
2.2 - INTERVENÇÃO E CURA	157
Da intervenção na "relação de Objeu"	165
Do eixo "Eu-Si-mesmo" e as máscaras de argila	170
CONCLUSÃO	173
ANEXO	185
1 - A "RELAÇÃO DE OBJEU" NUMA PERSPECTIVA JUNGUIANA.....	185
A dialética do Eu e do Inconsciente.....	188
Imago e Imagem	196
Símbolo vivo e símbolo morto.....	199
As máscaras de argila: típicas entidades clínicas.....	206
2 - A EXPERIÊNCIA FRANCESA	210
BIBLIOGRAFIA BÁSICA	236

ABSTRACT

The *Objeu* relationship: a psychotherapeutic strategy

This study demonstrates one way in which a psychoanalyst can lend a new dynamic to the analytical setting. Using clay as a working tool, I re-address psychology's view of the subject-object relationship with the intent of freeing analytical practice from linguistic bonds that constrain and imprison *das Ding*. By introducing clay as object of the analytical 'game' (as the *Ob-jeu*)*, the setting is enlarged and the analyst forced to question the status of the word 'objet' within both the theory and practice of psychotherapy. Psychology has unfortunately seen the so-called 'object relationship' transformed into a 'subject relationship' that isolates the real object while transforming the 'subject-object' relationship into a 'subject-idea' relationship. My aim is to introduce analytical practice to a new field rigorously structured around what I call the *Objeu* relationship. By freeing the client's repressed gestures through use of clay as the 'third term' in the analytical game, the object can be restored to its concreteness. As this third term, clay serves as a raw material that interacts with the senses, intuition, feelings, sensations and emotions, the 'desire-pleasure' circuit, and thought itself, thereby engendering new representations which, in forming an image-action, help construct a 'live symbol'. In effect, by 'unsealing the word' with the help of the object clay, we begin to manipulate and to lend concrete shape to the client's 'productions phantasmatiques'. In the *Objeu* relationship, the imaginary object is thus grasped by the hands, freeing the analytical act of a babbling syntax: it is the hands that grasp the symbolic function within the subconscious and through the clay help the client gain insight into his or her desires and emotions.

* French poet Francis Ponge first employed the term *Objeu* to signify the notion of playing with a concrete object with the goal of constructing the Real. In Ponge's words: "*Les pensées, les paroles et les actions ne se commandent ni ne s'obéissent dans l'homme: elles se jouent*" (Lyree, Paris, Gallimard, 1967, p.129). French psychoanalysis has taken up Ponge's neologism within efforts to re-invent the analytical 'game'. (See the noteworthy study by Pierre Fédida, "L'objeu - *Objet, jeu et enfance - L'espace psychothérapique*," in P. Fédida; *L'absence*, Paris, Gallimard, 1978, p.97ff.) Given the difficulties of finding a suitable translation in Portuguese that would blend these two notions with equal phonetic eloquence, I have chosen to maintain Ponge's *Objeu*-- a term that has already gained acceptance among French linguists and psychoanalysts.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal permitir ao analista imprimir uma nova dinâmica ao "setting" analítico. A partir da utilização da *argila* como "instrumental de trabalho", repensamos o tema da relação "sujeito-objeto" em psicologia, a fim de livrar a praxis analítica de uma cadeia linguística que a nosso ver limita e aprisiona *das Ding*(a coisa). Através da entrada da *argila* como o objeto do "jogo" analítico (*ob-jeu*)*, o "setting" se amplia e ao analista cumprirá se interrogar sobre o estatuto da palavra "objeto" ao nível da teoria e da prática psicoterápica. Infelizmente, em psicologia, a dita "relação de objeto" tem se transformado numa "relação de sujeito", isolando o objeto real e transformando a relação "sujeito-objeto" numa relação "sujeito-idéia". A rigor, procuramos estabelecer um novo campo para a atividade analítica, estruturado em torno do que denominamos de "*relação de Objeu*". Aqui, procuramos atingir o equilíbrio técnico do objeto ao liberar o gestual reprimido do analisando pela inclusão da *argila* como o "terceiro termo" do "brincar" analítico. O nosso propósito é de progressivamente dar a conhecer que a *argila*, enquanto o terceiro elemento da tríade "analista-argila-analisando", pode vir a ser a matéria-prima que, ao formar a imagem-ação, concorreria para a fabricação do "símbolo vivo". Sendo assim, ao interagir com os sentidos, com a intuição, com os sentimentos, com as sensações e emoções, com o circuito "desejo-prazer" e com o próprio pensamento, a *argila* mobilizaria novas representações. Com efeito, ao "abrimos o verbo" com a ajuda do objeto *argila*, começamos a manusear e a dar uma forma concreta às "produções fantasmáticas" do analisando. Assim, na "*relação de Objeu*", o objeto imaginário será capturado pelas mãos, liberando o ato analítico de uma sintaxe delirante: são as mãos que capturam a função simbólica no inconsciente e pela via da *argila* ajudam o analisando a discernir seus desejos e emoções.

* A palavra "*Ob-jeu*" foi utilizada a primeira vez pelo poeta Francis Ponge para indicar a possibilidade de "brincar" com o objeto concreto, a fim de construir o real. Segundo Ponge: "Les pensées, les paroles et les actions ne se commandent ni ne s'obeissent dans l'homme: elles se jouent" (Ponge, F., *Lyres*, Paris, Gallimard, 1967, p.129) Por outro lado, a psicanálise na França vem recorrendo a essa palavra criada por Ponge, para reinventar o "jogo" analítico. (conforme o notável estudo feito por Pierre Fédida - ver capítulo VIII "*L'objeu - Objet, jeu et enfance - L'espace psychothérapique*"; FÉDIDA, P.; *L'absence*, Paris, Gallimard, 1978, p.97 segs.) Na falta de uma palavra em português que pudesse ajustar-se com precisão e sonoridade ao termo "objeu" (talvez "ob-jogo", ou "ob-jeito"), optamos por manter a palavra inventada por Ponge e que já vem sendo aceita por linguistas e psicanalistas franceses. Acresce o fato de que a palavra "objeu" não é propriamente uma palavra francesa. Trata-se de um neologismo que, a nosso ver, se adapta bem ao português, respeitando, é claro, a liberdade em ajustá-la à pronúncia brasileira. De qualquer maneira, o leitor está livre para utilizar a tradução "ob-jogo", caso lhe pareça melhor.

"L'intérieur est muré par l'extérieur"

KANDINSKY**

** KANDINSKY, *Point et ligne sur plan*, Paris, Gallimard, 1993, p. 26.

INTRODUÇÃO

" L'homme, le plus souvent, n'étreint que ses émanations, ses fantômes. Tels sont les objets subjectifs. Il ne fait que valser avec eux, chantant tous la même chanson; puis s'envole avec eux ou s'abîme. Il nous faut donc choisir des objets véritables, objectant indéfiniment à nos désirs. Des objets que nous rechoisissions chaque jour, et non comme notre décor, notre cadre; plutôt comme nos spectateurs, nos juges; pour n'en être, bien sûr, ni les danseurs ni les pitres. "

PONGE¹

A idéia mais comum em psicologia insiste sobre o fato que o consciente e o inconsciente, como dois vasos comunicantes, manifestam uma força: o instinto. Na medida em que esta força instintiva começa a ser objeto de estudo em psicologia, a reflexão teórica toma corpo em torno do conceito de "pulsão"^(trieb). Tal conceito sugerirá um indivíduo desejoso de dar sentido às suas idiossincrasias.

¹ PONGE, F., Lyres, Paris, Gallimard, 1967, p. 152.

inscrevendo-o como um sujeito de relação com os "objetos" do mundo interno e os "objetos" do mundo externo.

A partir daí, a questão que se impõe é de saber de que objeto estamos falando. A nosso ver, ao nível do que se convencionou chamar de "relação de objeto", a psicologia, sobretudo a psicanálise, tem se preocupado exaustivamente em abordar a dinâmica pulsional restringindo-a à dialética do "Eu" com os "objetos" fantasmáticos. Esta maneira de abordar o objeto pela teoria vem colocando o objeto concreto em segundo plano e, numa valorização exacerbada do objeto enquanto "referente lingüístico", tem-se transformado o "jogo" analítico numa questão semântica. Nesse nível, o equilíbrio da técnica analítica é rompido e o objeto real transferido às práticas mentais. Isto é o mesmo que declarar a morte do objeto real.

Assinale-se que o Idealismo alemão forneceu o material teórico a ser manipulado em proveito da substituição do objeto real pelo fantasma pouco funcional do "objeto idéia". Na *"Crítica da razão pura"*, Kant nos fala de um mundo incognoscível da "coisas em si". Nele, a morte do objeto é encarnada no "apriorismo" da razão. Isto é, de uma razão que se basta a si própria em sua faculdade de totalidade, uma razão que derrota o objeto externo em nome de uma subjetividade radical.

Quando Kant distingue e fundamenta o conhecimento como algo independente da experiência e das impressões do sentido - ainda que exista uma preocupação com a questão dos objetos reais - o que realmente lhe interessa é o meio pelo qual o espírito se contempla em seu estado mesmo e, de outra parte, a propriedade desse mesmo espírito em poder representar os objetos fora e reunidos no espaço.

No dualismo kantiano, o objeto real parecerá então dispensável e não detectável. Os sentidos não mais atingiriam a "coisa em si", mas apenas o fenômeno. O objeto passaria então a ser o fenômeno percebido pelo sujeito. A realidade transcenderia o objeto real e, numa espécie de transubjetivação, seria inadmissível especular sobre a possibilidade de se consolidar a experiência metafórica pela via dos objetos reais. Aqui, a noção de objeto ganha contornos da lógica racional e passa a ser um objeto na cabeça das pessoas. Daí, o sujeito só seria capaz de vivenciar o real pelos labirintos de uma imaginação falada.

À vista desse aprisionamento do objeto real pelo idealismo, é possível compreender o mito de uma funcionalidade miraculosa do mundo da linguagem, esta última absolutamente adaptada ao fantasma do objeto, ou seja, ao referente. Mas, de toda maneira, é lícito admitir que mais tarde o lado concreto do objeto seria em parte recuperado pelo surrealismo e pela obstinação de artistas como o alemão Joseph Beuys.

A alternativa surrealista, em princípio, estimulava o desejo do objeto concreto. Assim, em reação à estranheza do objeto mental proposto pelo idealismo, veríamos surgir com o surrealismo uma atividade que pautava a relação "sujeito-objeto" numa experiência direta com o objeto real (objets trouvés). O estatuto do objeto surrealista apareceria, portanto, dominado pelo desejo e prazer de transgredir o objeto semântico. Vejamos o que nos diz Baudrillard: *"O objeto surrealista surge na mesma época que o objeto funcional, como sua ridicularização, sua transgressão. Contudo, esses objetos/fantasmas abertamente dis- ou parafuncionais supõem, também*

eles, contraditoriamente, o advento da funcionalidade como lei moral universal do objeto, e o advento desse mesmo objeto como separado, autônomo e votado à transparência da sua função" ²

Naturalmente, quanto mais os artistas cediam à solicitação sensorial do objeto concreto, mais o estatuto do objeto mental se tornaria frágil e efêmero. Desejava-se reorganizar a noção de objeto para dar liberdade de expressão às pulsões, inscrevendo os fantasmas e fantasias numa dinâmica lúdica com os objetos reais. O propósito seria o de implodir os objetos mentais pela força explosiva do desejo materializado e cristalizado em instâncias concretas da ordem do mundo material. Os objetos reais imporiam uma nova ordem técnica no interior dos objetos idealizados mentalmente, reinventando o fantasma. Com isso criavam-se as condições peculiares para que se pudesse apreender do irracional humano e de suas fantasias, uma espécie de fantasma funcional.

É nesse momento que se pode pensar na afinidade entre o objeto mental e os objetos concretos, pois não só o primeiro é, em certo sentido, um complexo de imagens diluídas em emoções que apontam para um "terceiro termo" que delas se diferencia, como também o que há de mais concreto no objeto (segundo o seu tamanho, grau de funcionalidade, o gestual que a ele se liga, sua forma, sua duração, sua cor, seu odor, sua plasticidade, etc...) é o seu valor de objeto personalizado, na medida que se apresenta com uma conotação técnica capaz de capturar o objeto perdido na pseudofuncionalidade da linguagem metafórica. Aliás, é esse o desejo que vai aparecer mais

² BAUDRILLARD, J.: Para uma economia política do signo, S. Paulo, M. Fontes, 1972, p. 251.

tarde expresso na arte e filosofia de Beuys, isto é, o desejo de promover a *reconciliação* entre o imaginário e os objetos reais, mobilizando as conotações afetivas e estruturando-as numa nova ordem de classificação simbólica (materializada em objetos) e não num repertório hierarquizado de objetos semânticos.

É evidente que a lucidez que acompanha a forma surrealista de abordar o objeto, tem seu precedente histórico fundado no desejo de fazer uma justaposição funcional do objeto kantiano ao objeto real. A montagem do objeto surrealista sintoniza o objeto mental ao objeto desejado pelas mãos.³ Descompromissada com o objeto mental kantiano e influenciada pela psicanálise, a arte dos surrealistas, vai atrás dos objetos na natureza e, com estes, procura a efetivação de um mundo objetivo, um "Eu objetivo", no sentido literal do termo. Segundo Salvador Dalí, o contato com os "objets trouvés", levaria o indivíduo a expressar outros temores e fantasmas, que não os habituais, de um mundo de objetos kantianos ou saussureanos. Vale citar Dalí: " *Sem dúvida, habituamo-nos durante o período cubista a ver as coisas assumirem as mais abstratas formas intelectuais: alaúdes, cachimbos, potes de geléia e garrafas estavam tentando tomar a forma da "coisa em si" kantiana, supostamente invisível atrás das recentes perturbações da aparência e dos fenômenos. Em "Calligramas" (cujo valor sintomático ainda não foi compreendido) eram realmente as formas das coisas que estavam buscando a forma escrita.*" Continua

³ Aqui poderíamos evocar a noção de "escrita automática" proposta pelos surrealistas. A idéia dos surrealistas consistia em procurar sintonizar o inconsciente diretamente com as mãos, a fim de poder ultrapassar as funções inibidoras da consciência, possibilitando assim, através da mediação de um objeto externo, chegar a um outro tipo de linguagem. Com essa espécie de metodologia surrealista, os artistas, fundamentalmente os escritores, chegariam a identidades verbais novas e criativas.

Salvador Dalí: *"Temos agora um medo totalmente novo. No limite do emergente culto do desejo, parecemos atraídos por um novo corpo, sentimos, a existência de milhares de corpos de objetos que havíamos esquecido."*⁴

E Francis Bacon deixa-nos entrever uma técnica - ele procura traçar caminhos para o real via "objets trouvés": *"A arte é um método de abrir áreas de sentimento, e não a mera ilustração de um objeto."* *"A imaginação real é a imaginação técnica. Ela é a maneira pela qual pensamos em revivificar um acontecimento. É a busca da técnica para capturar o objeto num dado momento. A técnica e o objeto tornam-se então inseparáveis. O objeto é a técnica e a técnica é o objeto. A arte reside na luta contínua para nos aproximarmos do lado sensorial dos objetos."* [...] *"O objeto é necessário para proporcionar o problema e a disciplina na busca da solução desse problema."*⁵ Isto significa, em outros termos, que a partir do esforço de alguns artistas-filósofos, se articulava a colagem do objeto fantasmático ao objeto real. Mais explicitamente: se no domínio das ciências da linguagem e mesmo no da própria filosofia, a dificuldade em fixar os limites do objeto levaria os teóricos à morte do objeto real; inversamente, a maioria das artes e, fundamentalmente na arte dos surrealistas, o esforço é no sentido de encarnar os objetos imaginários e metafóricos em montagens criativas com os objetos reais.

Como um simples preâmbulo a essa introdução, é preciso considerar que as obras e idéias dos surrealistas (1919-1920), aparecem como uma reação natural a uma Europa destruída pela guerra.

⁴ CHIPP, H. B. *Teorias da Arte Moderna*. S. Paulo, M. Fontes, 1988, p. 427.

⁵ *Ibid.*, p. 633.

Os destroços humanos misturavam-se aos destroços das moradias e refletiam a desestruturação que sofreram os objetos em seu valor de ambiência. Esta coexistência equívoca entre objetos idealizados e objetos reais, fora o que marginalizara e pervertera o trato com os objetos na vida real. A partir daí, houve aqueles que testemunhariam do relativo fracasso do sistema e para quem o objeto estava irremediavelmente perdido. E, outros que captariam novas formas de objetos, simplesmente porque aderiram ao traço criador de uma restauração artesanal pela *reconciliação* do "objeto-pulsão" ou "objeto-desejo" com o objeto real.

O movimento Dada, nascido em plena guerra (1916) e mais tarde os surrealistas Breton, Aragon e Dalí, seriam todos marcados pela destruição que sofrera a Europa; o que os transformaria, juntamente com a maioria da sociedade europeia, em consumidores ávidos de objetos concretos. O apelo que se seguia a esta espécie de canibalismo objetal seria o de construir uma teoria que recuperasse para o indivíduo o sentimento de se sentir ligado aos objetos na natureza. Assim, como uma criança, o indivíduo procurava o modo mais rudimentar de domínio do mundo exterior: o gosto pelo manuseio, arranjo e classificação de um objeto real.

Nessa perspectiva surrealista de relação com os "objets trouvés", poderíamos incluir, também, a arte de Joseph Beuys. Nascido em maio de 1921 em Krefeld, Beuys viveria uma Alemanha totalmente destruída pela guerra. O recurso do artista, para livrar-se da destruição engendrada e incorporada psicologicamente pelas circunstâncias da guerra, apelava por repensar a relação entre o sujeito e o objeto. Para evitar alimentar uma tirania entre as

categorias de pessoas e as categorias de objetos. Beuys, através de sua arte e filosofia intervia de maneira programática no interior das coisas, mostrando ser o objeto real o caminho mais curto para a liberdade.

Como os surrealistas e não como "um surrealista", Beuys procurou desenvolver uma relação de proximidade entre a imaginação e os objetos reais. Assim, na perspectiva da montagem artística de Beuys, a idéia é de desenvolver uma psicologia e uma arte socializantes. Beuys dizia: *"Chaque homme est un artiste - Mon intention initiale, en utilisant de la graisse, était de stimuler la discussion. La souplesse du matériau m'a surtout attiré pour ses réactions aux changements de température. Cette souplesse est psychologiquement efficace: instinctivement, les gens l'associent aux processus internes, aux sentiments."* Sendo assim, seria justo propor, segundo Beuys, uma *reconciliação* do plano sensível com o plano mental.

Mas, quando se fala em "reconciliação", esbarra-se num desafio radical: não se pode mais admitir distanciar-se do contato com as coisas reais, ou seja, não é permitido seqüestrar ao objeto sua dimensão e seu valor de objeto técnico. O importante, no momento, seria quebrar a linguagem, criando-se, a partir dos fragmentos, uma cadeia metafórica integrada ao sistema dos objetos reais. Assim, através de intervenções arrojadas no mundo imaginário, violaríamos retrógradas normas estabelecidas pela percepção e linguagem. Esta busca de autenticidade, seria para integrar na ordem imaginária do

⁶ BEUYS, J., *Parcours* - Joseph Beuys, C.G. Pompidou, N.N. d'art Moderne, 1994, p.6.

sujeito, a fascinação pelos objetos funcionais, sem perder de vista, a dimensão criadora do objeto-paixão.

Essas verificações preliminares, remetem à necessidade de se retornar ao objetivo desse trabalho. Ainda que seja tão complexo e vasto, trata-se, como já podemos entrever, de um estudo sobre a relação "sujeito-objeto", com o intuito de retomar o sentido da palavra "objeto", a fim de demarcar ambigüidades que possam levar o analista a eliminar da investigação analítica o objeto real enquanto "instrumental de trabalho analítico".

Assim, ao analisarmos as implicações que a subjetivação da palavra "objeto" traz para o domínio da praxis psicoterápica, insistiremos sobre a importância de reconsiderar a questão do "setting", tendo em vista uma abertura de espaço para que o ato analítico consiga evocar as representações funcionais do objeto real. Esse novo espaço será então construído pela justaposição perfeitamente discernível entre "exteriores" e "interiores". Contudo, ao contrário do que estamos acostumados a ouvir em psicanálise, seria o objeto real que forneceria os recursos para articular a dialética "interior" e "exterior". Isto equivale a dizer que é um movimento também em sentido inverso, isto é, um movimento que vai de fora para dentro, promovendo a tensão no interior dos objetos e mudando completamente o itinerário imagético. Essa tática inverte a maneira de se chegar ao simbólico, assinalando que é pela junção de imagens criadas pelas mãos que chegaríamos a conduzir nossas experiências psicológicas. O objetivo é dar cor, movimento e textura aos substantivos, adjetivos, verbos ou advérbios que compõem a experiência imaginária.

Mais precisamente: no contexto desse nosso trabalho o objeto real é que atrai "pedaços de emoções" para realizar a "produção" do sentido, numa justaposição do "de fora" com o "de dentro". Nessa medida, as imagens produzidas seriam na verdade reprodutoras de realidades subjetivas e consideradas "símbolos não verbais". Nessa ordem de cogitações, o analisando é levado à experiência emocional pelo que o objeto passou a lhe oferecer ao nível da articulação imaginária.

Trata-se, assim, de propor o resgate do "objeto perdido" pela mudança na estrutura do enquadre analítico, esforçando-se por reconduzir o processo analítico pela idealização de um modelo que preserve a conotação pragmática do objeto real. Trata-se de uma mudança no estatuto do objeto. É a partir dessa perspectiva que tentamos mostrar em nosso trabalho, com base em práticas clínicas, que a montagem do "setting" deve estar aberta e pronta a receber um objeto real, transformando esse último em agente de uma nova ordem simbólica.

Ora, assim como o objeto concreto é limitado em sua liberdade real de objeto - passando a ser "objeto de função" no interior do "setting" - o analisando e o analista, ao contrário, reciprocamente serão libertados enquanto usuários desse objeto. Aqui o objeto escolhido para compor a tríade "analista-objeto-analisando", adquirirá um valor de ambiência, impregnando-se de novos atributos e adquirindo uma conotação técnica própria ao seu novo campo operatório. A idéia, dentro dessa nossa nova moldura em psicoterapia, é de não eliminar o objeto concreto do processo terapêutico. O resultado de uma anulação grosseira do lado sensorial dos objetos

introduziria fatalmente o analista e o analisando numa montagem metafórica alienante. Ambos, analista e analisando teriam apenas o meio verbal para apreensão de um "objeto" que se evadiria obstinadamente. A falta de simetria entre os dois planos do "objeto", isto é, do objeto enquanto referência e do objeto concreto, facilitaria a alienação imaginária, aprisionando os fantasmas e as fantasias numa imagem ideal do objeto. Nesse caso, a objetividade plástica que se organiza através da alternância de planos "interiores" e "exteriores" ao sujeito, como também as produções de imagens palpáveis e sonoras, seriam substituídas pelas imagens puras, silenciosas e muitas vezes cegas do inconsciente.

Em nosso trabalho prático, quando o objeto real se transforma em agente simbólico, naturalmente, se justapõem ao setting, representações de nitidez visual, sensorial e acústica. Nesse contexto, o significante é articulado tendo em vista o desejo do objeto. O caráter de impenetrabilidade que oferece o objeto real arrancaria o indivíduo de suas produções delirantes, trazendo-o para uma compreensão mais ajustada do real. As representações atrairiam o som, a cor e o movimento presentes no objeto material e, como numa "montagem cinematográfica", poder-se-ia produzir uma realidade visível e dialética, tendo como vetor de construção do sentido, as mãos do analisando. *"Tous les verbes de la main finissent par nous renvoyer à l'insaisissable, tout comme les mots nous renvoient à l'ineffable. (Jean Brun)"*. Acrescentamos, porém, que projetar pelas mãos do analisando a "imagem do verbo", incarnando-a num objeto

⁷ BRUN, J., *La main et l'esprit*, Paris, PUF, 1963, p. 156.

concreto, significaria inverter a tensão semântica, elegendo o plano do objeto real como o lugar ideal para o ato analítico. Nessa trama de relações, a presença do objeto além de suporte para as projeções do analisando, concretamente irá servir para compor o espaço físico necessário à construção do real.

O nosso propósito nesse trabalho é de progressivamente dar a conhecer que, enquanto "terceiro termo", o objeto real pode vir a ser a matéria-prima para novas representações. Sendo assim, tal objeto ao interagir com os sentidos, com a intuição, com os sentimentos, com as sensações e emoções, com o circuito "desejo-prazer" e com o próprio pensamento, formaria a "imagem-ação", concorrendo para a fabricação do "símbolo vivo". Em outros termos, o que tentamos mostrar é que ao "abrirmos o verbo" com a ajuda do objeto real, começamos a permear o muro lingüístico liberando o ato analítico de uma sintaxe que impede ao analista e ao analisando de se inscreverem numa praxis menos subjetivista.

Nosso objetivo é atingir o equilíbrio técnico do objeto e estabelecer um novo "setting" para o "brincar" analítico. Trata-se, no fundo, de resgatar a dimensão terapêutica que pertence ao objeto real. Consideramos o "retorno do objeto" como uma estratégia para encarnar o objeto ideal na dinâmica analítica. Só o objeto real ostenta tão claramente o caráter de flexibilidade manual, o que lhe torna capaz de suscitar uma "pele" para o desejo. Convém lembrar que o objeto tem aparecido em psicologia apenas em sua qualidade de ser "algo" que, por definição, nos escaparia sempre ou, no máximo, apenas serviria para atualizar ou tornar sensível a separação. Na verdade, é um objeto perdido de seu carisma sensorial. Diríamos que falta a

esse objeto uma "potência afirmativa" ou, numa linguagem Deleuziana, uma "volonté de puissance". Aqui, o nosso objetivo é trazê-lo de volta em benefício da praxis analítica.

Desde 1982 viemos aprofundando nossas pesquisas usando a argila como o objeto ideal para preencher a falha deixada pelos objetos semânticos. O problema por nós encontrado tem sido a falta de uma argumentação teórica satisfatória em psicologia, que pudesse favorecer tais pesquisas e práticas clínicas. Acreditamos que nosso trabalho tem sido pioneiro em querer abordar sistematicamente o uso da argila como "instrumental de trabalho analítico", procurando, ao mesmo tempo, estruturar o "setting" que consideramos adequado a este tipo de pesquisa.

Num primeiro momento, nossas reflexões e interrogações se desenvolveram em torno de uma experiência em consultório particular com analisandos não psicóticos. Seria nessas condições que uma atitude reflexiva tomaria corpo e daria lugar a uma tese de mestrado, agora publicada em livro com o título: "Sol da Terra: o uso do barro em psicoterapia"⁸. Nossas pesquisas durariam de 1982 a 1992 - incluindo (de 1988 a 1992) uma experiência com grupos no ambulatório da AMABB (Associação de Moradores e Amigos do Bairro Barcelos) na favela da Rocinha - Rio de Janeiro. Aqui, o trabalho foi desenvolvido com grupos de crianças, de adolescentes e de adultos, contando com a participação de três psicólogos interessados em desenvolver a nossa técnica. Os anos de 1993 a 1995, foram marcados por uma pesquisa teórica no "Centre

⁸ GOUVEA, A.P.: Sol da Terra: o uso do barro em psicoterapia; S. Paulo, Summus, 1990.

Gaston Bachelard de Recherches sur l'imaginaire et la Rationalité"⁹ e com a aplicação prática de nossa metodologia em diferentes grupos realizados em Boyer, Dijon e Paris. Com esse trabalho atingimos cerca de noventa franceses das mais diferentes profissões; desde psicólogos, filósofos, artistas plásticos, agentes de saúde, arte-terapêutas, linguistas, estudantes, etc...

Diríamos que de nossas reflexões realizadas no Brasil e publicadas no livro "Sol da Terra", foram tiradas conclusões que nos levariam ao conceito de "Objeto Material". Embora ainda de uma maneira rudimentar, tal conceito legitimara, por razões de ordem metodológica, a matéria "argila" como o "terceiro elemento" da "moldura" analítica. Assim, a partir da relação dialógica estabelecida entre 'analista-argila-analisando', consolidaríamos, então, um movimento teórico-reflexivo sobre o uso de objetos em psicoterapia. Nosso objetivo fora o de dar uma amplitude e coesão teórica à evolução técnica que emergia de nossa prática. Admitimos, no entanto, que seria a psicologia analítica de C.G.Jung que serviria de parâmetro para encaminhar nosso trabalho analítico. Contudo, ainda que seja a psicologia analítica de Jung a mais utilizada em nossas reflexões, o esquema de execução técnica de nosso trabalho é viável para qualquer outro modelo teórico em psicoterapia. Certamente que enquanto vetor do símbolo, a argila é ideal para que se possa introduzir uma nova forma de "psicanalisar". Sendo assim, nada impede que se possa servir em psicologia do uso da argila como "instrumental terapêutico".

⁹ Este centro de pesquisa - dirigido por Jean-Jacques Wunenburger - se encontra na Universidade da Borgogne em Dijon - França; lugar onde desenvolvemos parte dessa nossa pesquisa de doutorado.

Pois bem, apesar das possíveis reticências ditadas pela lógica filosófica, de início as nossas questões foram em parte solucionadas a partir do que convenciamos chamar de "objeto material". Assim, da palavra "objeto", preservaríamos o que fala a psicanálise a propósito da noção de "relação de objeto", isto é, o objeto visto enquanto correlativo da pulsão, do amor e de atração; o que acabamos generalizando chamando de "objeto paixão". Mas, seria pela palavra "material" que expandiríamos a noção de "objeto" em nosso trabalho, chegando a esboçar o conceito de "objeto material". Isso significa dizer que, em nossa primeira hipótese metodológica, a palavra "material" estaria ligada à palavra "objeto" com o objetivo de anunciar a argila como um "instrumental analítico", evitando, assim, uma possível confusão em torno do "objeto idéia" ou de um outro objeto qualquer que se encontrasse dissociado do enquadre analítico.

Portanto, faz-se necessário dizer que, antes de tudo, o "objeto material" é a indicação de um objeto concreto, escolhido pelo analista, e que se liga ao circuito analítico a fim de vir a ser uma "ferramenta de trabalho" em psicoterapia. Sendo assim, encontraremos no conceito de "objeto material" as duas dimensões do objeto: a primeira indicando um objeto idealizado que se ligaria ao conceito de pulsão e à idéia de "relação de objeto". A segunda dimensão, nos informaria sobre a existência de um objeto real e bem definido pelo analista. Tal objeto ao fazer parte do "setting", constituiria em si mesmo, um objeto de manipulação.

Mas esse nosso movimento reflexivo em torno da relação "sujeito-objeto" se estenderia em pesquisas realizadas no "Centre Gaston Bachelard de Recherches sur l'imaginaire et la rationalité". Sendo

assim, ao longo desse novo período de reflexão, nosso trabalho fora o de reexaminar e ampliar a noção de "objeto material". A partir desses estudos é que acabamos encontrando entre alguns teóricos franceses uma estrutura homóloga que nos ajudaria a redimensionar o conceito de "objeto material". Trata-se da expressão "Objeu"; cujo valor objetivo é o de possibilitar o jogo entre os objetos reais e os objetos imaginários (afin de mettre en "jeu" le "jet" des objets imaginaires). Assim adotariamos a noção de "Ob-jeu" que nos permitiria abordar o que chamamos de "relação de Objeu". A expressão "Objeu" aparecera pela primeira vez nos escritos do poeta Francis Ponge para indicar a possibilidade de "brincar" (jouer) com o objeto real. Segundo Ponge: *"Les pensées, les paroles et les actions ne se commandent ni ne s'obéissent dans l'homme: elles s'y jouent. Elles s'y trompent. Elles s'y dévorent, et l'homme est leur radeau."* Concordamos com essa estratégia do poeta: *"Etant donné le pouvoir singulier des mots, le pouvoir absolu de l'ordre établi, une seule attitude est possible: prendre jusqu'au bout le parti pris des choses."*¹⁰ Assim, a evolução e a precisão de nossos estudos viria a ser enriquecida pela noção de "Objeu" e de "relação de Ob-jeu".¹¹

A nosso ver, objeto algum pode substituir o objeto real. Na verdade, ao multiplicar os objetos internos, a psicanálise simplesmente tem neutralizado e desviado a atenção do objeto verdadeiro. Deste modo, o estranhamento que o uso de um objeto real

¹⁰ PONGE, F.; Lyres, Paris, Gallimard, 1967, pgs. 129 e 127.

¹¹ Convém lembrar que a psicanálise na França tem recorrido a esta palavra que nos deu Ponge a fim de vir a estender suas pesquisas teóricas (conforme podemos constatar através do notável estudo feito por Pierre Fédida: ver capítulo VIII - "L'objeu - objet, jeu et enfance - L'espace psychothérapique - em FEDIDA, P.; L'absence; Paris, Gallimard, 1978, p. 97.) E, quanto a uma possível tradução de "Ob-jeu" para "Ob-jogo", consideramos melhor manter o neologismo "Ob-jeu" devido a sua melhor sonoridade. De qualquer maneira, o leitor é livre na escolha de uso de um ou de outro.

pode provocar no imaginário, em sua grande maioria acostumado a objetos subjetivos, nos faz conjecturar a necessidade de promover um discurso sobre a "*presença do objeto*" e de sua relação com as produções inconscientes, fundamentalmente, com a produção onírica do analisando. Diríamos que o "jogo" do Objeto dá uma nova arquitetura aos sonhos, permitindo ao analista e ao analisando traduzir e acompanhar o surgimento de uma linhagem original de imagens e emoções. Sendo assim, pela "relação de Objeto" poderemos traçar um paralelismo entre as imagens produzidas manualmente pelo analisando e as imagens verbalizadas de seus sonhos. Dito isto, a ambição desse nosso estudo se fixa em argumentar sobre a *presença do objeto*, mostrando que na "relação de Objeto", ao ligarmos simultaneamente o verbal ao sensorial pela via de um objeto concreto, abrimos espaço a um novo tipo de "jogo" analítico que favorece o manusear da emoção e a conseqüente elaboração do acontecimento traumatizante.

Precisamente, o que se tornou absolutamente incontestável em nossa pesquisa, é a certeza da impossibilidade de se atingir toda a dimensão do simbólico se não o atrelamos à ordem natural oferecida pelos objetos no mundo externo. O desejo, na esfera da atividade psíquica, na medida em que ele perde seu corpo e sua possibilidade de organização sensorial, forma diferentes construções metafóricas que, associadas à função alienante do psiquismo, comprometem a "visão de mundo" do sujeito e a formação de sua consciência.

Sublinhemos que somente a partir da consciência do limite da noção de "objeto" enquanto "referente" nos foi possível conjecturar sobre o valor de uso do objeto real enquanto

"instrumental analítico". Assim, o esforço desse estudo é no sentido de reorganizar o processo analítico a partir da triangulação "analista-objeu-analisando", reconduzindo o discurso da "perda" pela via da "relação de Objeu". Mas, de uma certa maneira, esse compromisso exigirá de nossa parte, demarcar o significado da palavra "matéria" em nosso trabalho. A nossa experiência com a prática da "relação de Objeu" tem nos mostrado que, como uma criança, o analista e o analisando devem engajar-se numa conduta de "comércio" com a matéria e os objetos. É esta uma das razões pela qual torna-se necessário ter bem claro o que significa em nosso trabalho "matéria", "coisa" e "objeto".

De início, é preciso anunciar a confusão que reina em torno dessas três palavras. Isso nos permitiria elucidar um pouco a questão. A partir do acesso de um objeto na ordem do "jogo" analítico, poderíamos nos interrogar se tal "objeto" seria um "pensamento" ou uma "coisa". Todo problema se resume no fato de que a palavra "objeto" quer ser mais que a indicação da "coisa". Assim, por não se submeter inteiramente às palavras que lhe servem de referência, o objeto real acaba sendo excluído do "brincar" analítico, comprometendo o processo de simbolização. Convém deixar claro que, tanto os objetos enquanto "palavras" ou "referência", como os objetos em sua materialidade, não passam de "instrumentos" de acesso à função simbólica. Nesse caso, diríamos estar também correta esta espécie de "intuição primitiva" que nos leva a acreditar que um vínculo mágico une

as palavras às coisas, e que dessa ocorrência conjunta com as coisas é que nasceriam as situações significantes.¹²

De toda maneira convém frisar que a noção de "matéria" em nosso trabalho será utilizada para indicar um tipo de "objeto concreto" que o analista escolheria para introduzir como "objeto de jogo" diante dele mesmo e do analisando. Extraída da natureza, esta matéria, numa conjunção com o mundo imaginário do indivíduo, comporia o "enquadre analítico" a fim de poder melhor se ajustar como um dispositivo terapêutico, transformando-se em "objeto material" ou "Objetu". O que importa é "encarnar" a palavra "matéria" nas suas causas funcionais. Aqui, a matéria é a matéria. É a "coisa mesma", situada como uma realidade palpável que provoca o desnudamento gestual do referente em benefício do ato analítico.

Convém dizer que no decorrer de nossa pesquisa a "*argila*" se impôs como a matéria privilegiada para atingir o simbólico. É, nesse nosso mundo de objetos argilosos, as

¹² Aqui, vale citar Ogden e Richards: *"Os símbolos dirigem e organizam, registram e comunicam. Ao estabelecer-se o que eles dirigem e organizam, registram e comunicam, temos que distinguir sempre entre Pensamentos e Coisas. É "pensamento" (ou, diremos usualmente, referência) aquilo que é dirigido e organizado; e também é "pensamento" o que é registrado e comunicado. Mas assim como dizemos que o jardineiro apara a grama quando sabemos ser a máquina cortadora de grama que realmente a apara, também, embora saibamos que a relação direta dos símbolos é com o pensamento, dizemos que os símbolos registram acontecimentos e comunicam fatos. Ao deixarmos de fora elementos essenciais na situação de linguagem, geramos facilmente problemas e dificuldades que desaparecem quando toda a transação é examinada em maior detalhe. As palavras, como todos sabemos agora, nada "significam" por si mesmas, embora a crença em que elas significam fosse, igualmente universal em tempos passados. Só quando um pensador as usa é que elas representam alguma coisa ou, numa determinada acepção, têm "significado". Elas são instrumentos."* (OGDEN, C. K. e RICHARDS, I. A.: O significado do significado. Rio. Zahar, 1972, pgs. 30/31.)
Convém considerar que ao afirmarmos que "palavras e coisas" são como "instrumentos" para o sujeito e que nada significam por si mesmas, correríamos o risco de cair numa redução ao sujeito. Portanto, a dimensão de imbricação - possível e necessária entre a possibilidade de "significar" no sujeito e a força que as "palavras e coisas" exercem nesse processo - não deve ser compreendida no sentido de retorno a uma relação de simbiose entre "indivíduo-palavra e coisa" ou, ao contrário, tender a um discurso de exclusão de um desses elementos em proveito do mundo imaginário. Vale assinalar que é justamente a partir da "impenetrabilidade" que oferecem as "coisas materiais", que o homem pode vir a processar mecanismos racionais, mecanismos estes que lhe ajudarão na tarefa de desprender-se da natureza, sentindo-se de certa forma o senhor de seu mundo. O sujeito atinge a compreensão de seu mundo interno através de uma interação com o movimento próprio ao mundo das coisas.

mãos se transformam em testemunhas essenciais que manipulam e revelam certos aspectos ainda desconhecidos da projeção imaginária. Encontra-se aí um novo destino para os objetos; aparecendo, então, a vocação da argila ao papel de "instrumental terapêutico" e enquadrando-se como o "terceiro termo" no jogo do "Objeu". Diríamos então que ao introduzir a argila no "setting" o analista instaura a "relação de Objeu".

Dito isto, o que se pode apreender como essencial da "relação de Objeu" é este enunciado: quando, no jogo analítico, a argila entra como um "terceiro" para compor o "quadro analítico", a relação "mundo interno-mundo externo" resgata um espaço na Natureza para permitir ao Eu "ter os pés fincados na terra". Aqui, a matéria viva se religa a uma organização psíquica viva, rumo ao "símbolo vivo". Deste novo sistema, depreende-se um caráter incontestavelmente dinâmico que obriga o ato analítico a uma reorganização contínua: não mais poder-se-ia menosprezar o caráter lúdico das emoções. Para nós, a matéria *argila* é a estrutura concreta, é a forma, é a cor, é o acessório. Contudo, sabemos que, ainda assim, será sempre uma tarefa árdua para o analista acostumado a pensar em termos de "relação de objeto", vir a desprender-se um pouco do mundo dos objetos semânticos e inscrever-se na dialógica do "Objeu". Daí, em benefício da compreensão desse tipo de praxis analítica é que tentamos no final desse nosso trabalho esboçar um modelo de atuação que favoreça a "relação de Objeu" pela via da argila.

CAPÍTULO I

ALÉM DA RELAÇÃO DE OBJETO

" Dans le processus créateur l'homme ne peut s'exprimer qu'à partir du matériel. Il n'est pas un être absolu, spirituel. Il est incarné... C'est le sacrement tel qu'il se présente à l'homme. "

JOSEPH BEUYS ¹³

A partir do momento em que os objetos reais são substituídos pela entidade conceptual "objeto", a chamada "relação de objeto" passa a ser um ato subjetivo, correndo o risco de se transformar em especulação tautológica. Ao abster-se das formalizações empíricas do

¹³ BEUYS, J., QU'est-ce que l'art?, Paris, L'Arche, 1992, p. 201.

objeto, o perigo é emaranhar-se nos subterfúgios tautológicos e filosóficos da relação "sujeito-idéia", limitando a praxis e o desenvolvimento da teoria ao racional. Quando isto acontece, temos observado que o valor funcional que oferece o perfil do objeto concreto é eliminado e substituído pela sedutora noção de *referente*¹⁴. Mas, nenhuma referente é funcional uma vez que o seu valor de uso está condicionado ao objeto semântico. Cada objeto funcional comporta uma sobredeterminação de poder de manipulação do gestual que escapa aos objetos subjetivos. Sendo assim, poderíamos dizer que na qualidade de "referente", o objeto continuaria mutilado. Daí estarmos convencidos da necessidade urgente em esboçar um novo objeto para a psicologia. Não há dúvida, a psicologia clínica necessita de um novo objeto para perscrutar o inconsciente e libertar a praxis do domínio semântico. Tal objeto entraria como complementação de todos os

¹⁴ Ogden e Richards introduziram a noção de "referente" e justificam da seguinte maneira: "A palavra "coisa" é inadequada para o análise aqui empreendida, porque o uso comum se restringe a substâncias materiais - um fato que levou os filósofos a favorecerem os termos "entidade", "ente" ou "objeto" como nome geral para o que quer que seja isso. Portanto, pareceu desejável introduzir um termo técnico para representar aquilo em que estivémos pensando ou a que nos estivémos referindo. O "objeto", embora seja este o seu uso original, tem tido uma história infeliz. Portanto, foi adotada a palavra "referente", se bem que a sua forma etimológica seja discutível, quando considerada em relação a outros derivativos participiais, como agente ou reigente. Mas até em Latim, o particípio presente admitiu, ocasionalmente, (por exemplo, *vahens in equo*), variações no seu emprego; e, em Inglês, uma analogia com substantivos, como "reagent", "extant" e "incident", pode ser recomendada. Assim, o fato de que "referente", no que se segue, representa uma coisa e não uma pessoa ativa, não deve ser motivo de confusão." (OGDEN, C.K. e RICHARDS, I.A., O significado do significado, Rio. Zahar, 1972, p.30 e 31.) Assim, com a noção de "referente", Ogden e Richards dariam um grande passo no estudo dos signos. Através desses autores, os semiólogos se conscientizaram de que, do objeto, tem-se apenas "referências", evitando com isso muitas confusões em relação ao uso do termo "objeto", principalmente pelos filósofos e psicólogos. Em relação a esta questão, advertem Ogden e Richards: "...se falamos do significado de um sinal não devemos, como os filósofos, psicólogos e lógicos estão acostumados a fazer, confundir a (imputada) relação entre um sinal e aquilo a que ele se refere ou com o referente (a que é referido) ou com o processo de interpretação (a que se passa na mente do intérprete). (Conf. Ob.Cit., p.42) E continuam: "É esta espécie de confusão que faz com que muitas obras anteriores sobre os sinais e seu significado tenham sido infrutíferas. Em particular, por usarem o mesmo termo "significado" tanto para o que se passa dentro de suas cabeças (as imagens, associações, etc. que os habilitam a interpretar sinais" como para os "referentes" (as coisas a que os sinais se referem), os filósofos foram obrigados a localizar (Branchester, Gripe, Rainha Ana e, de fato, todo o Universo, dentro de suas cabeças - ou, se alarmados pela perspectiva de congestão cerebral, pelo menos "em suas mentes", de tal modo que todos esses objetos se tornaram convenientemente "mentais". Portanto, é preciso muito cuidado no uso do termo "significado", visto que suas associações são perigosas." (Conf. Ob.Cit., p. 42.)

outros objetos, ou seja, como a antítese que busca retomar o gestual reprimido em meio à confusão dos objetos subjetivos propostos pela psicanálise verbal.

A nosso ver, o "objeto idéia" veiculado pela praxis da psicanálise verbal, carece do valor de objeto técnico, torna-se uma alegoria. O detalhe "subjetivo" invade a noção de objeto real transformando-o num objeto ambíguo. Nesta qualidade, a própria natureza dos objetos criados pela teoria, nada mais seria que a acumulação lógica de objetos de manipulação narcisista que, paradoxalmente, procurariam dar sentido ao mundo de objetos perdidos em labirintos do mundo interno do indivíduo. Vê-se, assim, como a psicologia está longe de ter uma teoria do objeto. O objeto tem sido antecipadamente eliminado pela praxis analítica, ainda que não se chegue a negar a importância do referente empírico nos casos de psicose.

Ao longo de todo este nosso trabalho, mostramo-nos interessados em resgatar o gestual perdido de maneira a criar um compromisso entre a projeção oral e uma retenção manual dos fantasmas e fantasias. Sabemos que os modos de o imaginário fabricar as imagens não escapam aos objetos reais. De toda maneira, qualquer que seja o objeto, não se pode negligenciar a necessidade de funcionalizar as emoções: estas têm que ter um lugar para expandirem a intimidade dos objetos interiorizados. Encontra-se aí o porquê de enveredarmos na busca de uma estratégia ou metodologia que permita ao analista tratar da neurose pela alternância dialética entre os objetos de fascínio, de paixão, de projeção, e, do outro lado, a presença de um objeto

concreto, real, objeto este, pronto a auxiliar o analisando no trato com seus objetos fantasmáticos.

Como bem dizia Lacan, "o real é sem fissura". Mas, na verdade, existe uma fissura no real porque a teoria abandonou o objeto material sobrevivendo apenas nos limite da referência. Contudo, no nosso entender, a redescoberta da importância que oferece os objetos concretos na estruturação do imaginário nos obriga a tecer um Real menos semântico. O que queremos atingir com isso? O nosso objetivo é criar condições de possibilidade para a entrada da "matéria" dentro do universo teórico do analista, assegurando práticas analíticas que permitam que o objeto subjetivo complemente-se com o objeto material. Nesse sentido, não seria impossível estabelecer todo o campo de pesquisa para tornar o objeto real um objeto funcional em psicologia. Sabe-se que, na medida em que o objeto concreto é eliminado pelo analista, rompe-se o elo de ligação entre "mundo interno" e "mundo externo", condicionando a troca simbólica ao nível da imaginação falada.

A nossa questão central se resume em tentar restabelecer o elo originário do *Fort-da* de maneira a evitar a morte do objeto concreto em proveito do referente imaginário. Para isso é preciso ir além da dita "relação de Objeto" e se perguntar sobre o estatuto da palavra "objeto" em psicologia. Sendo assim, para precisarmos um pouco mais o objeto da psicologia, temos sempre que nos perguntar: o que querem dizer os teóricos quando empregam essa palavra? De que objeto estão falando? Trata-se de conceitos filosóficos? Trata-se de novas idéias sobre a natureza dos chamados "objetos internos", do "objeto paixão", do "referente"? Trata-se do objeto concreto enquanto parte

da natureza em si? Ou trata-se de ambos? Afinal de contas, de qual objeto nos fala a "relação de Objeto"?

Acreditamos que essa busca incessante tentando nomear o "objeto", paradoxalmente, tem nos afastado cada vez mais de sua presença. Tornou-se um círculo vicioso. O "objeto" transformou-se num discurso tautológico sobre significante e significado ou sobre o valor simbólico da "falta". Daí, permitirmo-nos estudar uma maneira de viabilizar o retorno do objeto pela via da própria idéia de objeto. É aqui que aparece o verdadeiro princípio de realidade nos obrigando a compor um discurso sobre a "presença do objeto". O jeito encontrado tem sido o de deslocar o estudo de uma abordagem psicológica centrada na "ausência" do objeto e procurar pensar a "relação de Objeto" numa dinâmica que favoreça o trato com o objeto real.

Só o objeto concreto pode dar existência aos objetos subjetivos, caso contrário, eles estariam condenados a deriva pelo subjetivismo humano. Se esse ponto de vista é verdadeiro, temos que relativizar o discurso da perda pela articulação dialética entre a idéia de um "objeto perdido" e de um "objeto encontrado" (*objet perdu-objet trouvé*). A estratégia é de tentar resgatar o valor de uso do objeto, transformando-o num objeto funcional para a praxis analítica. O essencial é liberar a velha psicologia do edifício semiológico e garantir pela praxis um novo objeto. Diríamos então que tornar o objeto funcional em psicologia é, antes de tudo, personalizá-lo como "ferramenta de trabalho", assegurando pela praxis que tal objeto se torne capaz, ao ser introduzido no "setting", de conduzir o desejo por vias mais pragmáticas.

Esta procura de um objeto mais autêntico nunca é tarefa fácil. Como dizia o próprio Lacan: *"La notion d'objet est (...) infiniment complexe, et mérite d'être accentuée à chaque instant si nous voulons au moins savoir de quel objet nous parlons"*¹⁵. Sabe-se por outro lado que, em psicanálise, o acento dos estudos sobre a "relação de objeto", quase sempre prega uma ruptura com o objeto real. A maioria dos psicanalistas estão preocupados sobretudo em "jogar" um "jogo" ilusório face à noção de "perda" do objeto. Assim, têm-se uma vasta literatura sobre a "ausência do objeto" e quase nada é especulado sobre a funcionalidade do objeto enquanto uma entidade autônoma do sujeito. Ou pior, cria-se um objeto que por definição se funda na universalidade abstrata da idéia de referente. Certamente que a fascinação pela ausência do objeto tem colaborado para a demolição do objeto real em proveito de um pan-fantasmismo do objeto. Neste contexto o problema se coloca: como liberar a teoria e a prática analítica desta repetição penosa em torno de um "objeto perdido"?

A batalha se trava e desenvolve tendo em vista a seguinte questão: em benefício da clínica psicoterápica, deve-se reconhecer ou não a necessidade de fazer a desconstrução da "relação de objeto" pela "relação de objeu"? É claro que sim. O simbólico não pode deslizar da ordem "do retorno" inscrita no *Fort-Da*. À nosso ver, a visão freudiana a propósito do *Fort-Da* é uma visão mais otimista uma vez que ela busca a positividade do objeto. Segundo a observação freudiana, é na alegria do retorno que reside o objetivo do "brincar" analítico e não no desaparecimento do objeto.

¹⁵ LACAN, La relation d'objet, Paris, Seuil, 1994, p. 27.

Sabe-se bem que a imaginação deve necessariamente "tocar" o objeto real para viver de maneira completa a experiência do retorno. O retorno somente ao nível de um dinamismo intra-psíquico, retém em grande parte o deslocamento da energia pulsional comprometendo a economia libidinal. Portanto, é preciso, a partir da relação entre o referente imaginário e o referente empírico, tentar construir uma linguagem sobre a "presença" do objeto. Faz-se necessário dizer aqui, que este esforço visaria, antes de tudo, beneficiar a praxis analítica, em sua demanda de utilização de objetos como instrumental terapêutico.

Se, por outro lado, considerarmos o problema da relação "sujeito-objeto", pelo viés da semiologia, ver-se-ia que enquanto "ciência dos signos", a semiologia marca sem dúvida alguma, o surgimento de uma brecha entre o "referente" e o "objeto real". A constatação dessa ruptura leva-nos a novas formas conceptuais - o que já seria benéfico para a psicologia aplicada. Diríamos que é a consciência da existência desse corte na intimidade do signo que, paradoxalmente, nos leva à necessidade de se pensar nessa espécie de "espaço-testemunha", consolidando nele, o que chamamos de "relação de Objeu". Na realidade, a operação da "relação de Objeu" assinala que tal espaço é de certa maneira o lugar em que o objeto se torna funcional. Trata-se do espaço da "experiência do manuseio". Este espaço inencontrável ao nível do objeto semântico, torna-se viável ao nível do objeto concreto. Os objetos dobram e desdobram-se sem todavia desestruturar o elo de ligação que permitirá a liberdade de "função" do novo objeto criado.

Assim se apresenta a serventia do objeto funcional em psicologia. Dizemos que tal objeto cria uma lógica real quando vê definida a sua função de "instrumental de trabalho analítico". Ao mesmo tempo os outros objetos, libertando-se da linguagem que os multiplicam, reconhecem na nova ordem proposta pelo objeto real, um ponto de convergência que permite a organização do discurso sobre a presença do objeto. O problema que normalmente seguiria, seria então o de tomar consciência deste novo espaço entre a linguagem e o objeto real, e de vir a compor as etapas do desenvolvimento e da construção de uma espécie de ponte entre uma margem e outra. Esta é uma tarefa "manual" que atingirá sua funcionalidade maximal no interior da "experiência". Trata-se aqui, de uma "experiência" em cujo núcleo se ligam a complexa relação afetiva e todos os outros objetos possíveis. Isto, com o objetivo de vir a inserir o indivíduo numa nova ordem simbólica.

Sendo assim, a consciência da brecha entre o sujeito e o objeto real pode levar à noção de "Objeu" e de "relação de Objeu". Mas será preciso primeiro que o analista deixe de se enredar na linguagem, de investir tanto em objetos semânticos para em seguida poder, para além da "relação de objeto", manusear o imaginário pela "relação de Objeu". Ora, assim com a noção de *Objeu* projetaremos um novo "jogo", um novo discurso e dotaremos este novo jogo e esse novo discurso de um sentido mais concreto.

Assim nasce um novo objeto em psicologia. E é claro que tal objeto não poderia ser visto como uma total ausência de ser. Em especial, esta significação funcional que tentamos dar ao objeto em psicologia, refere-se à possibilidade de coexistência interior de objetos que se juntam, isto é, um objeto real de utilidade psicológica que se junta ao desejo de projeção dos objetos fantasmáticos. Tais objetos formam no plano vivido (plano da

"experiência") uma coexistência pacífica e complementar. Assim, a realidade que se transformara num obstinado sentimento de perda em meio a objetos subjetivos, se transforma em "realidade possível" quando colabora na moldura do "objeto-função".

Na "experiência" com o objeto-função, todas as "referências" como que saem em busca da solidez do objeto, da plasticidade, ou ainda do frio ou do calor do objeto encontrado. Nesse sentido, poderemos falar em incorporar "palavras em coisas" e "coisas em palavras". Aqui, cada objeto procura sua especificidade prática, sua função. E, em se tratando de uma prática analítica, a relação "analista-analisando" exigirá se exprimir por meio de objetos que se deixam manusear. Nesse caso, não poderia mais haver dúvidas quanto ao estatuto do objeto da praxis psicológica. E o analisando enfim poderia investir seus medos e anseios em objetos libertos em suas funções.

Este duelo de objetos que propomos é no fundo um processo de estruturação do "espaço concreto" para que o jogo analítico possa mudar de estilo e se organizar suplantando o "discurso da ausência" pelo "discurso da presença" - o que equivale a um enriquecimento para a praxis clínica. Quanto ao analisando, teríamos como resultado uma ampliação em sua capacidade de simbolização. Simultaneamente, com a produção desse novo objeto, assistiríamos também ao surgimento de um novo desafio: o de querer se apropriar do sentido sempre pela via expressa do "objeto-função". Isto significa dizer que o "Eu" nasceria do objeto concreto e que a teoria estaria a serviço da plasticidade desse novo objeto.

1. O BURACO SEMIOLÓGICO: UMA QUESTÃO DE LINGUAGEM

" O primeiro buraco feito numa pedra é uma revelação.
O buraco liga um lado ao outro, tornando-o imediatamente
tridimensional. O buraco pode ter, em si, tanto
significado formal quanto uma massa sólida.

A escultura no ar é possível quando
a pedra tem apenas o buraco, que é
a forma desejada e considerada.

O mistério do buraco -
o fascínio misterioso
das cavernas
nos montes e
penhascos."

HENRY MOORE¹⁶

" Il faut remettre les choses à leur place.
Le langage
en particulier à la sienne. "

PONGE¹⁷

A linguagem figura para o ser humano como a maneira ideal de abordar o mundo interno e externo. É assim que o homem tornou-se sujeito de comunicação. Mas o que vem a ser a linguagem? A questão tornou-se instável e complexa. Ao abandonar o terreno do gestual e de sua relação com os objetos na natureza, a reflexão sobre a linguagem, numa tentativa de levá-la a atingir o estatuto de ciência, vem pouco a pouco encaminhando-se para uma sistematização muito particularizada, criando suas próprias leis e desenvolvendo seus conceitos. Com efeito, hoje ainda os lingüistas procuram fornecer à linguagem humana uma razão de ser intrínseca. Esta posição teórica

¹⁶ Retirado do texto de Henry Moore citado na coletânea feita por: CHIPP, H.B.: Teorias da Arte Moderna, S. Paulo, M. Fontes, 1988, p. 606/607.

¹⁷ PONGE, F., *Le parti pris des choses*, Paris, Gallimard, 1994, p. 184.

exigirá o esforço de considerar que existe uma ação inerente ao mecanismo da língua. Sendo assim, postula-se que independentemente das relações que religam a linguagem ao mundo do "de fora", ela deve ser estudada como uma potencialidade à parte, a fim de fazê-la evoluir em sua própria especificidade.

Mas, as palavras e as coisas sempre estiveram interligadas. A língua nasce propriamente na direção da objetividade que o objeto concreto lhe empresta. A multiplicidade de coisas correspondem à multiplicidade de signos e de sons. Os sons, de certa forma, pertencem ao sujeito, ao mesmo tempo, que são frutos de vibrações vividas no impasse causado por esse outro - o objeto real. O desejo de interferir corresponde ao fato do homem ser um ser vivo, isto é, um ser que se expressa pelo corpo, mãos, visão, olfato, audição, etc. Sendo assim, a linguagem propriamente dita, não pode existir fora desse todo, sob pena de se tornar uma linguagem morta.

Contudo, na expectativa de se encontrar a "potência da linguagem", os lingüistas procurarão desenraizar a noção de objeto de sua articulação com o objeto verdadeiro. Um dos objetivos é mostrar o que a linguagem pode, ao nível da invenção e do poder de articulação do "verbo", construir seu próprio objeto. Assim, a semiologia vem lutando para legitimar o objeto semântico. Neste caso, o que restaria então do objeto real? Diríamos que inicialmente a noção de signo se transformaria na noção de base de toda ciência lingüística. Por outro lado, a noção de "referente" seria engendrada na intenção de não romper categoricamente com a realidade do objeto material. Contudo, mesmo com a noção de "referente", isolou-se do estudo da língua o valor de uso do objeto real, procurando fazer

avancar a semiótica na direção da idéia de um objeto "ausente" - este, com limites difíceis a fixar. A partir daí, o problema que tem se colocado é de definir a origem dessa tão desejada e propalada "potência linguística": será que ela viria de uma fonte pulsional no homem? Ou seria o resultado de uma mediação entre "homem e a natureza"?

Objeta-se que tal ação potencial pudesse ter algo a ver com o objeto concreto. Daí a idéia de se construir uma linguagem ideal que servisse de modelo para a semiologia. Nesse caso, teorizar-se-ia sobre os sinais/signos, eliminando qualquer vestígio do objeto real. Mais ainda, seria preciso também classificar esse novo "objeto signo" e estabelecer um certo número de noções e de distinções a fim de otimizar as bases necessárias à legitimação do funcionamento do signo como "potência".

Assim, num estranho ato de fabulação interna, a semiótica moderna anunciaria o signo ao mesmo tempo como "marca" e como "falta". Na verdade, isso seria uma maneira de capturar todos os objetos da natureza e, esvaziando-os do "de fora", os anunciar como uma "ausência" no interior do signo. Vejamos o que Ducrot e Todorov comentam a propósito da definição de signo dada pelos linguistas: "*Swift l'avait bien compris que, après avoir supposé que l'on apportât avec soi les choses dont on voudrait parler (puisque les mots n'en sont que les substituts), devait arriver à cette conclusion: "Si les occupations d'un homme sont importantes, et de diverses sortes, il sera obligé en proportion de porter un plus grand paquet de choses sur son dos" - au risque d'être écrasé sous leur poids... On définira donc, prudemment, le signe comme une entité qui 1) peut devenir*

sensible, et 2) pour un groupe défini d'usagers, marque un manque en elle-même. La part du signe qui peut devenir sensible s'appelle, depuis Saussure, *signifiant*; la part absente, *signifié*; et la relation qu'ils entretiennent, *signification*. " *Esses autores acrescentariam: " Le point le plus litigieux de la théorie, concerne la nature du signifié. On l'a défini ici comme un manque, une absence dans l'objet perceptible, que devient ainsi signifiant. Cette absence équivaut donc à la part non-sensible; qui dit signe doit accepter l'existence d'une différence radicale entre signifiant et signifié, entre sensible et non-sensible, entre présence et absence. Le signifié, dirons nous tautologiquement, n'existe pas en dehors de sa relation avec le signifiant - ni avant, ni après, ni ailleurs; c'est le même geste qui crée le signifiant et le signifié, concepts qu'on ne peut pas penser l'un sans l'autre. Un signifiant sans signifié est simplement un objet, il est mais ne signifie pas; un signifié sans signifiant est l'indicible, l'impensable, l'inexistant même. La relation de signification est, en un certain sens, contraire à l'identité à soi; le signe est à la fois marque et manque: originellement double." (o grifo é nosso) ¹⁸ Aqui, achamos por bem remarcar a existência desse buraco profundo cavado pelos linguistas entre significante/significado e o referente empírico. Cavidade praticada no solo do próprio objeto que para se fazer existente como signo, sofre esta clivagem que o elimina enquanto matéria. É nessa clivagem que se compreenderá todos os mecanismos de rejeição do objeto real descrito pelas teorias psicológicas. À nosso ver, o objeto da*

¹⁸ DUCROT, O. e TZVETAN, T.; Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage, Paris, Seuil, 1972, p. 131 à 133.

psicanálise se encontra perdido exatamente nesse "buraco semiológico" cavado pelos lingüistas.

Sem dúvida que querer considerar o "objeto linguagem" como uma potência máxima seria o mesmo que reforçar um dos componentes da engrenagem dialética em detrimento do aspecto sensorial que o objeto enquanto matéria oferece ao psiquismo. A alternância dialética entre esses dois tipos de objetos é que valoriza e conduz ao discurso simbólico, efetuando o movimento dialético de construção do real. Seguindo essa linha de raciocínio perguntaríamos: qual o destino a dar ao objeto em psicologia? Por um lado, o objeto material poderia vir a ser engolido pelo "buraco semiológico", deixando como sinal o discurso sobre sua ausência. Por outro, ao nível da psicologia do analisando, esta concepção de um objeto fantasma arrastaria consigo pulsões destruidoras dirigidas contra a construção do simbólico. Assim, o analisando se identificando à um objeto mutilado por ser só linguagem, confinar-se-ia em zonas difusas de um real que se lhe apresentaria sempre como vindo do interior. Assim, poderíamos dizer que ao nível da trama lingüística, os objetos mostram-se pobres e reduzidos em sua funcionalidade. O valor de tal objeto não seria tanto de um objeto de invenção, de manuseio, de disponibilidade pragmática-inventiva, mas antes, de um objeto convenientemente controlado pelo discurso. Assim, da mesma forma que os objetos concretos considerados apenas em si mesmos instituem um fechamento, precisamente por se encontrarem privados da ambiência interna, por outro lado, o objeto limitado à subjetividade do indivíduo, perde sua funcionalidade de objeto técnico, tendendo a ser somente uma confusa noção semântica.

Vê-se aqui que uma ordem simbólica que não preza as variações físicas dos objetos na natureza, limitando-se à "supremacia" da palavra e do "jogo" idealizado entre significante/significado, necessariamente se prestaria a uma caricatura do real. Nesse caso, as ambigüidades dos objetos internos deixariam que veiculassem somente mensagens subjetivas, supervalorizando a ambiência interna. E, nesta circunstância, não poderia haver funcionalidade psicológica. O analisando se embaralharia nas próprias imagens internas. A realidade como se lhe apresentaria por detrás de um vidro, impedindo-o de saborear do prazer de poder tocá-la e transformá-la com suas próprias mãos.

Vemos que o objeto tem aparecido na teoria psicológica mais como o escravo de uma organização teórica, ilustrando uma prática clínica que coloca o analista e o analisando aquém de um jogo objetivo. Evoca-se objetos fechados que põem em cena um léxico ambíguo sobre o qual transitam idealisticamente os objetos internos. Não é a natureza "verdadeira" da coisa em si que testemunha e revela o modo de ser da experiência imaginária. Nestas condições, o inconsciente aparece sempre como o escravo deste objeto virtual vindo a ser dominado pela lógica da semiologia ou da filosofia. É aqui que reside o equívoco de uma grande parte dos psicólogos que se deixam enredar nesta abstração total da linguagem. Sobre este estado de amnésia objetal nos diria Ponge: "*Il est tout de même à plusieurs points de vue insupportable de penser dans quel infime manège depuis des siècles tournent les paroles, l'esprit, enfin la réalité de l'homme. Il suffit pour s'en rendre compte de fixer son attention sur le premier objet venu: on s'apercevra aussitôt que personne ne l'a*

jamais observé, et qu'à son propos les choses les plus élémentaires restent à dire." E sugeriria Ponge: "*Le meilleur parti à prendre est donc de considérer toutes choses comme inconnues, et de se promener ou de s'étendre sous bois ou sur l'herbe, et de reprendre tout du début.*"¹⁹

À estratégia de frustrar o desejo pela morte do objeto é uma tendência que deveria ser redimensionada pelas qualidades sensíveis do objeto material. De fato, a questão do objeto persiste no interior das questões principais da linguagem e da psicanálise, procurando encontrar uma saída para as contradições da teoria. Talvez, nos limites do objeto semântico exista um desejo positivo de dar um destino menos cruel ao objeto real. Se submetêssemos metodicamente os objetos internos ao que há de estrutural nos objetos que nos rodeiam, um novo sistema psicológico de projeção nasceria e, com ele, seria possível uma evolução da técnica e da teoria psicológica. Mas, tais inovações estruturais sofrem o bloqueio da linguagem teórica em psicologia que escamoteia a questão ao organizar como um dogma o discurso sobre a "falta". Cada vez mais abstraído do lado sensorial, o objeto torna-se então verdadeiramente um objeto de puro consumo intelectual.

Na prática, a ordem técnica do objeto material é medida por seu valor de uso, o que acaba diferenciando-o e legitimando o seu poder frente ao objeto semântico. Mas, tanto um como outro possuem as suas características próprias e cumprem suas funções em relação à demanda inconsciente de realidade. Daí ser um erro querer resolver

¹⁹ PONGE, F., Conf. Ob. Cit., p. 173 / 177.

o problema funcional desses objetos evocando sempre a morte do objeto real. Observa-se que nesse caso, a presença do objeto real é praticamente anulada pelo discurso teórico em psicologia. Portanto, faz-se necessário se opor ao discurso que tenta "assassinar" a "coisa em si", procurando desfigurar a palavra que o produz. Como nos diz o poeta Ponge, só haveria mesmo esta saída: "*parler contre les paroles. Les entraîner avec soi dans la honte où elles nous conduisent de telle sorte qu'elles s'y défigurent. Il n'y a point d'autre raison d'écrire.*"²⁰

A crítica da semiologia divide e subdivide os objetos, procurando captá-los para os dominar. Mas, a consequência imediata é sempre a construção de noções que procuram dar conta de um mundo de coisas internas ou, se preferirmos, de representações internas de coisas externas, ou ainda, de coisas internas projetadas em coisas externas. Na verdade, a questão continua sempre aberta: de que objeto estamos falando? A fragilidade que acompanham os objetos internos não é da mesma ordem da fragilidade inerente aos objetos materiais. Daí a importância de se exercitar teoricamente a complementaridade possível entre estes objetos.

O engano está em acreditar que ao sujeito basta o exercício da linguagem em si-mesma. Infelizmente, ao nível da compreensão lingüística, o que conta são as palavras. Estruturam-se as relações numa rede intrincada de palavras. O resultado será uma proliferação de objetos conceituais cujo motor principal seria o de substituir o mundo circundante, ostentando uma aparente autonomia em relação aos

²⁰ PONGE, F., Conf. Ob. Cit. p. 163/164.

objetos reais. Embora a linguagem tenha se tornado o "a priori" do "conhecer" e até mesmo do "agir", sabe-se contudo, que as relações humanas ao serem mediadas exclusivamente pela linguagem podem cair no triunfalismo de um objeto subjetivo e se cristalizarem numa percepção irreal do mundo. E aqui mais uma vez se coloca a questão do "buraco semiológico".

O que é característico deste "buraco", desta "brecha" entre o referente e a realidade? Diríamos que ao perder o dinamismo do objeto técnico o indivíduo desvia-se de sua verdadeira tarefa enquanto sujeito no mundo. Cada vez mais abstraído da verdadeira funcionalidade do objeto, acaba introjetando o objeto externo em modalidades substitutivas. Assim, dentro dos limites intransponíveis de uma nova estrutura adquirida, um mundo cada vez mais distante, alegórico, povoará o imaginário do sujeito, procurando encobrir as contradições derivativas do contato com a dimensão determinante do objeto concreto, dimensão esta, importantíssima para a construção de sua consciência. É necessário recordar que na medida em que o objeto perde o seu sentido para o "a priori" de um objeto conceitual (no caso a representação do objeto, a "referência") e, a concretude do objeto já não ofereça qualquer resistência àquilo que lhe nomeia o termo lingüístico, então, o "objeto palavra" transforma-se, reforma e metamorfoseia-se loucamente em seus aspectos inessenciais, aderindo ao falso papel de substituto da realidade.

Portanto, no contexto em que se discute a questão do "real" e do "imaginário", torna-se condição *sine qua non* levar em conta a concretude dos objetos na fabricação dos símbolos, numa tentativa de superar o "buraco semiológico" através da construção de uma nova

vocação para o objeto em psicologia. Como nos diz Edgar Morin: " *o nosso conhecimento cria a possibilidade de atingir a objetividade do objeto, mas não a possibilidade de captar a coisidade da coisa.*"²¹

A partir dessa constatação, indagaria Morin: " *As nossas realidades conhecidas são a realidade? Somos remetidos para a palavra da caverna: se conhecemos, não as coisas diretamente, mas as suas traduções em imagens (representações) ou símbolos (idéias), serão as nossas representações e as idéias apenas sombras projetadas na parede da caverna em que estamos fechados? Seriam as sombras as únicas presas de que se poderia apoderar a nossa sede de conhecer?*"²²

Naturalmente que a percepção da realidade nem sempre virá acompanhada do desenvolvimento natural da linguagem falada. Deixemos bem claro ainda: no que se refere aos objetos, não é o objeto interno que é o "que existe", não mais que o externo. O problema se encontra em como dizer e anunciar e mesmo "construir" a realidade, ou seja, em saber como passamos do conhecimento dos objetos em si para o conceito desse mesmo objeto. Ou melhor, quando já tendo claro que é necessário transpor o "buraco semiológico", constatamos a impossibilidade de transportar inteiramente todos os atributos do objeto concreto para aquilo que irá significar o "referente". Daí falarmos em "referente empírico". Certamente que é preciso estar consciente do fato de que ostentar um objeto unicamente na idéia significa que, de certa forma, estamos mantendo oculta a realidade vivida pelo seu par no exterior. O risco maior é o de tentar

²¹ MORIN, E.: O METODO III-O Conhecimento do Conhecimento, Portugal, Europa América, 1986, p. 198.

²² MORIN, E.: Conf. Ob. Cit. p. 198/199.

desqualificar desse último suas diferenças reais, isto é, aquilo que o distingue e o personaliza frente ao referente imaginário.

E é a partir desta dificuldade que nos adverte Morin: "*É, pois, inútil tentar fundar o conhecimento ou no Espírito ou no Real. O conhecimento não tem fundamento, no sentido literal do termo, mas tem várias fontes e nasce da sua confluência, no dinamismo recorrente de um anel em que emergem conjuntamente sujeito e objeto; este anel põe em comunicação o espírito e o mundo, inscritos um no outro, numa co-produção dialógica em que participa cada um dos termos e momentos do anel.*"²³ É preciso, pois, desviar-se da produção de um conhecimento que postula um objeto sem elo de ligação com o objeto material. Isto seria causar a morte do objeto e o aprisionamento do real. Sabe-se que, na origem, o objeto e a palavra fazem parte do mesmo jogo de aprendizado.

Na prática, a primeira necessidade tem sido a de tentar extrair da própria brecha, desse hiato entre o referente e o objeto real um discurso sobre a "presença" como condição de possibilidade de libertação da função no objeto. Assinala-se então que é no próprio "buraco semiológico" que encontraremos a condição de possibilidade de emancipação do objeto, deslocando do interior da brecha, o espaço necessário para que se possa efetuar o "jogo" entre o referente e o objeto real. Ainda que as circunstâncias possam parecer especiais à este mergulho da teoria dentro da brecha, convém tentar resgatar para a praxis analítica, a partir desse próprio hiato, a qualidade terapêutica do objeto. Trata-se, na verdade, de reconhecer a

²³ MORIN, E.: Conf. Ob. Cit. p. 198.

importância de vir a traçar as linhas principais da "relação de Objeto". Aqui, a partir do jogo com um objeto real, o analisando engendraria o símbolo vivo dando formas às suas emoções. Observamos ainda que, pelos liames internos da mente subjetiva, poderíamos então, num segundo momento, discursarmos sobre as práticas e processos que movimentam essa nova realidade objetual.

2. UMA PSICANÁLISE EM BUSCA DE OBJETOS

" Nous devrions rester présents à cette réalité que le mot n'est pas la chose. Suivant la formule de Korzybski: "La carte n'est pas le territoire". "

TIRY²⁴

A voragem da pulsão

A psicanálise tem especulado bastante sob a questão da relação "sujeito-objeto". Contudo, os teóricos estão longe de serem objetivos em relação ao emprego do termo "objeto". Chegam mesmo a se contradizerem. Vejamos o que nos diz Charles Brenner: "*Na literatura psicanalítica o termo "objeto" é empregado para designar pessoas ou coisas do ambiente externo que são psicologicamente significativas para a vida psíquica do indivíduo, sejam tais "coisas" animadas ou inanimadas.*" (o grifo é nosso)²⁵ Mas Laplanche e

²⁴ TIRY, G.: *Connaître le Réel-Mythes ou réalités*: Lyon, Chronique Sociale, 1994, p. 60.

²⁵ BRENNER, C.: *Noções básicas de psicanálise*. Rio, Imago, 1975, p. 112.

Pontalis dão ênfase ao inverso: " Objeto é tomado num sentido comparável ao que lhe conferia a língua clássica ("objeto da minha paixão, do meu ressentimento, objeto amado, etc. "). Não deve evocar a noção de "coisa", de objeto inanimado e manipulável, tal como esta se contrapõe vulgarmente às noções de ser animado ou de pessoa." (o grifo é nosso)²⁶ Aliás é o próprio Laplanche que adverte: "Nos escritos psicanalíticos, o termo objeto encontra-se, quer sozinho, quer em numerosas expressões como escolha de objeto, amor de objeto, perda de objeto, relação de objeto, etc. , que podem desorientar o leitor não especializado."²⁷ Mas, a nosso ver, a questão da ambigüidade da palavra "objeto" está longe de ser resolvida também pelos especialistas em psicanálise. Sendo assim, desorienta o leitor não especializado como também, o que é pior, tem servido para fundar e perpetuar uma miragem lógica da teoria, a propósito do estatuto do objeto frente à praxis psicoterápica.

Ao aprofundar a análise do termo objeto em Freud, Laplanche e Pontalis fizeram uma sistematização procurando delimitá-la basicamente em três aspectos principais: " A) Enquanto correlativo da pulsão, ele é aquilo em que e por que esta procura atingir o seu alvo, isto é, um certo tipo de satisfação. Pode tratar-se de uma pessoa ou de um objeto parcial, de um objeto real ou de um objeto fantasmático. B) Enquanto correlativo do amor (ou do ódio), a relação em causa é então a da pessoa total, ou da instância do Ego, com um objeto visado também como totalidade (pessoa, entidade, ideal, etc.); (o adjetivo correspondente seria "objetal"). C) No sentido

²⁶ LAPLANCHE, L. e PONTALIS, J. B., Vocabulário de Psicanálise, Santos, M. Fontes, 1970, p. 407.

²⁷ ibid., p. 407.

tradicional da filosofia e da psicologia do conhecimento, enquanto correlativo do sujeito que percebe e conhece, é aquilo que se oferece com características fixas e permanentes, reconhecíveis de direito pela universalidade dos sujeitos, independentemente dos desejos e das opiniões dos indivíduos (o adjetivo correspondente seria "objetivo").²⁸ Como vemos a psicanálise se esforça para dar conta de todos os objetos considerados possíveis, desde os "objetos subjetivos" aos "objetos reais". Mas, o fato de que o objeto real esteja incluído no "menu" psicanalítico, infelizmente não conduz a uma qualificação do objeto real ao nível da intervenção analítica.

Assiste-se ainda hoje um esforço procurando idealizar o objeto em psicologia pelo predomínio da semantização. Salvo alguns analistas, como o caso de Winnicott, o objeto real não é valorizado pela teoria. Sabe-se que as nuances que envolvem o objeto real e a noção subjetiva emprestada pela teoria ao objeto são infinitas. Contudo, seduzidos pelos fantasmas dos objetos da semiologia e da filosofia, a maioria dos escritos em psicanálise insistem em evocar o objeto paixão, analisando a lógica do discurso inconsciente pelo discurso metafísico sobre o objeto. Isto só ajuda a multiplicar os objetos no interior da teoria e a confundir a praxis analítica. Não é que não tenhamos de dar vazão aos objetos interiores, o problema está em querer esquecer que tais objetos, ainda que no interior do indivíduo, estruturam-se a partir dos objetos fora. É preciso crer mais que a vida interior esta ligada a objetos reais sem os quais os objetos subjetivos viveriam à deriva no inconsciente. Sabemos que se o

²⁸ *ibid.*, p. 407.

desejo dos teóricos volta-se exclusivamente para os objetos subjetivos, tenderá, é claro, a destruir o objeto fora.

Uma das maneiras de interrogarmos sobre os objetos que rodeiam a psicanálise é tentar religá-los ao conceito de pulsão. Precisa-se indagar sobre o que tais objetos tem a ver com o conceito freudiano de pulsão, procurando, como fizera Freud, distinguir o objeto do alvo. Isto ajudará certamente a perceber como funciona a relação dos objetos fantasmáticos com o objeto real. Sem esquecer, é claro, isso que nos dizem Laplanche e Pontalis: "*A noção de objeto em psicologia não deve apenas entender-se em referência à pulsão*"²⁹ (o grifo é nosso). Diríamos que o ideal para evitar contradições e divisões, é conjugar "pulsão e objeto", favorecendo o trato teórico com todos os objetos, evitando, assim, um rompimento com o objeto real. Portanto, a partir da compreensão dessa cumplicidade estreita entre a pulsão e o objeto fantasmático, poderíamos nos perguntar para que serve em psicologia esta misteriosa funcionalidade dos objetos reais.

Poderíamos dizer que a verdadeira funcionalidade é da ordem da "pulsão". Mas, paradoxalmente, somente o objeto real é de uma funcionalidade pragmática. Daí, a necessidade do analista vir a esforçar-se por promover a dialética entre as forças pulsionais no analisando e o objeto real escolhido para a função de "ferramenta de trabalho" do analista. Mais exatamente, para a praxis analítica, importa muito detectar a que objeto a pulsão estaria acoplada a fim de poder avaliar a qualidade da projeção ou da introjeção que o indivíduo estaria experimentando.

²⁹ *ibid.*, p.409.

Examinar o objeto enquanto correlativo da pulsão é o mesmo que se perguntar sobre "aquilo em que e por que a pulsão está a procura de atingir um alvo" (Freud, Pulsions et destins des pulsions, 1915). Na prática, o alvo da pulsão tende a ser algo de concreto que, por definição, deveria satisfazer o indivíduo enquanto "desejo". Sendo assim, poderíamos afirmar que este "alvo" que ocupa o espaço de desejo da pulsão (se é que poderíamos falar assim), está circunscrito num "certo tipo de satisfação" (convenhamos que aqui se trataria do "objeto da pulsão"). Então, poderíamos, a grosso modo, concluir: "a pulsão deseja", ou melhor, o "desejo" é o alvo da pulsão. Vale lembrar, que para Lacan: "Desidero, c'est le cogito freudien". Por outro lado, assim como o desejo da pulsão é o alvo, o desejo do alvo é o objeto, que, por sua vez, desejaria a pulsão. Assim, chegaríamos a um circuito de "desejo", cujo "alvo" seria: "fazer a pulsão atingir seu alvo" numa integração ativada dessa forma:

a "pulsão" que deseja o "alvo" que deseja o "objeto" que deseja

Convém, contudo, lembrar que não se deve desejar o impossível. Isto posto, poderíamos fazerem nossas essas perguntas, provavelmente feitas anteriormente por Freud: em primeiro lugar - que pulsão é esta? O desejo da pulsão seria a "perda" ou o "retorno"? e, sobre este "alvo", o que se tem a dizer sobre ele?; em terceiro - o que falar sobre o lugar do "objeto" dentro dessa dinâmica? e, por fim, que "desejo" é esse que perpassa todo o circuito?

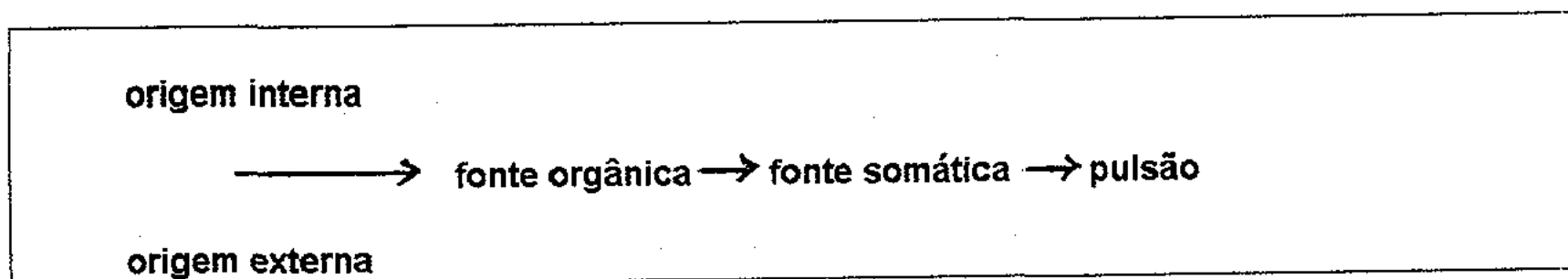
A começar pelo "alvo", vejamos o que nos dizem Laplanche e Pontalis: ".... a noção de alvo se encontra como que dilacerada entre as duas noções de fonte e de objeto da pulsão. Se o definirmos pela sua ligação estreita com a fonte orgânica, o alvo pulsional é então especificado de modo muito definido mas bastante pobre: é a sucção para a boca, a visão para a vista, a "dominação" para a musculatura, etc."³⁰ Percebe-se que ao reduzirmos o alvo à fonte orgânica, os objetos reais escapariam sempre aos modos de o imaginário pensar a teoria. Neste mundo de objetos imaginários, impecáveis, mudos ao manuseio, a eficiência técnica do objeto real pareceria absurda. No entanto, sabe-se que qualquer que fosse o funcionamento do objeto da pulsão, seria o objeto real que lhe emprestaria uma serventia, uma evolução, uma funcionalidade mental, uma transcendência menos abstrata e capaz de inserir os objetos fantasmáticos no real. Sem dúvida, é preciso se perguntar sobre a inter-relacionalidade dos objetos do exterior para com o inconsciente e, conseqüentemente, sobre o valor que tais objetos exercem na elaboração dos objetos interiores. E, da mesma forma, indagar-se sobre a origem externa de cada pulsão específica, ou mesmo, questionarmos as fantasias teóricas que falam de uma "pulsão pura", sem nenhum vínculo no campo do "jogo" das relações humanas com as coisas.

Convém ressaltar que este circuito acima pode se transformar numa espécie de jogo tautológico que procura privilegiar a relação do indivíduo com os objetos internos. Nesse caso, tratar-se-ia de um circuito fechado que favoreceria a projeção narcisista pela exclusão

³⁰ *ibid.*, p.47.

perversa do cenário externo. Assim, o "alvo" seria um objeto tecido pelo imaginário coexistindo sempre com a "Imago do objeto". Seria como um objeto infalível e inatingível, exercendo o mesmo fascínio do objeto projetado no espelho. Se traçarmos um paralelo entre a teoria do "objeto perdido" e a experiência do "Estágio do espelho" enunciada por Lacan, diríamos que a "falta" ou a "perda" teria sido eleita como um "objeto ideal" e que de uma certa forma os analistas tentam capturá-la como se esta fora o próprio real. À nosso ver, torna-se necessário ultrapassar o reflexo da "perda" pelo contato com o objeto real. Na verdade, a lógica da idéia de "perda" condena o jogo analítico ao "objeto semântico". E esse último, por sua vez, estaria sempre se frustrando, ao tentar capturar tal "perda" através do discurso. Nesse caso, a "perda" não seria um "alvo" como o é o órgão uma vez que na verdade ela teria o mesmo estatuto da imagem refletida no espelho da linguagem. À "perda" quando ela não é associada ao objeto externo se confunde com a totalidade da psique confirmando no imaginário o circuito do narcisismo. Aqui, a questão da relação entre a "pulsão" e o "alvo" atar-se-ia à idéia projetada, como se esta fora a realidade por excelência.

Vejamos agora o caso das "fontes" da pulsão. Quando procuramos enumerar os fatores internos que desencadeariam a excitação sexual, a questão da origem da pulsão se nos apresenta, ora como interna, ora como externa; perfazendo, então, o seguinte circuito:

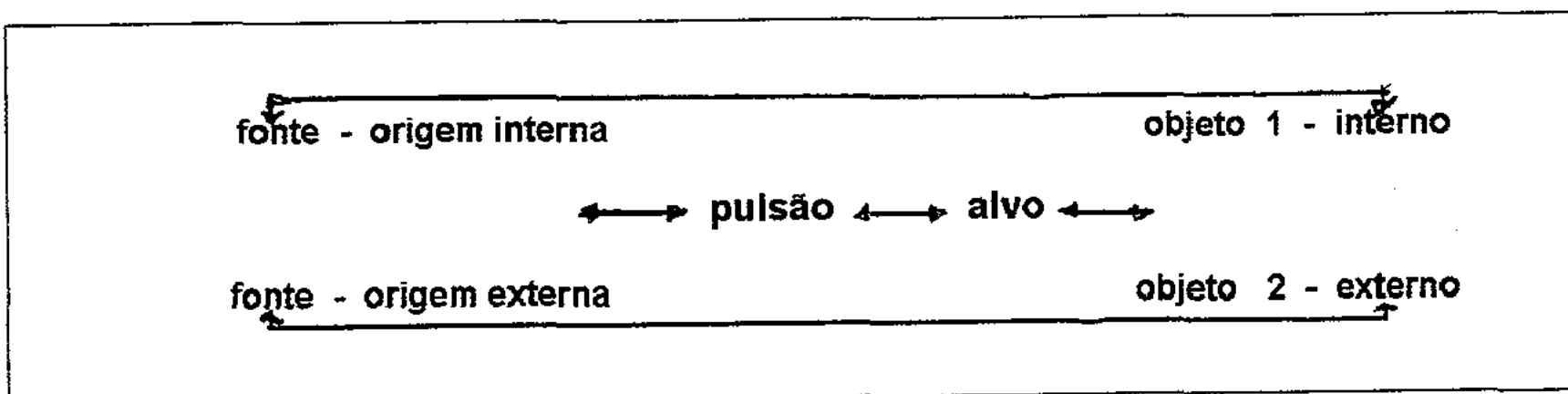


Na verdade, quando Freud nos fala de "fontes" para a pulsão, assim como de "objetos" para os quais se dirigem a pulsão, tais objetos enquanto "alvos", acham-se a princípio no "órgão" que se excita. De fato, o "órgão" em sua concretude biológica oferece facilmente a noção de externalidade à pulsão, ou seja, esse objeto externo "órgão", concretamente, ele se excita. Mas, aqui se coloca, novamente, o problema de saber a origem daquele fenômeno de excitação presente tão concretamente no órgão. De onde surge esta espécie de fenômeno de excitação pulsional?

À exigência de uma distinção entre "interno-externo" em relação à "fonte da pulsão" e ao "objeto dessa fonte", integra-se inteiramente na resposta à questão acima. Diríamos que a fascinação pela descoberta de uma fonte que apareça como o traço criador de todo o processo de simbolização, ou seja, uma fonte que se distinga pela autenticidade de seus objetos; suscita na imaginação, o desejo de desprender-se cada vez mais de uma involução para objetos narcisistas, assegurando por meio do objeto externo um lugar para poder deixar a sua marca, ou, até mesmo para pensar-se, como já fora dito acima, numa espécie de "pulsão pura", cuja existência imaginária bastaria para legitimá-la.

Ainda uma vez pode-se pensar que objeto algum pode abster-se do "de dentro" e do "de fora". Isto porque, através de uma reestruturação dos duplos "mundo/interno-mundo/externo", o "ser" disperso da "coisa em si", transcenderia seus limites formais numa tentativa de aderir ao desejo dos objetos internos. Tratar-se-ia de fato de promover combinações entre as fontes e os alvos, já que ao se fragmentar a fonte numa extremidade, necessariamente, na outra o

objeto também se fragmentaria: à "fonte interna" corresponderia um "objeto interno" e à "fonte externa" um "objeto externo". E, ainda uma vez, por extensão, os objetos externos se deslocariam para objetos internos, o mesmo acontecendo com as pulsões, e, vice-versa. Vejamos no circuito abaixo uma tentativa gráfica para uma melhor compreensão:



A nossa hipótese é de que a questão da fonte da pulsão torna-se uma questão autêntica quando ela é pensada tendo em vista a extremidade na qual se acha o objeto real. Isto implica querer ter o mais claro possível o real estatuto do objeto em psicologia. A partir daí, o agir analítico exigiria do analista saber de que objeto estaria falando e quais seriam as propriedades reais desse objeto em relação à sua utilidade para a praxis analítica. É, sem dúvida, nesse momento que se inclui o problema da construção do real. Trata-se da instauração e do desenvolvimento progressivos de um agir que inaugura a dialética da presença e da ausência como solução ideal para o impasse gerado pela noção de perda. Quando o analista instala um "objeto real" para jogar com idéia de "objeto perdido", o circuito da linguagem ultrapassa o da linguagem verbal para incluir o indivíduo na dimensão da linguagem porosa.

Por exemplo, quando um feiticeiro transforma um objeto real em talismã, para ele tal objeto passa a ser em si mesmo veículo e receptáculo de forças inconscientes, adquirindo um poder "personalizado". Um semiólogo chamaria isso de animismo e, tentaria mostrar que trata-se apenas de projeções do feiticeiro sobre o objeto. Mas convém lembrar que quando a ciência cria conceitos ela está de certa forma fazendo o mesmo. Observemos que, quando o semiólogo procura transformar, ou melhor, despotencializar pelo discurso teórico esse mesmo objeto anunciando-o como signo, anulando do objeto todo o valor de uso que ele possa possuir como receptáculo das projeções e da função que lhe dera o feiticeiro, está também a semiologia fazendo uso do objeto, só que a partir da ideologia e das hipóteses que envolvem as ciências da linguagem. Nesse sentido, tanto o feiticeiro como o linguista estariam ambos transformando o objeto real num código dominado pela paixão ou pela razão. A cada um caberia escolher qual seria a argumentação que sustentaria melhor a "função" escolhida para o objeto.

Podemos admitir aqui que se existe uma melhor maneira de se consumir o objeto, quer seja pelo feiticeiro, pelo filósofo, semiólogo ou psicólogos, será sempre a forma testemunhal. Isto significa que qualquer que seja o modo de abordar o objeto, sobretudo se o for em psicoterapia, o discurso científico não deve desligar-se do objeto real como o suporte ideal para ajudar na discriminação das projeções imaginárias. O uso adequado do objeto está marcado pelo objeto real, tanto para o "objeto-feitiço" do feiticeiro como para o "objeto-semântico", ou o "signo", ou o "referente", para o linguista.

À nosso ver, é preciso levar a noção de "alvo" às últimas conseqüências, e perguntar sobre que tipo de objeto externo a pulsão impele. Com esta pergunta, abre-se um clarão entre a noção de "fonte" e de "objeto da pulsão", salvaguardando a noção de "alvo" do monopólio de objetos subjetivos e da voracidade da pulsão. É preciso ir mais longe e explorar mais a noção de "alvo". Por que os "alvos" estão sempre dirigidos para o consumo dos "objetos internos" se sabemos que esta conversão hostil impede a materialização das emoções?

A idéia de um alvo que se dissocia dos objetos reais cria um vazio, visa uma ausência ambígua e confusa. Se procuramos o "alvo" no próprio sujeito, apenas abstratamente, o resultado seria o sentimento de atingir sempre a mesma coisa numa espécie de antropofagia objetal. A nossa idéia é distinguir as diferentes modalidades de "pulsões", de "objetos" e de "alvos", ligando estas noções à emergência do objeto externo. Encontra-se aí uma via menos abstrata para se pensar sobre o destino das pulsões e, conseqüentemente, dos objetos em psicologia.

O desejo quer objetivar-se e para isso precisa da condicionalidade dos objetos externos. Sem dúvida os objetos externos desempenham um papel regulador das pulsões. São os únicos a resistir as pressões do desejo e a dar consistência aos objetos internos. O objeto do desejo nem sempre é o desejo do objeto. Por esta razão é que o alvo da psicologia atual é atingir o visível do objeto. Se o inconsciente ostenta tão claramente o desejo de se deixar refratar em tantos objetos, isto se deve, sem dúvida, à necessidade da mente humana em querer tentar uma integração recíproca

entre o "objeto real" e o "objeto fantasmático". Eis por que a função da teoria é a de produzir ou de pelo menos criar condições para que o inconsciente e o objeto real não se excluam mutuamente. Vejamos o que diz Leclaire: " *O objeto tem o poder de se caracterizar por sua qualidade de ser separado: por conseguinte, a distância desta separação faz aparecer a dimensão do espaço ao mesmo tempo que a anulação possível do intervalo que aí se inscreve.*" ³¹

Idéias ou coisas esses objetos da psicologia ?

Embora fragmentemos o objeto em busca do "objeto do objeto", na esperança de compreendermos de qual pulsão viemos, de que desejo desejamos, de que representações representamos, sabe-se que a questão "sujeito-objeto" continuará sempre aberta, incitando os teóricos a querer esboçar, numa operação muitas vezes confusa, um modelo ou uma estratégia que possa ajudar na discriminação dos diferentes objetos analisáveis no campo da semiótica e da psicologia.

A grosso modo, poderíamos dizer que em Lacan, o ser é "para si mesmo" sua própria falta de ser - esse ser que ao faltar para si o é ~~em~~ si - assim, o objeto em Lacan aparece como "objeto de identificação", "objeto perdido", ou "objeto a" . Segundo Lacan, em Freud, pela identificação, o objeto se coloca no lugar do ideal do Eu e passa a designar a si próprio como o traço imperativo para a escolha de objetos. Aqui Lacan se orienta tendo em vista a seguinte citação de Freud: "*l'identification prend place du choix d'objet, le choix d'objet régresse jusqu'à l'identification*" (Freud, *Psychologie des foules et*

³¹ LECLAIRE, S.: *Psychanalyse*, Paris, Seuil, 1968, p.80.

analyse du moi, 1921) Isto posto, considera Lacan que é ao preço de uma *perda* que a identificação se processa - daí ter ele chegado à noção de "objeto perdido" e de "objeto a". Mas, convenhamos que estamos aqui diante de um paradoxo: trata-se de um objeto que tem no vazio a sua presença. Como nos diz Lacan: "*O 'objeto a' é alguma coisa de que o sujeito, para se constituir, se separou como órgão. Vale como símbolo da ausência, isto é, do falo, não enquanto tal, mas enquanto ausência. É preciso, pois, que seja um objeto - primeiramente separável - em segundo lugar tendo uma relação com a ausência.*"³²

Certamente que nenhum objeto subsiste sem a mediação da linguagem e muito menos o objeto lacaniano. Sendo assim, Lacan anuncia a subversão do sujeito pela instância da letra no inconsciente - essa letra que segundo Lacan fala do desejo como o órgão do corpo o faz, isto é, a configuração do desejo na letra - a letra como o objeto lacaniano em função da teoria freudiana. Vejamos o que diz Chemama: "*Lacan désigne par la lettre a l'objet du moi, le petit autre. Il s'agit alors de distinguer la dimension imaginaire de l'aliénation par laquelle le moi se constitue sur sa propre image, prototype de l'objet, de la dimension symbolique où le sujet parlant est dans la dépendance du "grand Autre", lie des signifiants.*"³³ E, numa tentativa de localização espacial desse objeto perdido, continua Chemama: "*Il existe dans le savoir de l'inconscient un trou qui en rend la jouissance incomplète, et Lacan utilise la lettre a pour marquer la frontière de ce trou. Le non-sens radical de la lettre tient au réel. La lettre, distincte du signifiant, est susceptible*

³² LACAN, J.: O Seminário - livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Rio, Zahar, 1979, p.101.

³³ CHEMAMA, R.: Dictionnaire de la psychanalyse, Paris, Larousse, 1993, p.189.

d'en marquer la limite, l'intrusion de l'objet a comme radicalement autre."³⁴ Mas, certamente que o objeto em Lacan não poderia jamais ser confundido com o objeto real. Vejamos o que nos diz ainda Chomsky: " *Il s'agit toujours d'une écriture. L'objet a est la lettre en tant qu'elle se détache du signifiant. Alors que le signifiant est dans le symbolique, la lettre en tant que lettre (et non image ou support d'une combinatoire) est dans le réel.*"³⁵

Assim, mais para a dialética hegeliana, a tática de Lacan é a de negar duplamente, ou melhor, afirmar pela negação da negação - que o homem não é o "sujeito", mas muito menos o "objeto". Considera que o percurso do sujeito enquanto ser de linguagem estaria justamente no ato estruturante que nasceria de uma *perda* que, guardando as devidas proporções, a psicanálise tentaria restaurar.

Em resumo poderíamos afirmar que o cógito lacaniano está centrado numa análise dos objetos semânticos, considerando-os como mensageiros da dinâmica psíquica. Para Lacan, pela linguagem o desejo se faz carne. A "linguagem" seria então uma espécie de "pão eucarístico", o lugar onde a ausência estaria sempre presente: "*Tudo o que conhecemos como significação está sempre num sistema que é universo de linguagem. Assim que a linguagem existe, ela é universo*"³⁶ Ou, "*Pela palavra que é já uma presença feita de ausência, a ausência mesma vem a nomear-se, em um momento original de que o gênio de Freud apreendeu no jogo da criança a recriação perpétua. E desse par*

³⁴ *ibid.*, p.146.

³⁵ *ibid.*, p.190/191.

³⁶ LACAN, J.: *O Seminário - livro 2*, Rio, Zahar, 1981, p.358.

modulado da presença e da ausência (...) nasce o universo de sentido de uma língua onde o universo das coisas virá se colocar."³⁷

Contudo, o discurso lacaniano é mais um "discurso sobre os objetos" que propriamente um "discurso do objeto". É preciso distinguir direito esta dupla determinação e considerar que na questão do trato com a ilusão do "objeto perdido", o "sujeito" e o "objeto real" não podem reduzir-se às projeções fantasmáticas. Com efeito, na dinâmica lacaniana o objeto real é levado a se desunir do objeto imaginário. Como não é o "objeto real" a causa do desejo, a letra que se fixou não precisaria de uma matéria que lhe desse forma, como o corpo dá ao sujeito, ou como os órgãos dão à excitação da pulsão. Para Lacan, *"dans le sens de caractère ou dans celui de missive, la lettre est à la fois le support matériel du signifiant ce qui s'en distingue comme le réel se distingue du symbolique."*³⁸

Vejamos o que nos diz Lacan nesse seu exemplo: *"Esta é a ocasião de sentir de perto o que há de falaz na oposição entre o pretense concreto e o pretense figurado - se o vaso pode estar pleno é na medida em que está vazio. E é, muito exatamente, no mesmo sentido, que a fala e o discurso podem ser pleno ou vazios."*³⁹ Sabe-se que a fala tem o poder de tornar presente o objeto concreto, mas nunca o poder de substituí-lo. Por outro lado, poderíamos também dizer que existe em Lacan uma preocupação em querer distinguir o *vazio* da propriedade funcional do objeto: *"O que se chama de objeto, como fundamento da coleção vocês devem distinguir seu sentido daquilo que*

³⁷ LACAN, J., *Ecrits*, Paris, Seuil, 1986, p. 276.

³⁸ CHEMAMA, R., *Ob. Cit.* p. 144.

³⁹ LACAN, J.; *O Seminário-livro 7 - a ética da psicanálise*, Rio, Zahar, 1986, p. 152.

se chama de objeto na análise. Na análise o objeto é um ponto de fixação imaginário dando, em qualquer registro que seja, satisfação a uma pulsão. O objeto de coleção é totalmente outra coisa..."⁴⁰

Aqui começa o subjetivismo lacaniano. Na verdade, Lacan desqualifica o modelo real do objeto e o seu valor de uso como "instrumental terapêutico", em função do objeto fantasmático. Daí, o objeto lacaniano ser literalmente um objeto perdido.

Nesse nosso trabalho, como já foi dito, o que propomos é de transpor o muro do verbo irreduzível pela união da palavra à coisa. Assim como na leitura que Lacan fizera de Freud, a linguagem do desejo fora o "cógito" lacaniano, em Winnicott, através do conceito de "objeto transicional", a psicanálise vai ao enalço do objeto real. Dessa maneira, através do termo "Objeto transicional", a importância do objeto real é retomada, mesmo que sua tarefa permanece apenas ocasional para o sujeito quando em processo analítico. Vejamos o que dizem Laplanche e Pontalis a propósito do objeto winicottiano: "*para designar um objeto material que possui um valor de eleição para o lactente e para a criança, nomeadamente no momento do adormecer (por exemplo, a ponta do cobertor ou do lençol, um guardanapo para chupar). O recurso a objetos desse tipo é, segundo o autor, um fenômeno normal que permite à criança efetuar a transição entre a primeira relação oral com a mãe e a verdadeira relação de objeto.*"⁴¹

Ademais, considera Winnicott ser de suma importância o que ele chama de "*campo intermediário da experiência*", lugar no qual a ilusão

⁴⁰ *ibid.*, p. 143.

⁴¹ LAPLANCHE, L. e PONTALIS, J.B., *Ob.Cit.*, p.414.

poderia vir a ganhar forma e objetivar-se. Tal campo possui uma certa *transitoriedade* que possibilita ao desejo reorganizar-se em formas concretas. Nesse caso, o objeto concreto ocupa o lugar do vazio numa inextricável complicação que faz com que o objeto subjetivo se deixe complementar pelo objeto real. O resultado é uma adaptação em que o analisando, aderindo ao que de real oferece a matéria, acaba por construir uma ponte entre o imaginário e o real. Claro está que pelas inovações de Winnicott, o objeto muda: no campo dos fenômenos transicionais, o estatuto do objeto perde o seu caráter de um objeto fora do sujeito e passa, na medida em que é ele investido pulsionalmente ou erotizado pela criança, a ser adjetivado de acordo com a tonalidade da energia pulsional que nele foi investida. Vemos portanto que o trabalho de Winnicott representa o maior esforço que fez a psicanálise moderna para valorizar o território intermediário entre a realidade interna e o mundo externo, consolidando a noção de "objeto transicional" e ampliando o valor do objeto real dentro da temática "sujeito-objeto".

Para Winnicott, a "possessão" nutriria a noção de "objeto transicional". Assim, pelo viés da experiência do "possuir", o analisando poderia tocar pontos materiais de uma cadeia de significação e tornar legível ocorrências psíquicas inconscientes, redimensionando, assim, a mecânica simbólica. Nesse caso, o possuir não seria uma mera ilusão metafórica uma vez que o desejo, seguindo o movimento do objeto no exterior, combinaria realidade interna com realidade externa. Assim, pelo fenômeno de "possessão", o lugar do objeto concreto seria garantido, substituindo o *vazio* deixado pelo objeto lacaniano. Isto significa que, em Winnicott, a praxis

analítica vai além do idealismo de uma praxis voltada para uma relação com o *vazio*, e aponta para o valor de um simbolismo mais funcional. Esta conversão do objeto idéia em objetos palpáveis aparece deste o início em Winnicott. Vê-se que nele o objeto se "personaliza" para integrar-se às próprias forças do analisando.

Certamente que, para se tornar um objeto de consumo psicanalítico, Winnicott teve que criar a noção de "objeto transicional", afastando-se estrategicamente das argumentações teóricas que "manipulavam" apenas objetos semânticos. Daí Winnicott vir a tecer essas considerações a propósito da chamada "relação de objeto": *"A relação de objeto é uma experiência do sujeito que pode ser descrita em termos do sujeito, como ser isolado"* (Winnicott, 1958b, 1963a). *Quando falo do uso de um objeto, entretanto, tomo a relação de objeto como evidente e acrescento novas características que envolvem a natureza e o comportamento do objeto. Por exemplo, o objeto, se é que tem de ser usado, deve ser necessariamente real, no sentido de fazer parte da realidade compartilhada, e não um feixe de projeções. É isso, penso eu, que contribui para estabelecer a grande diferença existente entre relacionar-se e usar."*⁴²

É sem dúvida a consistência física da "coisa" em relação às nossas emoções que conduziria Winnicott à noção de "objeto transicional". A relação dos analistas com os objetos deixava de ser apenas abstrata e passaria finalmente a ser fundada em objetos marcados por uma originalidade específica oriunda do inconsciente e da natureza. Winnicott foi verdadeiramente um dos primeiros a

⁴² WINNICOTT, D.W., O brincar e a realidade, Rio, Imago, 1975, p. 123/124.

anunciar em psicologia clínica a necessidade de se fazer a conversão do objeto subjetivo tendo em vista um objeto fora (objeto transicional), este último escolhido pelo próprio analisando.⁴³ Vejamos o que diz Winnicott: "*... temos que o estudo do tema do relacionamento constitui um exercício muito mais fácil para analistas do que o exame do uso, de uma vez que o relacionar-se pode ser examinado como fenômeno do sujeito e a psicanálise prefere sempre eliminar todos os fatores ambientais, exceto na medida em que se pode considerar o meio ambiente em termos de mecanismos projetivos. Mas, ao examinar o uso, não há saída: o analista tem de levar em consideração a natureza do objeto, não como projeção, mas como coisa em si.*" Winnicott diz ainda: "*Entre o relacionamento e o uso existe a colocação, pelo sujeito, do objeto fora da área de seu controle onipotente, isto é, a percepção, pelo sujeito, do objeto como fenômeno externo, não como entidade projetiva; na verdade, o reconhecimento do objeto como entidade por seu próprio direito.*"⁴⁴

⁴³ Aqui poderíamos anunciar antecipadamente uma diferença essencial que nos levou a refletir sobre o que chamamos de "relação de ob-jeu". Se pararmos para analisar a noção de "objeto transicional" em Winnicott, percebemos que tal objeto é na verdade um objeto antes de tudo escolhido pelo próprio analisando. De certa maneira, o analista apenas reconheceria e tentaria integrar o objeto escolhido pelo analisando às suas intervenções. Isto quer dizer que na medida em que o analisando abandonasse o objeto, tal objeto, de certa forma, deixaria de ser "transicional", passando a ser um objeto qualquer, na melhor das hipóteses poderia ser considerado um signo ou um símbolo morto. Contudo, no nosso trabalho, é fundamental que o analista conheça as peculiaridades inerentes ao objeto enquanto "instrumental de trabalho analítico". Diríamos então que o *Objeu*, antes de ser um objeto aceito pelo analisando, deve necessariamente ser um objeto da intimidade do analista. Sendo assim, como objeto material, o *Objeu* é antes de tudo um objeto escolhido pelo analista tendo em vista a maneira a ser utilizado no "setting". Mas, é preciso frisar que esta é uma questão paradoxal, ou seja, o analista procura escolher o objeto a partir de uma sintonia pessoal com o objeto sem contudo esquecer o desejo do analisando frente ao objeto escolhido, ou seja, o analista estaria sempre redescobrimo o objeto apresentado ao analisando através do próprio analisando. O que queremos frisar é que o analista deveria experimentar lidar com o objeto antes de incluí-lo como uma "ferramenta de trabalho". Sendo assim, não podemos negar que a liberação do objeto concreto para o uso como "instrumental de trabalho analítico", constitui a originalidade e o grande desafio a ser pensado na "relação de Objeu".

⁴⁴ *ibid.*, p. 124/125.

Deste modo, o problema da relação "sujeito-objeto" em Winnicott sai do círculo vicioso ligado aos objetos subjetivos e tenta criar o suporte para uma psicanálise voltada para o uso do objeto real. A partir da noção de "objeto transicional", a relação analítica não se perde em meio ao absolutismo dos objetos semânticos, ela se articula neles sem perder de vista o que seria o "verdadeiro" objeto. O objeto em Winnicott é singular, personalizado, deixando de ser uma presa da teoria para transformar-se em objeto de uso. Assim, o ato de "possuir", na noção de "objeto transicional", funciona como uma espécie de luz que ilumina o espaço analítico, permitindo ao analista e ao analisando detectarem a alternância dos fantasmas frente às exigências do mundo externo.

Certamente que, enquanto idéia, o objeto pode apresentar-se como vazio de uso e, nesse caso, a relação analítica seria vista como uma narrativa que fragmenta e frustra a todo instante a relação com o elemento do mundo exterior. Tal defasagem é que Winnicott procurou transformar ao aproximar todos os objetos. Mas, por outro lado, Winnicott mantém-se reservado evitando exaltar as qualidades reais dos objetos frente aos objetos fantasmáticos. Observemos que existe também a preocupação de Winnicott em não tomar partido do objeto real de maneira radical: "*Espero que se entenda que não me refiro exatamente ao ursinho da criança pequena ou ao primeiro uso que o bebê dá ao seu punho (polegar, dedos). Estou interessado na primeira possessão e na área intermediária entre o subjetivo e aquilo que é obviamente percebido.*"⁴⁵ Mas, pode-se com efeito conceber que as

⁴⁵WINNICOTT, D.W., Ob.Cit., p.15.

idéias e fundamentalmente a prática clínica de Winnicott, forneceram em sua coerência, uma maneira de redimensionar o sentido psicanalítico da chamada "relação de objeto", procurando compreendê-la também pelo ângulo do objeto concreto.

De fato, é a dialética entre o objeto real e a idéia do objeto enquanto desejo no sujeito que possibilita a noção de "desejo" como um benefício real. Observa-se que, ligado ao prazer que ofertam os objetos que povoam o cotidiano, o indivíduo, enquanto um sujeito de desejo, é remetido à uma nova ordem simbólica que pode lhe servir de instrumento e modelo na construção do real.

3. PELO RETORNO DA BOBINA

" Il jetait avec une grande adresse la bobine, que retenait la ficelle, par-dessus le rebord de son petit lit à rideaux où elle disparaissait, tandis qu'il prononçait son o-o-o-0 riche de sens; il retirait ensuite la bobine hors du lit en tirant la ficelle et saluait alors sa réapparition par un joyeux "voilà" (en allemand: da) Tel était donc le jeu complet: disparition et retour." (grifo nosso).

FREUD ⁴⁶

A linguagem que se quer terapêutica, quando fabricada no contexto da experiência de um mergulho no mundo de determinados objetos, livra a pulsão do dilaceramento sistemático que presenciamos quando o jogo analítico se passa apenas no campo da linguagem falada. A prática psicoterápica que não leva em conta a presença do objeto real enquanto uma matéria concreta que se oferece ao devaneio do sem limite do ser, sofre, como diria Bachelard, da amnésia do duro e do mole. De fato, é o que nos diz Bachelard: "...com o trabalho hábil.

⁴⁶ FREUD, S.: *Essais de Psychanalyse*, Saint-Montrond, 1993, p. 52.

com a destreza no trabalho da matéria dura, podem-se eliminar muitas das fantasias denunciadas pela psicanálise. Para empregar um exemplo preciso, esboçemos algumas observações à margem de toda a literatura acumulada pela psicanálise em torno do devaneio do buraco. À margem do que se diz, sugerimos dar importância ao que se faz num trabalho preciso e num trabalho forte. Não se pode então deixar de ver os devaneios de tendências anais ou sexuais serem pouco a pouco suplantados - e não recalçados - à medida que vão se desenvolvendo as ações de um trabalho efetivo, sobretudo quando esse trabalho visa a atingir formas geométricas bem definidas, realizadas numa matéria resistente. A matéria dura fixa de algum modo a extroversão.⁴⁷ É isto que evidentemente complementaria o objeto semântico.

No plano vivido, analista e analisando precisam reconhecer o desejo dos objetos reais em relação ao desejo dos objetos subjetivos. Estes últimos, confinados ao desejo de nossas mãos, seriam o traço de união que deveria ser celebrado entre nossas emoções e o objeto real. Assim, o objeto material serviria de base de sustentação à uma infinidade de sentimentos que procurariam cada vez mais tornarem-se "consciência". A mão serviria de guia, porque esta pode escapar à sistemática das regras sintagmáticas já estruturadas, e a ser ainda capaz de encaminhar o indivíduo para a descoberta de uma linguagem mais vasta em meio à natureza. Assim, seria preciso criar novos caminhos de significação onde o elemento sonoro da linguagem pudesse se familiarizar com o mundo material, instaurando assim, uma nova rede sintagmática que ajudasse o analisando a passar do monopólio de

⁴⁷ BACHELARD, G., A terra e os devaneios da vontade, S.P., M. Fontes, 1991, p. 36/37.

um desejo lingüístico virtual ao prazer de poder freqüentar o afeto e os fantasmas pela via sensorial.

Certamente, se uma certa obscuridade recobre a razão tornando subjetivos os objetos, verifica-se em seguida que se atinge melhor a consciência quando pela via do objeto material tentamos manusear o nosso mundo interno. Este novo tipo de assimilação dos conteúdos inconscientes, permite à imaginação de juntar cuidadosamente uns nos outros os objetos que manipula. Aqui o indivíduo é envolvido pela plasticidade sensorial do objeto externo que o ajudariam na articulação de seus objetos internos. Então, o processo de cura seria abordado justamente através da articulação da matéria com os desejos inconscientes. Diríamos que a energia libidinal gruda nos estratos materiais, associando e opondo estes dois tipos de "seres" tão diferentes e tão próximos. A passagem para além da linguagem convencional conduziria então a dita "relação de objeto" na direção da conquista de um campo de experimentação dialógica que jogaria com a presença do objeto. Nesta forma de experimentação, o diálogo se nutre daquilo que poderíamos considerar como sendo a "imaginação porosa". Pode-se dizer, então, que pela "imaginação porosa", o indivíduo chegaria a tomada de consciência de si mesmo pelas mãos.

É assim que, numa troca com o que há de resistente (tanto pela dureza como pela moleza) nos objetos reais, o desejo inconsciente não colocaria em questão as dificuldades do indivíduo em relação à formação de sua consciência, simplesmente a psique aderiria à matéria e o desejo se exprimiria fluxionando a libido. Em virtude desta dinâmica psíquica, as imagens provenientes da experiência manual assegurariam uma realidade que guardaria alguma coisa da mesma ordem

que a matéria tocada. Estas imagens produzidas por esse tipo de "imaginação ativa" seriam representações diretas de imagens internas que aderindo ao objeto real dinamizaria o processo analítico. À grosso modo, teríamos então um circuito de duas imagens (virtuais e materiais) que num processo intermitente se tornariam atuais, uma em relação à outra. Tais produções, ativamente articuladas pela imaginação falada, dialeticamente introduziriam o analisando numa espécie de "fantasia espontânea", seguida por uma atividade psíquica composta de *imagens-gesto-palavras* que veiculariam o simbólico.

Considerando esta confluência de objetos internos e externos, através dela, compreenderíamos melhor em que consistem as razões secretas da confusão teórica que tenta excluir o objeto real do jogo analítico. Percebe-se que estamos em meio de uma vasta família de mediadores que normalmente entram em oposições. A impressão primeira que se têm é de que a consciência espontaneamente desprender-se-ia desta dupla experiência vivida entre a manipulação do objeto em sua concretude e a manipulação articulada pelo referente. Mas, observa-se que assim que o objeto real é substituído pela palavra, a relação simbólica corre o risco de ser reduzida à linguagem verbal. Isto equivaleria à morte do símbolo, antes mesmo de ter ele cumprido seu papel de regulador das imagens internas. Contudo, diríamos que através do "simbolismo poroso", a manipulação do objeto abre o espírito à outras experiências. Assim, ao ativar-se, o psiquismo é inserido na imaginação material e a virtualidade dos arquétipos, se falamos numa linguagem junguiana, encontraria então o meio melhor para se misturar ao objeto real. Neste caso, poderíamos afirmar, com todo rigor, que o objeto real estaria servindo de ponte entre a

fantasia e a realidade, impedindo o sujeito de se fechar em torno da relação narcísica "sujeito-idéia".

Das Ding ao alcance das mãos

"On raconte que Einstein se promenait un jour dans un parc
avec un aveugle,
il faisait chaud et Einstein déclara:
Je boirais bien un verre de lait!
son ami lui demande alors: *Qu'est-ce que le lait ?*
Einstein: *C'est un liquide blanc.*
L'ami aveugle: *Qu'est-ce que le blanc?*
Einstein: *C'est la couleur du cygne.*
L'ami aveugle: *Qu'est-ce que le cygne?*
Einstein, un peu agacé, lui prend le bras,
plie la main autour du poignet et dit:
C'est un animal qui a le cou et la tête comme cecl.
L'aveugle réfléchit un moment et dit:
Ah ouil! Maintenant je vois ce que c'est que le lait ! "
TIRY⁴⁸

Diríamos que todo discurso em psicologia, versando sobre a questão dos atributos do objeto no âmbito da prática analítica, guarda em si implicações que nos remetem à questão do estatuto de *das Ding*⁴⁹. Dito isto, a nosso ver, querer repensar a relação "sujeito-objeto" em psicologia, implica em resgatar a dinâmica do *Fort da* enquanto estrutura ideal de enquadre a fim de poder reconhecer um lugar para o manuseio de *das Ding*. Através de um cenário analítico em moldes ao *Fort-Da*, retomariamos a questão do

⁴⁸ TIRY, G.; Conf. Ob. cit. p. 23/24.

⁴⁹ Utilizamos aqui a palavra alemã *das Ding* (a coisa) por ser ela comumente veiculada entre os teóricos franceses quando colocam a questão da relação "sujeito-objeto" em psicanálise. Como diz Oreste Saint-Drôme em seu dicionário: "*Das Ding* signifie la chose, en l'occurrence la chose freudienne. De l'aveu même de Lacan, il y a plusieurs choses dans la chose. Pour être précis, *das Ding* c'est le truc là, le machin, dont on ne sait pas le nom, qu'on a sur le bout de la langue ou, mieux, totalement oublié. La chose peu s'incarner dans un objet, (truc-chose), une personne ordinaire (machin-chose) ou un objet primordial (la mère Machin-chose)." E acrescenta Saint-Drôme: "*Dans la vie, et accessoirement dans l'analyse, on passe son temps à tourner autour de la chose.*" (SAINT-DROME, O.; Dictionnaire inespéré de 55 termes visités par Jacques Lacan, Paris, Seuil, 1994, p. 68.)

"objet perdu" via "objet trouvé", buscando restaurar o "jogo" analítico em sua dialética original, contextualizando *das Ding* e o "discurso da perda".

Vê-se que, em grande parte, os discursos em psicologia falam ainda hoje de uma relação "sujeito-objeto", onde se funda o mito da intangibilidade do objeto. Condenado a métodos modernos de análise linguística, os sentimentos, as idéias, os estados de ânimo, são isolados e abstraídos pela discussão teórica, transformando-se em "objetos" que carecem de objetividade, ou melhor, se metamorfoseiam em "objetividade alienada", em "necessidade", em "vazio" ou em possibilidade meramente abstrata do desejo. Assim, a conceptualização da dialética "sujeito-objeto", transformada em identidade metafísica, paradoxalmente, tem procurado através da noção de "falta" (*manque*), preencher o vazio deixado pela ausência do objeto concreto.

Que é, então, o "objeto" para a psicologia? Poderíamos dizer que para a psicanálise clássica a noção de "objeto", descrita com bases em sua própria metodologia de trabalho, é mais uma realidade objetiva que uma realidade objetual. Na verdade, a psicanálise verbal é vítima da ambivalência da noção de objeto. E, como o valor da troca entre o analista e o analisando não é mediatizado pelo objeto real, a praxis é submetida à tautologia da "referência", prejudicando a troca simbólica.

Tal redução tem trazido graves conseqüências para o pensamento e a praxis analítica. Na medida em que a experiência analítica é condicionada ao "objeto verbo" (*referência*), nesse registro, o objeto real se anula, dando lugar a uma organização imaginária frágil, vítima do

fantasma do objeto ideal. Aqui, o "manusear" se acharia eliminado pela teoria e, o "jogo analítico" reduzido a um "jogo de palavras", limitando a noção de "relação de objeto" a uma construção puramente lingüística. Nesse caso, é válido argüir do limite deste enfoque, visando alargar o significado de *das Ding*.

Contudo, não se pretende, no espaço limitado desse trabalho, tentar uma discussão sobre a validade das proposições que a teoria psicanalítica tem dado ao conceito de *das Ding*. Apenas, em base a nossa experiência em torno da argila como mediadora do simbólico, procuramos traçar algumas coordenadas teóricas e práticas, oferecendo aos analistas algumas pistas para viabilizar o retorno do objeto real dentro do "setting" analítico. Para nós, o valor da troca analítica se complementa no valor de uso do objeto enquanto "instrumental de trabalho". Nesse caso, *das Ding* aparece enriquecida pelo sentido objetal dado pelo mundo dos objetos reais ao referente imaginário.

Partindo do interesse em consolidar a dinâmica contida no *Fort-Da* como uma espécie de modelo a seguir em psicoterapia, procuramos vincular o "setting" analítico ao mundo sensível dos objetos externos, de maneira a criar um espaço "palpável" para os fantasmas e fantasias. Para isso, introduziremos a palavra *Objeu* garantindo, pela noção de "relação de *Objeu*", o lugar do objeto concreto no cenário analítico. A idéia é de redimensionar a temática da "relação de objeto" pela de "relação de *Objeu*". À luz da "relação de *Objeu*", a noção de "objet perdu" e de "objet trouvé", interagem, transformando o "enquadre analítico" num lugar de fabricação do símbolo. Sendo assim, a remodelação da chamada "relação de ob-jeto" pela "relação de ob-jeu", seria uma espécie de demarcação teórica para garantir à

pulsão um meio de expressar-se sensorialmente dentro do "setting" analítico.

Tais procedimentos se religam diretamente ao objetivo a que se propõe esse trabalho: uma reinterrogação crítica que possa reinventar a palavra "objeto" devolvendo-lhe atributos antes considerados como dispensáveis pela dita "relação de objeto". É útil, para a escuta analítica, traçar caminhos que possibilitem ir além de descrições abstratas sobre as qualidades de *das Ding*. Assim, temos na lógica da "relação de Objeto", a força de um objeto-modelo do tipo conceitual, mas também desempenhando uma função terapêutica específica: a de facilitar o lidar manual dos complexos e dos arquétipos.

Em resumo, a nossa hipótese sugere a fórmula denominada relação de Objeto, para sensibilizar, conscientizar e orientar o analista no trato com a imaginação material. À nossa experiência comprova que podemos chegar a uma verdadeira funcionalidade em psicoterapia se ajustarmos o "setting" analítico aos liames de um objeto concreto, aliviando a perda de consistência que sofrera *das Ding* no interior da teoria. Depreende-se, pois, que é amplo o raio de ação que o conceito de *das Ding* adquire em nosso trabalho. Aqui ele passa a assinalar a funcionalidade do objeto e o seu valor de ferramenta de trabalho.

Dentre as muitas "coisas" possíveis de se encontrar em *das Ding*, estaria a sua capacidade (enquanto objeto funcional) de transferir às práticas mentais, o que existe de identidade e de diferença entre o objeto sonhado e o objeto real. Nesse caso, *das Ding* se torna uma noção enriquecida uma vez que abandona a lógica

radical da "ausência" para inscrever-se na extremidade inversa, preservando o valor de uso do objeto. Portanto, somos contrário à idéia de que *das Ding* estaria fora do circuito da coisa concreta, ampliando o "buraco semiológico", isto é, mantendo vazio o hiato existente entre o referente e o objeto concreto. A lógica do *Objeu* quer entrar nessa "falha" e compor o trinômio "analista-argila-analisando". No caso da "relação de objeto", *das Ding* se limita a uma idealização semi-simbólica, um modelo conceitual do referente, um objeto deliberadamente submisso à noção de "objet perdu" ou "du manque". Objeto este que não precisa ter nenhum tipo de atributo físico no que tange a praxis analítica.

Entretanto, a grande dificuldade desse nosso enfoque, será sempre a de decidir segundo que critérios é possível distinguir em *das Ding* o "ob-jeto" do "Ob-jeu". Nesse caso, a nossa estratégia foi desconsiderar a investigação subjetiva do problema em favor da praxis. Na verdade, a simples aproximação do objeto metáfora à estranheza do objeto físico, implicaria mudar as regras do jogo analítico. O que transparece na impossibilidade de continuar a jogar com o objeto semântico, é que tal objeto está por demais comprometido com a lógica da razão. Daí, a nossa preocupação em romper com a estética da teoria, em favor, evidentemente, da inclusão de um modelo que favoreça a praxis analítica do *Objeu*.

Sem dúvida, ao devolver a dimensão sensorial usurpada de *das Ding*, estamos contribuindo para consignar um novo objeto-modelo (argila), cuja tarefa será a de tornar viável um circuito refrator de emoções (relação de *Objeu*). Deduz-se, que esse tipo de relação provoca o entrelaçamento dialético dos objetos internos com os

objetos fora do sujeito. Num nível imediato, o sujeito psicológico estaria em constante interação com esse objeto material, afim de dar oportunidade ao "Eu" de se expressar por outras vias que não somente a da linguagem oral. Nesse caso, seria possível afirmar que variando o "brincar" analítico, a psique encontraria na positividade do objeto concreto um apoio para reduzir as tensões, favorecendo a perlaboração no processo analítico. Essa constatação abre aos psicanalistas e psicoterapeutas, uma nova perspectiva para a abordagem do binômio "analista-analisando", uma vez que, introduzir um "terceiro elemento" na dialética psicoterápica, qualifica a "relação de Ob-jeu" e não a "relação de ob-jeto", como a portadora de uma melhor performance para o trato com a neurose.

Observemos que a teoria psicanalítica, como fazem os sonhos, podem também fixar e desviar o conteúdo formal do objeto real para objetos internos, transformando-se numa prática subjetiva e individual. Assim, a máquina teórica psicanalítica, ainda como nos sonhos, tem favorecido a absorção espontânea dos objetos externos, tentando imaginá-los, procurando reformulá-los, mas sem explicá-los ou relacioná-los à funcionalidade dos objetos reais. A idéia é de que a montagem do "vazio", da "ausência", é evocadora do sentido. Mas, esse subterfúgio tem provocado e alimentado sutilmente a repressão contínua do desejo, bloqueando a consciência mediante a orquestração frustrante de interpretações seduzidas pelo desencadear de uma realidade semantizada.

Este desdobramento da "imaginação falada" em "imaginação porosa" e vice-versa, é sem dúvida a chave do processo analítico pela via do *Objeu*. Certamente que em nossa pesquisa, seria a crise da "relação

de objeto" que nos conduziria à necessidade de ampliar a brecha existente entre a coisa e tudo aquilo que comporta o referente em sua linguagem especulativa sobre o objeto. A funcionalidade mínima e a significação máxima que se tem dado ao termo "referência", nos levou a pensar *das Ding* não apenas como uma evasão metafórica da coisa em si. Nossa experiência desnudou as bordas de *das Ding*. À nosso ver, *das Ding* não é a imagem isolada da coisa em si. Como um sinal de composição, *das Ding* ultrapassa a si mesmo para se ligar ao espaço-temporal de uma imaginação sensório-motora; esta última sendo capaz de incarnar do "de fora" a perpetua mutabilidade do "de dentro". Neste caso, a realidade evoluiria dela mesma, e, como uma nova composição, de *das Ding*, apareceria o vetor que tornaria viável a ligação do evento emocional ao objeto escolhido pelo analista como "instrumental de trabalho".

É nessa coexistência funcional do objeto interno com o externo que podemos atribuir a *das Ding* a capacidade de poder traduzir emoções em imagens. Aqui, o objeto enquanto um objeto terapêutico, se revelará numa polaridade reflexiva. Isto, a fim de dinamizar a negatividade perceptiva e falaciosa sobre o objeto e, por outro lado, poder regular a alternância entre a "dureza" (ou "moleza") do objeto concreto e a idéia filosófica do fenômeno da duração. O próprio objeto concreto testemunharia dessa possível mutabilidade de *das Ding*. Isto porque o sensorial do objeto abriria uma brecha que repercutiria ao nível do campo psicoterápico. Teríamos então um outro campo de ação terapêutica. O ato analítico cada vez mais se libertaria da voracidade dos objetos internos para poder satisfazer sua sede de autenticidade através de objetos técnicos. Assim, a

cadeia significativa, através de elementos materialmente estáveis, estabeleceria distinções entre metáfora/delírio, interrompendo o domínio opressivo de uma "ausência" estrutural. Então, o desejo abandonaria o seu caráter delirante nas bordas de *das Ding*. Assim, a ação terapêutica fazendo-se manual, não cessaria jamais de invocar os objetos tanto no interior como no exterior dos analisandos.

Compreenderemos melhor assim a importância em se oferecer um objeto real como espaço estratégico para o manuseio dos objetos imaginários. Este objeto-espaço, sem o qual a criança nada seria, possibilita o surgimento da imagem-movimento da mesma forma que permite a *das Ding* encarnar-se. Diríamos que tal imagem-movimento é fruto de mecanismos que se formaram a partir do manuseio de objetos reais. Portanto, o plano de imanência gerado pelo psiquismo pertence também ao domínio do sensorial. Tal plano enquanto pertencente ao mundo interno, abraça os sistemas que constitui a imago do objeto. Mas, enquanto "imago", o objeto guarda em si o desejo de exteriorizar-se em imagem-movimento. Daí vir a ser necessário alicerçar *das Ding* em sua marca real. Isto significa assegurar sua funcionalidade tornando presente a sua dimensão material. Sem ela não haveria jogo possível.

O *Fort-da* como modelo psicoterápico

Após o nascimento a mãe deixa de ser o "centro do universo" e a criança passa pouco a pouco a redimensionar o papel que ela desempenha em sua vida. Daí o prazer que experimenta a criança em poder jogar com os objetos no mundo, descobrindo-se como sujeito de ação. Aqui inicia a criança um contato mais prazeroso com o mundo externo e seus objetos. Convém lembrar que a psicanálise denominaria *Fort da* a uma observação que Freud fizera exatamente em torno dessas primeiras experiências infantis com os objetos. Vejamos o que nos

diz Chemmana em seu dicionário: "*L'observation freudienne elle-même est succincte: un enfant de dix-huit mois, l'un de ses petits-fils, d'un excellent caractère, avait l'habitude d'envoyer loin de lui les petits objets qui lui tombaient sous la main en prononçant le son prolongé o-o-o-o, qui constituait une ébauche du mot Fort ("parti" en allemand). De plus, Freud observe un jour chez le même enfant un jeu apparemment plus complet. Tenant en main un fil attaché à une bobine, l'enfant envoie celle-ci dans son berceau en prononçant le même son o-o-o-o, puis la ramène habilement à lui en s'exclamant: Da ("voilà" en allemand).*"⁵⁰

Diríamos então que a hipótese freudiana do *Fort-da* em si mesma nos indica uma espécie de modelo psicoterápico, considerando que a dimensão objetiva do jogo analítico evolui na direção do contato com o objeto no exterior em busca da integração de conflitos internos do sujeito. Se examinarmos a dinâmica do jogo da bobina descrita por Freud, percebemos que a base estrutural desse jogo está na confrontação direta que se estabelece entre o "de fora" com o "de dentro", definindo como objetivo principal o sentimento de prazer que descobre a criança com o retorno do objeto. Observemos que tal confrontação dialética entre "mundo interno" e "mundo externo", se dá necessariamente num corpo-a-corpo com o objeto concreto. Precisa-se da bobina enquanto objeto que se abre à ação de "apalpar", para que se possa conduzir o desejo por vias menos alucinatórias e mais prazerosas. Sendo assim, no que se refere ao processo analítico, o "retorno da bobina" não deve ser considerado apenas como uma

⁵⁰CHEMAMA, R.: Dictionnaire de la psychanalyse, Paris, Gallimard, 1971, pgs 89/90. A descrição exata do "*Fort-da*" feita por Freud, encontra-se em "*Au-delà du principe de plaisir*" - FREUD, S.: Essais de Psychanalyse, Paris, Payot, N°15, pgs. 52/54.

metáfora, ele indica a urgência de introduzir o analisando numa dinâmica onde a passagem do passivo para o ativo possa produzir uma imagem-movimento, iniciando o indivíduo na construção do real. Na verdade, a introdução da bobina pela criança significa dar seqüência à imaginação material, confirmando as mãos como instrumentos mediadores de emoções.

Diríamos mesmo que é justamente no *Fort-da* que podemos presenciar uma simultaneidade de sentimentos de prazer e desprazer cujo objetivo é superar-se através de uma ação objetiva. Sendo assim, através do jogo presença/ausência, uma nova atividade psíquica conduz a criança à descoberta de um mundo que se alterna entre prazer e desprazer. A marca do real que se descortina frente a criança mostra efetivamente a natureza de uma nova realidade que arrasa com a antiga residência uterina enquanto a morada ideal. A criança descobre o "de fora" enquanto mobilização motora do corpo que se organiza e a conduz para além da realidade "pai e mãe". Assim, o possível luto que nasce da ausência da mãe se metamorfoseia em prazer da descoberta desse novo útero que é o mundo que o cerca, que ele pode "tocar", modificar, manipular segundo seu próprio movimento interno. Diríamos que testemunhando um relativo alívio, a criança compensa a ausência da mãe e inclina-se a querer substituí-la, deslocando o desejo para objetos que lhe dêem a sensação de duração. Assim, o sentimento de perda é suavizado pela descoberta de um novo jogo capaz de transformar a ausência numa situação prazerosa de domínio frente aos objetos externos e à própria vida. É claro que nesse jogo de substituições, ao apropriar-se dos objetos, a criança acaba

apropriando-se simbolicamente dos pais e normalmente chegará à retórica da linguagem.

No que concerne ao objetivo de nosso trabalho, o que relevamos do *Fort-da* é a afirmação de Freud de que o objetivo do jogo está no "prazer do retorno". Certamente que é a atividade rítmica existente entre a criança e a bobina que estabelece todo um campo para a funcionalidade da imagem mental e abre espaço para o prazer do retorno. Observa-se que para Freud não seria tanto a ausência da mãe o mais importante, e sim o fato de que pelo jogo com a bobina chegasse à atualização da economia libidinal. Poder-se-ia mesmo dizer que o movimento de prazer diante de um mundo que se desvela através do tatear de objetos, é proporcional ao desprazer causado pelo desaparecimento da mãe. Sendo assim, a "bobina" constitui para criança a quantidade de movimento-presença em oposição à uma ausência necessária na relação humana. Como "matéria-extravazadora", a bobina se opõe às trevas da ausência, oferecendo-se como o espaço incondicional à maturação dos instintos.

Sem dúvida a bobina instaura o princípio de realidade, fornecendo assim as bases para uma consciência futura. Dito isto, não fica difícil perceber a importância que tem o *Fort-da* na estruturação da metodologia psicanalítica. Nossa experiência mostrou que fatores psíquicos internos em conflito podem ser superados quando o analisando é capaz de exprimir seus desejos pulsionais numa dinâmica analítica próxima do *Fort-da*. Vê-se que a mediação do objeto real permitirá ao analisando "jogar" um papel permanente e sólido entre pulsão de vida e pulsão de morte.

Poder-se-ia dizer que o jogo analítico precisa dos objetos. Isto porquê o objeto material empresta realidade aos objetos imaginários. Sendo assim, o objeto real promove a imagem-ação e instaura no interior do psiquismo um desejo de discernimento. Nesse nível, o analisando é levado a uma experiência perceptiva e sensorial que o capacita para suplantar a fantasia da "ausência". Aqui, as privações experimentadas pelo analisando tomam uma nova direção, redimensionando o complexo neurótico.

Diríamos então que o *Fort-da* se inscreve como uma nova maneira de psicanalisar, o analisando se vê imerso numa atividade onde a mão se une aos seus desejos internos, convidando-o a discernir sobre seus conflitos pela via sensorial. Assim, a dinâmica psíquica se harmoniza. E o analisando, como uma criança, torna-se capaz: de se religar ao objeto que lhe oferece o analista, reconhecendo-o por entre os objetos internos; de brincar de destruir o objeto; de guardar o sentimento de poder sobreviver à destruição, e, de ultrapassar-se nas experiências frustrantes de separação. Aqui todo o sistema de autodefesa se mobiliza frente às dificuldades de inserção no mundo. Assim, para além de toda separação, o objeto sobrevive. E então, entrando em cena como o terceiro elemento da relação, alarga o quadro analítico, permitindo ao analisando de viver a totalidade da experiência originária, englobando também a dimensão ativa do jogo.

CAPÍTULO II

A RELAÇÃO DE OBJEU

" Qu'on le nomme nominaliste ou cultiste ou de tout autre nom, peu importe: pour nous, nous l'avons baptisé l'Objeu. C'est celui où l'objet de notre émotion placé d'abord en abîme, l'épaisseur vertigineuse et l'absurdité du langage, considérées seules, sont manipulées de telle façon que, par la multiplication intérieure des rapports, les liaisons formées au niveau des racines et les significations bouclées à double tour, soit crée ce fonctionnement qui seul peut rendre compte de la profondeur substantielle, de la variété et de la rigoureuse harmonie du monde. "

PONGE

51

A metáfora motriz e sensorial usurpa o real numa convivência com as coisas, isto, a fim de preencher o vazio deixado pela palavra que prega a "ausência" como solução. Assim, na dialética do "de dentro" pelo "de fora" e do "de fora" pelo "de dentro", as palavras vão se

⁵¹ PONGE, F., *Pièces*, Paris, Gallimard, 1962, p. 137.

juntando às coisas e as coisas às palavras, transformando-nos em alquimistas, no ferreiro e poeta de nossas emoções. Assim, nasce uma nova atitude face aos objetos externos, permitindo à psicanálise de descobrir o "Objeu".

A idéia desenvolvida pela "relação de Objeu" é de que novas práticas analíticas nasçam de um contato direto com os objetos reais. Assim como a psicanálise conseguiu articular a idéia de "perda do objeto", acreditamos ser possível construir um discurso sobre a "presença do objeto"; situando a ordem significante no gestual, inserindo no jogo analítico a linguagem manual. Neste caso, a ordem do significante será então metaforizada através de metáforas palpáveis.

Nenhum objeto lingüístico resiste à metáfora manual. Felizmente que a noção de "Objeu" tenha aberto um caminho tolerado no meio psicanalítico e trazido de volta o recurso da imaginação material. Examinando a importância estratégica dessa palavra dada pelo poeta Ponge, Fédida explora a sua funcionalidade, acentuando os meios de ação que ela pode sugerir ao pensamento psicanalítico: "*Jeter n'est pas jouer mais l'objeu pourrait être un jeu à l'objet perdu*".⁵² Sem dúvida, tem-se feito a apologia de um objeto ausente e urge recupera-lo para praxis analítica. Isto equivale a dizer que necessitamos reavaliar a noção lacaniana de "objeto perdido" e estabelecer um novo código que favoreça o uso do objeto como "instrumental de trabalho".

⁵² FÉDIDA, P.: *L'absence*, Paris, Gallimard, 1978., p. 97.

A psicanálise enquanto um método psicoterápico não pode se limitar aos objetos semânticos como instrumentos para lidar com os objetos fantasmáticos. Essa dupla dialética "sujeito-objeto" exige uma mais completa expressão pela teoria psicanalítica. Sabe-se que "o verbal" como método de exploração do inconsciente tem se revelado insuficiente. Para por em andamento os objetos mentais é preciso que o analisando sofra a influência dos objetos reais. Daí a necessidade de se valorizar o fator "objeto externo" como fundamental para a compreensão da relação "sujeito-objeto". Pierre Fédida confirmaria essas nossas preocupações: "*L'inflation du concept d'objet en psychanalyse entraîne, inévitablement, la culture conceptuelle d'une langue. Les significations symboliques de l'objet y sont sémantisées alors même que le concept d'objet était fait pour les dé-signifier. Attribuer un contenu à l'objet (la mère, l'absence ou le sein, le pénis) c'est certainement viser des organisations sémantiques de l'inconscient. Mais le risque est de substantialiser les opérations de l'analyse au profit d'un pan-fantasmisme de l'objet.*"⁵³

A nosso ver, o objeto da psicanálise vai além do objeto do filósofo ou do semiólogo para se ligar ao objeto do alquimista. Diríamos que esta voracidade de muitos psicanalistas pelos objetos semânticos, seria consequência do fato de não terem eles ainda realizado a unidade fundamental de sua praxis analítica com o objeto concreto. É nesse ponto que constatamos a importância estratégica da noção de "Objeto". Mas, de uma certa forma a questão persiste: Objeto? Vejamos o que nos diz Fédida: "*Une métapsychologie de l'objet court*

⁵³ *ibid.*, p. 195.

le risque de l'abstraction discursive - sous l'argument qu'elle invoque d'un idéal d'objectivité - si elle ne se maintient pas au contact de la démarche technique qui concrètement l'inspire et en porte le mouvement."⁵⁴ De fato, nós poderíamos querer definir o objeto como Peirce definiu o signo, isto é, como " *Quelque chose qui tient lieu pour quelqu'un de quelque chose sous quelque rapport ou à quelque titre.*"⁵⁵ Ou, tentar associar a definição de *Objeu* à esta definição de "coisa" em Saint-Drôme: "*Une chose est une chose et non pas la chose*"⁵⁶. Ou ainda continuar indefinidamente o discurso sobre a "falta" numa perspectiva lacaniana. De outra parte, pode-se também argumentar que o "Objeu" seria a primeira manifestação do referente - reproduzindo aqui o triângulo de Peirce criando novas classificações e classificadores como fizera Umberto Eco em sua obra "*Le signe*"⁵⁷. Fariamos tudo isso para tentar legitimar a nível semiológico o termo "Objeu". O que constatamos é que por mais interessantes e lógicas que sejam estas definições todas se tornam insuficientes à praxis clínica por afastarem-se em demasia do objeto real. Como já fora dito, nenhum objeto semântico pode ocupar o lugar do objeto real. E a clínica analítica deve à sua maneira viver estreitamente ligada à funcionalidade do objeto real.

Então, como designar o "Objeu"? Como possuir o visível do "objeto", ou do "Objeu", ou do "referente" para dar conta do ato analítico em sua totalidade? Para nós existe somente algo a ser feito: trata-se de encontrar na natureza um objeto real e de lhe dar

⁵⁴ Ibid., p.99.

⁵⁵ PEIRCE, C.S., *Introduction à la théorie de l'information*, p.121.

⁵⁶ SAINT-DRÔME, O., *Dictionnaire de 55 termes visités par J.Lacan*, Paris, Seuil, 1994, p.18.

⁵⁷ Ver sobretudo as diferentes versões do triângulo de Peirce - ECO, H., *Le signe*, Bruxelles, Labor, 1988, p.39.

um lugar no jogo analítico. Portanto, a questão que se coloca no momento, não é a de saber de qual objeto eu falo, mas de indicar um objeto real a fim de que ele possa vir a ser utilizado como "instrumental analítico". E este novo objeto encontraria então na chamada "relação de Objeu", uma maneira objetiva de ser instrumentalizado. Ao fazer a conexão dos objetos internos do analisando com o objeto externo, o analista entraria no jogo guiado pela positividade e funcionalidade do objeto real e não visando uma tentativa frustrante de retorno ao significante perdido, este marcado pelo jogo da "perda". O significante não teria mais por função testemunhar a separação uma vez que o objeto material faria isso. A comunicação possível pelo jogo aberto com uma coisa concreta transformaria o fantasma da perda, numa tentativa de retorno ao *Fart da* como fonte da palavra viva.

Mas, como sabemos, o *Fart-da* diz respeito a uma "relação" do sujeito com o objeto real, sendo assim, deduzimos então ser mais importante argumentarmos sobre o que vem a ser a noção de "relação de Objeu". Na "relação de Objeu", o objeto é visível também pelos sentidos do analisando. Aqui, o ato analítico estará necessariamente ligado a uma experiência tátil que se dirige fundamentalmente para o manuseio de metáforas sensoriais. O fato de introduzirmos o objeto concreto no "brincar" analítico, dando ao inconsciente a métrica do "objeu", isto significa qualificarmo-nos para a "escuta-manual". Isto oferecer-nos-ia a possibilidade de poder examinar as manifestações psíquicas de uma maneira mais solta e objetiva. É nesse ponto que se colocaria uma nova questão: qual seria a

performance do objeto a ser escolhido para compor a tríade "analista-objeu-analisando", a fim de vir a compor a dita "relação de Objeu".

1. OBJEU: UMA REFERÊNCIA LÚDICA

" Comment alors concilier avec le principe de plaisir le fait qu'il répète comme jeu cette expérience pénible? On voudra peut-être répondre que le départ devait être joué, comme une condition préalable à la joie de la réapparition, et que c'est en celle-ci que réside le but véritable du jeu. "

FREUD⁵⁸ (grifos nossos)

No mundo da criança, o objeto e a palavra fazem, forçosamente, parte do jogo de aprendizagem. Para a criança as palavras não estão enclausuradas numa sintaxe. A relação lógica entre as frases vai se formando através do manuseio dos objetos reais, impregnando o nascimento da fala e reforçando o realismo dos gestos pela força sensorial marcada pelos objetos. Assim, quando vemos uma criança separar objetos externos uns dos outros, nesse momento, sua estrutura mental deixa-se capturar pela sistemática dos objetos externos, sentindo-se que também pode ser olhado e compreendido pelo Mundo, pela Natureza. Apesar de saber que é de natureza diferente dos objetos que manuseia, essa relação com o diferente, vai aos poucos despertando em sua mente um novo modo de ser, de agir e de poder tornar-se "aberto" a uma significação mais complexa enquanto ser de linguagem.

⁵⁸ FREUD, S., Conf. Ob. Cit. p. 53.

A dificuldade surge quando os mistérios das realidades cósmicas e humanas começam a imbricarem-se, exigindo da criança um modo de síntese e de associações mais complexas. Apesar de ainda não atinar para essa incontestável importância que exercem os objetos na construção de seu mundo simbólico, a criança muito mais que o adulto, deixa-se levar pelos objetos externos numa intuição que lhe advém da capacidade inata da psique em querer dar forma aos arquétipos e a fazer fluir a libido. Seria errôneo supor que, este mecanismo de fabricação da consciência na criança, viria a se modificar com o tempo, tomando outras direções na idade adulta. Na verdade, essa "abertura" para os objetos externos continuará sempre como condição para garantir a integridade psíquica. Em última análise, trata-se de um processo de criatividade no plano da "imaginação porosa" que, pouco a pouco vai se modificando sob o forte impacto do aprendizado da língua.

Queira ou não, a criança vê-se obrigada a racionalizar e a engajar-se numa produção manual e verbal com seus objetos. Mais é importante sublinhar que o universo intemporal dos arquétipos, necessita mais do que uma cultura letrada para poder transformar em símbolos vivos tudo que, nas camadas mais arcaicas da psique, aparece como obscuro, tenebroso, inferior ou numinoso. Daí deduzirmos, em função desse nosso trabalho, que o objeto da psicologia ou da psicanálise, para ser mais específico, não pode reduzir-se à "significações ocultas", "subtendidas", dos objetos semânticos. Sabe-se que a psicanálise clássica procura ainda hoje subtrair da praxis clínica a imaginação material. Exacerbam o verbal em detrimento da via sensorial, enclausurando o ato analítico na

imaginação falada. Na psicanálise verbal não existe um jogo com a referência objetiva. O que ocorre é uma correspondência comumente praticada em base a coerência semântica do objeto subjetivo.

Assim, vemos psicanalistas obrigando-se a abandonar o objeto real e montar o jogo analítico pela via do "objeto ausência". O lugar topologicamente definido para tal objeto tem sido exclusivamente a linguagem verbal, produto da cisão da teoria com o objeto externo. Contudo, consideramos que o código do desejo supõe o mundo externo como a realidade por excelência. Isto significa dizer que, pela sensação da visão de um objeto colorido, do contato com a forma de uma pedra, do contato com a textura da argila ou outras matérias estimulantes para o psiquismo, o analisando valoriza suas imagens mentais e sobretudo aprende a manuseá-las respectivamente com os seus objetos internos. Diríamos que os objetos sólidos transferem a cadeia significante de lugar, fixando de algum modo um limite para a metáfora da ausência. Então, o objeto imaginário adere ao jogo com o objeto real. E o objeto real, por sua vez, é moldado pelo conceito, transformando-se em Ob-jeu, ou seja, no objeto do jogo analítico.

Ao ser introduzida a lógica do Objeu, o modelo teórico analítico muda o lugar do simbólico, fixando-o numa zona limítrofe entre o manuseio e o balbuciar das fantasias e dos fantasmas. Aqui se encontra a chave do que chamamos de "relação de Objeu": a ação simbólica quebra o monopólio da palavra e abre o espaço analítico para a entrada de objetos mais consistentes. Assim, o circuito fechado do objeto semântico reconhece o valor de uso do objeto real e retoma para o jogo analítico a função operatória do objeto.

Diríamos então que o objetivo da psicologia do "Objeu" é anunciar a "relação de Objeu" como uma estratégia analítica capaz de identificar a zona do objeto imaginário pela via lúdica que oferece o objeto real. A fórmula "relação de Objeu" procura então reconsiderar a marca característica do objeto real no processo de "imaginação ativa", sugerindo traçar "trocas" entre o atual dos objetos reais e o virtual do mundo arquetípico pela via do "jogo". É esta troca que nos leva sempre à refletir: são os objetos que nos pertencem, nos que pertencemos a eles ou todos esses objetos se inscrevem noutra lugar, formando uma espécie de caleidoscópio capaz de nos reenviar sempre à repetições imaginadas que se imbricam entre objetos imaginários e objetos reais? Sabe-se que, nos labirintos metafísicos de um discurso sobre o real, por exemplo, somente a estática do objeto real enquanto antítese, possibilitaria ao indivíduo soltar-se da introspecção. O objeto real testemunha claramente contra ele mesmo, o que inviabilizaria a idealização narcísica de um objeto carregado de subjetivismo.

Pensar um objeto que não seja apenas mais um parêntese na continuidade ideológica de objetos inexistentes, constitui um esforço em pensar sobre a "presença" do objeto. A linguagem da "presença" é a única condição de possibilidade que temos de poder olhar de frente o "radicalmente diferente". Se quiséssemos agora estudar mais intimamente essa espécie de "nova linguagem", estruturando-a como uma linguagem da "presença", só seria possível tendo um objeto real do outro lado, estabelecendo, assim, os limites de um e de outro objeto em função de uma nova fórmula. Faz-se necessário congelar a euforia dos objetos saltos no inconsciente, procurando colocar a

problemática do objeto no jogo recíproco entre o imaginário e o real. Isto nos levaria a pensar o objeto de maneira diferente.

Podemos a esta altura simplesmente perguntar: como então o problema da "relação de Objeto" se apresenta diante de uma praxis analítica onde predomina a dita "relação de objeto" ? Quando o "objeto real" se afasta definitivamente do conceito que o designa, a relação com essa nova noção conceptual exige que se remonte sistematicamente à uma explicação plausível e teórica para justificar a "ausência" desse objeto. Nesse sentido, o objeto material transforma-se em "bode expiatório" da ilusão da "perda". O erro fundamental se encontra justamente em querer justificar a "falta" pela anulação do objeto real, chegando ao ponto de querer que os próprios objetos internos resolvam suas idiossincrasias. Ou então cairmos no desatino de imaginar que o objeto real pode substituir os objetos subjetivos. Não há dúvida, objeto algum entra no lugar do outro, eles se imbricam dialeticamente.

No que se refere ao que chamamos de "relação de Objeto", a ênfase está no "jogo" entre estes diferentes objetos. Eis como o analista recuperaria a dialética entre o "de fora" e o "de dentro" ao nível da dinâmica analítica: alertados pelo barulho do objeto externo enquanto "ferramenta de trabalho", o analista face ao visível do objeto real, procuraria estabelecer uma ponte entre a linguagem e o gestual do analisando, despotencializando possíveis entraves lingüísticos introjetados durante o processo de formação da consciência. A idéia é desmontar do imaginário os artifícios incutidos pela linguagem a fim de atingir o símbolo vivo.

Assim, apesar das novidades relativas às descobertas lacanianas e as circunstâncias muito especiais de sua maneira de ver o inconsciente, nós procuramos orientar o processo analítico justamente dando ênfase ao objeto real como condutor de uma nova linguagem. Em Lacan, bastaria a linguagem verbal, já que a relação entre o imaginário e o real encontra-se referenciada todo o tempo ao sujeito semiótico. Daí considerarmos que a "relação de objeto" seja na verdade uma "relação de sujeito". Na "relação de Objeu" a linguagem sensorial importa tanto quanto a linguagem verbal. Daí, ser ela composta na tríade "analista-objeto/material-analisando". Sendo assim, a introdução de um "objeto material" no jogo analítico faz o analista e o analisando apropriarem-se da linguagem enquanto uma escrita automática manual. A ordem da linguagem na "relação de Objeu" fala pelas mãos, livrando o "setting" do limite de percepções articuladas apenas por objetos subjetivos, objetos estes destituídos do prazer do manuseio.

Um outro aspecto a considerar a favor da "relação de Objeu" como estratégia analítica, é que a fascinação pelo objeto artesanal remete o analisando à uma vinculação especial com o objeto semântico. Sendo assim, não pretendemos negar o objeto paixão pelo objeto material. Antes, procuramos propor dialetiza-los pela "relação de Objeu". Nesse sentido, não nos interessa fazer a apologia do "Objeu" em si mesmo. O que procuramos é colocar a questão analítica também do ângulo do objeto real. Não duvidamos que os objetos reais possam conduzir o analisando à uma nova experiência simbólica, tendo por base uma linguagem cujos signos seriam as imagens modeladas; como o são as letras e as palavras da linguagem escrita.

Nossa pesquisa nos fez constatar que a partir do jogo entre imagem sensorial e imagem verbal nasce uma nova imagem-percepção, tornando operacionais as diferenças existentes entre o objeto imaginado e o objeto real. Eis porque consideramos de suma importância o que nos diz o poeta Ponge sobre os objetos. Ponge todo o tempo procura discriminar a existência real do objeto da imagem que a linguagem faz sobre o objeto. Diríamos que Ponge atualiza o objeto dentro do mental do sujeito pela via de um discurso positivo sobre o objeto. Na verdade, Ponge sabe todo o tempo que jamais o "referente" alcançaria o objeto. Daí ter criado a palavra "Objeu". Ao contrário de Lacan, Ponge tomara o partido dos objetos. Sendo assim, escrevera mais sobre a "presença" do que sobre a "ausência", como fizera Lacan. Como nos diria Ponge, faz-se necessário respeitar o objeto em si mesmo, no lugar em que são reconhecidos como objetos. A dificuldade surge porque queremos sempre substituir as coisas por postulados que nem sempre as justificam enquanto existência. Vejamos o que nos diz Ponge: "*Il n'y a que l'esprit pour rafraîchir les choses*". E acrescenta em seguida: "*Notons d'ailleurs que ces raisons sont justes ou valables seulement si l'esprit retourne aux choses d'une manière acceptable par les choses: quand elles ne sont pas lésées, e pour ainsi dire qu'elles sont décrites de leur propre point de vue.*"⁵⁹

Contudo, considera-se que, ao nível da praxis analítica, precisa-se postular e construir metodicamente a "relação de Objeu" para que, verdadeiramente, o objeto real seja respeitado como uma "ferramenta de trabalho" do analista. Certamente que "jogar" apenas com o "referente" em psicanálise deixa muito a desejar. É a partir desse ponto de vista que invocamos um novo objeto e um novo "jogar" em análise: devemos crer que a "relação de Objeu" proporciona uma mudança de estrutura no "brincar" analítico e conseqüentemente favorece o assentamento do "objeto paixão" ao plano do objeto

⁵⁹ PONGE, F.: *Le parti pris des choses*. Paris, Gallimard, 1994, p. 167.

concreto, ampliando, assim, o campo para a simbolização do analisando.

É certo que, ao mudarmos o objeto da praxis psicanalítica, o discurso analítico tomará um rumo diferente, possibilitando uma reestruturação do mental do analisando. Um novo cenário para o jogo analítico daria direito ao realismo manual, distinguindo a "relação de objeto" da "relação de Objeu". Dessa forma, sedimentar-se-ia o "ob-jeto" no "ob-jeu", juntando o sensorial ao verbal e transformando a dita "relação de Objeto" em "relação de Objeu". Aqui, a intervenção analítica se vê redimensionada pela "relação de Objeu", impedindo que a praxis da psicanálise seja reduzida à uma metodologia fundada exclusivamente na expressão verbal.

2. O JOGO DO DIVÃ

** Não é minha intenção deliberada traçar uma comparação entre a psicoterapia e a psicanálise, ou empenhar-me em qualquer tentativa de definir esses dois processos de modo que apresentem uma linha clara de demarcação entre si. Parece-me válido o princípio geral de que a psicoterapia é efetuada na superposição de duas áreas lúdicas, a do paciente e a do terapeuta. Se o terapeuta não pode brincar, então ele não se adequa ao trabalho. Se é o paciente que não pode, então algo precisa ser feito para ajudá-lo a tornar-se capaz de brincar, após o que a psicoterapia pode começar. O brincar é essencial porque nele o paciente manifesta sua criatividade.**

WINNICOTT⁶⁰

A "relação de Objeu" afronta o divã a fim de redefinir o espaço analítico, ajudando a desmaterializar o objeto semântico pelo contato sensorial com um objeto real introduzido no "setting" pelo analista.

⁶⁰ WINNICOTT, D.W., Conf. Ob. Cit., p. 80

e, a evocar o *Fart da*, cuja natureza dialógica possibilita reencarnar na matéria o caráter afetivo e efetivo da imagem mental. Contudo, este afrontamento com os limites do divã deve se efetuar à luz de um agir crítico em psicanálise. Tal posicionamento crítico põe em evidência o desejo de saber, com um pouco mais de precisão, de que objetos estamos falando. Isto, a fim de evitar a pseudo-encarnação do objeto imaginário no referente e poder encaminhar a dialética psicoterápica para uma simbolização através do objeto real.

Assim, através de relações verdadeiramente objetais, os analisandos são religados à uma ação manual que se torna viável graças à ousadia de um "setting" mais aberto. Este novo "setting" põe em questão a maneira tradicional de psicanalisar, anunciando a necessidade de se efetuar uma superposição entre as imagens construídas mentalmente e expressadas pela linguagem e, de outro lado, as imagens que nascem no espaço do "brincar", criado pela "relação de Objeto". Trata-se de redescobrir o prazer de modelar as emoções em imagens concretas, exigindo uma mudança radical do método analítico. Por conseguinte, a modelagem encaminha o gestual do analisando na direção de lembranças do *Fart da*, a fim de proporcionar ao analisando uma exploração lúdica de seus conflitos. A necessidade psíquica de uma representação mais realista dos objetos fantasmáticos convida o analista a sair do ilusionismo de uma palavra solta no vento, procurando assentar sua técnica na palavra e no objeto real.

É preciso tocar os objetos que estão por trás da linguagem metafórica, evocá-los manualmente até dar-lhes um contorno. Isto faz fluir a energia libidinal ajudando na formalização da dialética entre

o "Eu" e o "Si-mesmo"⁶¹. A intervenção ao nível da "relação de Objeto" tenta fazer isso, ou seja, dar vida aos sonhos, restringindo-os a princípio à sua "justa" medida para, em seguida, graças à

⁶¹ A psicologia moderna, excetuando-se as alusões feitas nos escritos de Leibniz, Kant, Schelling e Schopenhauer, Carus e Von Hartman, foi que demonstrou a partir do seu método indutivo, a existência empírica de uma psique extraconsciente. Tal noção acabou por questionar a posição absolutista que o conceito de Eu vinha tendo entre os pensadores: o Eu como sendo o centro da totalidade psíquica. Aos poucos foi-se percebendo que o Eu dava conta apenas de um dos aspectos da polaridade entre consciente e inconsciente. Daí Jung vir a considerar o Eu estando parte no inconsciente e parte no consciente. O Eu apareceria então como o articulador, o intermediário entre o "mundo de fora" e o "mundo de dentro". O mundo externo manteria uma atividade com o Eu que, por sua vez, enquanto "centro da consciência" estabeleceria uma relação compensatória entre o desconhecido do mundo exterior e o desconhecido do mundo interior. Aqui, Jung procura nomear os diferentes parceiros do Eu para efetivar a dialética entre o "de dentro" com o "de fora". Entre estes parceiros poderíamos citar a "sombra", o "Animus e Anima". Contudo, é o conceito de "Si-mesmo" que será o marco divisório para entender melhor o funcionamento da psique. Uma vez que o Eu não era mais considerado como "centro da consciência", Jung postula que o "Si-mesmo" representaria o "centro da personalidade total". Assim, haveriam como que dois centros que se formalizariam em torno de uma espécie de eixo, perfazendo assim uma dinâmica dialética cujo objetivo seria ajudar a psique na sua tarefa de realizar a economia libidinal. Vejamos o que diz Jung: "Na medida do alcance de nossa experiência atual, podemos dizer que os processos inconscientes se acham numa relação compensatória em relação à consciência. Uso de propósito a expressão "compensatória" e não a palavra "oposta", porque consciente e inconsciente não se acham necessariamente em oposição, mas se complementam mutuamente, para formar uma totalidade: o Si-mesmo (Selbst). De acordo com esta definição, o "Si-mesmo" é uma instância que engloba o Eu consciente. Abarca não só a psique consciente, como a inconsciente, sendo portanto, por assim dizer, uma personalidade que também somos." E continua Jung: "É impossível chegar a uma consciência aproximada do "Si-mesmo", porque por mais que ampliemos nosso campo de consciência, sempre haverá uma quantidade indeterminada e indeterminável de material inconsciente, que pertence à totalidade do "Si-mesmo". Este é o motivo pelo qual o "Si-mesmo" sempre constituirá uma grandeza que nos ultrapassa." (JUNG, C.G.O. Eu e o inconsciente, Petrópolis, Vozes, 1978, p.53) Diríamos então que o conceito de "Eixo Eu-Si-mesmo" supõe que é o "Si-mesmo" quem move a ação em direção do Eu; mais para uma articulação dialética do que para uma imposição do "Si-mesmo" sobre o Eu. E, para fundamentar melhor a idéia desta relação dialética estabelecida entre o Eu e o "Si-mesmo", Jung utilizaria o conceito de Enantiodromia de Heráclito, esta lei Jung relaciona-a com o conceito de Compensação. Segundo Jung, a função compensatória corresponde: "... a funções autoreguladoras do organismo, observáveis na esfera fisiológica. Assim, "conteúdos inconscientes reprimidos reúnem uma carga de energia suficiente para irromper na forma de sonhos, imagens espontâneas ou sintomas." (Conf. SAMUELS, A. e SHORTER, B., Dicionário crítico de análise junguiana, Rio, Imago, 1988, p.68.)

Nessa operação que chamamos de "relação de objeto", a construção do Eu não se dá inicialmente em palavras. Livre do imperialismo da linguagem oral, a atividade inconsciente faz emergir uma escrita manual que conduz a efeitos compensatórios entre a virtualidade arquetípica e as formas sugeridas pelo Objeto. Inicialmente o analisando se distancia de um acúmulo de palavras perdidas em labirintos de imaginação verbal. Assim, pouco a pouco, a identificação projetiva adere terapêuticamente à linguagem manual, revelando em abundantes vestígios e quantas andam o funcionamento da psique do analisando. Numa linguagem junguiana, diríamos que, nesse momento, o Eu manifesta-se fazendo uma verdadeira distinção entre o símbolo vivo e o símbolo morto e vindo a constituir o que em termos junguianos é chamado de "Eixo Eu-Si-mesmo".

A princípio, morreria o simbolismo marcado pela linguagem oral, favorecendo, assim, a abertura da consciência à uma experiência cuja simbolização se daria pela via do objeto material. Aqui, o irracional antes enredado na linguagem verbal, aderiria ao gestual do analisando, levando-o a significar através de novas imagens e de uma nova linguagem oral. Nesta dinâmica, se falarmos numa linguagem junguiana, o "Eixo Eu-Si-mesmo" demarcaria bem uma distinção entre o real e o imaginário, constituindo-se como uma referência básica para o analista, levando-o a melhor compreender as dificuldades psicológicas do analisando, ajudando-o também no discernimento teórico da articulação entre "sujeito-objeto". Sabe-se que a distinção entre o imaginário e o real deve ser pensada sempre dialéticamente, diríamos, então, que, na dialética entre o "Eu" e o "Si-mesmo", quando o processo analítico se passa dentro do que chamamos "relação de Objeto", o Eu aparece como uma unidade frente às exigências do "Si-mesmo", mas, por outro lado, o "Si-mesmo", enquanto centro da totalidade da psique, eliminaria do Eu o que houvesse de anárquico e confuso.

impenetrabilidade do objeto real, chegar a manuseá-los emprestando-lhes uma forma concreta e um novo discurso. Diríamos que a liberdade em poder modelar em análise uma imagem onírica, de transformá-la em objeto do jogo (ob-jeu), permite ao analisando objetivar suas emoções em estruturas mais dinâmicas, revelando em imagens materiais as metáforas da neurose.

Nessa perspectiva, os complexos agindo alternadamente sobre o psiquismo levariam o analisando a lidar duplamente com seu problema emocional: primeiro tomar-se-ia contato com os objetos fantasmáticos pela via do jogo com os objetos externos, tentando dar-lhes uma forma objetiva. Depois, o medo de abordar o problema de frente seria substituído pelo sentimento de domínio sobre a imagem metafórica do distúrbio emocional uma vez que o analisando estaria lidando com imagens concretas petrificadas no objeto material. Assim o analisando teria a "neurose nas mãos", encarnada no objeto real e pronto para superá-la. Mas, é preciso frisar que tais imagens, quando petrificadas no objeto real, não expõem toda a intimidade do analisando. Por terem sido estas geradas muitas vezes de um sentimento profundo do analisando, guardam em si mesmas uma certa discricção, embora possa parecer revelarem muito. Na verdade tais imagens escondem e revelam conteúdos psíquicos, exatamente no ritmo ideal para o analisando. Fabricadas pelo analisando em "relação de Objeu", de certa maneira ultrapassam os entraves neuróticos e, por serem "simbólicas", estão sempre abrindo o universo do indivíduo ao inusitado. Ao vencerem a hostilidade da neurose elas marcham rumo ao sentido absoluto anunciando um devir mais estável.

O que temos observado é que o analisando, ao manusear suas imagens internas, experimenta o sentimento de ser dono da imagem e, conseqüentemente, dos problemas que elas parecem sugerir. Aqui, uma verbalização livre sobre os prováveis significados que elas despertam complementarará o quadro do processo chamado "relação de Objeto". O objetivo é sempre ligar o verbal às imagens produzidas.

É claro que pela linguagem puramente verbal pode-se abordar vivamente o problema. Mas, clinicamente, a linguagem oral é limitada, precisando encarná-la numa área fora da onipotência do analisando ou mesmo do terapeuta. Ora, a linguagem verbal é uma conduta simbólica sempre sujeita às ambigüidades racionais do sujeito. Dito isto, torna-se necessário em psicoterapia vir a ultrapassar a emoção verbal, procurando viver e se olhar vivendo a partir do esforço de reflexão e distanciamento que oferece a imaginação porosa. Neste caso, o objeto material desempenhará seu papel de acelerador e multiplicador das emoções, atingindo diretamente a onipotência ou a inércia muitas vezes contidas na narração verbal. Por conseguinte, a realidade física do "Objeto" se revela como uma chave para estabelecer uma diferenciação sistemática entre a pulsão inconsciente com seus objetos internos e o mundo dos objetos externos.

Voltando à questão da presença do divã, convenhamos que no contexto da "relação de Objeto", ele aparece como um elemento abandonado a si mesmo, imóvel enquanto objeto físico, colaborando com a idéia de que a experiência

analítica relaciona-se exclusivamente com as recordações de situações traumáticas vividas na infância. Mas, na "relação de objeu", ao contrário da "relação de objeto", a intenção da cura esta centrada no vir a ser do individuo. Isto quer dizer que a cena analítica não se fixa no trauma da separação, mas procura dar-lhe um sentido ao relacioná-lo com uma proposta de estimulação da fantasia e da "imaginação livre". Busca-se, através de um esforço sistemático, não se enveredar pelo núcleo da neurose, mesmo que se diga movido com a "boa intenção" de resolver o problema. O analista procura não fixar a atenção diretamente na neurose em causa, mas, estrategicamente, procura abordá-la de maneira indireta, estimulando conteúdos sadios que normalmente se aglutinam em torno dela. A idéia é não dirigir a relação com a atenção voltada para traumas passados, como a olhar num retrovisor de um carro, esquecendo-se que a cena se passa na frente.

Sendo assim, a "relação de Objeu" encontra-se em meio a uma aplicação prática que funda o processo analítico numa dinâmica voltada para a sensação prazerosa de construção do Eu. Como já dissemos, a partir de um divã que adere ao sistema dos objetos. Nesse caso, através de um relacionamento manual que conduz sempre a querer a objetivação dos objetos internos, o analisando teria no divã um elemento alternativo para expressar seu caminhar por entre objetos internos e externos. Nesse caso, o divã deixaria de servir de objeto para a regressão, assumindo o lugar de mais um objeto a favorecer a entrada do objeto material como o terceiro da relação analítica.

Por outras palavras, no espaço analítico onde predomina a "relação de Objeu", o analista procura reconhecer a existência normal do divã, considerando-o também como um objeto para o "jogo", embora, diferenciando-o da função que possui o "objeto material" escolhido pelo analista como "Objeu". A distinção que se faz entre um e outro deve ser absoluta. Não basta à "relação de Objeu" simplesmente a presença de um objeto concreto dentro do "setting". Nessa nossa maneira de psicanalisar, faz-se necessário admitir que tanto o objeto real como o objeto fantasmático, são os que formalizam o contexto por onde se passa a cena analítica. Diríamos então, que entre os extremos do idealista que reconhece apenas os objetos subjetivos e do empirista que se liga no objeto enquanto fenómeno, procuramos traçar o Objeu como o agenciador de um e outro objeto. Na realidade, existiria uma sistematização da ordem racional que avançaria na direção da "relação de Ob-jeu", reconhecendo-a como a estratégia ideal para tornar funcional e terapêutico o objeto.

Sendo assim, é a própria noção de "relação de Objeu" que leva o analista e analisando a reconhecerem o divã como um "objet à jouer". Encontra-se portanto no jogo que se estabelece entre o "corpo humano" e o "corpo do divã", o fundamento de uma imagem de origem interna. Assim, pela lógica operatória do Objeu, o divã acaba recuperando sua função de objeto externo, reconduzindo a atitude difusa de um deitar egocêntrico, à uma atitude que faz o analisando questioná-lo, criticá-lo; denunciando, assim, a posição ambígua que lhe confere a psicanálise clássica. Portanto, sem violar as regras que o fazem um ser de linguagem, o analisando conseguirá desvencilhar-se da ideologia do divã imóvel, estabelecendo um novo tipo de ligação com o

"corpo do divã". Nesse caso, o divã se deforma enquanto um "objeto sagrado" para o "setting", redimensionando todos os objetos que compõem o enquadre terapêutico. Essa descontração do corpo do analisando e do corpo do terapeuta frente ao corpo do divã, acaba revelando que o divã tem sido usado ideologicamente pela metodologia analítica clássica. Isto, na medida em que o deitar-se no divã forçava o analisando a uma conduta de inferioridade física e de desigualdade frente ao analista. Considerava-se tal conduta passiva como sendo a estratégia ideal para se efetuar o processo analítico.

Mas, de onde vem a inflexão que condiciona o ato analítico à um divã imóvel? Em razão, talvez, da dificuldade teórica em discernir qual é precisamente o melhor método para a abordagem do material simbólico produzido pela psique. As relações com o analisando são então articuladas em torno de um jogo de palavras, onde se insiste em manter a articulação dos estados inconscientes somente pela via da expressão verbal, dissociando da experiência analítica um manusear mais objetivo das emoções. Felizmente que a imaginação pode também ser articulada pelas mãos. O ingresso ao mundo da linguagem passa pelas mãos que lidam com objetos internos e externos; forçando, terapeuta e analisando, a entrarem na ordem verbal pela via do manuseio de objetos terapêuticos.

A experiência do "brincar com o divã" certamente prepara o caminho para uma adaptação à "relação de Objeto". Na "relação de Objeto" o analista favorece o uso de "divãs funcionais" tendo em vista a atitude de abandono que facilita a imaginação porosa. Qualquer rigidez frente à composição do "setting" constitui por si só um empecilho ao símbolo vivo. Apenas diríamos que, na "relação de

Objeu", o divã deve compor uma unidade indestrutível com o espaço onde se encontra o "Objeu".

O arrançamento entre o "Objeu" e o "divã" criará um desvio dentro do quadro analítico, um outro pólo de atração para a imaginação. Portanto, esta mistura do "Objeu" com o "divã" constitui uma forma alternada e compacta para conduzir o analista e o analisando a um "setting" mais dinâmico. Aqui, o "divã" e o "Objeu" se oferecem como superfícies de separação e de união entre o analista e o analisando. Isto quer dizer que o "divã" e o "Objeu" revestem de realismo e objetividade o ato analítico. A interação desses dois pólos objetivos encaminha a "relação de Objeu" à descobertas de novas maneiras de fabricar o real. Isto porque, a descontração do manusear-falar-movimentar, acaba emprestando um relevo fenomenológico à abstração metafórica e ontológica do discurso analítico.

A psicanálise mais ortodoxa tem usado o divã como um lugar solitário, na medida em que se evita introduzi-lo como um divã aberto ao universo das reações sensoriais. Mas, na "relação de Objeu", o divã aparece como uma outra coisa. Apesar de seu aspecto muitas vezes rígidos e geométricos, é certo que poderemos chegar a outras maneiras de utilização de seu potencial. Assim, na "relação de Objeu", é preciso se habituar à uma intimidade com todo o espaço do consultório e "brincar" também com o divã. Nessa experiência, a posição passiva do analista ou do analisando é projetada e refletida sobre as bordas de um campo analítico de onde se desenvolve uma imaginação-movimento.

3. A LÓGICA DAS IMAGENS

" Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade; podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira."

MACHADO DE ASSIS⁶²

Todo o esforço de consciência e de construção do real, está com as bases fundadas na necessidade vital que tem o homem de projetar-se nos objetos externos, muitas vezes de maneira incondicional. Aqui, encontra-se a questão central da psicologia e, se conferirmos, o das outras demais ciências. Diz Jung: "*Nossa mentalidade é ainda tão primitiva, que somente em algumas funções e em alguns domínios ela se libertou da identidade mística originária com o objeto.*" E continua Jung: "*Toda magia e toda religião primitiva se fundam nestas ligações mágicas com o objeto, ligações que consistem simplesmente em projeções de conteúdos inconscientes sobre o objeto. Foi a partir deste estado inicial de identidade que se desenvolveu gradualmente a autoconsciência que caminha a par com a distinção entre o sujeito e o objeto. Foi esta diferenciação que levou o homem a perceber que certas propriedades atribuídas, outrora, ingenuamente, ao objeto eram, na realidade, conteúdos subjetivos. Embora os homens da Antiguidade tivessem deixado de acreditar que*

⁶² DE ASSIS, M.; Machado para a juventude - Contos A. Rio, Lia editor, 1975, p. 210.

eram araras vermelhas ou irmãos do crocodilo, ainda se achavam envolvidos em fantasias mágicas." (grifos nossos) ⁶³

Aqui cabe fazermos as perguntas: por quê é próprio da "mentalidade ingênua" insistir em identificar-se com o objeto? Por quê a necessidade de projetar-se para reconhecer-se? Haveria uma outra forma de o homem poder chegar a autoconsciência sem ser a reflexão pela projeção? Como a psicologia pensa a questão da fabricação da consciência, tendo em vista o hiato existente entre o mundo interno e o externo? Ou, considerando-se a investida projetiva que faz o homem na natureza e nos objetos que o cerca, o que a psicologia clínica teria a propor no sentido de promover a dialética necessária à construção do real?

São inúmeras as dificuldades que se impõem quando em psicoterapia procuramos examinar o hiato existente entre os objetos internos e o mundo dos objetos externos. Na verdade, o homem procura todo o tempo eliminar o objeto externo na esperança de que fossem também eliminados os seus impasses internos. Daí as diferentes teorias tentando compreender, relacionar, juntar ou separar os indivíduos dos objetos externos. Numa espécie de canibalismo da teoria, os argumentos propostos como hipóteses são às vezes ambíguos ou simplesmente agridem racionalmente o papel da natureza e do próprio psiquismo. Vejamos o que nos diz Winnicott: "*Um filósofo de gabinete poderia argumentar que não existe na prática o uso de um objeto: se este é externo, então é destruído pelo sujeito. Contudo, se o filósofo deixasse seu gabinete e se sentasse no chão*

⁶³JUNG, C.G.: A natureza da psique, Petrópolis, Vozes, 1984, p. 208.

com o paciente, descobriria que existe uma posição intermediária. Em outros termos, descobriria que, depois de o sujeito relacionar-se com o objeto, temos 'o sujeito destrói o objeto' (quando se torna externo). E, então, podemos ter 'o objeto sobrevive à destruição do sujeito'. Porque pode haver ou não sobrevivência. Surge assim um novo aspecto na teoria da relação de objeto."⁶⁴

Na verdade, nessa espécie de antropofagia objetal quem mais tem perdido parece ser o próprio homem. É que apesar de toda compulsão a eliminar o objeto real, fica sempre entreaberto o cenário externo, como se este fora uma espécie de espelho funcional que, apesar das incongruências, ainda se torna capaz de ajudar o ser humano na reorganização de suas misérias, de seus desejos e fantasias. Isto se deve ao mundo de conflitos e carências internas que exige do indivíduo projetar-se na matéria, na esperança de um dia conseguir imaginar-se melhor.

Têm-se, nos últimos tempos, procurado viver e se olhar vivendo numa espécie de nivelamento com o mundo externo. Mas, faz-se necessário criar métodos em psicologia que sejam capazes, num esforço de distanciamento e ao mesmo tempo de aproximação com os objetos da natureza, de unir a significação verbal à sensorial, desenvolvendo assim a imaginação material. Vejamos o que diz Bachelard em relação à proposta psicoterápica de Desoille: "Robert Desoille propõe, por exemplo, que um sujeito aproveite-se de uma fenda para entrar nos rochedos, da menor clivagem para esgueirar-se dentro de um cristal. Subitamente, o sujeito que faz esse esforço imaginário para entrar

⁶⁴ WINNICOTT, D.W.; Conf. Ob. Cit., p. 125/126.

*numa intimidade da matéria dura descobre no próprio psiquismo, mas sempre na forma de imagem, uma espécie de concreção moral, um quisto moral, que será preciso dissolver, dividir." E continua Bachelard: "Ao descer pela imaginação numa coisa, o sujeito desceu em si mesmo. Porém nosso resumo didático não expõe bem a situação com imagens, e é preciso um certo número de sessões de sonhos acordados para experimentar como se pode colocar um sujeito em situação com imagens, em puro meio simbólico."*⁶⁵

O modo de colocar um analisando em contato com suas imagens internas pode se dar duplamente: ora, a nível de uma ação imaginária pura, por exemplo, imaginar-se-ia o cristal e depois esgueirando-se nele a partir de imagens propostas pela idéia do que seja um cristal; ou, entrar em contato manual com uma pedra de cristal verdadeira, buscando aprofundar a imaginação material, emprestando realidade ao psiquismo a partir do contato com a matéria mesma, esforçando-se por

⁶⁵BACHELARD, G.: Conf. Ob. Cit p. 311. Sem dúvida que é exatamente a esta maneira de simbolizar que pretendamos chegar com a nossa metodologia de trabalho. Faz-se necessário reconhecer a possibilidade de se estabelecer, metodicamente, em psicoterapia, um conluio entre objeto real e o objeto subjetivo. Nenhuma linguagem oral está livre de um certo narcisismo. Eis porque se torna fundamental estabelecer esta relação de cumplicidade entre o mundo de fora com o de dentro. Diríamos, pois, que pela praxis clínica, através da "relação de Objeto", analista e analisando se acham em vias de exercer o jogo necessário para que, através da projeção narcisista no objeto real, cheguem juntos e dialéticamente à produção de imagens libertadoras e ativas. O que o analisando encontra no objeto não é apenas um substituto para sua incompletude de ser humano, mais que isso, é a garantia de poder partilhar com o objeto de algo que lhe escapa como ser humano. O homem encontra nos objetos, quando em psicoterapia, aquilo que o faz mover na direção do desejo de imortalidade. É que somente o objeto real viabiliza a liberdade pela morte da ilusão do desejo. Se existe alguém que deve morrer, esse alguém é o homem. E seria um grave erro não assumir essa morte, projetando-a no objeto. A ilusão de que o "verbo" nos torna imortais é uma invenção narcisica e equívoca, alimentada pelo sujeito de linguagem que somos todos nós. No desejo de ser imortal, defende-se o sujeito, aderindo, perdendo, ou, o que é pior, matando o objeto que lhe escapa. Mas, matar o objeto que escapa é o mesmo que acatar a ilusão como solução para a perda, encontrando-se nesse sistema os indícios de uma alienação futura. Aqui, afim de levar o leitor à praxis, indicamos a leitura em nosso Anexo da parte que denominamos: "As máscaras que dançam". Nesta experiência vivida por um analisando francês, podemos reconhecer que, a "relação de Objeto" enquanto uma estratégia psicoterápica, leva o psiquismo a se ocupar no objeto real do objeto fantasmático, criando, esse mesmo indivíduo, condições de possibilidade para lidar terapêuticamente com as experiências relacionadas com a questão "vida/morte". Pode-se entrever nesta experiência, o quanto é salutar ter o objeto real como regulador do imaginário, conscientizando-se de que a "relação de Objeto" é a via ideal para mediar emoções antes presas em mecanismos delirantes do psiquismo; emoções estas, incapazes de atingir à consciência em virtude dos limites que apresentam nossa linguagem oral.

esgueirar-se por entre as fendas, o brilho, a cor e a dureza que o cristal pode oferecer à imaginação, contatando-o visual e sensorialmente no desejo de ligar a imaginação mental à imaginação porosa e visual.

Na verdade, nossas metodologias em psicoterapia continuam indecisas ainda quanto à real finalidade dos objetos externos. Espera-se muito da psicanálise verbal em detrimento do uso do objeto como "instrumental terapêutico". De uma maneira geral, tem-se recusado a ultrapassar o limite do verbo, limitando-se a trabalhar em torno da dinâmica dos objetos subjetivos. Não se sabe exatamente quando nem porquê utilizar os objetos como um recurso metodológico. Essa é a razão que tem aprisionado o psicoterapeuta na relação "sujeito-referente", privando a si mesmo e a seus analisandos, de extraírem sistematicamente suas próprias imagens da natureza.

Diríamos que ainda existe uma extrema ingenuidade no tocante à contribuição que os objetos em si mesmos podem oferecer como veículo para a consciência. Assim, como no chamado "homem primitivo", existira uma compulsão projetiva brutal na direção do objeto real, a ponto de, muitas vezes, pouco do que se via no objeto real ser verdadeiramente uma propriedade desse objeto; por outro lado, a partir da introjeção do objeto e sua subsequente noção abstrata, acredita o homem de ciência que a função do "objeto referência" é em si mesma suficiente para a efetivação do ato analítico: projeta-se o "primitivo" - cria-se o mito; projeta-se o "homem moderno" - cria-se a ciência. Subtrai-se, assim, ardilosa e narcisicamente, as reentrâncias empíricas do objeto, acreditando que ao "matá-lo" seria possível livrar-se das angústias nele projetado. Mas, objeto algum aceita ser fagocitado pelas sofisticadas formas de projeção do homem de ciência ou pelas fantasias místicas e numinosas. Tudo não passa de uma ilusão.

A magia das imagens

Quando Jung fala em "participação mística" com o objeto, trata-se na verdade de uma maneira encontrada pelo indivíduo de poder organizar-se e chegar à consciência, ligando-se de uma maneira mais efetiva e afetiva com um objeto, imantando-o pelo inconsciente. Mas, é justamente na checagem entre o que fora percebido do objeto real e o que na realidade vem a ser o objeto da percepção sensorial, que aparece no homem uma reação capaz de amadurecer seu psiquismo. Vejamos o que nos diz Jung: *"todos os conteúdos de nosso inconsciente são constantemente projetados em nosso meio ambiente, e só na medida em que reconhecemos certas peculiaridades de nossos objetos como projeções, como imagens (imagens), é que conseguimos diferenciá-los dos atributos reais desses objetos."*⁶⁶ Diríamos, então, que um discurso criado a partir da introjeção de um objeto real, pode vir a transformar-se em metáfora ou mesmo em uma idéia delirante. Naturalmente é preciso assinalar que cabe ao indivíduo manusear o objeto e discriminar sobre o quanto de imaginário pode padecer o seu real.

Observa-se que muitas vezes as torrentes de emoções inconscientes apoderam-se do objeto externo, neutralizando-o em sua função específica de objeto funcional. O sujeito é totalmente tomado pelo que pensa existir no objeto. Por outro lado, sabe-se que permanecer na obscuridade das projeções seria lamentável. Sendo assim, em análise, pode-se, através da "participação mística" com o

⁶⁶JUNG, C.G.; Conf. Ob. Cit. p. 202.

objeto real, levar à consciência situações e emoções internas, formalizando-as em imagens discriminatórias. Tal "participação mística" só comprova, apesar de ser considerada própria dos "primitivos", a necessidade da psique em iniciar o processo de conscientização, pela discriminação sistemática dos conteúdos projetados na matéria.

Essa alternância entre o objeto interno e o objeto enquanto "a outra realidade", é vivido no sujeito como um corte que lhe causa uma certa estranheza - a sensação de ser um estrangeiro em seu próprio mundo. A experiência que se vive na projeção, trata-se de uma experiência catártica na medida em que reenvia o indivíduo ao prazer de se sentir como parte do mundo dos objetos; tidos ora, como impenetráveis, ausentes; ou, ao contrário, presentes demais, comíveis, agressivos, quentes ou frios, duros ou moles, fantasmáticos, etc. Toda essa multiplicidade de objetos criados pelo inconsciente tem sua raiz no que Jung chama de "imago do objeto"⁶⁷

De fato, uma infinidade de conflitos e de situações duvidosas se fazem mover num jogo sistemático de reflexos e projeções, no desejo de estruturar-se através do poder regulador que oferece a matéria. O que seria do sujeito se não fora a realidade inversa ou convexa oferecida pelo objeto real? Todas as inovações e todos os jogos possíveis em psicoterapia seriam propriamente inviáveis sem o recurso eficaz, mesmo que idealizado, do objeto externo. Como nos diz Bachelard: "O rochedo é indispensável para contemplar o mar".⁶⁸

⁶⁷O termo Imago foi introduzido por Jung em 1911/1912 e continua a ser utilizado pela psicanálise. No que se refere à psicanálise junguiana, o termo serve para sublinhar o fato do psiquismo ser uma espécie de fábrica de imagens, e, que tais imagens podem, ora serem geradas internamente, através das atividades dos arquétipos, ora elas podem serem geradas a partir do contato com o que é externo ao sujeito. No caso específico do termo Imago, Jung o adota simplesmente quando quer se referir à imagens derivadas da mente subjetiva. Devido a importância do assunto para o nosso trabalho procuraremos, no anexo, aprofundar-mos um pouco mais esta questão.

⁶⁸BACHELARD, G.: Conf. Ob. Cit. p. 303.

Diríamos então que todas as formas analíticas em psicologia clínica encontram-se centradas nesse eixo que vai da projeção absoluta no objeto à contra-projeção sistematizada que pode vir a ser estabelecida pelo jogo entre o objeto dentro e o objeto fora.

O cenário analítico: uma zona intermediária para o Objeto.

Certamente que o objetivo, primeiro do jogo analítico está em estabelecer condições para a alegria do retorno do objeto. Mas diríamos que, só a partir do espaço criado, tanto pelo Objeto como para o Objeto, é que o analista pode pensar em proporcionar o jogo completo como uma proposta psicoterápica. Tal questão é um pouco complexa: precisamos criar o espaço concreto criando o espaço teórico para o "retorno do objeto" e, vice versa, criar o espaço teórico para que realmente o objeto não seja esquecido pelo terapeuta assim que ele termine sua função. Sabe-se que sem uma teoria sobre o uso do objeto como "instrumental de trabalho" se torna inviável a tarefa de fazer o objeto sobreviver às investidas metafóricas e muitas vezes ambíguas da linguagem verbal. Daí se faz necessário examinarmos aqui em que consiste o cenário analítico tendo em vista a "relação de Objeto".

Ver-se-á que, para a sobrevivência do objeto enquanto "instrumental terapêutico", o cenário analítico é um "espaço-ideia" que deve atribuir um espaço concreto para a estruturação da relação analítica em base ao Objeto. Daí o seu fundamento está condicionado ao manuseio de um objeto concreto. Nesse caso, o cenário analítico é que deve ser "transicional" e não o objeto do jogo. A tríade "analista-objeto-analisando" estaria mais para uma relação

"transacional" uma vez que a proposta é subverter o modelo de cenário analítico fundado na "morte do objeto". Haveria portando uma "transação de sentimentos, imagens e emoções" que comporia a totalidade do quadro analítico e se efetivaria num cenário analítico transitório e maleável. Isso equivale a dizer que as reações entre o analista, o objeto e o analisando, enunciariam o espaço potencial de um cenário aberto a qualquer tipo de mudança. Este reconhecimento vai dar ao analista e ao analisando a possibilidade de brincar com a própria estrutura do "setting", visando sempre uma intervenção mais eficaz, absolutamente manejável ao nível verbal e material.

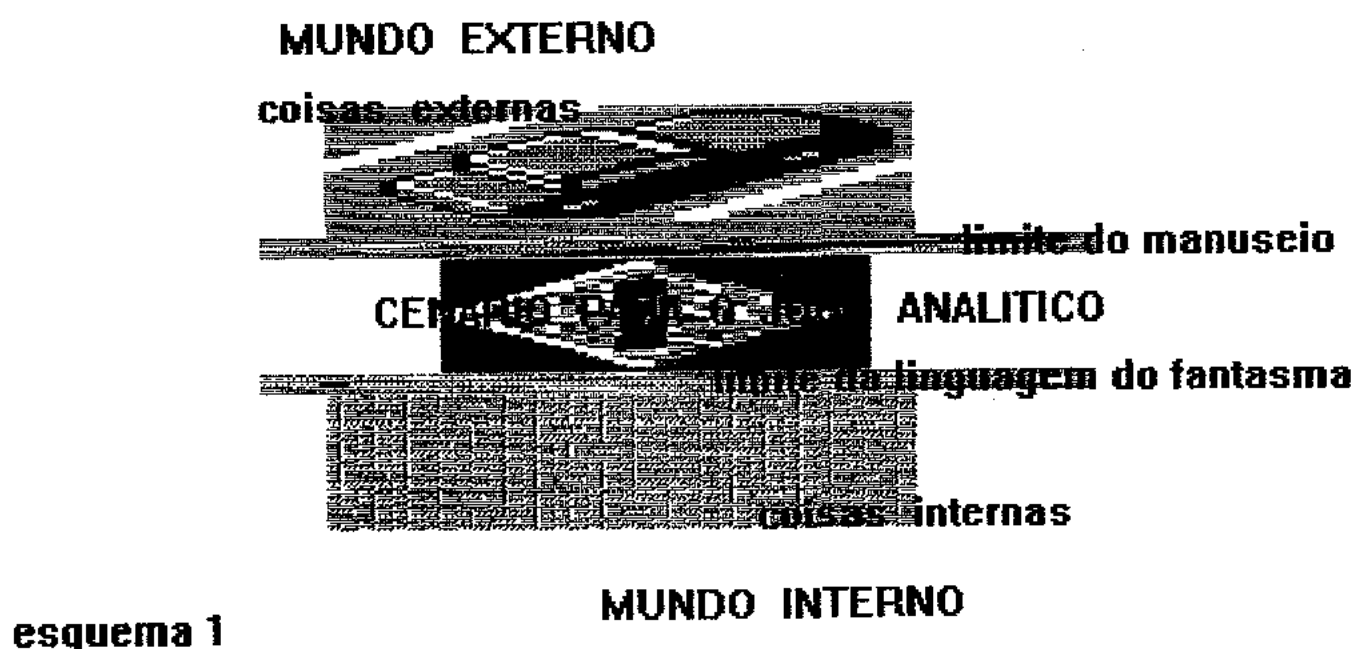
Diríamos então que a montagem do cenário analítico aparece como um modo de enunciação do espaço formal criado entre o referente e o objeto real (conf. gráfico abaixo). Como tal ele deve oferecer a textura para a experiência de encontro entre o objeto dentro e o objeto fora do sujeito. Esta seria a regra a ser observada pelos analistas: o objeto interior conta, mas este objeto não pode se confundir com o objeto externo de maneira a eliminá-lo do enquadre analítico. Sendo assim, o objeto real seria o terreno "fora da psique" por onde os objetos fantasmáticos atingiriam à luz de uma interpretação fundada numa imagem real. Aqui, poderíamos então dizer: "tocar" e ser "tocado" pelas coisas internas e externas; discernir sobre o contato com o frio e o quente, do duro, do tenro, do seco, do frágil; "brincar" com o nosso próprio corpo a partir da materialidade das coisas que nos rodeiam, e poder então elaborar a identificação narcísica através da imaginação material e verbal, designará, em relação ao cenário analítico, uma série de procedimentos onde o agir

do objeto concreto apareceria como fonte viva e criativa para o ato interpretativo.

Dito isto, abre-se uma reflexão sobre a maneira de intervir do analista. Nesse caso, o universo interpretativo se coloca como operante de um simbolismo poroso que procura lidar com as fantasias do analisando através da fabricação de imagens. Nessas imagens, os fantasmas internos encontram sua unidade na imagem modelada na matéria escolhida como objeto. Tal imagem será mais do que o reflexo de uma projeção interna, nela a libido ganha um contorno que guarda a marca de uma imagem-ação. Aqui, tem-se a sensação de que foi o objeto fora que fabricou a imagem interna. O mundo das coisas, neste caso, não apareceria como algo desconectado dos conteúdos do inconsciente; ele seria um ponto de apoio para o indivíduo, transformando-o no artesão de sua própria consciência. Sendo assim, manusear um objeto nesse novo cenário analítico, revela e atualiza as emoções antes limitada pela imaginação verbal.

O que atrai nessa nova dinâmica, tanto ao analista como ao analisando, seriam a reconstrução e o aspecto transitório do espaço do jogo. Nele, tanto o analista como o analisando e o próprio objeto transitam livremente suas emoções. É óbvio que a produção de um novo espaço físico, adequado ao uso do objeto material, faz avançar a técnica, e o que consideramos mais importante - amplia o "espaço realidade" porque ampliara antes o espaço do sonho. Sem dúvida que um cenário transitório e maleável, nos leva a uma nova maneira de abordar a ação em psicanálise, e ajuda a formular uma nova fisionomia do ato interpretativo, relacionando e associando o mecanismo psíquico de simbolização ao prazer de uma intervenção onde o visual e o tátil

busca jogar "à la joie de la réapparition". Vejamos esse nosso esquema abaixo :



A imaginação porosa

" Il est intéressant de prendre conscience que, en même temps que des activités extérieures viennent alerter notre appareil sensoriel, notre corps fait lui-même partie de ces activités extérieures; nous voyons notre poitrine, nos épaules, nos bras, nos mains qui sont eux-mêmes des objets pour notre perception. Je dis "ma main" et je la distingue du reste de mon corps; en tant qu'objet elle est séparée de mon poignet et de mon bras."

TIRY⁶⁹

Insurgindo-se no cotidiano das coisas, fazendo-se petrificar a cada instante em algo de material, de palpável, o analisando projetaria também pelas mãos. Quando o psicanalista abandona a "relação de objeto" pela "relação de Objeto", isto significa que todo o processo de simbolização seria encaminhado tendo em vista chegar à "imaginação verbal" pela "imaginação porosa". Metodicamente inserido em composições temáticas, como por exemplo, trabalhar a questão "paterna e materna", o analisando, tendo um determinado objeto como

⁶⁹TIRY, G.; Conf. Ob. Cit. p. 27.

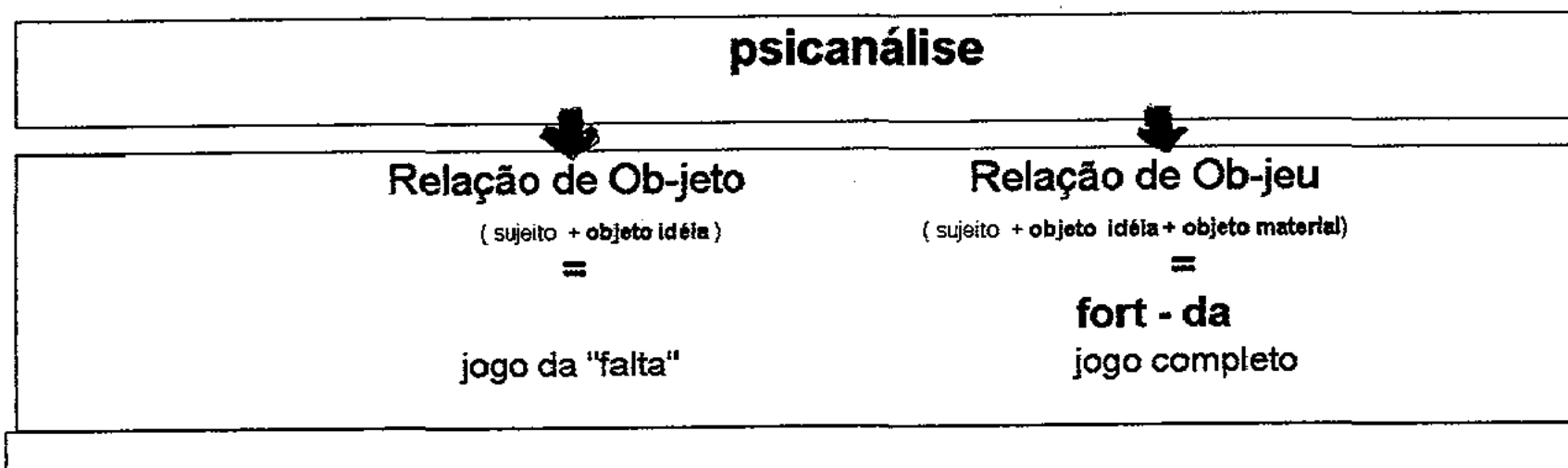
suporte para a simbolização, embrenha-se em meio a seus fantasmas e fantasias a fim de compreendê-los vivamente através do "brincar" analítico.

Quando, por exemplo, o objeto escolhido para compor a tríade analítica é a argila, a "imaginação-imaginante", vivamente lúdica, se liga à sua viscosidade material, direcionando o desejo imaginante para imagens impregnadas do realismo argiloso. O profundo poder do objeto real é essencial à organização interna do analisando. No caso, a argila favoreceria o dinamismo poroso. Assim, a fantasia manipulada através da "imaginação porosa" se apresentaria como o recurso por excelência para se chegar a uma ação mais direta em psicoterapia. Diríamos, numa alusão ao *Fort da* anunciado por Freud, que o "retorno da bobina" é garantido pela funcionalidade do objeto externo. Assim, o analisando ao confrontar-se de maneira mais objetiva com os aspectos sombrios de seu psiquismo, redescobriria e recuperaria o prazer de simbolizar pelo objeto real.

Convém anunciar aqui que nestes últimos quinze anos, a nossa atividade clínica se desenvolveu através da "relação de Objeu". A argila acabou sendo escolhida como vetor do simbólico. Após trabalharmos com diferentes objetos da natureza, como bambus, madeiras, conchas, tintas, pedras, etc. - a escolha recaiu sobre a argila. Assim, a nosso ver, a argila até o momento tem constituído o melhor objeto para "jogar" o jogo do retorno, procurando liberar a praxis analítica de uma identificação com a lógica do "objeto perdido".

Poder-se-ia dizer que na "relação de Objeu", o valor real do objeto romperia com o aspecto redutor do "quadro analítico" liberando

a imaginação. Com efeito, a ausência de qualquer um dos elementos que formalizam a tríade "analista-objeto-analisando", limitaria a ação analítica e serviria para perpetuar determinadas neuroses, aumentando as tensões internas. Na verdade, a maneira de conduzir a situação analítica pela chamada "relação de objeto" possui o inconveniente de postular objetos ausentes. Já o método psicanalítico, pela "relação de Objeu", conserva os dois lados da dinâmica do *Fort-da*, criando condições para o retorno do objeto material, antes perdido em meio às hipóteses semânticas sobre um ideal de objeto. O ponto de partida é o seguinte: o analista intervém no enquadre para fazer a conversão do "objeto idéia" no "Objeu"; restabelecendo em seguida, através do jogo com o objeto real, a dialética entre o mundo interno e o mundo externo. Em resumo, poderíamos traçar o seguinte gráfico:



Relação de Ob-je-to: Nenhum analista substitui o objeto real. Assim sendo, a dita "relação de Objeto" é na verdade uma "relação de sujeito". Daí a necessidade de reconsiderar o papel da linguagem verbal na praxis analítica. Quando a praxis analítica se volta unicamente para o manuseio do referente linguístico, a questão simbólica se vê limitada a um conceito de realidade que resvala inapelavelmente para uma concepção literária dos processos inconscientes. No caso dessa dicotomia perigosa, o *jet* não passa de arranjos subjetivos que se desdobram num modo específico de articulação de significantes e significados que se acham prisioneiros da realidade circunstancial da linguagem oral. Estamos convictos que com o tempo, a psicanálise verbal tenderá a se transformar em psicanálise literária, obrigando a praxis analítica a retomar a "relação de ob-jeu" como a estratégia ideal para o tratamento da neurose. Certamente que a relação entre o objeto fantasmático e o objeto material constitui uma nova linguagem, isto é, um modo específico e inovador que envolve a realidade circunstancial do analisando no mecanismo de representação proposto pelo objeto real.

Relação de Ob-jeu: o que sobressai desta maneira de psicanalisar, por certo, é que não existe um divórcio entre a linguagem verbal e a linguagem manual. Aqui o jogo é completo e o retorno do objeto se faz de maneira real. O objeto existe realmente, não sendo substituído pela idéia de "bobina", e o psicanalista deixa de ser um objeto subjetivo para se tornar um ser real como o próprio analisando. A relação é triádica e a simbolização acontece em base ao *Fort da* original onde o papel do objeto é representado pelo próprio objeto (no nosso caso a **argila**) e não pela referência, como o é na filosofia e nas ciências linguísticas. Aqui a ação analítica é conduzida pelas mãos que se juntam ao "verbo" insistindo na trilha do jogo completo.

CAPÍTULO III

A VIA DA ARGILA

" On est bien obligé de convenir qu'avec la terre molle on touche un point sensible de l'imagination de la matière. L'expérience qu'on en prend renvoie à des expériences intimes, à des rêveries refoulées."

BACHELARD⁷⁰

Símbolo da matéria primordial, mistura de terra e água, a argila se oferece como a massa ideal à dialética do Eu e do inconsciente. O Eu pode se atualizar pelos gestos e pelas palavras do analisando que se mobilizam e sofrem transformações no interior da relação com a argila. A argila não dissimula, está sempre a revelar as nuances do

⁷⁰ BACHELARD, G.: La terre et les rêveries de la volosté, Paris, J. Corti, 1992, p. 133.

latente. Como uma pedra litográfica ela entra como o terceiro elemento que se submete à tintura simbólica, favorecendo a gênese do Eu. Assim, o Eu terá o seu registro definido a partir da utilização da argila como "instrumental de trabalho".

Nossa experiência tem testemunhado o surgimento e a evolução de imagens simbólicas, fortemente cunhadas na argila. Tais imagens são combinações inconscientes que nos permitem entrever o surgimento de uma nova escritura no imaginário. É esta seriação de imagens gravadas na argila que servirá ao analista como o elemento vivo para o exercício de uma intervenção verdadeiramente eficaz. Após alguns anos de experiência onde experimentamos vários outros materiais como "objeto do jogo analítico", a argila se impôs como a massa mais apropriada para "sub-ordenar", incorporar e integrar os conteúdos psíquicos carregados de energia afetiva.

Durante a sessão, quando o inconsciente é confrontado com as forças dinâmicas de inovação que atuam através da argila, percebemos que o manusear da argila leva o analisando à arquitetura e ao planejamento de suas imagens internas. Esta tentativa de classificação externa pelas imagens internas, absorve os traços dinâmicos da argila, introduzindo um distanciamento necessário à consolidação do Eu. No desejo de discriminar-se, o analisando envereda seus esforços para alcançar a verdadeira expressão de seu Eu. Com isto desembaraça-se de um "Eu-ideal", quando ele se reconhece como capaz de projetar no exterior uma idealização narcísica, opondo a esse Eu-ideal, as imagens de um "não-Eu sensorial", este, marcado pelo testemunho material.

O mais importante, para o analisando, é lidar com o existir de uma imagem concreta e poder reconhecer-se nela, revelando-se como um mundo pleno de imagens virtuais e fantasmáticas. Como observa Monique Augras: "*A percepção do mundo estabelece a coexistência do sujeito e do objeto, na sua interdependência. A coexistência do objeto é também coexistência de si. A percepção do objeto pelo sujeito é parte integrante desse objeto. Isto não quer dizer necessariamente que o mundo não exista fora do sujeito, mas que o mundo é apreendido pelo sujeito como manifestação.*" E continua Augras: "*Deste modo, sujeito e objeto, homem e mundo vão criando-se reciprocamente. A construção das categorias da realidade instaura-se no caminho das superações sucessivas das contradições entre sujeito e objeto. Não são mutuamente reduzíveis. A consciência do objeto, ao mesmo tempo em que afirma a sua presença, testemunha também tratar-se de algo exterior, jamais completamente abarcado.*"⁷¹ Naturalmente, que esse desejo inconsciente de unir-se à matéria à procura do autêntico, pressupõe uma dimensão expressiva suplementar (o símbolo propriamente dito), que só se torna viável graças à justaposição de imagens pela via da "relação de Objeto".

Felizmente que a psicanálise não se limita à linguagem oral. Isto contudo, não faz mais que estimular o enquadramento da argila como uma espécie de "bobina" capaz de abrir os diques dessa força motriz que são nossas mãos. Pelas mãos os processos reflexos se ligam na argila, favorecendo o manuseio do real. Assim, o desejo realizar-se-á através de uma simbolização porosa, atraindo o que

⁷¹ AUGRAS, M.: O ser da compreensão, Petrópolis, Vozes, 1981, p. 20.

existe de sensorial na semiose onírica, e aproximando os sonhos da natureza funcional da argila enquanto Ob-jeu. Aqui, o discurso inconsciente adquire o valor e a função de "imagem-realidade", buscando através de formas manuseadas na argila um estado de percepção objetiva da realidade. Tais formas agirão sobre o psiquismo produzindo sonhos e devaneios. Dessa forma, o analisando é capaz de transgredir o mecanismo psíquico produtor de metáforas e fornecer um amplo material concreto para a análise de suas fantasias. Abandona-se assim a rigidez da metáfora verbal para vincular-se às imagens verbalizadas, adentrando-se no realismo das imagens cunhadas na argila e inserindo o analisando em metáforas plásticas.

Mas, para fazer funcionar esta maneira de psicanalisar, é preciso esforçar-se para se deixar penetrar, como uma espécie de alquimista, pela estrutura da matéria, abrir-se ao manuseio silencioso do barro e se insinuar na experiência demiúrgica de quem quer ligar o prazer de falar e ouvir, ao prazer do manusear. Retorna-se assim, de uma imaginação difusa e longínqua, à uma imaginação pulsante e presente. Diríamos que por detrás da concretude do objeto, o analisando encontra, paradoxalmente, a transparência de uma equação funcional capaz de reestruturar a dissociação imposta por uma espécie de dialética conflitual entre "sujeito-objeto". Como nos dissera bem Augras: *"A consciência da consciência do objeto igualmente reconhece a inesgotabilidade do sujeito. Assim permanece a cisão entre o sujeito e o objeto, geradora de tensões, definindo logo a existência humana em termos de conflito. O conflito não deve ser entendido aqui como algo ruim, indesejável, e portanto inútil e nocivo. Expressa, antes, a luta*

necessária entre tendências contrárias que, sucessivamente opostas e sintetizadas, compõem o próprio processo da vida."⁷²

Desta forma, apropria-se o indivíduo dos intervalos da matéria, fazendo avançar o processo de transformação pessoal pelas vias táteis. Através da justeza metódica da troca entre as mãos e a argila, numa dialética do "moderar" e do "excitar", do "esconder" e do "revelar", a prodigalidade funcional da argila toca o ponto sensível da imaginação, encontrando, dessa maneira, a reação mais adequada para fortalecimento do Eu frente às exigências internas e externas.

Certamente que o movimento da matéria pode se compor a cada momento com a subjetividade humana. Contudo, o que mais nos espanta neste tipo de associação extremamente complexa, é que "matéria" e "subjetividade humana" se encontram paradoxalmente limitadas e ilimitadas uma em função da outra. Observa-se que no caso da "relação de Objeto", é justamente esta complexidade paradoxal que permite ao psiquismo de fazer fluir a energia libidinal, ajudando na construção do Eu. O "não-Eu" quer transformar-se num corpo sólido, dando ao analisando a sensação de ser "tocado" pelo "de fora"; sem, no entanto, deixa-lo sentir-se cegamente absorvido pelo exterior. Nesse sentido, diríamos que o analista na "relação de Objeto", procura reconhecer nas aparências que lhe oferecem os corpos materiais, o elemento sólido capaz de exprimir a interação dialética entre o "de fora" e o "de dentro". Nesse caso, a percepção de um "Eu-

⁷²Ibid. p. 20.

oralidade", se desloca na direção de um "Eu-pele"⁷³, permitindo à pulsão contatar-se com a função de uso que o Objeto oferece ao psiquismo, e que se encontra aprisionada quando se trata de uma psicanálise exclusivamente verbal.

1. O RENASCIMENTO DA IMAGINAÇÃO POROSA

" ó jogo leve dessa massa pesada
e de duas mãos que a estão trabalhando!
com uma onda sem fim de imagens perecíveis
vai torturar meus dedos dormentes, meus olhos lassos.
os duros relevos de meu mais caro tormento!
- ah! deter-se! ah! encontrar o sólido,
a frente fechada sob os cabelos do vento!
os dedos duplicados por uma lembrança de argila
em movimento sob o desejo das mãos. "

JEAN TARDIEU⁷⁴

" Il faut donc dire que,
à proprement parler,
ce n'est pas vraiment la main qui manie,
mais bien l'âme qui la dirige et qui,
en tant que telle,
est analogue à la main."

JEAN BRUN⁷⁵

Desde sua entrada como um dos componentes do cenário analítico, a argila permite ao analisando lidar concretamente com imagens de

⁷³ Seria interessante aprofundar as idéias de Didier Anzieu a propósito do que ele chama de "Moi-peau". A nosso ver, como em Winnicott, Anzieu exerce e pensa uma psicanálise bem próxima do que chamamos de "relação de Objeto". Mereceria esforçar-se em fazer um estudo à parte. De qualquer maneira refletamos um pouco sobre isto que nos diz Anzieu: "*La surface du corps nous permet de distinguer les excitations d'origine externe de celles d'origine interne. De même, une des fonctions capitales du Moi, consiste à distinguer entre ce qui relève de moi-même et ce qui n'en relève pas, entre ce qui vient de moi et les désirs, les pensées, les affects des autres, entre ce qui est une réalité physique (le monde) ou biologique (le corps) extérieure au psychisme; c'est la projection dans le psychisme de la surface du corps, c'est-à-dire de la peau, qui constitue ce feuillet, cette interface, pour parler en termes scientifiques modernes, qu'est le Moi. En effet, l'expérience tactile possède cette particularité, par rapport à toutes les autres expériences sensorielles, d'être à la fois endogène et exogène, active et passive.*" (ANZIEU, D.: *Une peau pour les pensées*, Paris, Apsygée, 1991, p. 62/63.)

⁷⁴ TARDIEU, J.: *Pigmalion au travail*, Accents, Conf. Cit. Bachelard, G.: *A terra e os devaneios da vontade*, S. Paulo, H. Fontes, 1991, p. 81/82.

⁷⁵ BRUN, J.: *La main et l'esprit*, Paris, PUF, 1963, p. 9.

emoções que constituem em si mesmas o núcleo de entraves psíquicos. O manusear tem o poder de formular em significações simbólicas, os primeiros investimentos da libido, preparando o psiquismo para a simbolização. A nossa intenção nesse trabalho tem sido a de esboçar um modelo de intervenção analítica, baseado no que chamamos de "*relação de Ob-jeu*". Assim, procuramos verbalizar sobre o tipo de enquadre que tem nos favorecido na utilização das mãos e da argila como "instrumental de trabalho", facilitando o desenrolar da simbolização porosa em nossos analisandos.

Para nós, a "relação de Objeu" deve funcionar como fonte para as descobertas subjetivas do analisando. Nesse tipo de enquadre, o terceiro regulador é o objeto real. Para nós a linguagem, assim como a pele do corpo, é parte do sujeito. Ainda que ela tenha sua estrutura separada e os linguistas tentem pensa-la como algo fora do sujeito, na verdade ela só é viva no sujeito. Sendo assim, nenhuma linguagem verbal pode ocupar o lugar do objeto real e conseqüentemente vir a eleger-se como o "verdadeiro" "terceiro elemento". Portanto, a linguagem verbal é nada mais que um recurso inventado pelo indivíduo; uma espécie de musicalidade que nasce de uma sintonia entre os barulhos de objetos internos com os externos. Diríamos que a linguagem falada possa ser considerada como um "terceiro regulador", mas ainda subjetivo, servindo para produzir símbolos semânticos e limitada enquanto "fala" ao seu valor de uso. Um indivíduo mudo, por exemplo, embora esteja impedido de usar as palavras em sua expressão oral, nem por isso deixa de viver com intensidade seu processo de individuação. Diríamos que durante toda

a sua fase de desenvolvimento psicológico a experiência instintual o teria levado à falar através das mãos e de outros sons guturais.

O verdadeiro "terceiro regulador" é da ordem das coisas concretas. Ainda no útero, o bebê espontaneamente procura integrar-se em meio às leis físicas do ambiente em que está inserido. Neste caso, o simbólico desliza da ordem mantida pela placenta, esta última preenchendo uma certa função como objeto externo. Aqui se instaura a primeira estrutura de relação, uma espécie de *Fort-da* uterino, e que mais tarde dará as condições necessárias para a sobrevivência da criança no mundo. Ao nascer, cria-se uma ruptura radical com este espaço uterino e instaura no bebê o desejo de por fim a simbiose da experiência originária. Mas, é preciso se conscientizar que a placenta teria sido o primeiro objeto material a mediatizar toda a sua formação biológica e psíquica. É estranho que nunca se tenha pensado em medir o valor da placenta como autoreguladora da libido uma vez ter sido ela o berço de toda subjetividade humana, e lugar de origem do próprio corpo do indivíduo. Na verdade, a placenta remonta ao paraíso perdido.

Na "relação de Objeto", a argila foi a escolhida para ser esse "terceiro regulador", uma espécie de placenta da mãe natureza que serve para, em outra dimensão, dar continuidade ao brincar uterino. Certamente, a argila entra como mediadora da ordem simbólica por estar ligada a essa espécie de "fase placentária" em que todos vivemos um dia. Daí sua dimensão universal. Portanto, a argila é anterior à fase anal onde muitos psicólogos procuram erroneamente enquadrá-la.

Como vemos, a argila entra no imaginário como um fator externo e interno ao mesmo tempo. Assim ela se liga aos fantasmas e acaba produzindo uma alternância dialética entre a atividade e a passividade dos processos internos do analisando. Isto a faz verdadeiramente salutar como estratégia para lidar com a neurose. Nesta perspectiva, pode-se dizer que o desejo do real é alimentado pelo prazer do manuseio da argila. Importa assinalar que ao introduzirmos a argila como o terceiro elemento da "relação de Objeto", estaríamos contribuindo largamente para a articulação do lado prazeroso do processo de simbolização. Mas em psicanálise, isso só se torna viável, se o analista resolver relativizar a "relação de objeto" pela estrutura lúdica da "relação de Objeto".

Como se pode alcançar isto? O analista deve procurar todas as ocasiões para familiarizar o analisando no manuseio do barro. Na medida do possível trabalhar pela "imaginação verbal" o desejo do analisando, criando condições para que se possa, pouco a pouco, ultrapassar a "relação de Objeto" pela "relação de Objeto". O mais importante é levar o analisando à simbolização porosa. Convenhamos que por vezes a sedução em torno da idéia de manusear o barro introduz o analisando nesse tipo de relação analítica triádica e concreta. Mas, convém salientar que de início, a intervenção do analista deve ser mínima. A ação do analista não deve ser arbitrária, deve estar voltada exclusivamente para a montagem do "setting", para a escolha da argila e, fundamentalmente, na preparação psicológica do analisando à essa nova maneira analítica de revelar e lidar com a arquitetura de suas emoções.

1.1 Fort-da-fort-da: a redescoberta do prazer funcional

" Y este objeto, tomando cuerpo inmediatamente en la pareja simbólica de dos jaculatorias elementales, anuncia en el sujeto la integración diacrónica de la dicotomía de los fonemas, cuyo lenguaje existente ofrece la estructura sincrónica a su assimilación; así el niño empieza a adentrarse en el sistema del discurso concreto del ambiente, reproduciendo más o menos aproximadamente en su *Fort!* y en su *Da* los vocablos que recibe de él."

LACAN⁷⁶

A tarefa do analista é a de criar condições para o jogo completo, enquanto a do analisando seria a de deixar-se revelar pelo prazer do jogo. Para a criança, não é uma tarefa fácil fazer a passagem do brincar com sons e objetos ao surgimento da comunicação verbal. Da mesma forma, tentando efetuar a associação do impulso lúdico à formulação das primeiras frases com sentido, o analisando sentirá dificuldades em retomar em análise o ritmo desse jogo simbólico. Mas, faz-se necessário esforçar-se para encontrar novamente, através da "relação de Objeto", a expressão original simbólica e tentar veicular o discurso sensorial das emoções por vias menos abstratas.

Freud nos fala da importância determinante que os primeiros anos de vida exerce no indivíduo: "*Há muito tempo é do conhecimento comum que as experiências dos cinco primeiros anos de uma pessoa exercem efeito determinante sobre sua vida, efeito que mais tarde pode enfrentar. Muita coisa que merece ser sabida poderia ser dita sobre a maneira como essas impressões precoces se mantêm contra qualquer influência em períodos mais maduros da vida.*"⁷⁷ Por outro lado, Jung ressalta que a vida se passa na frente e não necessariamente

⁷⁶LACAN, J.: Escritos; México, Siglo veintiuno edit., SA, 1972? p.136.

⁷⁷FREUD, S.: Moisés e o Monoteísmo, Rio, Imago, livro 10, 1975, p.145.

preocupando-nos em rever traumas infantis. Contudo, não há dúvida que Freud e Jung apontam para metas complementares.

Sabe-se que os primeiros anos de uma criança está marcado pelo ambiente em que se encontra inserida. Desde o início apresenta uma certa lentidão em tornar-se consciente de seu papel no mundo e a liberar-se da relação simbiótica com os pais. Diríamos então que seria pelo universo de "coisas" que a cercam que terá oportunidade de desvencilhar-se dos pais e de si mesma, e vir a apresentar um caráter mais ativo. O essencial é ver que a passagem que conduz ao prazer de se saber diferente e independente, deve-se, por assim dizer, ao jogo que a criança estabelece com o mundo do "de fora". A noção de "real", ou melhor, a certeza de se saber existir como um "Outro", começa a ser articulada pelo bebê em meio ao "brincar" entre os objetos reais. Daí é que ele chegará aos objetos semânticos. No *Fort da* inicial, (dizemos "inicial" porque na verdade esta estrutura do *Fort da* se perpetua pela vida inteira através de todo tipo de variação objetal), a criança se solta da pele da mãe para descobrir-se em seu próprio corpo, e solta-se de seu corpo para descobrir-se em corpos de objetos soltos no espaço.

Por outro lado, o tempo inteiro a criança, através da fala do adulto, é revestida pela linguagem verbal com suas sintaxes e conteúdos já programados para influencia-la. Mas isto não invalida o fato de ser ela enquanto sujeito, posterior à linguagem verbal. Na verdade, uma das condições de possibilidade da linguagem oral é a linguagem gestual, fundada na dinâmica porosa e desenvolvida, como falamos, ainda na fase uterina. É por isso que todo ato de fala já vem marcado por uma significância que nasce da relação dialógica

inclusa nessa espécie de *Fort da* uterino. Portanto, não seria porque a criança não fala em seus primeiros meses de vida que a linguagem porosa já não esteja abrindo caminho para a presença do verbo. Mesmo se na idade adulta vemos o indivíduo dominar o universo que o cerca através da linguagem verbal, nem por isso, a criação do real escapa de uma marcação sistemática e funcional das séries de objetos externos. Existe uma imbricação causal entre a natureza do objetos interno e externos. Ao objeto externo cabe oferecer ao indivíduo, o som, a imagem e a porosidade necessária ao discernimento das introjeções suportadas por ele através da luta pela sobrevivência. Vejamos o que nos dizem Ogden e Richards: "*Evidentemente, a menos que um som ou imagem se distinga, consciente ou inconscientemente, de um outro som ou outra imagem, nenhum uso da palavra é possível*".⁷⁸ Criar linguagem é uma tarefa árdua, e seria ainda mais desagradável ter que constituir-se como "ser de linguagem" apenas em torno da introjeção do verbo, sem a ajuda artesanal dos objetos reais.

É aqui que aparece a homologia entre a lógica dos objetos internos e o contra-discurso irracional dos objetos externos. A medida encontrada para elaborarmos uma síntese, está na transgressão de um e outro desses objetos. Daí reconhecermos a importância do objeto surrealista para o advento do Objeto como uma estratégia para a praxis psicoterápica. De uma certa maneira o Objeto quer teoricamente possuir a funcionalidade do objeto surrealista, fazendo avançar os objetos semânticos e a própria psicanálise. O que nos aproxima do objeto surrealista é o fato de pregarmos um jogo híbrido entre a

⁷⁸OGDEN, C.K. e RICHARDS, I.A., *Ob.Cit.* p.215.

imago do objeto e a funcionalidade do objeto real. Quanto ao que nos separa, seria que o jogo do Objeto quer situar-se também "para além" do sujeito e do próprio objeto isolado, ou seja, transcender um e outro na procura do sentido maior que eles pretendem anunciar.

Poderíamos enumerar algumas das vantagens que nos oferecem os objetos concretos no que diz respeito à formação de nossa consciência. Contudo diríamos que a principal seria a emoção vivida internamente quando, ainda crianças, encontramos nas formas objetais, na arquitetura mesmo dos objetos, em suas reentrâncias, em seu modo arredondado ou curvado de ser, uma espécie de ninho para gerar nossos primeiros sons e palavras. Aqui perguntamos com Abbott: "*... o que são as palavras senão brinquedos e guloseimas para bebês crescidos que a si próprios chamam homens?*"⁷⁹ No entanto, é nesse jogo de brinquedos e palavras que o indivíduo se torna um ser simbólico capaz da palavra geradora do simbólico.

À consciência dos objetos internos ou, da imago do objeto como diríamos numa linguagem junguiana, não implica em realizar o desejo de "matar" o objeto fora, transferindo o jogo analítico para os bastidores do indivíduo. Seria um erro querer modelar o *Fort da* em bases somente subjetivas. Sabe-se que a passagem feita pela criança através das cenas do desaparecimento e do reaparecimento de objetos que tem na mão, evidenciam uma dinâmica de gesto-palavra-ação que aponta para uma totalidade que não deve ser reduzida à linguagem oral simplesmente. A atenção deve estar ligada na gestalt do jogo e não no deslumbramento da descoberta da linguagem como modelo de

⁷⁹Conf.Cit. em OGDEN e RICHARDS, Op.Cit. p.39.

representação. O objeto concreto, pelo fato dele se transformar em re-presentação, não deixa de ser a força motriz capaz de melhor articular o real. Neste caso, a categoria de real estaria sendo formalizada, recuperada e reconduzida pelas veredas privilegiadas do *Fort e do Da*.

A partir da leitura de Le Bon, Freud percebe que nos indivíduos e mesmo nos grupos, existe muitas vezes um desinteresse que faz o sujeito conviver com contradições internas sem muito conflito. Daí concluíra Freud: "*as idéias mais contraditórias podem existir lado a lado e tolerar-se mutuamente, sem que nenhum conflito surja da contradição lógica entre elas.*"⁸⁰ Isto indicaria uma capacidade humana de conviver com a ambigüidade e mesmo com a contradição, sem que isso angustiasse o sujeito a ponto de dilacerar seu imaginário. É essa capacidade da psique de "transcender" a contradição desenvolvida quando em contato com os objetos internos que Jung denominaria de "função transcendente".

Mas atentemos que é justamente do encontro dos objetos internos com os externos que devemos essa resistência humana ao conflito. O homem aprendeu com os objetos da natureza a resistir aos embates com dignidade, a transformar ou a suportar os transtornos da vida, esperando que uma nova situação desponte como solução. Assim, o mundo externo com seus objetos em série, ora cria mal-entendidos insolúveis em relação aos objetos internos, ora é o seu valor enquanto objeto de uso que promove a ordem e a coerência entre às nossas inumeráveis e muitas vezes contraditórias emoções.

⁸⁰FREUD, S.: Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e Outros trabalhos, Rio, Imago, XVIII volume, p.103.

Como dissera o próprio Freud, o "Eu" é antes de tudo um "Eu" corporal. Certamente que o indivíduo não chega ao aparecimento da linguagem sem antes ter passado pelas coisas. Ser sujeito de linguagem implica em ser sujeito de "coisas". Como já fora dito, "coisas" aqui não são idéias sobre as coisas, são qualquer tipo de objeto concreto. Logo, nenhum *Fort da* é possível através somente da linguagem verbal, naturalmente que ele deve promover o simbólico também pelo sensorial dos objetos externos. Vejamos o que diz Merleau-Ponty: " *a linguagem não é coisa nem espírito; ao mesmo tempo imanente e transcendente, está para ser encontrado o seu estatuto.*"⁸¹ E, diríamos nós, que tal estatuto não pode ser encontrado pela exclusão da presença do objeto real. Se é que se deva encontrar um estatuto para linguagem, este jamais será encontrado na tentativa de ocupar o lugar do objeto real pelo assassinato do objeto. Na verdade o símbolo se manifesta no reconhecimento da coisa que retorna; é no retorno que se encontra o objetivo do jogo, como já nos dissera Freud em "Para além do princípio do prazer". A insistência da teórica em querer jogar o jogo do "objeto perdido" é na verdade um desvio da verdadeira dinâmica do *Fort da*.

Um jogo que se pretende funcional apenas pelo "verbo", perde a identidade do objeto real e morre para uma representação substancial. Diríamos que o imaginário não aceita a prevaricação dos teóricos contra o estatuto do objeto real. Se o objeto real é eliminado pela linguagem teórica, sua morte fará nascer no imaginário o delírio metafórico da "ausência". Nessa forma de delírio, o fantasma do

⁸¹MERLEAU-PONTY, M.: Merleau-Ponty na Sorbone: resumo de cursos, filosofia e linguagem, S. Paulo, Papyrus edit., 1961, p. 19.

objeto real se encontra encarnado em palavras que gravitam em torno de um discurso tautológico, cujo objetivo tenta em vão remontar para o sujeito o paraíso perdido no *Fort da* original. Esta seria uma tarefa condenada ao fracasso, caso não fosse possível retomar à dimensão da linguagem porosa. É preciso que ao verbal se juntem as mãos em busca da simbolização pela via do objeto real.

Trata-se de permitir o retorno de objetos maus ou bons, sabendo que só os objetos externos resistem à pulsão de vida e morte que existe na mente humana. Certamente que falamos do jogo pleno do *Fort da* como uma lógica ligada à "relação de Objeto". Desta lógica dizemos que é uma lógica "transcendente", uma vez que ela está pronta a ajudar o indivíduo a afrontar seus conflitos, a culpabilidade, os desgostos inerentes à posição depressiva, ajudar na administração das angústias e na diminuição da ambivalência e da agressividade; tudo isso conjugando esforços para superar as contradições psico-simbólicas. Esta tendência reparadora inerente ao *Fort da* deve-se à confiança imposta ao interior pelo objeto real. Nessa dinâmica, o desejo em reparar os objetos destruídos internamente é alimentado pelo fluxo da libido que joga plenamente com toda a economia psíquica.

A argila entra como mediadora

Verdadeiramente é a argila que reveste o espaço vazio deixado pela não funcionalidade dos objetos fantasmáticos. A argila funciona como a encarnação do significante, tentando, na complexa rede analítica, dialetizar o discurso da "perda" com o discurso do prazer do retorno do objeto. Ao inverso do que se passa nas práticas

analíticas cuja ação se fundamenta numa expressão unicamente verbal, articulando palavras e nada mais que palavras; na "relação de Objeto", a trama da ação se desenrola a partir da imagem-ação do objeto real. Então, tanto o analista como o analisando, como elementos irreduzíveis do "quadro analítico", como numa heresia, vão se juntar à argila como fonte ideal para brincar com as palavras, as máscaras, as defesas, as mentiras, as ansiedades, as projeções e introjeções, as transferências e as contra-transferências; em resumo, com todo o dinamismo das experiências que somente pela "relação de objeto" se tornariam efetivamente realizadas.

É interessante constatar que pela "relação de Objeto" o psicanalista se opõe ao uso da linguagem pela linguagem, procurando reviver certos incidentes traumáticos através da simbologia porosa. Não se trata de uma ruptura definitiva com a linguagem verbal. O que se busca é uma integração da linguagem simbólica oral pela linguagem simbólica manual, possibilitando um retorno individual ao tempo do *Fort da*. Assim, através da rememoração do jogo com a argila especula-se analiticamente sobre os acontecimentos relacionados com o domínio mágico do manusear. Aqui, o analisando é introduzido pelas mãos no que seria a "zona do objeto perdido". Assim, as "não coisas" utilizariam a argila como uma espécie de "ponte mágica" para reduzir as dissonâncias surgidas no conflito existente entre os diferentes objetos contatados pelo sujeito. Na verdade, a operação resume-se em testemunhar pela via manual a possibilidade de uma reintegração rápida e direta dos conflitos. Como já dissera anteriormente, aqui a argila entraria como o terceiro elemento capaz de criar o espaço para o jogo completo (*disparition et retour*) e, de

outra parte, possibilitaria uma espécie de higiene no coração da teoria.

A lógica de uma atividade analítica, somente ao nível verbal, com o analisando deitado sobre o divã e o analista inteiramente submisso a uma vontade desinvestida do mundo exterior, só poderia reduzir o raio da ação terapêutica. Dir-se-ia mesmo que a ação terapêutica flutua quando fechada numa situação estritamente oral. Sendo assim, achamos por bem tentar efetuar a reconstrução do espaço analítico pela via da argila. Assim, tocar a argila dentro do enquadre "relação de Objeto", é criar um espaço real para a fenomenologia do Eu.

1.2 Do-jo-go-do-ob-jet-do-ob-jeu

" Le mot *jeu* évoque en premier lieu l'idée de quelque chose qu'on fait simplement, comme en se jouant, presque sans intention, pour ainsi dire en passant. Mais en plus, *jouer avec quelque chose* signifie se donner à l'objet avec lequel on joue; le joueur investit, en quelque sorte, sa propre libido dans la chose avec laquelle il joue. Il en résulte que le jeu devient une action magique qui éveille la vie. " " Jouer, c'est jeter un pont entre la fantaisie et la réalité par l'efficacité magique de sa propre libido; jouer est ainsi un rite d'entrée et prépare le chemin vers l'adaptation à l'objet réel."

GERARD ADLER⁸²

Do dizer e do agir, pode-se entender que na falta de uma matéria viva, a certeza analítica vai cair na falsa evidência de um objeto sepulcral, incapaz de acatar a simetria do objeto real. Nesse caso, ao se tentar eliminar as significações manuais do processo analítico, a fabricação da realidade seria atingida. Isto porque a redução do prazer de manusear o "*jet*" pelo "*jeu*" acaba enclausurando o ato

⁸²ADLER, G.: *Etudes de psychologie jungienne*, Genève, Georg édit., 1957, p. 102/103.

analítico numa fantasia embrionária. Mas, ao contrário, quando se trata da "*relação de Ob-jeu*", o uso da argila como o objeto do jogo analítico, instaura uma estrutura diferencial em que se funda a economia libidinal. Sendo assim, a matéria argila se vê esvaziada através da fabricação de máscaras de emoções que se desvelam aos olhos e às palavras, permitindo ao analisando de se reconhecer num desejo que se afirma bem mais como potência que como falta. Não há dúvida, é exatamente a dificuldade em lidar com o prazer do "manusear" como positividade do desejo inconsciente, que obriga um grande número de psicanalistas ao artifício de incarnar a noção de objeto nela mesma - o que tem transformado o ato analítico em um jogo complexo de palavras. Na verdade, a escritura psicanalítica vem tentando se desembaraçar do objeto material ao preço de um esfacelamento da experiência simbólica. Assim, o valor de uso do objeto se desqualifica para dar lugar ao uso da referência, formalizando a relação analítica em base ao "objeto perdido".

Certamente que é a partir da noção de "relação de Objeu" que a argila se torna o *médium* capaz de resolver a ambivalência da palavra "objeto". Enraizar a idéia de "objeto perdido" (*objet perdu*) pela confrontação com o objeto real, aí está realmente um procedimento que segue o caminho inverso ao do processo da "relação de Objeto". Realmente na "relação de objeto" funciona-se como num círculo vicioso: como a matriz formal do fantasma fecha-se na estrutura lingüística, os fantasmas inconscientes teriam somente a cadeia semântica para se exprimir. Nesta cadeia, o objeto real é substituído pelo fantasma do objeto que toma forma na teoria através da noção de "objeto perdido" ou de "perda". Assim, uma nova

articulação teórica se incumbirá de anunciar a morte do objeto real pelo referente. Nesse caso, não teríamos porque abordar as nuances que distinguem entre si as séries dos objetos passíveis de vir a ser instrumentos analíticos e, ainda menos, querer argumentar sobre uma possível distinção a nível da importância terapêutica de um determinado objeto sobre outro. Disto resulta, a prevalência marcada pelas imagens imaginadas e verbalmente simbolizadas. Aqui encontramos o precário caráter lúdico da "relação de objeto". Na verdade, as imagens exclusivamente verbais constituem somente o eco de uma ilusão que se encarna em seu próprio grito.

A lógica do *Objeu* é a lógica da "presença", a lógica do valor de uso do objeto enquanto "instrumental de trabalho analítico", a lógica dos movimentos manuais em torno da fabricação de imagens. Assim, graças a introdução da argila como o verdadeiro "objeto", podemos falar de um "pensar do *Objeu*" como um gesto que pode fundar a escritura inconsciente num agir assinalado pela imagem-ação da argila. Este desejo de agir pelas mãos e pelo verbo, quer introduzir em psicanálise, a escuta de uma palavra que joga com a argila, produzindo uma superposição de imagens que tocam a fonte viva e criativa do analisando. O objetivo é conduzir o "escutar analítico" para além do balbuciar verbal de imagens referenciais. É, em função deste novo modo de psicanalisar que, jamais equivalentes, as questões relativas à interioridade e exterioridade das imagens, tanto para o analista como para o analisando, ultrapassarão o universo semântico uma vez que se trata também de uma percepção visual e tátil. Assim, no lugar da idéia de "perda", a matéria, ela mesma, considerada como

um "sistema-objeto", suspenderia o "discurso assassino"⁸³ sobre a "coisa" (discurso psicanalítico sobre a perda do objeto.), desencorajando a consumação do objeto somente ao nível do "verbo".

Possessão: o caráter arbitrário da projeção

Nossa experiência confirmou que é a mão e a argila, enquanto condutores do verbo, que podem compor uma infinidade de "imagens de argila" capazes de atrair as mais recônditas imagens, dando-lhes as condições físicas de expressão. Precisamos de uma nova ordem de estímulos que possa fazer frente a essa corrente interminável de elementos subjetivos tomados de empréstimo das ciências da linguagem e da filosofia. Como já dissemos anteriormente, o rigor teórico que em psicanálise condiciona a praxis analítica à simbolização verbal, tem tido como consequência imediata uma espécie de afasia dos meios sensoriais de simbolização.

Não há dúvida que a partir de Winnicott, a noção de objeto começou a expandir-se em psicanálise. Como dissemos anteriormente, a noção de "objeto transicional" em Winnicott tornou-se um caminho para que se pensar no papel concreto do objeto no jogo analítico. Contudo, observamos, que é ainda muito frágil a posição winnicottiana frente ao objeto. Poderíamos dizer que Winnicott, enquanto conhecedor da teoria freudiana, procura construir a sua própria maneira de psicanalisar, estabelecendo, enquanto analista, um novo lidar com a técnica freudiana, fazendo mesmo avançar a maneira de se estabelecer o enquadre. A nosso ver, o que ele faz ao estabelecer o

⁸³Aqui vale lembrar que é Lacan quem diz / "le mot est le meurtrier de la chose".

que chamou de "jogo dos rabiscos" é simplesmente reescrever o enquadre na dinâmica original do *Fort da*; ou, se quisermos precisar, diríamos que o "jogo de rabiscos" é na verdade uma "relação de Objeu", onde, as tintas ou o grafite usado, poderiam ser definidos como o terceiro elemento da dinâmica analítica - como o "objeto do jogo" (Objeu). O equívoco estaria em continuar a pensar no uso desses objetos apenas em função do desejo de "possessão" do analisando. Como o próprio Winnicott dissera: "*Para usar um objeto, o sujeito precisa ter desenvolvido capacidade de usar objetos. Isto faz parte da mudança para o princípio de realidade*".⁸⁴

À partir do que foi dito acima, reflitamos agora sobre essas colocações feitas por Winnicott na introdução do seu livro "*Consultas Terapêuticas em psiquiatria infantil*": "*Minha técnica nesses relatórios geralmente toma a forma do que pode ser chamado o Jogo dos Rabiscos. Naturalmente não há nada de original no jogo dos rabiscos e não seria correto alguém aprender como usá-lo e depois sentir-se preparado para fazer o que chamo consulta terapêutica. O jogo dos rabiscos é simplesmente um meio de se conseguir entrar em contato com a criança. O que acontece no jogo e em toda entrevista depende da utilização feita da experiência da criança, incluindo o material que se apresenta. Para se utilizar a experiência mútua, deve-se ter em conta a teoria do desenvolvimento emocional da criança e o relacionamento desta com os fatores ambientais. Nos casos que aqui descrevo é feita uma ligação artificial entre o jogo dos rabiscos e a consulta terapêutica, que se origina do fato de que dos desenhos da*

⁸⁴WINNICOTT, D.W.; Conf. Ob. Cit. p. 125.

*criança e de mim mesmo pode-se encontrar um meio de tornar o caso ativo."*⁸⁵

É evidente que o estatuto do objeto em Winnicott precisa ser revisto à luz da "relação de Objeto". Retomemos, por exemplo, o termo "possessão". Se observarmos, a noção de "possessão" imaginada e teorizada por Winnicott no circuito do que ele chama de "objeto transicional", percebemos que o olhar de Winnicott é exclusivamente sobre o analisando, pouco se fala da eficácia ou não do objeto enquanto objeto que se deixa projetar e ser articulado no jogo. Aqui está o equívoco entre a teoria e a técnica em Winnicott. Creemos que é preciso descobrir um novo caminho para se pensar o termo "possessão" e poder dar expressão também ao papel do objeto enquanto um importante componente do enquadre. Infelizmente nomeia-se a "possessão" como ponto de saída e de chegada de toda a compreensão da relação do analisando com o objeto externo.

Aqui, a fim de alargar a idéia de "possessão", aderimos inteiramente a essas considerações de Ponge, o poeta que anunciara pela primeira vez a palavra "Objeto": *"Le rapport de l'homme à l'objet n'est du tout seulement de possession ou d'usage. Non, ce serait trop simple. C'est bien pire. Les objets sont en dehors de l'âme, bien sûr; pourtant, ils sont aussi notre plomb dans la tête. Il s'agit d'un rapport à l'accusatif. L'homme est un drôle de corps, qui n'a pas son centre de gravité en lui-même. Notre âme est transitive. Il lui faut un objet, qui l'affecte, comme son complément direct, aussitôt."*⁸⁶

⁸⁵ WINNICOTT, D.W.: Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil, Rio, Imago, 1984, p. 11.

⁸⁶ PONGE, F.: Lyres, Paris, Gallimard, 1980, p. 150.

Um outro aspecto a rever diz respeito ao aspecto "transitório" do objeto em Winnicott. Todo tempo Winnicott tenta mostrar que a utilização que ele faz dos objetos em sua técnica é somente para ajudar na relação com seus analisandos. Por isso o objeto é transicional em Winnicott e não transacional como queremos na "relação de Objeto". É fundamental reafirmarmos a necessidade de que o analista e mesmo o analisando tenham consciência desta diferença. A estrutura analítica pode ser uma montagem na qual a ênfase do analista está no tratamento dos objetos subjetivos pelos objetos semânticos (relação de objeto) e, por outro lado, o psicanalista pode exercer a técnica tendo em vista a "relação de Objeto", mas guardando ainda um certo preconceito quanto a legitimidade do objeto dentro do circuito analítico.

Sendo assim, para criarmos condições de possibilidade para interrompermos a monotonia do verbo, faz-se necessário produzir o movimento dos objetos internos pelos objetos externos. E, como temos constatado em nossa praxis clínica, nenhum objeto experimentado por nós espelhou tão bem o mundo interno de nossos analisandos como fizera a argila. A experiência mostrou, tanto no Brasil como na França, que pelo manuseio da argila, o mundo interior ganha espaço no mundo exterior e vice-versa. Contudo, somente através da idéia de "relação de Objeto" e uma certeza absoluta frente a importância do objeto real como "instrumental de trabalho", o analista pode chegar à consciência do papel real que a argila pode jogar junto aos fantasmas e fantasias do analisando.

Quando o analista deixa a "relação de objeto" e se decide pela "relação de Objeto" como estratégia psicoterápica, normalmente ele

precisa exercitar criativamente a imaginação a fim de compreender e instruir-se sobre esse novo tipo de enquadre. O analista inicia assim a sua busca de objetos, que o coloca cada vez mais atento ao valor sensorial do objeto material. E o que é mais importante, ele aprende que a liberação de emoções pelas vias táteis dinamizam as metáforas verbais. Em outras palavras, descobre-se que a metáfora sensorial opera sobre o inconsciente superando o que pela metáfora verbal parecia insuperável. A matéria dirige a libido para aptidões criativas, instruindo e encorajando o indivíduo na difícil passagem do desejo para a representação. Dito isto, é preciso também sublinhar a importância do prazer que experimenta o analisando quando ele se torna capaz de ultrapassar um Eu fragilmente estruturado metaforicamente em linguagem verbal, e se faz compreender a partir de relações lúdicas e bem ritmadas pela via de metáforas argilosas.

Nesta maneira nova de psicanalisar, o correto é considerar o "Objeto" como o elemento que convida o analisando a se aventurar nos domínios do desconhecido da natureza e dele próprio, liberando o jogo analítico de uma idealização narcísica dos processos perceptivos. Não existe dúvida alguma que a ação do "tocar" ou "manusear" reforça as raízes regulares dos ritmos internos. O criar imagens pela argila é certamente mais do que um simples recurso do pensamento. É uma experiência básica, cuja atividade rítmica ou cíclica, criadas a partir do jogo de imagens sobre imagens, evidenciam o atual e o arcaico, alimentando de maneira substancial a virtualidade arquetípica.

2. O MÉTODO

" A dialética da atividade e da passividade do conhecimento humano manifesta-se sobretudo no fato de que o homem, para conhecer as coisas em si, deve primeiro transformá-las em coisas para si; para conhecer as coisas como são independentemente de si, tem primeiro de submetê-las à própria praxis: para poder constatar como são elas quando não estão em contato consigo, tem primeiro que entrar em contato com elas. O conhecimento não é contemplação. A contemplação do mundo se baseia nos resultados da praxis humana. O homem só conhece a realidade na medida em que ele cria a realidade humana e se comporta antes de tudo como ser prático.

KOSIK⁸⁷

A "relação de Objeto", através da argila é uma forma de ação analítica muito simples e clara por si mesma, nela as mãos e os objetos externos estão à serviço de uma linguagem viva e porosa que nasce das profundezas de uma psique que quer se experimentar na praxis. Sabemos que estimular a imaginação do analisando utilizando o jogo com objetos externos, produz o efeito de mergulhar em perspectiva os fantasmas inconscientes, ajudando no discernimento dos sinais que revelam a "outra cena". Neste tipo de jogo analítico, as mãos manuseiam a matéria que, agindo sobre o psiquismo, envolve o analisando numa simbolização enriquecida pelos contornos do objeto concreto. Assim, é traçado um caminho mais promissor para a investigação analítica. A seqüência de imagens deixadas pela matéria, mantém a mente atenta e aberta, fazendo das mãos e do objeto material os aliados indispensáveis neste novo tipo de abordagem terapêutica.

Trata-se, na verdade, de uma estratégia metodológica em psicologia clínica, que busca estimular o manuseio dos fantasmas inconscientes, conduzindo-os à uma verbalização lúdica e funcional.

⁸⁷KOSIK, K.; *Dialética do concreto*. Rio, Paz e Terra, 1986, p.22.

Diríamos, portanto, que a "relação de Objeu" tem como objetivo principal, vir a simbolizar imagens inconscientes, instituindo uma espécie de segunda língua para o diálogo analítico. Nesta maneira de psicanalisar, o terapêutico é bem mais "visado" e "construído" que passivamente esperado. Aqui, o analista e o analisando se deixam mobilizar pelo movimento que a matéria imprime no desejo. Trata-se de uma praxis clínica que investe na positividade do desejo inconsciente. Sendo assim, com o intuito de melhor elaborarmos essa nossa técnica, distinguimos duas direções básicas: a "expressão conduzida" e a "expressão livre". A intenção geral é sempre a mesma: a de propor um "setting" nos moldes do *Fort da*.

Vejamos o gráfico abaixo:

Relação de Ob-jeu

Expressão Conduzida: estimula-se a imaginação através de mascaras de argila.

Expressão Livre: o analisando manuseia livremente a argila .

Na "expressão conduzida", como o próprio nome indica, o objetivo é conduzir o analisando na modelagem de uma máscara de barro. Num segundo momento, dariamos livre curso à imaginação pela "expressão livre". Aqui, o analista apresenta o barro e o analisando é livre para fazer a imagem que desejar. Em ambas atitudes (expressão conduzida e expressão livre), a argila deve se tornar um ganho para as mãos que, por associações internas, tecerá um caminho externo para a construção do símbolo.

2.1 O pensar do método

" Acaso será necessário recordar aqui que a palavra "método" não significa metodologia? As metodologias são guias a priori que programam as investigações, ao passo que o método que se desprende ao longo do nosso caminhar será um auxiliar da estratégia (a qual compreenderá ultimamente, é certo, segmentos programados, ou seja, "metodológicos", mas comportará necessariamente descoberta e inovação). O fim do método é, aqui, ajudar a pensar por si mesmo para responder ao desafio da complexidade dos problemas."

MORIN⁸⁸

Se examinarmos como acontece a montagem do "setting" para a utilização da argila na "relação de Objeto", percebemos que existe por trás dessa metodologia, um pensar em dialética que procura construir um espaço para desbloquear a imaginação porosa e poder analisar as imagens e os conteúdos que escaparam à "psicanálise verbal". Sendo assim, a nossa experiência se efetua de uma maneira bem particular: encaminha-se as sessões traçando uma trajetória de imagens e formas concretas que asseguram uma espécie de paralelismo entre a Imagem do objeto e o objeto real. Procura-se restabelecer a ligação entre a palavra e o gesto, de maneira a não sacrificar o essencial da motricidade, transformando o processo analítico numa praxis lúdica entre a argila e a necessidade que tem a psique de dar forma às emoções. Aqui, reconhece-se na prática, que o inconsciente é, antes de tudo, uma potência interna que procura atingir o simbólico através do "tocar-ver-refletir".

O analisando utiliza o "tocar" como meio físico para dar forma aos seus sentimentos. Neste caso, as mãos "toçam" e "palpam" a argila, e depois, através de uma "associação livre" o analisando procura então encontrar um sentido psicológico para a imagem

⁸⁸MORIN, E.: O método III-O conhecimento do conhecimento, Portugal, Eur. América, 1986, p. 29.

projetada. Assim, rompe-se com uma falsa evidência das imagens inconscientes inserindo-se na experiência de manusear a estrutura motriz do fantasma. Nesse momento, o analista em "atenção flutuante", se coloca ele mesmo a brincar com a argila, a fim de construir sua intervenção no impacto mesmo das imagens.

Esses tipos de sessão permitem ao analista de incorporar a imaginação formal na imaginação material, tudo isso à partir de uma satisfação concreta ligada ao prazer de jogar com a argila. Nesse caso, a imagem psíquica e material não seria apreendida como uma representação linear e homogênea; ela testemunharia a existência de forças dinâmicas mais complexas, dotadas de um potencial de ação que põe na forma ativa, ou melhor, coloca em "jogo", os verbos da "relação de ob-jeto", transformando esta última em "relação de Ob-jeu". Daí concordarmos plenamente com Bachelard quando ele diz: "*Il faut qu'une cause sentimentale, qu'une cause du coeur devienne une cause formelle pour que l'oeuvre ait la variété du verbe, la vie changeante de la lumière.*"⁸⁹

De fato, a imaginação porosa está sempre propondo uma forma de ação terapêutica capaz de ultrapassar os modelos psicanalíticos exclusivamente verbais. A modelagem falada que surge durante ou após cunhar a imagem inconsciente na argila, depõe de maneira radical contra as imagens metafóricas e complexas produzidas em análise onde predomina a "relação de Objeto". Daí Bachelard em sua forma poética procurar mostrar aos psicólogos a importância da imaginação material. Vejamos o que ele nos diz: "*Mais outre les images de la forme, si*

⁸⁹BACHELARD, G.; *L'eau et les rêves*, Paris, J. Corti, 1942, p. 7/8.

*souvent évoquées par les psychologues de l'imagination, il y a - nous le montrerons - des images de la matière. La vue les nomme, mais la main les connaît. Une joie dynamique les manie, les pétrit, les allège. Ces images de la matière, on les rêve substantiellement, intimement, en écartant les formes périssables, les vaines images, le devenir des surfaces. Elles ont un poids, elles sont un cœur. Sans doute, il est des œuvres où les deux forces imaginantes coopèrent. Il est même impossible de les séparer complètement. La rêverie la plus mobile, la plus métamorphosante, la plus entièrement livrée aux formes, garde quand même un lest, une densité, une lenteur, une germination."*⁹⁰

Do enquadre

Uma vez introduzida a "relação de Objeto", forma-se no interior do quadro analítico uma superposição de imagens cujo objetivo é oferecer ao inconsciente uma maior flexibilidade de expressão. Seguramente a argila modifica o "quadro analítico" e a teoria. O dinamismo poroso fixa o dinamismo psíquico sobre pontos de apoio demarcados pela argila e, numa aderência quase visceral, o analisando continua a amassar a massa imaginária na expectativa de que as palavras aceitem a ação da matéria. Nesta maneira de modelar o ato analítico, é preciso remarcar que a engrenagem da linguagem falada perde a palavra em proveito do gesto e das formas da matéria modelada. Uma memória que habita nas mãos que tocam, que manuseiam, que procuram e souberam acolher a potência da energia psíquica,

⁹⁰Ibid. p. 8.

permite suavizar os conflitos, ultrapassar soluções racionais, inscrevendo o analisando como sujeito de descoberta e de ação.

Teoricamente diríamos que a argila passa então a fazer parte da estrutura do enquadre e a criar um novo ambiente analítico. Tal ambiente transforma o contexto lógico-discursivo e remete o analisando ao energetismo de uma imaginação funcional. Isso equivale a dizer que as duas mãos que não se diferenciam no manusear do barro, ora meditam, aproveitando o repouso da matéria, ora aderem ao Eu ávido de reconhecimento sensorial. Em seguida, avançam nos "acazos" dos arquétipos e complexos, em busca da melhor imagem para a representação. Assim, guiados através de máscaras de argila ou de diferentes imagens em livre expressão, essa dialética entre o mole e o duro, reclama do psiquismo uma "dureza criadora". Isto significa que, dando formas a conteúdos arcaicos, a argila desamarra o "setting", sintonizando o processo analítico na junção ou justaposição das realidades psíquicas e materiais, liberando o processo analítico dos vícios da linguagem verbal.

Trata-se de uma dialética de contemplação e ação. Sendo assim, desenvolver a praxis clínica pela via da "relação de Objeto", normalmente influirá na forma de intervenção verbal. A interpretação passa a adquirir força e movimento, melhorando em qualidade o agir do analista. Assim, não haveria lugar para o analista "sem memória e sem desejo". Aqui morre o mito do analista passivo atrás do divã. Na "relação de Objeto" a memória e o desejo, tanto do analista como do analisando, debatem-se pela via da imaginação porosa. É que a argila funciona como uma espécie de chave para o imaginário, através

da qual chegar-se-ia aos conteúdos traumáticos de uma maneira lúdica e menos sofrida para o Eu racional do analisando.

O ato de significar pela "relação de Objeto", coloca tanto o analista como o analisando, livres para criarem o caminho da cura. Mas, essa liberdade não impede que se trace alguns critérios. Sendo assim, para coordenarmos desde o início a formação do enquadre, procuramos enquanto analistas, estabelecermos um bom vínculo com o analisando. O objetivo é facilitar a aliança de trabalho, tendo em vista a mudança da "relação de Objeto" para a "relação de Objeto". O analista poderá também sugerir um tema específico para servir de base no desenrolar da "relação de Objeto".

Assim, em base à um determinado arquétipo ou complexo pode-se encontrar um caminho promissor para ajudar o analisando a assumir uma atitude analítica frente ao objeto manuseado e à problemática em que se encontra. Como, por exemplo, procurar dar formas a emoções ligadas ao maternal arcaico, ou mesmo, tendo em vista a questão edipiana. Convém dizer que normalmente só utilizamos esta estratégia quando se trata de sensibilizações programadas para grupos, com durações curtas. Temos observado que nem todos os analisandos aderem ao estímulo verbal com base nos arquétipos. Diante disso, geralmente, procuramos deixar a estimulação à deriva, e voltamos a atenção para as resistências que vão surgindo através das imagens, deixando aos analisandos a liberdade em apontar soluções simbólicas.

O resultado tem sido surpreendente. Muitos recuperam a proposta inicial e através de associações livres são capazes de verbalizarem e superarem sentimentos dolorosos que antes tentavam evitar. Por outro lado, tem-se constatado o surgimento de um silêncio criador que

favorece a perlaboração e o "insight". Diríamos que o silêncio é preservado intacto, ou melhor, ele fala através das imagens, poupando ao analista de ter que produzir um silêncio muitas vezes constrangedor e vazio tão comum quando a psicanálise é somente verbal. Na "relação de Objeto", o silêncio atravessa a dinâmica "analista-analisando", para testemunhar contra os pensamentos e as falas inúteis ou impedindo interpretações racionalizantes que muitas vezes paralisam o processo terapêutico. Na verdade, a passagem entre a ativação dos sistemas sensitivos pela construção objetiva de uma imagem em argila, serve para instaurar as condições necessárias para um agir sobre o pensamento e do pensamento sobre a ação.

Da "expressão conduzida" à "livre expressão"

No domínio da "relação de Objeto", introduzir a "expressão conduzida" e a "expressão livre", é uma estratégia cujo objetivo é o de poder veicular uma certa ordem externa capaz de dar ao analista a competência na administração do "setting", e ajudar o analisando a se inserir na dinâmica sensorial. Pode-se dizer que nessa nossa metodologia as sessões obedecem sempre a uma gradação que parte da "expressão conduzida" para a "expressão livre", raramente o contrário. Nossa prática nos ensinou ser esse o meio de se estar ao abrigo da esfera do inconsciente instintual e poder reagir à potência "numinosa" de determinados núcleos psicóides que podem vir a tona durante o processo. Como bem nos dissera Adler: "*Cette énergie*

primitive. l'inconscient. exige une direction consciente pour devenir productive au sens humain et spirituel."⁹¹

Precisamente, enquanto objeto de apoio para o jogo analítico, a argila designa estas duas formas de imagens: as imagens criadas em "expressão conduzida" onde a ação analítica se desdobra sempre pela via de "máscaras de emoção"; e, as imagens criadas em "livre expressão", em que o ato analítico se encontra subordinado à ação flutuante da pulsão. Nos dois casos, a argila entra como "matéria", verdadeiramente exteriorizada (Objeu), que deve ser utilizada para compor e conduzir a dita "relação de Objeu".

A "expressão conduzida", através de "máscaras de argila", segue uma leitura marcada pelo movimento inconsciente. Aqui, as imagens produzidas servirão também como "chave de leitura" para desvendar complexos que fazem sofrer o analisando. Por outro lado, pela "expressão livre" o analisando aceita e reconhece imediatamente o apelo irresistível da pulsão, introduzindo-se um pouco mais livremente, nos meandros inconscientes de suas emoções. Tanto as máscaras como os objetos criados livremente, constituem a realidade exterior de um conteúdo interior. Tem-se assim uma imagem material da neurose e, ao mesmo tempo, uma imagem dinâmica que sugere saídas simbólicas para a opressão que o analisando possa estar vivendo. Isto significa que não se perde de vista a totalidade do processo em que se encontra o analisando.

É claro que as máscaras em "expressão conduzida" e as imagens em "livre expressão", formam os dois pólos reflexivos de um mesmo

⁹¹ADLER, G.: Ob. Cit. p. 166.

enquadre analítico. Eles operam entre eles mesmos, levando tanto o analisando como o próprio analista à discernirem sobre o momento mais favorável para lidar com as angustias, as tendências neuróticas e mesmo as psicóticas. A interseção desses dois pólos expressivos vai desaguar no mar da linguagem verbal. Tecnicamente o quadro analítico se alarga, fazendo as emoções dos analisandos coexistirem com a intervenção-movimento do analista. Diríamos então que esse nosso tipo de intervenção joga sobre duas formas de imagens: uma imagem circunscrita à linguagem manual e à produção de imagens em argila, e, uma outra mais indireta, definida pela inserção da linguagem verbal. Essa fórmula encontrada para conduzir a "relação de Objeto", constitui o núcleo de nossa construção metodológica.

A máscara fixa e registra o movimento interior do analisando. Nesse caso, o enquadramento do Objeto que anteriormente não possuía nenhuma realidade específica, uma vez que se limitava à uma idéia na cabeça do analista, passa a perfazer um espaço simbólico e dinâmico. Diríamos, a grosso modo, que pelas máscaras em "expressão conduzida", o "de fora" engloba o "de dentro" com o objetivo de consolidar o que existe de dispersivo no inconsciente. Isto explica porquê sempre começamos o processo pelas máscaras em "expressão conduzida" e raramente pela "livre expressão". Os contornos redondos das máscaras mais os buracos e os relevos que elas apresentam (olhos, boca, nariz, etc) remetem muitas vezes a vivências que datam do período uterino. Manuseando o barro, as mãos revelam o mesmo movimento dos tempos em que o indivíduo manuseava as cavidades e os relevos maternos, tanto à nível uterino como no período do aleitamento materno. Por outro lado, a gestalt da máscara leva o analisando a se abrir ao sonho sem

que se perca no devaneio do sem limite da imaginação. Vejamos o que Bachelard tem a nos dizer: *"A medida que o redondo vai se tornando círculo, que o buraco vai tomando a forma nitidamente circular, as imagens do devaneio libidinoso apagam-se, de sorte que se poderia dizer que o espírito geométrico é um fator de auto-análise. Isto se torna materialmente bem mais perceptível se o buraco deve ter formas mais complicadas: quadrado, estrela, polígono..."*⁹²

Contudo, na "imaginação ativa" quanto mais a expressão é livre, mais os sistemas funcionais autônomos se tornam coletivos. Daí ser comum na "expressão livre" tocarmos em imagens do inconsciente profundo e mesmo trazer à tona imagens de complexos coletivos. A construção em imagens desses conteúdos coletivos não oferecem nenhum problema à construção do Eu do analisando, ao contrário é em si mesmo um esforço da psique em vir a expressar-se para o mundo. Entretanto, o analista precisará ter todo cuidado na interpretação dessas imagens. Aconselho mesmo a que ele se satisfaça com a produção da imagem em si mesma. Digo isto, porque nestes casos geralmente o analisando se acha totalmente indefeso e submetido ao que o analista ou outra pessoa possa falar sobre a imagem produzida. Na verdade, percebemos através da produção dessas imagens a distância muitas vezes infinita entre as nossas produções manuais e a prática verbal. É preciso sempre ter em conta que tais imagens são símbolos vivos, dispensando até certo ponto a interpretação verbal do analista. De uma certa maneira elas pertencem exclusivamente à dinâmica do analisando uma vez que a intenção simbolizante provém da

⁹² BACHELARD, G.: *A terra e os devaneios da vontade*, S. Paulo, M. Fontes, 1991, p. 37.

autonomia dos arquétipos (vide anexo fig. 24 e 25). É por isso que se torna uma tarefa trabalhosa a introdução pelo analista do que seria uma sessão de "imaginação livre". Na verdade, "imaginar livremente" não poderia ser sinônimo de um "laissez-faire" sem nenhuma ordenação da parte do analista.

As vias da "expressão conduzida" e da "expressão livre", criam no "setting" um espaço que guarda o poder de misturar, no imaginário, a simplicidade do ferreiro e a delicadeza de espírito do poeta. O espaço que dá vida à nossas emoções inconscientes. E não apenas o lirismo e a abstração de um inconsciente impressionista ou ainda uma espécie de inconsciente sedutor e afetado pela linguagem oral. Na "livre expressão" diríamos que é o "de dentro" que engloba o "de fora", a fim de afrontar o Eu em suas amarras, desprendendo-o e facilitando-o na formação da consciência. O objetivo da "livre expressão" é de abrir e de penetrar as entranhas criadoras da imaginação. Nesse caso, a argila aparece como uma rede ideal para absorver ou liberar os complexos neuróticos ou, por outro lado, serve para dar formas à virtualidade arquetípica que anseia por uma espacialidade definida, uma expressão mais concreta.

Quanto ao código oral, ele reaparecerá como uma espécie de ressonador das imagens argilosas. É claro que nesse desdobramento dialético, a alternância de uma e outra expressão se dá num englobante mútuo, de maneira a que se possa engendrar o que chamamos de "plena atenção". Aqui a "plena atenção" aparecerá como o vetor da consciência. Precisa-se então ter bem claro que com essa nossa metodologia, estamos em presença de procedimentos que conspiram e variam, ora em "expressão conduzida" e ora em "expressão livre", mas

sempre direcionados para um ponto comum onde o movimento é ritmado em vibrações conscientes de "plena atenção".

Do código manual ao código oral

" L'interdit de toucher dégage l'enfant et sa mère de ce contact trop proche. C'est le bras, où elle le tient moins serré contre elle, où elle cesse de l'allaiter, où elle lui donne une nourriture plus solide à la cuillère, c'est-à-dire avec la main. La fonction psychique de la main, une fonction de prise, de saisie des objets, des mots, des pensées, l'emporte sur la fonction contenante dévolue à la surface du corps. Il y a là un moment capital..."

DIDIER ANZIEU⁹³

Na "relação de Objeto", penetra-se as emoções pela argila que denuncia, através das zonas de mudanças táteis, a existência de um objeto clivado e perdido no interior da linguagem oral. Trata-se da agonia do *Jeto* pelo *Jogo* que é capaz de "brincar" com a imaginação fabricando em argila as emoções dos analisandos. Vê-se que, na incapacidade de esvaziar a matéria pelo verbo, a *argila* aparece como capaz de interpretar o inconsciente e produzir a palavra viva. Esta é a finalidade da argila como objeto do jogo analítico: ela realiza a conversão do "objeto referência" em formas de ação terapêutica.

Tende-se geralmente em psicanálise, a dissociar as simbolizações verbais das simbolizações sensoriais. Daí presenciarmos comumente uma dificuldade em dar livre curso à totalidade dos meios expressivos dos analisandos. Ora temos um pensamento que bloqueia as mãos, ora são as mãos a bloquear o pensamento. Se

⁹³ ANZIEU, D.; Op. Cit., p. 70.

aprofundamos a questão, veremos que essa dicotomia é anterior às práticas analíticas. Na verdade, os filósofos, sociólogos, lingüistas e mesmo os psicólogos estão por demais ligados à expressão verbal. Salvo raras exceções, como Bachelard no campo filosófico, ou Winnicott no campo psicanalítico. Se considerarmos a chamada "Arte Terapia", veremos que se trata de algo à parte e mesmo marginal em relação às práticas clínicas em psicologia. De outra parte, percebemos que muitos dos artistas que trabalham a matéria, cultuam uma espécie de silêncio em torno do trabalho que executam, faltam-lhes o "verbo". Como vimos anteriormente, Joseph Beuys é uma exceção.

Como temos insistido durante todo esse nosso trabalho, a singularidade da "relação de Objeto" pela via da argila, está no fato de que ela procura religar a imaginação porosa à imaginação verbal. O objetivo é sempre o de facilitar o desbloqueio da expressão imaginativa, fazendo com que as mãos e as palavras se interpenetrem pela intimidade do barro. Mas, não é nada fácil querer encaminhar a imaginação na direção da solidez de uma coesão entre as palavras e as coisas.

O buraco que existe atualmente entre o intelecto e as mãos, e por conseguinte, entre o indivíduo mesmo e o universo que o cerca, acabou limitando a teoria e a técnica psicanalítica. Com o desaparecimento do elemento material do enquadre terapêutico, a teoria psicanalítica produziu chavões, procurando justificar um modelo de imaginação dinâmica baseado exclusivamente no plano da imaginação falada. Tal clivagem fez desaparecer o lugar do objeto real como o terceiro elemento da relação analítica, reduzindo a praxis analítica ao efeito do dito. Assim, imobilizado em seus modos

de expressão sensoriais, o analisando se via impedido de aproveitar dos recursos que certamente a matéria poderia lhe oferecer.

A nosso ver é aqui que reside o limite fundamental entre a "relação de objeto" e a "relação de Objeu". Na verdade, a "relação de Objeto" funciona como uma espécie de modelo semântico em psicanálise, servindo sobretudo para por em evidência os contrastes formais e lógicos da linguagem teórica, o que o torna exemplar para a imaginação literária e menos funcional no trato com distúrbios neuróticos e mais objetivos da vida do analisando. O ideal é lidar com as imagens mentais de maneira a estimular um contato mais ativo com o mundo interior, procurando modelar as angustias mentais dos analisandos em base a solidez dos objetos concretos. Como nos lembra bem Bachelard: *"Modelagem! sonho de infância, sonho que nos leva de volta à nossa infância! Foi dito frequentemente que a criança reunia todas as possibilidades. Crianças, éramos pintor, modelador, botânico, escultor, arquiteto, caçador, explorador. É o que aconteceu com tudo isso?"*⁹⁴

Quando no trabalho analítico acentuamos os símbolos imateriais da "relação de Objeto", constatamos não possuírem eles as mesmas vantagens terapêuticas que encontramos na simbolização porosa da "relação de Objeu". Sendo assim, o nosso objetivo é primeiro conscientizar o analista da importância do Objeu para que ele possa levar o analisando a introduzir-se na dinâmica da imaginação material. Vejamos o que nos diz Bachelard: *"Na ordem da matéria imaginada tudo ganha vida: a matéria não é inerte e a pantomima que a*

⁹⁴BACHELARD, G.: Ob. Cit. p. 44.

traduz não pode permanecer superficial. Quem ama as substâncias, ao designá-las já as trabalha. Esse gestaltismo dinâmico da imaginação material que reúne uma intensidade substancial a uma forma só será negado por aqueles que não têm o sentido do carvalho."⁹⁵. Na verdade, a imaginação material é em si mesma uma estratégia perfeita que favorece a dinâmica subjetiva, evidenciando que o indivíduo é bem mais que as produções fantasmáticas de seu psiquismo. Daí todo esse nosso empenho em tentar articular a "relação de Objeto" como a única solução capaz de reformular o arcaísmo dos modelos psicanalíticos fundados na gestalt do verbo.

2.2 Intervenção e cura

" Lorsque quelqu'un identifie ses contenus psychiques avec sa seule psyché consciente, il s'ampute plus ou moins de la base et de la racine de sa conscience: c'est comme s'il s'essayait à l'opération proverbialement impossible de scier la branche sur laquelle il est assis. Quand la psyché consciente est ainsi séparée de sa base, son activité est nécessairement déséquilibrée et devient à la longue destructive."

GERHARD ADLER ⁹⁶

Não há dúvida que o triângulo "analista-argila-analisando" é em si mesmo uma nova situação analítica. A "mão feliz" que toca a argila faz cessar a violência da interpretação para se ligar à eficácia de um discurso que se interroga sobre a existência de um mundo original que sai da terra e busca na

⁹⁵ *ibid.* p. 76.

⁹⁶ ADLER, G.: *Ob. Cit.* p. 20.

integridade da matéria dura as metáforas da dureza. Mais ainda, a atividade em torno da "relação de Objeto" quer metabolizar a representação fantasmática que se agita no interior do discurso, permitindo-se lógicas rebeldes e estratégias terapêuticas menos poderosas.

É preciso pois ter sempre em conta que no processo de transformação psicológico, o analista e o analisando estão ambos sujeitos a transformações. Pode-se mesmo avançar dizendo que a hipótese de cura se coloca sempre como um vasto tema no qual se encontra incluído o analista. Assim, o desejo de curar envolve analista e analisando; um e outro são interpelados constantemente pelo discernimento que deve sofrer sua "digestão" numa dialética entre as palavras e as coisas. Diríamos que a intenção básica é se ligar ao valor criador do inconsciente, evitando que a psique consciente perca o contato com a totalidade dos conteúdos psíquicos. Assim, procuramos abordar a escuta analítica à partir de uma visão teórica da qual se desprenderia uma compreensão dinâmica, visual e pragmática das produções inconscientes.

No que concerne ao acento terapêutico, este deve ser colocado sobre a experiência mútua da cura possível. Isto significa considerarmos que em psicanálise, o processo de cura progride numa dialética onde o analista cria ao mesmo tempo com o seu analisando, uma "chave comum" para a aplicação precisa de estratégias terapêuticas, procurando acentuar aquilo que um "cura" no outro. Esta conexão do "curar", supõe uma visão otimista do processo terapêutico. Mas, diríamos que o essencial dessa maneira otimista de olhar o processo terapêutico, está na maneira de agir do analista

que, através de seu método de trabalho, passa a utilizar a imaginação de maneira a criar condições favoráveis para que o analisando possa intervir na sua própria cura. Em contrapartida, o analisando provoca no analista reações capazes de lhe introduzir num movimento auto-analítico, permitindo-o questionar-se quanto a eficácia de sua maneira de psicanalisar.

Essa dialética que anuncia uma espécie de "curador que cura curando-se", tenta harmonizar a aplicação da cura analítica no espaço tridimensional da "relação de Objeto", conduzindo a ação de "curar" por uma via mais socializante. Tal combinação dialética entre essas duas extensões do ato de "curar" (o curador que cura curando-se), ajuda o analista na descoberta de procedimentos estratégicos capazes de mediar as intenções terapêuticas do inconsciente. Contudo, convém deixar bem claro que todo esse processo deve estar direcionado e apoiado na demanda de cura do analisando. Na verdade, esta espécie de solidariedade no "curar" é ela própria terapêutica uma vez que inclui o analista criticamente no trato com a neurose do analisando e, ao mesmo tempo, leva o analisando a desejar o que lhe parece saudável no analista.

Naturalmente que esta dinâmica nunca deverá transformar-se em receita para a criação do mito de que não existe doença mental. Essa nossa maneira de abordar os distúrbios psicológicos está teoricamente justificada pela constatação de que o processo de simbolização funciona como um "transformador de energia" capaz de canalizar a energia terrificante dos processos patológicos em benefício da coesão dos elementos positivos da personalidade do analisando. Certamente que a perturbação patológica é somente uma expressão espontânea do

psiquismo com o objetivo de anunciar uma tentativa frustrada do indivíduo na administração de sua libido. Jung dizia: "*Il n'y a pas de maladie qui ne soit en même temps un essai malheureux de guérison*"⁹⁷ Diríamos que é justamente aqui que a "relação de Objeto" se inclui como uma construção capaz interiormente de aplicar e encorajar a utilização da argila como uma tentativa de reconduzir a dinâmica analítica à descoberta de novos caminhos para o terapêutico. Isto, porquê, na "relação de Objeto", o analista procura pensar a doença mental de uma maneira mais harmoniosa e ativa, tentando conduzir a praxis psicoterápica como um ato de liberdade e de criatividade.

Estamos plenamente de acordo com essa crítica feita por Adler, ela nos mostra o quanto pode ser nefasto em psicoterapia possuir uma visão reduzida da doença mental: "*La psychanalyse et d'autres méthodes uniquement réductrices se sont trop exclusivement centrées sur les manifestations pathologiques de la psyché; elles ont ainsi enfermé l'être humain dans la névrose et n'ont pu le définir que dans cette perspective. Il importe d'élargir la signification attachée au terme de "thérapie" et de se rendre compte que la psychothérapie n'est pas seulement un traitement anti-névrotique, mais aussi, au sens plus large, un moyen de parvenir à la connaissance de soi.*"⁹⁸

Na praxis analítica pela "relação de Objeto", procuramos exatamente revelar uma nova dinâmica de cura. O que sobressai desse novo enquadre analítico é a maneira mais ativa e funcional que caracteriza a intervenção do analista. Aqui, o analista e

⁹⁷JUNG,C.G.:*L'Âme et la vie*.Paris,édit Buchet,1963,p.128.

⁹⁸ADLER,G.:*Ob.Cit.*p.13.

analisando, num fogo cruzado de significações paradoxais e práticas, são marcados pelas imagens em argila - eles vivem juntos uma relação dialética com a argila. Num segundo momento, as sensações manuais vividas pelo analisando nas imagens cunhadas na argila, fazem apelo à um novo modo de significar. Assim, nasce uma nova maneira de simbolizar. Nela, o analista e o analisando se reservam o direito de desagregarem-se momentaneamente do racional ao se ligarem no objeto material. Através da verbalização sobre as imagens projetadas pelas mãos na matéria, o analisando busca um sentido para suas imagens. Aqui o verbal nasce do contato sinestésico com as imagens em argila.

Assim, o manusear lingüístico das imagens em argila retomará, pouco a pouco, para a "relação de Objeto", a dimensão de atuação antes reservada à "relação de Objeto". Mas, diríamos que trata-se agora de articular o objeto subjetivo pelo objeto real. Aqui, a intervenção nasce no campo sensorial e somente depois envolve-se com o semântico. No que concerne à relação do indivíduo com o campo da linguagem verbal, diríamos que o processo de aquisição da palavra atingirá raízes evidentemente mais complexas, uma vez que tais raízes colocam em jogo as emoções e os sonhos gerados a partir da estimulação das imagens produzidas pela imaginação porosa.

Tais imagens colocadas em movimento pela ação da argila, no momento mesmo em que são produzidas, são elas capazes de provocarem no analisando reações e vivências psicológicas profundas, modificando o comportamento neurótico do analisando e ampliando sua consciência. Estas seriam as razões pelas quais consideramos ser tais imagens, em si mesmas, um modo de elaboração de possíveis distúrbios psicológicos, e não somente um sinal revelador de projeções do

analisando. Na verdade, no momento em que são modeladas, transformam-se em símbolos vivos, carregando no seu interior o elemento de cura. Na medida em que são banhadas pela linguagem viva, essas imagens simbólicas acabam cumprindo a tarefa de instrumentos terapêuticos, transformando-se a seguir em meros signos.

Quando pensamos na argila como o objeto ideal para o jogo analítico, foi pelo fato de ser ela uma matéria que suscita comumente um desenvolvimento privilegiado de funções instintivas capazes de dar continuidade e fundamento à identidade do Eu. Mas, de qualquer modo, não é fácil construir o Eu no contexto da "relação de Objeto" (ver no apêndice a figura 18). Em alguns casos, o analisando faz uma lenta evolução até chegar a elaborar, em linguagem verbal, as emoções que suas mãos modelaram em imagens de argila.

Tivemos um caso onde um dos analisandos vivera esse tipo de experiência. As imagens lhe causavam uma espécie de aversão. Isto, por sugerir-lhe determinadas experiências interiores, com as quais ele sentia dificuldades de lidar (aspectos da sombra). Era penoso ter que admitir verbalmente como sendo dele o que naquele momento ele via representado naquelas imagens. Racionalizava, sempre dizendo não suportar saber-se incapaz de esculpir uma imagem bela em argila; embora soubesse ser secundário o lado estético. Mas, mesmo com toda essa autocrítica, o analisando não escondia um misto de prazer e desprazer ao revelar a sua sombra. É sempre mais prazeroso poder analisar nossos conflitos emocionais tendo a argila como mediadora.

Nossa experiência nos mostrou que o analisando pode recusar-se ultrapassar a "relação de Objeto" e inserir-se na dinâmica da "relação de Objeto". O êxito dependerá em grande parte da capacidade

de sugestão do analista. Este deve despertar a fantasia do analisando por meio do encorajamento e motivação, opondo-se com grande objetividade contra um enquadre restrito à comunicação verbal. Contudo caberá ao analisando a palavra final. Sendo assim, depois da estimulação de natureza imaginária, o analisando resolverá se deve ou não experimentar esta nova maneira de simbolizar suas emoções.

Não é uma tarefa difícil a de inserir o analisando na experiência com o Objeto. Primeiramente, o analista pergunta-lhe se estaria disposto a utilizar as mãos como condutoras de sentimentos que estaria vivendo no momento. No caso, poderia ser até mesmo o sentimento de considerar a experiência com o Objeto como sendo uma experiência desprovida de sentido para sua demanda analítica. O que temos observado, em alguns casos, é que se obtém um acordo lógico, aparecendo em seguida uma série de barreiras subjetivas. Tais barreiras são na maioria das vezes resistências profundas que trazem em si mesmas um bom material para ser examinado. Também já aconteceu o contrário, ou seja, analisandos que de início negavam-se a conduzir-se pela "relação de Objeto" e que acabaram cedendo ao convite feito para manusear suas emoções no barro.

A melhor maneira de lidar com a negação do analisando tem sido a de tentar resolver pelo verbal as resistências de caráter racional. Depois, através dos sonhos, averiguamos com a maior exatidão possível os complexos que constelam a sua recusa, procurando não ferir a liberdade do analisando. Tivemos também casos em que pessoas com tendências à melancolia se recusavam a manusear o barro. Na maioria desses casos, o argumento apresentado era de ordem também racional: consideravam o trabalho com a argila algo de muito regressivo.

parecia-lhes uma regressão desprovida de sentido. Mas, de toda maneira, só o fato de convidá-las a fazer o percurso analítico através de imagens de argila, representa em si mesmo, uma oportunidade de introduzi-las na imaginação material.

A intenção do enquadramento na "relação de Objeto" é despertar para a criatividade, "reanimar" o indivíduo na busca de si mesmo, dar-lhe o sentido do instinto artístico, levando-o a experimentar sua veia criativa como condição para libertar-se de suas neuroses. Mas, não é raro encontrarmos pessoas neuroticamente fixadas no método da psicanálise verbal e com uma grande dificuldade em romper com "defesas chavões"; absorvidas, ou pela leitura, ou por anos a fio dedicados a encontrar explicações verbais para suas emoções. Contudo, o que temos presenciado na "relação de Objeto", é essas mesmas pessoas abandonarem este tipo de vício lingüístico, aderindo às metáforas argilosas, revelando com sabedoria a sua sombra.

Na verdade, se tivermos apenas por base a "relação de Objeto", fica difícil articular aspectos da neurose que escapam ao manusear verbal. Por outro lado, estaríamos caindo no mesmo erro, se nos limitássemos somente à construção de imagens em argila, sem preocuparmos em verbalizar sobre elas. Sendo assim, a nossa praxis nos levou à conceber a intervenção analítica organizada de maneira a respeitar o código manual e o verbal. Essa é a política da "relação de Objeto": criar uma base sólida para que o analista possa transitar livremente da "relação de objeto" para o trato com o Objeto e vice versa. O fato de a "relação de Objeto" infundir confiança e independência no trato com a imaginação só tem a acrescentar à praxis e às teorias em psicologia. A habilidade em construir um "setting"

mais amplo e a querer expressar criativamente sua própria linguagem técnica, são meios imprescindíveis para que o profissional empreenda sua própria invenção, colocando-se apto para plasmar seu pensamento e enriquecer a sua visão teórica. Certamente que não existe psicanálise pura, isto, ou seria uma ilusão, ou um meio ideológico de patrulhar a praxis analítica. Daí a necessidade do analista procurar integrar pela "relação de Objeto" o que existe de coletividade nas teorias psicológicas.

Da intervenção na "relação de Objeto"

" A modelagem falada põe na forma ativa os verbos da matéria modelada. O monstro se retorce por uma força íntima. Se olhamos a imagem, se a recebemos passivamente, com seus apêndices fibrosos e seus tufo lanosos, o monstro não passa de uma caricatura."

BACHELARD⁹⁹

A evolução da "relação de Objeto" está ligada à verbalização que se desprende de maneira flutuante sobre as imagens de argila. Certamente que é uma maneira mais completa de atingir o psiquismo. Aqui, o símbolo como uma disposição natural da psique, enriquece sua possibilidade de expressão ao aderir à plasticidade da argila como Objeto. Este é o meio que empregamos para viabilizar a "relação de Objeto" e poder chegar-se à uma verbalização criativa e espontânea dos conteúdos internos do analisando.

É fundamental deixar as mãos modelarem as imagens das emoções e, em seguida, vir a atribuir um significado verbal

⁹⁹BACHELARD, G. Ob. Cit., p. 81.

às imagens veiculadas na argila. Fala-se livremente sobre aquilo que se sentiu durante a fabricação das imagens, sobre os impasses surgidos diante da massa, sobre os sentimentos e desejos que as imagens parecem sugerir. Assim, esforça-se para penetrar a imagem pela palavra e pelos sentimentos, procurando resgatar o discurso perdido em meio às metáforas daninhas veiculadas pela linguagem da neurose.

As experiências feitas através da "relação de Objeto" tem mostrado que a relação analítica pode corrigir os atuais erros da "relação de objeto" no que diz respeito à margem de intervenção do próprio analisando em seu processo de cura. Diríamos que na "relação de Objeto", o analisando é o fundador de sua própria interpretação. A interpretação na "relação de Objeto" ultrapassa-se como um enunciado de linguagem e, em lugar de fórmulas gastas e subjetivas de uma interpretação muitas vezes arbitrária, observa-se o nascimento de uma linguagem manual que deixa sua marca em imagens de argila. Tais imagens são uma "chave de leitura" comum ao analista e o analisando. Com ela poder-se-á avançar na compreensão das transformações por que passa o analisando em seu processo terapêutico. O objetivo é explorar o mais sistematicamente possível o reverso do código lingüístico.

Vivencia-se inicialmente o silêncio provocado pelo manusear da argila. A seguir, depois de pronta a imagem, o momento será propício à uma verbalização viva e livre sobre os conteúdos psicológicos que se experimentou ao fazê-la, ou sobre o que sugere cada momento que nos deixamos absorver por

elas em "imaginação livre". Atitude esta que, na base, revela um modo específico de se reviver o *Fort da*. Sendo assim, é justo pensar que nunca existirá *Fort da* completo sem a presença da "bobina", e muito menos simbolização sem que de alguma maneira o objeto real se faça presente. Aqui, o "simbolizar" significará - agir em consonância com a imaginação material e verbal.

A matéria torna o verbo ágil. Assim, a experiência sensorial dos contrastes entre o liso, o duro ou o mole, a tensão ou a calma, levará o analisando a se conscientizar de uma série de conteúdos inconscientes que se constelam em torno das peculiaridades e da funcionalidade própria aos materiais.

A partir de uma verbalização sobre as imagens fabricadas na argila, postula-se então um modo de intervenção dinâmico que contribui para eliminar do discurso analítico uma representação desprovida da força do onirismo manual. Deste modo, o mais seguro como conduta para tratar a neurose, está em encaminhar a "interpretação verbal" (interpretação de objeto) para a "interpretação de Objeu". Na interpretação de Objeu, o analisando recebe uma espécie de indução para romper com o bloqueio da neurose. Aqui as imagens são de uma espontaneidade em movimento. Sendo assim, trabalhando com a interpretação de Objeu, ganha-se agilidade na técnica, desenvolvendo símbolos vivos que vão se solidificar em imagens capazes de levar o analisando a uma compreensão funcional de seus problemas.

Com isto não queremos dizer que devemos eliminar a estratégia da "interpretação de Objeto", mas convenhamos que a arquitetura da praxis analítica moderna deve buscar um maior equilíbrio entre o manuseio verbal das emoções e as exigências práticas da imaginação sensorial. Observa-se que entre uma forma e outra de psicanalisar, o que sobressai na "relação de Objeto" é o valor ativo da intervenção. Aqui, o tempo para o ato analítico é marcado diferentemente ao da "relação de objeto". Nesse caso, diríamos que a interpretação de Objeto põe em movimento o processo de "cura" agindo firmemente sobre os possíveis entraves da rede imaginária. Trata-se de uma relação em movimento que coloca o indivíduo sempre à frente de suas necessidades imediatas, embora precise resolvê-las para poder sobreviver. Nesse sentido, o sujeito desenvolveria a sua personalidade seguindo uma espécie de método "subjetivo-objetivo", ligando-se mais no movimento das transformações que normalmente vão lhe sucedendo umas às outras que propriamente fixando-se em fases anteriores.

Dai preferimos encaminhar nossa praxis sempre pensando na abertura do indivíduo para o futuro. Acreditamos que não se pode ir muito longe se fixarmos o nosso olhar de analista sempre para os primeiros anos de vida do indivíduo, preocupando-nos apenas com problemas relacionados com o fenômeno da fixação a etapas consideradas importantes em alguma época passada. À nosso ver, é preciso evitar transformar o fenômeno da fixação numa espécie de método analítico. Vejamos o que nos diz Bachelard: " *a imaginação*

positiva é uma evolução das imagens que triunfa sobre toda fixação."¹⁰⁰

Não há dúvida que existe algo prospectivo e extremamente salutar no fato do ser humano ser um ser que produz e se organiza no simbólico. Na verdade, o indivíduo é um ser que excreta matérias no desejo de esvaziar-se pelo "de fora", desenvolvendo a partir daí o seu instinto plástico, existindo em base ao reconhecimento de que é capaz de produzir algo que se mistura aos processos naturais dos corpos na natureza para em seguida transformar-se em algo novo. Sabe-se que as experiências feitas a partir da junção dos excrementos com os materiais da natureza, formaliza-se mais tarde numa espécie de associacionismo ativo que contribui para o discernimento entre o que se produz em si mesmo e o que é produzido pela Natureza. Portanto, diríamos que a imaginação material se apoia no ato de submeter a imaginação criadora aos encadeamentos de nossos esfíncteres e à subsequente ação que estabelecemos com o material produzido. Diríamos que pelos excrementos cria-se o espaço lúdico onde o indivíduo põe em prática a sua potência criadora, observando-se como um ser capaz de destruir o que destrói, sempre numa dialética criadora de imagens materiais.

Sendo assim, a mais importante característica da intervenção de Objeto será portanto a maneira como o analista conduz o analisando a ultrapassar a comunicação exclusivamente verbal e se deixar interpretar também pelo objeto introduzido no jogo analítico. Numa linguagem junguiana, diríamos que o objetivo é favorecer o dinamismo

¹⁰⁰BACHELARD, G.: Ob. Cit. p. 85.

do sistema auto-regulador da psique, a fim de levar o analisando a dar forma à virtualidade arquetípica. Assim, de tanto manusear a matéria, o analisando vai pouco a pouco fazendo avançar suas forças instintivas e naturais, até atingir a positividade da imagem-afetiva que liberará a energia que constela seus complexos.

O eixo "Eu-Si-mesmo" e as máscaras de argila

A máscara de argila nos arrasta com uma força irresistível aos arquétipos e complexos inconscientes. Sugerir uma máscara é o mesmo que convidar o analisando a abordar momentaneamente toda a obscuridade que envolve o mundo inconsciente. A idéia é cobrir a fantasmática atmosfera inconsciente com a segurança que oferece a sucessão de contornos geometrizados da máscara em argila. Aqui, uma das qualidades principais da matéria "argila", é de poder preencher os interstícios entre o Eu e o Si-mesmo, ajudando o analisando a formalizar em sua consciência essa via de comunicação tão necessária à economia libidinal. Assim, através do manuseio de buracos e relevos que vão sugerindo a imagem, o analisando tece sua individuação, tendo na forma redonda de ser da máscara, um ninho para os conteúdos do inconsciente coletivo. A máscara de argila entra como parceira do analisando para favorecer o dinamismo dialético entre o Eu, enquanto o centro de sua consciência e o Si-mesmo como representação da totalidade da psique. Temos observado em nossas experiências que a dimensão alucinatória de conteúdos inconscientes, num momento singular e privilegiado do manusear da argila, cria a imagem-ação como referência para a intervenção do analista. Diríamos nesse caso, tratar-se de uma "referência empírica".

Os traçados geométricos que compõem a máscara de argila guardam em sua forma redonda uma gestalt universal do mental. Daí termos escolhido esta maneira singular para abordar a dinâmica inconsciente que perpassa o "Eixo-Eu-Si-mesmo". A máscara quando feita na "relação de Objeto", torna-se portadora de um universo geometrizado que dá condições de possibilidade ao "Eu" de manusear o "Si-mesmo" no desejo de reconhecer-se através das inúmeras máscaras que se sucedem uma às outras durante o processo analítico. Numerosos casos confirmaram que "modelar" uma máscara em "expressão conduzida", permite ao analisando de viver a conjunção de elementos contraditórios de sua alma, transcendendo-os e elaborando-os terapêuticamente.

Na verdade, modelar uma máscara de argila em análise permite revelar conteúdos irreveláveis ao nível da linguagem verbal, sem que isso possa violentar o mundo interior do analisando ou mesmo induzi-lo a uma experiência psicótica. Nesse sentido, a concretização de imagens internas numa imagem de argila, aparece como um momento de fundação do Si-mesmo. Aqui, o eixo "Eu-Si-mesmo" compõe com a espontaneidade do instinto, fazendo uma alternância do real e do imaginário pela via da argila. O barro acorda a psique daquele que o manuseia e, o existencial desse mesmo indivíduo, acaba por se revelar livremente sem que se sinta agredido em seu silêncio interior.

Diante do exposto neste capítulo, é possível verificar que por ser uma espécie de mel da terra, o barro aparece também como um alimento para os desejos inconscientes que conduzem à *conunctio* (veja fig. 26 e 27). Enquanto alimento quente e úmido, a

argila estimula o jogo na "relação de Objeto", a fim de poder liberar e integrar o psiquismo às exigências do mundo externo. O resultado dessa integração é a entrada do analisando num processo de simbolização marcado por imagens gravadas em argila. Assim, consumindo-se numa espécie de dupla paixão em que se articulam a criação destruidora e a destruição criativa, o analisando pode então se inserir num processo de maturação psíquica. Dessa maneira, será sempre convidado a atingir o coração de sua metamorfose, desfazendo-se de máscaras pessoais que a neurose lhe impusera e que muitas vezes lhe mergulhara em tendências dissociativas.

A imagem que ele modela na argila, como um instrumento de regulação íntima, exerce uma força objetiva sobre o desejo de curar suas neuroses. O analisando sabe que o que ele vê é de alguma forma um desejo de individuação fortemente representado pelas séries de imagens. Diríamos então que, na clareira de seus olhos, suas mãos acabam revelando o objeto desejado pelas forças inconscientes. Uma vez capturado pelas mãos, o desejo se desprende da massa imaginária se impondo como realidade externa. Por sua vez, a imagem registrada revela seu duplo e, numa atitude amorosa consigo mesmo e com a matéria, o analisando se reabilita enquanto sujeito de seu próprio mundo. De uma parte a argila instaura uma certeza de imagem e, em seguida, as imagens modeladas na argila farão refletir e refratar a ilusão da "falta", curando dessa forma o aspecto errante de sua alma.

CONCLUSÃO

Confundimos habitualmente, na praxis analítica, o objeto real com o referente, este pretendendo dar conta de toda realidade. Normalmente, quando se fala em "relação de Objeto", o acento recai quase sempre sobre o valor do objeto semântico em detrimento do objeto real. Vimos que isto tem criado ambigüidades e colaborado com a confusão teórica e prática em torno do entendimento da relação "sujeito-objeto" em psicologia. Mas como constatamos, se quisermos, podemos em parte, minorar o problema. Para isso, precisamos

considerar como essenciais estas duas funções do objeto: tanto a de ser utilizado subjetivamente pela linguagem verbal (referência), como a de ser algo de concreto que pode ser "possuído" pelas mãos e oferecer-se ao psiquismo em suas qualidades de objeto autônomo. Isto é o que temos sempre em mente quando sugerimos a "relação de Objeto" como a condição de possibilidade de uma evolução pragmática da teoria e da praxis analítica. A idéia é desprender a praxis analítica da imersão nesse oceano de objetos subjetivos, e tentar reconstituir o enquadre analítico facilitando a articulação do "objeto referência" com o "objeto real", atingindo assim, os dois lados do objeto.

Convém relembra aqui como entendemos essa diferença entre a "relação de Objeto" e a "relação de Objeto": a primeira, estabelece o jogo analítico em base ao referente, ao objeto semântico, subjetivo - reduzindo a praxis analítica ao verbal; enquanto que a segunda, estrutura o jogo analítico a partir de um objeto real escolhido pelo analista e introduzido no "setting" como instrumental de trabalho. Sendo assim, na "relação de Objeto", a articulação do significado se transforma num jogo onde se tenta vincular a poética da comunicação verbal à dinâmica das imagens modeladas na argila. Convenhamos que as "psicanálises" e as psicoterapias de base analítica¹⁰¹, precisam de um objeto mais consistente. A praxis analítica não sobrevive tendo por base apenas um discurso filosófico sobre o estatuto do objeto.

¹⁰¹ Sobre essa questão muitas vezes polémica da diversidade de métodos em psicologia nos fala Lima Vaz: "A psicologia é, talvez, a ciência do homem mais próxima da Filosofia e cujos conceitos se encontram frequentemente ligados a uma longa tradição filosófica. Por outro lado, a diversidade de métodos e modelos nos autoriza a falar de "Psicologias", dificilmente redutíveis a um quadro conceptual e metodológico único. A própria caracterização científica dos ramos da Psicologia conhece variações notáveis, desde a Neuropsicologia, estreitamente ligada à Neurologia, até a Psicanálise, cujas pretensões científicas continuam a ser discutidas." (LIMA VAZ, H. C.; Antropologia filosófica, S.Paulo, Loyola, 1991, p.190 .)

Daí a nossa preocupação nesse trabalho em vincular o discurso da "ausência" do objeto à existência real do mesmo, indagando-nos sobre sua função como "instrumental de trabalho analítico".

Certamente que o gosto pela "relação de Objeto" é fundada nas séries causais que nos oferecem o objeto real. Constatamos em nossa prática clínica que os contornos do objeto e sua maneira de se dispor na natureza, constitui um elemento capaz de estimular o psiquismo, colaborando na tarefa diária de construção do real. Verificamos em nossas pesquisas que a pulsão se realiza tendo um objeto real como alvo. Daí o termo "pulsão", enquanto impulso energético e inconsciente, ser pensado aqui sem perder de vista a dimensão que guarda o objeto real na produção da imaginação material. Evidentemente que nós estamos falando agora de uma "pulsão" que se descobre pelo exterior e não uma "pulsão" embrionária ou em estado puro.

Diríamos então, de uma maneira um pouco mais precisa, que o acento da teoria sobre o uso do objeto em psicoterapia, deve ser colocado no "buraco" existente entre a "pulsão" e os "objetos reais", a fim de livrar o objeto de conceituações que diluem a experiência sensorial e reduzem o processo analítico à "imaginação falada". Assim sendo, deve-se associar a noção de pulsão ao desejo do objeto real, evitando que a praxis analítica se transforme em um trabalho contra a matéria. Desse modo, poder-se-ia falar em "cura analítica" como o resultado de um mergulho sistemático ou ao acaso nas reentrâncias do objeto real. Aqui o analisando seria guiado pela alternância rítmica que nos oferece o objeto real. A idéia é transformar o processo analítico num jogo também de prazer, onde o

sentimento de "perda" é ilustrado de maneira divertida pela inclusão de um determinado objeto real como agente terapêutico (Objeto). Assim, em consonância com a materialidade formal do objeto real, analista e analisando encontrariam juntos um meio mais objetivo para materializar as emoções.

Sem dúvida a ressonância entre o psiquismo e a matéria é dialética. Eis por que a pulsão anseia pelo testemunho do objeto real. A rede imagética acompanha e valoriza o mundo resistente da matéria e aproveita-se da energia dos objetos externos para buscar noções e vivências menos alienadas. É um fato inegável que os caminhos da imaginação falada nos fornecem meios para objetivar nossas experiências. Mas, como nos diz Bachelard: *"Os objetos, todos os objetos têm energia. Devolvem-nos o vigor imaginário que lhes oferecemos através de nossas imagens dinâmicas. Assim recomeça a vida dinâmica, a vida que sonha intervir no mundo resistente."*¹⁰² E nos adverte o filósofo-poeta em suas reflexões: *"Ah! se compreendêssemos que as fontes de nossa energia e de nossa saúde estão em nossas próprias imagens dinâmicas, nas imagens que são o futuro muito próximo de nosso psiquismo, escutaríamos o conselho do bom trabalho. Inútil procurar qualidades ocultas, 'superstições paracelsianas'. A evidência da imagem material, a imagem vivida materialmente, eis o que basta para nos provar que a matéria suave suaviza as nossas cóleras. Como a fúria não tem nenhum objeto no trabalho dessa esplêndida moleza, o sujeito torna-se um sujeito de suavidade"*¹⁰³

¹⁰² BACHELARD, G. Ob. Cit. p. 59.

¹⁰³ *ibid.* p. 67.

Infelizmente, para a maioria dos psicanalistas, a noção de "objeto" acabou ligada à idéia de "objeto subjetivo", o que levou a uma supervalorização da psicanálise verbal. Aqui, se desenvolveu uma espécie de tautologia simbólica onde o "referente" atua no lugar do objeto real. Isto equivale a dizer que, mediante o uso apenas da idéia de "referente" pela praxis analítica, o arranjo móvel de metáforas manuais foi reprimido e o objeto material perdido indefinidamente. Aqui nasce e se alimenta teoricamente a noção de "relação de Objeto". Sendo assim, inscreve-se a "relação de Objeto", como uma montagem que se faz entre o sujeito e o objeto idéia, argumentando-se sempre em torno da noção de "objeto perdido". Vimos tratar-se de uma relação narcísica do sujeito com o objeto fantasmático que, após marginalizar o lado sensorial do objeto, tenta insistentemente criar a teoria da morte do objeto pela linguagem.

À rigor a "relação de objeto" é uma "relação de sujeito". E, como tal, veicula uma noção que se caracteriza por uma espécie de "flexibilidade do pensamento" dirigida para a abstração do símbolo. Aqui, de maneira bizarra, a questão da "ausência" entra como solução para o problema da eliminação do objeto real pela teoria, ou seja, articula-se a teoria da "falta" impondo o objeto semântico como única via de acesso à realidade. Assim, aprende-se a desconfiar sempre do objeto real e mesmo a eliminá-lo do circuito analítico. Na verdade, trata-se de uma interpretação ideológica do *Fantasma*.

É preciso escolher: ou reduzir a praxis analítica à "potência da linguagem", onde o inconsciente é reduzido ao campo semiótico e a psicanálise limitada ao idealismo semântico; ou, suportar a introdução do objeto real como um agente importante de saúde, abrindo

o espaço teórico-clínico ao manuseio do objeto real. Essa escolha é uma necessidade caso queiramos libertar as demandas terapêuticas de uma relação aditiva e narcísica com os objetos subjetivos. À nosso ver, o ideal seria então "psicanalisar" numa ambiência calculada para a produção de símbolos vivos e funcionais. Para isso, o equilíbrio técnico do objeto semântico deve ser rompido e a estratégia analítica montada na brecha existente entre o referente e o objeto real. Nesse caso, o objeto real entra como complementação de todos os outros objetos de que fala a psicanálise, envolvendo o analisando no manuseio linguístico e sensorial das emoções.

É precisamente aqui que a relação "sujeito-objeto" continua a desafiar as teorias e os métodos analíticos. A questão é colocada: como passar do "referente" ao pólo dos objetos reais? Como construir teoricamente esse "buraco" necessário para abrir o caminho para a "relação de Objeu"? Em primeiro lugar, para chegarmos ao uso do objeto real como "instrumental de trabalho", precisa-se necessariamente de teorizar sobre esse intervalo potencial criado entre os objetos subjetivos e os objetos reais. À grosso modo, trata-se de substituir a linguagem da "falta" pela linguagem da "presença". Depois, propor algo que aproxime a série de objetos externos aos objetos internos. Sabendo, é claro, que as dificuldades não cessam enquanto não entrar em cena um objeto real. Ora, falar de Objeu sem objeto real seria o mesmo que falar em referência. Daí nomearmos a *argila* como o *Objeu* nesse nosso trabalho.

Partindo de algumas reflexões sobre a nossa praxis, constatamos que no intervalo deixado como marca pelo objeto real, criam-se

representações capazes de articular a presença na ausência, evitando a tautologia e a ambigüidade dos objetos subjetivos. Assim, o indizível do objeto subjetivo familiariza-se com a natureza visível das coisas, extraindo a representação da realidade mesma do objeto material, tal como havia sido fixada na origem pelo *Fort da*. Trata-se aqui de uma dialética que se transforma ela mesma em uma espécie de "passarela", ligando o "referente" ao "objeto real". Como já fora dito, trata-se de uma dialética que procura resgatar para a praxis clínica o jogo simbólico do *Fort da*.

Sendo assim, desta tomada de contato com as raízes do "jogo" analítico, abre-se um caminho novo para que o analista possa reintroduzir no "setting" os dois pólos da dialética: o pólo virtual do "objeto referência" e o pólo funcional do "objeto real". Mas, para chegar à essa dinâmica, precisa-se ter sempre em conta que a "referência" se nutre de objetos concretos e, que essa "passarela", enquanto uma resultante do "buraco semiológico", é uma espécie de espaço que permite aos objetos internos se encarnarem pela mediação do objeto escolhido pelo terapeuta. Certamente que é através desse ritmo de "transmutação" dos objetos internos em objetos externos e vice-versa, que o psiquismo atingirá o objeto do objeto. Aqui, a referência em consonância com o mundo interior do indivíduo, fornece a imagem-ação que procura compor dialeticamente com a matéria pela via da "relação de Objeu".

Na "relação de Objeu", os dois planos da dialética analítica se encontram então face a uma nova dinâmica, onde conjunções virtuais e arquetípicas transformam-se em conexões reais, através de contradições que têm na métrica do real possível, uma espécie de

solicitação do desejo inconsciente de curar-se. Mas, a questão se torna ainda mais persistente: como pensar uma composição do psiquismo com as coisas externas? Como estabelecer em psicanálise o contato entre o artesão do objeto "verbo" com o artesão do objeto concreto? Como fazer brotar do interior mesmo das concepções psicanalíticas, um discurso sobre a presença do objeto, um discurso que permita legitimar o objeto concreto como "instrumental de trabalho" do analista e não apenas como uma coexistência faltosa ao nível de uma "idéia de objeto"?

Tais perguntas continuarão sempre atuais. E respondê-las se torna um desafio diário para os analistas, não importando a linha teórica em que atuem. Sendo assim, diríamos que esse nosso trabalho é apenas o esboço reflexivo que se fez necessário a partir de nossa prática analítica com a argila. Constatamos que as emoções e os procedimentos lógicos do pensamento sofrem de uma conversão ou inversão de movimentos diante da matéria. E mais, estas duas séries causais (natural e humana) não se deixam separar. Elas coabitam dialeticamente através de pontos de fusão e de condensação. Como dissera Jung: *"O carbono do corpo humano é simplesmente carbono; no mais profundo de si mesma, a psique é universo."*¹⁰⁴ Isso equivale a dizer que a psique também é matéria, na medida em que fabrica e articula imagens a partir de estímulos da natureza.

A imagem-sonho, por exemplo, aparecerá ligando o desejo do analisando ao desejo do objeto material sugerido pelo analista. Ou, por outro lado, marcados pela virtualidade dos complexos e sujeitos

¹⁰⁴JUNG, C.G.: *Memórias, sonhos e reflexões*, Rio, N.Fronteira, 1962, p. 355.

ao dinamismo material, tais "sonhos-imagem" aparecerão, ora como uma espécie de sinalização da existência de uma determinada neurose, ora como símbolos vivos transformadores de energia e da própria neurose em causa. Aqui, não se exige tanto decifrar ou interpretar as imagens na esperança de encontrar atrás delas as representações simbólicas. Na verdade elas são em si mesmas um acontecimento psíquico. Como uma nova linguagem capaz de integrar, ao nível da imaginação material, significados e significantes, as imagens modeladas pelo analisando favorecem a emergência e a perlaboração de situações penosas inconscientes (v. anexo, fig. 23 e o respectivo texto: "A máscara que dança").

Deste modo, as mãos tornam funcionais os fantasmas. O contato firme das mãos com a matéria assegura ao imaginário a estabilidade da consciência frente às variações instáveis dessa caverna incomensurável que é o inconsciente. As mãos grudam na argila como uma criança à saia de sua mãe, e juntas levam o analisando ao interior de si mesmo, fazendo-o penetrar em regiões antes insondáveis. Bem perto dos devaneios do carvoeiro - que traz uma luz presa à cabeça e as mãos soltas para vasculhar nas entranhas da terra a energia humana fossilizada e perdida pela linguagem verbal - podemos então imaginar a substancial prática alquímica por que passam analista e analisando quando em "relação de Objeto". A luz da razão serve antes de tudo para iluminar o espaço da procura e deixar as mãos livres na busca da individuação. De fato, o analisando sonha também pelas mãos. E, como nos diz Bachelard: "*... o sonho da mão põe um prado sobre o mar. Como em todos os grandes sonhos, as imagens elevam-se ao nível de um universo. Uma maciez cósmica enche e depois rodeia o punho que está amassando. A primavera perfumada nasce na*

mão feliz."¹⁰⁵ Diríamos que o testemunho das mãos virilmente psicanalisadas pelo trabalho efetivo da argila, revelam objetos fantasmáticos, ao se deixarem manusear pelo fluxo e refluxo da libido. Nesse sentido, o que nos parece essencial, é favorecer a conjunção entre a imaginação falada e a imaginação porosa, transformando a "relação de Objeto" no lugar ideal para a autorregulação da energia libidinal (v. no anexo fig 16 e 17 sobre o título: "As forças formadoras: o aspecto criador da libido) .

À matéria, na "relação de objeto", é sempre passiva e o acento é colocado somente sobre o lado do homem que procura se inscrever no espaço não-orgânico das coisas a fim de projetar seus desejos. Contudo, na "relação de Objeto", não nos contentamos em trabalhar o duplo "projeção/introjeção" somente pela via da linguagem verbal. Sem dúvida, o processo nomeado "relação de Objeto" se exprime sempre num contexto ativo desenhado pelas mãos e onde o objeto real se mistura na imaginação do analisando a fim de jogar "à diferença do *de dentro* e do *de fora*". Com efeito, na "relação de Objeto", a percepção está dentro das coisas, na intenção de descobrir nelas um sentido utilitário e dinâmico que ajude o analisando na construção de sua consciência. Aqui, a ação analítica se transformará em um duelo de forças inconscientes que procuram na própria natureza da *argila* um terreno empírico para operar suas idéias e seus fantasmas.

Diz-se então que na "relação de Objeto", o objeto material ou o *Objeto* é o mediador que dará ao inconsciente as condições formais para se afirmar como realidade externa. Portanto, o essencial para

¹⁰⁵BACHELARD, G.; Conf. Ob. Cit., p. 67.

que se possa obter a funcionalidade dos fantasmas e fantasias sem que se caia em neuroses ou distúrbios graves de consciência, está no prazer que o analisando encontra em saber "brincar" com o objeto real. A partir desse ponto de vista analítico, os objetos externos existiriam para aprofundar nossos próprios objetos internos - o que os analisandos descobrem neles mesmos quando são analisados numa "relação de Objeto". A idéia é de sempre levar os objetos imaginários à uma confrontação exterior a fim de lhes dar uma vida concreta.

Assim, os objetos convencionais trabalhados comumente na "relação de objeto", são religados uns após os outros pelas imagens movimentadas de nossa imaginação e, mais tarde, servirão de base à uma compreensão mais exata do real. Com efeito, os fantasmas não são reconstruídos sem que se possa confrontá-los pela via de uma interpretação crítica que se prolonga naturalmente na matéria (interpretação de Objeto). Nesse caso, estabelecer um contato manual com a argila, as tintas, as pedras, a água, o fogo e todos os diferentes objetos da natureza e, mesmo a lã, os tecidos, os espelhos, etc., será sempre uma maneira criativa de se introduzir na imaginação criativa e traçar um novo modelo de intervenção psicológica. Aqui, não será como na "relação de objeto", na qual os sonhos do analisando funcionam como uma espécie de miragem metafórica sem consistência material. Ao contrário, aprendendo a manusear os verbos, o analista e o analisando se inserem na métrica da imaginação material e, após uma

passagem pelas instáveis imagens do mundo exterior, o analisando saberá melhor compreender a transitoriedade de suas imagens internas.

O aspecto desconhecido das malformações e das desviações patológicas do analisando, leva-o a observar o mundo com um olhar do "de dentro" de suas neuroses. Mas, por outro lado, o desejo inconsciente de curar-se atua envolvendo-o num processo de discernimento que lhe exige uma participação mais ativa frente às suas produções fantasmáticas. A boca fala, o olho vê e as mãos querem tocar as imagens que falam de uma tentativa da psique em "simbolizar" para liberar o aspecto sadio dos mecanismos inconscientes. A "relação de Ob-jeu" é justamente a montagem desse enquadre em que o duplo "sujeito-objeto" aparece como uma construção dialógica onde todas as imagens variam em função do mundo fechado do indivíduo e sobre todas as faces e interfaces do objeto real. Nesse caso, o objeto não se encontraria perdido, nem no homem nem na natureza, ou melhor, o homem o perderia nele próprio para o retomar em seguida na natureza. Eis aí então o realismo de um "objeto" que se opõe sistematicamente ao idealismo imbutido na idéia de "objeto perdido". Não se trata aqui, de querer desqualificar a experiência da "falta", mais de proclamar a noção de "relação de Ob-jeu", como uma estratégia capaz de resolver os equívocos da "relação de Ob-jeto".

ANEXO

1. A "RELAÇÃO DE OBJEU" NUMA PERSPECTIVA JUNGUIANA

" O mecanismo psicológico que transforma
a energia é o símbolo."

JUNG¹⁰⁶

Como já foi exposto acima, o objetivo primeiro desse nosso trabalho, é de procurar abrir espaço para a entrada do objeto real como "instrumental terapêutico". Procura-se assim, vir a ultrapassar

¹⁰⁶JUNG, C.G.: A energia psíquica, Petrópolis, Vozes, 1983, p. 44.

a "relação de Objeto", cuja ênfase está na psicanálise verbal e numa supervalorização do objeto semântico. A "relação de Objeto" tem como objetivo criar condições de possibilidade para que o pensamento psicanalítico em geral possa, respectivamente, vincular as funções da comunicação verbal às funções predominantes do processo de comunicação sensorial. Assim sendo, introduzir o objeto real como ferramenta de trabalho analítico, significa incluir na reflexão e praxis psicanalíticas um sistema de relações polivalentes com o objeto; e, não apenas acatá-lo como algo de transitório para processo terapêutico.

Sendo assim, é precisamente aqui neste anexo que resolvemos esboçar uma leitura junguiana da estratégia "relação de Objeto". O objetivo é, através do material simbólico produzido por analisandos franceses, enveredar o leitor no código psicanalítico junguiano. Trata-se de incluir em nossas reflexões a problemática suscitada pelas imagens simbólicas produzidas no contexto Europeu. Sendo assim, achamos conveniente examinar brevemente alguns tópicos da teoria junguiana (analisaremos alguns conceitos junguianos tais como: "símbolo vivo/símbolo morto", de arquétipo/complezo, "sombra", "anima/animus", etc..) a fim de instaurar um tipo de reflexão capaz de fornecer elementos para a própria caracterização da argila como "Objeto". Mas, devido à complexidade que envolve a psicanálise junguiana limitamo-nos a apenas esboçar alguns rumos através do pensamento junguiano, na esperança de favorecer o discernimento sobre possíveis relações entre a psicologia analítica junguiana e o material produzido pelos analisandos. Se, no corpo mesmo desse nosso trabalho, esforçamo-nos por manter uma certa neutralidade quanto ao enfoque teórico é porque não nos esquecemos que originariamente a

estratégia da "relação de Objeu" está inscrita no *Fart da*: o que a coloca como algo que independe da teoria que posteriormente servirá de base para ajudar o terapeuta na compreensão e análise dos símbolos.

Diríamos então que a junção de imagens através da "relação de Objeu" define os traços sensoriais de metamorfoses do Eu, na medida em que, através da linguagem manual, consegue-se dar um corpo concreto aos objetos fantasmáticos. Aqui, toda a "magia verbal" instala-se a serviço de impulsos energéticos e simétricos das mãos, reforçando o desdobramento desses impulsos na direção de uma linguagem simbólica com novas possibilidades de significado. Em princípio, a maneira de simbolizar inerente ao que chamamos de "relação de Objeu" quer, precisamente, reconhecer a importância terapêutica do símbolo vivo. Isto significa que, na "relação de Objeu" procura-se preservar o caminho natural dos processos inconscientes de simbolização, dando ênfase na fabricação do símbolo como o melhor artifício terapêutico.

O "Objeu" seria então uma espécie de "óculos" do analista, por onde permearia a condição de possibilidade do encontro lúdico com o referente, desnudando-o ao inseri-lo no real que lhe deu origem. A consequência mais direta desse procedimento é a criação da consciência. Através do agrupamento em combinações diferentes de imagens em argila, desencadeiam-se possibilidades renovadas de associações ao nível sensorial e verbal. O Eu desprende-se dos arquétipos pela insistência lúdica própria da "relação de Objeu". A imago do objeto se desprende em imagens objetais, quebrando representações verbais para, em seguida, formar conjuntos passíveis

de análise e interpretação via manual. O objeto subjetivo alinha-se a um repertório manual rico em metáforas funcionais. Ou, mais explicitamente: dois ou mais blocos de argila, postos em presença do analisando, manuseando-os simultaneamente com as emoções, precipitam um jogo de relações imediatas que obriga as estruturas metafóricas do analisando de se despirem da subjetividade, para em seguida revelarem-se funcionalmente em metáforas argilosas.

. A dialética entre o Eu e o Inconsciente

"As únicas coisas do mundo que podemos experimentar diretamente são os conteúdos da consciência."

JUNG¹⁰⁷

A questão da relação "sujeito-objeto" não passou despercebida de Jung. Conhecedor profundo das idéias kantianas, Jung conseguia, através de uma praxis clínica apurada, exercer uma síntese, meia que paradoxal, entre o empirismo e o idealismo. Daí, considerar os acontecimentos surgidos dos embates entre o "desconhecido do mundo interno" e o "desconhecido do mundo externo", como o lugar ideal para a pesquisa científica em psicanálise. Mesmo antes do seu encontro com Freud, Jung já desenvolvia sua praxis clínica e suas idéias teóricas. Dentre as inúmeras contribuições que dera Jung à psicanálise, considerando o seu próprio método como a principal, encontramos, entre outras mais, a de ter sido ele o introdutor do

¹⁰⁷ JUNG, C.G.: A natureza da psique. Petrópolis, Vozes, 1984, p. 77.

conceito de complexo, da instituição da análise didática como condição necessária para tornar-se analista, além é claro, de ter sido entre outros o articulador, juntamente com Freud, do conceito de libido, que viria mais tarde a ser a controvérsia fundamental em relação às idéias de Freud e que acabou levando Jung a desenvolver sua própria forma de psicanalisar. Assim, criando novos conceitos em psicanálise e expandindo outros, Jung procurava fazer compreender a natureza da psique. À grosso modo, diríamos que ainda são muitas as semelhanças e diferenças entre a psicanálise freudiana e a junguiana e, apesar das controvérsias, sem dúvida, ambos se inscrevem como fiéis "arqueólogos" da alma humana.

C.G.Jung sabia e sempre procurava frisar, a dificuldade que é para o ser humano, querer pesquisar-se a si próprio. Como observara, a dificuldade residia no fato de que em psicanálise nós somos, ao mesmo tempo, o sujeito e o objeto de estudo. Psicanálise nenhuma resiste a essa constatação, como não resistiram às influências do romantismo na época em que nasceram.¹⁰⁸ Mas, Jung, assegurando-se da fragilidade de sua investida de pesquisa, acaba tecendo hipóteses, argumentando sobre elas com Freud, Adler e tantos outros.

A idéia central de todos esses pioneiros, fora a de chegar a esboçar algumas distinções entre o inconsciente e o consciente, a fim de poder compreender a relação entre o Eu e o inconsciente. Da parte de Jung, evitando a teorizar de forma dualista sobre a dinâmica psíquica, pensa-se na dialética entre o Eu e o inconsciente.

¹⁰⁸ Para um estudo mais aprofundado sobre a questão da influência dos românticos, tanto na psicanálise de Freud e, fundamentalmente, na de Jung, encaminhamos o leitor ao brilhante estudo de Ellenberger sob o título: *Le contexte culturel: le Romantisme*, que se encontra no capítulo "Les fondements de la psychiatrie dynamique" - ELLENBERGER, H.F.; *Histoire de la découverte de l'inconscient*, Paris, Fayard, 1994, p.229 à 261.

considerando a psique como sendo " a totalidade dos fenômenos psíquicos, tanto da consciência como do inconsciente."¹⁰⁹ Daí, com a leitura dos filósofos, principalmente de Kant, começa Jung a inserir-se neste grande tema que seria notadamente o grande impasse de toda psicologia, ou seja, o fato de ser a psique tanto o objeto como o sujeito da busca. Vejamos o que nos diz Jung: "*Psychology is a science of consciousness, in the very first place. In the second place, it is the science of the products of what we call the unconscious psyche. We cannot directly explore the unconscious psyche because the unconscious is just unconscious, and we have therefore no relation to it*" E, acrescenta: "*Consciousness is like a surface or a skin upon a vast unconscious area of unknown extent. We do not know how far the unconscious rules because we simply know nothing of it. You cannot say anything about a thing of which you know nothing.*"¹¹⁰

O grande impasse lógico estaria na dificuldade de ser o próprio sujeito a falar de si como se fora um outro, isto significaria, de uma certa maneira, querer que o racional desse conta do irracional no sujeito. Jung percebe ser o homem um desconhecido em potencial e, que a consciência é na verdade a história da fragilidade humana. Aceita essa possibilidade, não fora difícil perceber, que nenhuma montagem teórica do aparelho psíquico, ou seja, que nenhuma ciência do psiquismo poderia resolver esse enigma. Seriam então as ciências meras estratégias sustentadas por hipóteses, com o objetivo de tornar mais objetivas as afirmações sobre o comportamento humano.

¹⁰⁹JUNG,C.G.;Tipos psicológicos,Rio,Ed.Guanabara,1987,p.476.

¹¹⁰JUNG,C.G.;Analytical Psychology its theory & practice,New York, Vintage Books,1970,p.6 e 7.

Preocupado em não cair nas malhas do idealismo alemão, procurava fundamentar-se sempre em suas pesquisas de campo, de forma a subtrair daí a sua teoria. Assim, a partir da dificuldade em definir o que seria o "homem psicológico", Jung traça parâmetros para examinar com acuidade o que seria o "mundo de fora" e o "mundo de dentro" do sujeito. Em face dessa verificação mais ou menos generalizada, Jung esforça-se por produzir conceitos extremamente flexíveis, permitindo assim esboçar os fundamentos teóricos e práticos do que observava como sendo o processo normal de formação da consciência.

Nesta tarefa, Jung acaba por distinguir-se de Freud no que concerne aos conceitos que mapeariam o funcionamento da psique. Freud já houvera feito diferentes abordagens topológicas da mente, quando, Jung escreveria: "*Freud, for instance, does not derive the conscious from sense data, but he derives the unconscious from the conscious, which is along the same rational line.*". Continuaria Jung: "*I would put it the reverse way: I would say the thing that comes first is obviously the unconscious and that consciousness really arises from an unconscious condition. [...]: the most important functions of an instinctive nature are unconscious, and consciousness is rather the product of the unconscious.*"¹¹¹ A partir desse posicionamento, Jung daria continuidade à elaboração de novos conceitos em psicanálise que o fariam distanciar-se daqueles preconizados por Freud. Acaba finalmente postulando a existência do "inconsciente pessoal" e "inconsciente coletivo"; fala da "função compensatória" como inerentes a essas instâncias psíquicas e, através de outros

¹¹¹ JUNG, C.G.; Ob: Cit.: p. 8.

vários conceitos, procura traçar um caminho teórico que pudesse sustentar sua *weltanschauung* (cosmovisão).

Portanto, como podemos observar, desde o início Jung não adere totalmente às concepções freudianas. Sendo assim, após reconsiderar os conteúdos "reprimidos e esquecidos" em Freud, como sendo o "inconsciente pessoal"¹¹², Jung depara com outros de natureza coletiva e próprios da humanidade em geral; a esses últimos denominou "inconsciente coletivo". Segundo Jung, o "inconsciente coletivo" é constituído de uma espécie de núcleos de concentração de energias a que denominaria mais tarde, valendo-se da expressão *Typos* em Santo Agostinho, de "arquétipos". A criação dos mitos e lendas deriva desse agrupamento de caracteres arcaicos que são os arquétipos. Diria então Jung: "*It expresses the psychological mechanism of introversion of the conscious mind into the deeper layers of the unconscious psyche. From these layers derive the contents of an impersonal, mythological character, in other words, the archetypes, and I call them therefore the impersonal or collective unconscious.*"¹¹³ Convém ressaltar que os arquétipos guardam em si a energia psíquica, operando como uma espécie de transformador potencial capaz de orientar a ação na direção do mundo externo. A construção do Eu nasceria portanto, desse jogo energético dos arquétipos, que se manifestariam ao consciente através dos sonhos.

¹¹² A psicanálise freudiana estaria circunscrita dentro dessa noção de "inconsciente pessoal". A grande diferença está na afirmação que Jung faz, a partir de pesquisas com sonhos de negros americanos de raças ainda não misturadas. Segundo Jung, existe no inconsciente camadas mais profundas (inconsciente coletivo) onde a psique ultrapassaria as características individuais do sujeito, confirmando ser a mesma circunscrita também numa espécie de amálgama universal.

¹¹³ JUNG, C.G.: *Ob. Cit.*, p. 41.

das imagens espontâneas criadas pelo sujeito; não importando que tais imagens tenham caráter puramente verbais, visuais ou manuais.

Os arquétipos são inúmeros (o Édipo, a Grande Mãe, o Velho Sábio, etc.)¹¹⁴, e sua aparição representa uma etapa de evolução da mente humana.

¹¹⁴ Jung faz do dinamismo psíquico a pedra angular de sua teoria. É simples: em primeiro lugar ele procura estender o conceito de libido, antes reduzido à sexualidade. Fala-se então de Energia Vital. Com isto, Jung quer anunciar a existência no psiquismo de uma espécie de oceano de energia que é responsável por todo o envolvimento do homem com as suas raízes e com todo o universo. Sendo assim, para Jung, a libido seria precisamente a manifestação no psiquismo desta "energia vital". Teríamos então como componente dessa energia vital; de um lado, a "energia fisiológica" e, de outra parte, a "energia psíquica" ou "libido". O importante é perceber como se opera a transformação, ou seja, como se dá a economia da libido, frente aos embates do mundo interno com o mundo externo; tendo em vista a construção do Eu. Aqui é que Jung entra nomeando os "parceiros do Eu" nessa dialética que se faz entre conteúdos internos e externos.

Jung sugere que o Inconsciente seja maior do que simploriamente nós o imaginamos. Daí surgir o conceito de inconsciente individual e o de inconsciente Coletivo. Na medida em que divide o inconsciente em "pessoal" e "coletivo", Jung quer discernir sobre os diferentes conteúdos a serem compreendidos e transformados pelo Eu em consciência. Assim, diríamos que toda questão junguiana está em querer compreender teoricamente como se dá o processo de formação da consciência. Para isso, parte Jung da noção de inconsciente como o lugar de todos os acontecimentos, o grande "mar" onde toda sorte de situações são possíveis, lugar de todo gênero de erotismo e onde Deus e o demônio fazem sua morada, transitando livremente em busca de metamorfoses.

Este inconsciente desconhecido por excelência e lugar de intrincadas situações psíquicas, leva Jung a dizer: "*Nada é absolutamente verdadeiro - e até mesmo isto não é verdadeiro. Tão espessa e enganadora é a névoa que nos cerca, que foi preciso inventar uma ciência exata, para que pudessemos ter pelo menos um vislumbre de chamada "natureza real" das coisas.*" (JUNG, C.G.: *A natureza da psique*, Petrópolis, Vozes, 1984, p.269.) Daí a minuciosa construção teórica envolvendo a dinâmica entre esse desconhecido incomensurável do mundo interno e, a fastidiosa construção do Eu, resultado dos embates desse mundo interno com esse outro grande desconhecido que é o mundo externo. Mas, apesar de todos os atropelos possíveis, a realidade interior nasce da realidade exterior e vice versa, obrigando-nos a nos tornar sujeitos de ciência. Esta constatação leva Jung a nomear os parceiros do Eu na sua tarefa de lidar com os conteúdos internos, ajudando-os na tarefa de construção da realidade. Diria Jung que, a singularidade do indivíduo, conceptualizada pelo grupamento da Persona com a Sombra, flutuaria então nesse oceano imenso de energia comum a todas as singularidades humanas, ao qual achou por bem nomear de Jung Inconsciente coletivo.

Compreendamos que existe um infinito interior porque estamos mergulhado nesse infinito exterior que é o mundo das coisas. Assim, como uma usina elétrica, gerada por turbinas e acionadas por uma corrente de água, chega a produzir eletricidade e a influir no mundo externo e no mundo das pessoas; também, a psique, gerada que é pela energia vital dos arquétipos, deixa-se possuir pelas formas exteriores, transformando imagens internas em imagens externas, conduzindo, assim, o homem e a natureza por vias mais complementares. Ora, segundo Jung, essa energia vital, não se trata de uma energia homogênea como é imaginado o magma da terra, sobre o qual flutuariam continentes e ilhas. Trata-se, na verdade, de uma energia que se acumula em núcleos ou nódulos que são os arquétipos. Sendo assim, como parceiros do Eu na formação da consciência, teríamos o "arquétipo sexual" feminino anima e o arquétipo masculino animus.

E, da mesma maneira que a sombra entra em contato com a persona para juntas ajudarem o indivíduo a mediar o Eu com o mundo externo; do mesmo modo, o "arquétipo sexual anima/animus", colaboraria com o Eu no trato com os conteúdos mais profundos do mundo interno. Teríamos então duas espécies de mediadores, interligados entre si, mais com tarefas diferentes quanto à administração da energia vital. Aqui, não podemos nos esquecer, a noção de eixo Eu-si-mesmo, que aparece como uma construção teórica destinada a fazer entender que existe um nível de mediação mais global, procuraria integrar todos os parceiros do Eu num ponto comum (o Si-mesmo), de onde as divergências e as convergências se orientariam para o que Jung chamaria de "processo de individuação".

Assim, o Si-mesmo como o núcleo mais interior da psique, como o arquétipo da totalidade e arquiteto do vir a ser do homem, nortearia o Eu nessa infinita e complexa atividade estabelecida pelo confronto do mundo interno com o externo. No caso da "relação de Objeto", a argila entraria também como parceira do Eu, a fim de mediar e fazer o indivíduo

determinando muitas vezes o vir a ser do indivíduo. Através dos arquétipos, a nossa liberdade individual estaria em conjunção com uma espécie de determinismo que acompanha o indivíduo em sua condição humana. Convém acrescentar, que a noção de "arquétipo" vai se ligar a de "complexo" para que se possa entender como os conteúdos internos se ligam aos internos e leva o indivíduo a formalizar o Eu. Assim, como mediadores de conteúdos internos, o complexo sexual "anima e animus", veicularia as experiências internas à nível do Eu. Seriam como que parceiros do Eu no alargamento da consciência.

Diria Jung que é justamente a "consciência" o requisito essencial para chegarmos ao complexo do Eu. Lidar com emoções, através da fabricação de imagens, como o próprio organismo faz quando trabalha os sonhos e a virtualidade do ser, é, antes de tudo, fluxionar a libido em busca de representações capazes de ajudar o indivíduo a perscrutar a natureza de seu psiquismo e a fabricar a "consciência". Diria Jung: "*É desse modo que podemos formar uma idéia da natureza da psique. Ela é constituída de imagens reflexas de processos cerebrais simples, e das reproduções destas imagens em uma sucessão quase infinita. Estas imagens reflexas tem o*

distinguir entre a realidade viva que, ligando-se às projeções humanas, se torna capaz de fazer incorporar em imagens, todas essas instâncias psíquicas reconhecidas e nomeadas por Jung. Sendo assim, um complexo que é um conglomerado de imagens e idéias em órbita em torno dos arquétipos, poderiam eles serem acionados pela emoção e induzir as mãos a construir uma imagem ou uma expressão, funcionando em consonância com o valor sensorial que apresenta a matéria para o psiquismo humano. Daí, surgirem imagens que veiculam emoções, unindo-as à expressão verbal e, conseqüentemente, viabilizando um tratamento mais eficaz para as neuroses.

caráter de "consciência". A natureza da "consciência" é um enigma cuja solução eu desconheço.¹¹⁵ Daí Jung, indagar-se sem trégua sobre o real estatuto do Eu.

Do ponto de vista formal, observa-se que o Eu funciona como o "centro da consciência". Sendo assim, a "consciência" seria entendida como "um estado de associação com o Eu". A dúvida ou o ponto crítico, está em entender precisamente o que vem a ser o Eu, ou melhor, esse complexo do Eu. Vejamos o que nos diz Jung: "*Que entendemos por Eu? Apesar da aparente unidade do Eu, trata-se evidentemente de um fator altamente composto e variado, constituído de imagens provindas das funções sensoriais que transmitem os estímulos tanto de dentro como de fora; consiste igualmente em um imenso aglomerado de imagens resultantes de processos anteriores.*"¹¹⁶ Isto deixa claro que é o lidar com esse aglomerado de fantasmas internos através dos objetos externos, transformando as emoções em imagens, que leva o indivíduo a ampliar sua consciência e a estruturar o seu Eu. Nesse sentido, diríamos que o melhor método é aquele que tenta elucidar os enigmas propostos pelas imagens internas, seguindo as marcas deixadas nos objetos manuseados pela emoção.

¹¹⁵ JUNG, C.G.; A natureza da psique, Petrópolis, Vozes, 1984, p. 265.

¹¹⁶ *ibid.* p. 265.

. Imago e imagem

Que é a imagem para Jung? Qual seria a origem dessas imagens? O que é Imago? O conceito de "imagem" em Jung está interligado com o conceito de Imago, Imagem da alma, Imagem primordial e com a noção de símbolo. No caso do termo Imago, normalmente, tal conceito quer abolir a confusão que se faz entre as imagens propriamente ditas e o fato de que tais imagens são geradas subjetivamente. Sendo assim, pelo conceito de Imago estaria implícito que nos referimos ao objeto subjetivo e à sua dinâmica no imaginário do sujeito.

Com o conceito de "Imago", Jung quer deixar claro que o psiquismo produz imagens totalmente ligadas à sua essência mais íntima, possuindo pouca ou quase nenhuma relação com outros tipos de imagens veiculadas e formadas pela associação com as séries dos objetos externos. Se examinarmos bem, essa noção é bem próxima da noção de arquétipo uma vez que a "Imago" apresenta algo de virtualidade que lhe faz anteceder à "imagem" propriamente dita. Vejamos o que nos dizem Laplanche e Pontalis a propósito do que pensa hoje a psicanálise freudiana do termo "Imago": *"Defini-se muitas vezes a Imago como representante inconsciente; mas deve ver-se nela, em vez de uma imagem, um esquema imaginário adquirido, um clichê estático através do qual o indivíduo visa o outro. A Imago pode portanto objetivar-se, quer em sentimentos e comportamentos, quer em imagens. Acrescente-se que ela não deve ser entendida como um reflexo do real, mesmo mais ou menos deformado; é assim que a*

Imago de um pai terrível pode muito bem corresponder a um pai real apagado."¹¹⁷

Mas, Jung vai um pouco mais além e liga a noção de Imago à de "Imagem Primordial", dizendo ser esta última: "*uma expressão compreensiva do processo vital. Propicia à percepção sensorial e à espiritual, que aparecem inicialmente de modo desordenado e desconexo, um sentido ordenador e vinculador, liberando assim a energia psíquica da vinculação à percepção pura e simples, inteiramente desconexa*"¹¹⁸ (o grifo é nosso). Vale dizer que, inicialmente Jung utilizava o termo "imagem primordial" no lugar de "arquétipo". Sempre com uma espécie de preocupação que traz a marca de influências kantianas. Assim, diria Jung: "... *nenhuma imagem provém exclusivamente do exterior. Sua forma específica é devida em parte também a uma disposição psíquica a priori, ou seja, o arquétipo.*"¹¹⁹

A grande dificuldade deste enfoque, entretanto, é decidir segundo que critérios é possível medir a distância entre a Imago, a imagem e finalmente o objeto e, vice-versa, a distância do objeto em relação à imagem e à Imago. Infere-se que a imagem é fabricada pela fusão da Imago com o objeto externo. Sendo assim, o arquétipo (que segundo Jung, é puramente formal, um vazio, uma virtualidade) se juntaria ao objeto real, apoderando-se de sua funcionalidade através de uma espécie de fagocitose sensorial. Sendo assim, o projeto da consciência como um desejo inerente ao psiquismo, estaria intimamente relacionado com a capacidade do indivíduo em fundir-se com o objeto real que, a

¹¹⁷LAPLANCHE J. e PONTALIS, Ob.Cit. p. 306.

¹¹⁸JUNG, C.G.: Tipos psicológicos, Rio, Edit. Guanabara, 1987, p. 476.

¹¹⁹JUNG, C.G.: A Natureza da psique, Petrópolis, Vozes, 1984, p. 77.

princípio, receberia toda a projeção dos conteúdos internos. Assim, a tarefa central do processamento da consciência seria encontrar o objeto real para depois imantá-lo pelo desejo inconsciente. Aqui, as imagens como que sofreriam diferentes performances, refratando-se na medida em que o indivíduo se colocasse na busca de uma síntese para sua de vida.

Diríamos então que o real se articula sempre nutrido pela Imago e pelo objeto real. Se a imagem projetada coincide exatamente com o objeto externo encontrado pelo desejo do indivíduo, teríamos a possibilidade de uma espécie de narcisismo do objeto, uma vez que é justamente naquilo que o a priori da imagem arquetípica desassemelha-se do objeto real, que levaria o indivíduo à individuação.¹²⁰ Portanto, na Imago encontra-se parte da capacidade de percepção do indivíduo e o que lhe tornará internamente apto a receber os estímulos do objeto externo. Todavia, a "Imago" não é a percepção em toda sua capacidade uma vez que o processo de percepção envolve o corpo do indivíduo em toda a sua extensão e possibilidade de apercepção. Como nos diz Jung, a Imago está no indivíduo como uma *"grandeza psicológica distinta da percepção do objeto"* ou como *"uma imagem existente à margem de todas as percepções mas sustentadas por estas."*¹²¹

Diríamos então que a partir da noção de "Imago do objeto", Jung faz valer a participação do indivíduo na elaboração das imagens

¹²⁰ Segundo Jung: "Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por individualidade entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio Si-mesmo. Podemos pois traduzir individuação como tornar-se Si-mesmo (verselbstung) ou o realizar-se do Si-mesmo (Selbstverwirklichung)." (JUNG, C.G., O Eu e o Inconsciente, Petrópolis, Vozes, 1978, p. 49)

¹²¹ JUNG C.G.: A Natureza da psique, Conf. Ob. Cit., p. 212.

terapêuticas. Neste caso, o inconsciente teria uma capacidade "a priori" no processo de fabricação das imagens, eliminando com isso, a idéia de exclusividade do mundo externo na formação de imagens. Mas, é preciso estar ciente que considerar que existe dentro do indivíduo um lugar específico de onde brotam imagens, não significa querer dar ao inconsciente o poder incomensurável de fabricar tais imagens a partir do nada, ou seja, sem nenhuma ligação com as variantes do mundo externo. Sendo assim, mesmo o substrato mais íntimo da alma humana, estaria penetrado ou introjetado de formas de objetos externos, possibilitando ao arquétipo que dorme no mais profundo da alma, vir a constelar-se na "Imago do objeto" e, por vias libidinosas, tornar perceptível (ao sujeito de consciência) até mesmo imagens arcaicas e coletivas. Assim, a imaginação traria ou levaria conteúdos da psique para o mundo externo e vice-versa, introduzindo o indivíduo como um ser capaz de "simbolizar".

. Símbolo vivo e símbolo morto

" Nenhum símbolo é simples. Simples são apenas os sinais e alegorias. O símbolo representa sempre uma realidade complexa, que ultrapassa nossas categorias de linguagem e que não pode ser expressa de maneira unívoca." "..., o símbolo considerado sob o ponto de vista final, possui mais propriamente o valor de uma parábola: não dissimula, ensina."

JUNG¹²²

É fundamental observar que a noção junguiana de símbolo nasce dentro do circuito: **imago do objeto** >< **IMAGEM** >< **objeto real** .

¹²² JUNG, C.G.: O símbolo de transformação na missa, Petrópolis, Vozes, 1985, p. 53.

Contudo, enquanto Jung procurava formular o conceito de Imago preocupado em falar da existência no psiquismo dessa espécie de desejo de imagem; nós, nesse nosso trabalho, procuramos enfatizar, sobretudo, a importância do aspecto mais material e plástico que adquire o termo imagem, quando o pensamos tendo em vista a síntese que virá como resultado da dialética entre a "Imago do objeto" e o objeto real. Falamos em imagens e metáforas palpáveis, com a intenção de frisar que, a estrutura arquetípica quando inserida numa "relação de Objeto", é capaz de produzir representações necessariamente simbólicas. Diríamos então que de imagem em imagem o psiquismo "simboliza" um motivo básico, situando o Eu como o centro da consciência. Isso implica em dizer que através de imagens, a libido entra como "a mensageira", "o mercúrio", que reúne numa nova ordem a percepção de objetos internos e externos.

Entre muitas das causas do rompimento entre Freud e Jung, poderíamos juntar o de ter Jung reformulado o conceito de símbolo. Vejamos o que nos diz Jung: "*Aqueles conteúdos conscientes que nos dão uma chave para o substrato inconsciente são chamados por Freud incorretamente de símbolos. Entretanto, não são símbolos verdadeiros, uma vez que, de acordo com sua teoria, têm eles meramente o papel de sinais ou sintomas dos processos subliminares. O verdadeiro símbolo difere essencialmente disso e deveria ser compreendido como uma idéia intuitiva que ainda não pode ser*

formulada de outra forma, ou de uma melhor forma"¹²³

Diríamos então que, para a psicanálise junguiana, o símbolo ultrapassa o signo para se inscrever como agente de emoções. Como um símbolo vivo, ele advém da autonomia dos complexos e da capacidade da psique em projetar-se no exterior. Nesse sentido, não seria o sujeito que projeta e sim o inconsciente através de sua capacidade de simbolizar.

Diria Jung que essa dinâmica proposta feita pelo interior ao mundo exterior, comporta em si um elemento de caráter curativo e restaurador. Daí o símbolo ser considerado como transformador de energia. Ainda tentando diferenciar do conceito freudiano, a junguiana Jolande Jacobi argumentaria: "*Há uma diferença fundamental entre as concepções de Freud e de Jung. Para o primeiro, a transformação da libido - a sublimação - é unipolar, porque nela o material reprimido inconsciente é sempre transladado para uma forma criadora de cultura. Para Jung, no entanto, a transformação da libido pode ser denominada bipolar, porque sempre é resultante do contínuo unir e separar de dois elementos opostos, que se manifesta como síntese de tese e antítese, isto é, de material consciente e inconsciente.*" Continuaria Jacobi: "*....evocando assim aglomerações energéticas novas, o símbolo, indo de síntese em síntese, é capaz de transformar a libido de maneira constante e de distribuí-la e levá-la à atividade útil.*"¹²⁴

A distinção entre o conceito de símbolo e o de signo vai tomando forma em Jung a partir de 1920. Jung buscaria no livro de Ferrero

¹²³JUNG, C.G.; CW 15, par. 105.

¹²⁴JACOBI, J.; *Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung*, S.P., Cultrix, 1986, p.92.

"Le lois psychologique du symbolisme (1895)", a base para formalizar tal diferença conceptual. Diria Jung: "*Segundo o meu critério, deve ser estabelecida uma rigorosa diferença entre o conceito de símbolo e o conceito de um mero signo. O significado simbólico e o significado semiótico são coisas completamente distintas.*" E continua Jung: "*O símbolo pressupõe sempre que a expressão escolhida constitui a melhor designação ou a melhor fórmula possível para um estado de coisas relativamente desconhecido mas que se reconhece como existente ou como tal é reclamado.*" (o grifo é nosso) ¹²⁵ Daí ser considerado o símbolo e não o signo, o lugar por excelência para o trânsito da libido. Sendo assim, o símbolo realiza o desejo de vir a ser do indivíduo, levando-o ao discernimento do que antes fora só incompreensão. E, enquanto veículo do Ser, o símbolo será a condição de possibilidade do sujeito entrar em contato com as energias contraditórias e vir a articular-se pela via da "função transcendente".

O símbolo tem um tempo determinado em sua própria intenção simbólica, ou seja, o de transcender o conflito insinuando uma alternativa viável à estrutura psicológica do sujeito. Nesse sentido, ele surge como um recurso da alma humana que almeja instaurar, a partir da experiência simbólica, um espaço para o desvelar do Ser. Diríamos então estar o processo simbólico estreitamente vinculado ao ato de "experimentar". Não se "experimenta" no signo e sim no símbolo. Isso significa que, através da dinâmica que o ato de simbolizar instaura, mobiliza-se a "função sentimento" engendrando

¹²⁵JUNG, C.G.; Tipos psicológicos, Ob. Cit. p. 542 e 543.

uma ação simbólica capaz de evocar e estimular os complexos autônomos do inconsciente permitindo a evolução interior. Nesse caso, o símbolo é símbolo primeiro no sujeito e depois ele se junta aos objetos na natureza, aparecendo no contexto da experiência como um revelador constante de associações, percepções e apercepções. Isso explica o motivo básico pelo qual, fora do símbolo não poderíamos falar de processo de cura.

A questão envolve um outro aspecto que precisa ser por nós mencionado: a questão da morte do símbolo. Jung é quem nos fala da "morte do símbolo", o que nos parece, pelo que viemos dizendo até agora, uma afirmação paradoxal. Se o símbolo é um vivo - o que viria a ser um "símbolo morto"? Isso quer dizer, em outras palavras, que uma transformação se opera entre o signo e o símbolo. E, essa transformação que presenciamos no símbolo, é ela o sinal da metamorfose por que passa o sujeito. Na verdade, "símbolo morto" é um símbolo vazio de significado para o sujeito de consciência. Isto quer dizer que um objeto, simbolicamente fabricado em "imaginação ativa" pelo manuseio da argila, pode vir a se transformar em signo e mais tarde vir a causar uma certa "estranheza" no indivíduo que o modelou. Mas, podemos resolver tal "estranheza" se, com a ajuda do analista, esgotarmos os múltiplos significados que traz o símbolo. Nesse caso, pouco a pouco, o objeto dentro desprende-se do objeto fora, e nessa atmosfera de transformação o objeto morre para o sujeito, ou seja, deixa de transitar como uma energia afetiva no imaginário do indivíduo. Vejamos o que

nos diz Jung: "Enquanto um símbolo se mantém vivo, é porque constituiu a melhor expressão de uma coisa. O símbolo só se conserva vivo enquanto estiver repleto de significado. Mas logo que o seu sentido se esclarece, quer dizer, quando se encontra a expressão que formula melhor do que o símbolo a coisa procurada, esperada ou pressentida, pode-se então afirmar que o símbolo morre. Seu significado será apenas histórico."¹²⁶ O que não significa dizer que tal objeto perca completamente o seu papel de agente para a "função simbólica". Existem casos em que o indivíduo continua a manter um certo vínculo com essa energia transformadora que encontrou no objeto.

Isto quer dizer que, algumas vezes presenciamos símbolos antes considerados "mortos", virem depois transformarem-se em "símbolos vivos". Sendo assim, é preciso frisar que a morte do objeto real como símbolo não implica em que o objeto seja um descartável para a consciência. O objeto nunca perde seu caráter de um agente transformador de energia. Um "objeto signo" pode vir a tornar-se, num outro momento, novamente um símbolo, dependendo é claro dos padrões perceptuais e lingüísticos e afetivos consagrados pelo sujeito à ele e vice-versa.

Diríamos que, pela "função simbólica", os objetos internos se ligam ao corpo do objeto real para depois fabricar o símbolo. Uma vez cumprida sua missão, esgotando-se também à nível da linguagem verbal, o símbolo acaba assumindo exatamente o caráter de um signo, ou seja,

¹²⁶ibid. p. 543 e 544.

completada a significação, o "objeto símbolo" sofre uma transformação conjunta com o indivíduo que o verá em seguida com olhos e palavras diferentes. Aqui, as projeções retornam ao indivíduo depois de assumir um corpo material e verbal e de serem examinadas minuciosamente pela consciência. Assim, num processo de evolução e individuação onde o indivíduo busca-se compreender em profundidade, o encontro com a dimensão "transcendente"¹²⁷ do psiquismo, leva-o a suportar os embates dos conteúdos inconscientes, abrindo-o à possibilidades ilimitadas, à uma espécie de permuta sinestésica entre objetos internos e objetos externos.

Diríamos então que, discriminar aquilo que vem do sujeito daquilo que é próprio do objeto, é uma tarefa que só se torna viável através da capacidade que tem a psique de simbolizar. Na verdade, num processo de simbolização que envolva sujeito e objeto, a "função simbólica", enquanto uma capacidade natural do indivíduo para chegar à consciência individual e tornar-se sujeito de seu mundo, se liga ao objeto, transformando-o num "instrumento" capaz de articular a consciência. Isto significa, em outros termos, que quando falamos de "situação simbólica", está implícito todo um contexto que favorece a tomada de consciência pelo símbolo - o símbolo enquanto o lugar que norteará toda significância.

¹²⁷Jung nos fala de "função transcendente". Trata-se de "trancendência" dos opostos quando em conflito. Segundo Jung existe sempre conflito de opostos no interior do Eu. Numa tentativa de superação desses conflitos, nasce a "função transcendente". Como tal ela resulta de um movimento duplo: de uma parte o inconsciente com seus conteúdos, seus fantasmas e sintomas e, de outro lado, os valores considerados de relevância para o Eu. Nesse caso, a psique procura "transcender" o embate travado entre esses dois tipos de conteúdos, propondo sínteses novas, e, dessa forma, restaura-se o equilíbrio e alarga-se a "consciência".

. As máscaras de argila: típicas entidades clínicas

" Le masque vise à maîtriser et à contrôler le monde invisible. La multiplicité des forces circulant dans l'espace expliquerait la variété composite des masques où se mêlent des figures humaines et des formes animales en des thèmes indéfiniment entrelacés et parfois monstrueux."

CHEVALIER et GHEERBRANT¹²⁸

A máscara não se esgota apenas no gestual manual, ela resume os gestos anteriores, inventa um campo de mediação prática entre a "Imago do objeto", a matéria a ser transformada e o próprio indivíduo em sua transformação. Desta maneira, remetendo o analisando à uma dialética constante de transformações, a máscara deixa de ser um veículo abstrato para transformar-se no operador objetivo das ilusões. Remetendo continuamente o analista e o analisando na uniformidade de sua praxis simplificada, a máscara alimenta o fluxo energético, construindo assim uma ordem articulada, fundada sobre a funcionalidade plástica do redondo.

Aqui, as resistências profundas aparecem simplificadas, organizando-se livremente e desembocando num esforço contínuo de gestos que denunciam dinamicamente os entraves psicológicos do analisando. Vejamos o que nos diz esse analisando após o manuseio incessante de sua máscara: "*C'est très rond. En fait, depuis que je suis toute petite, que je me laisse aller à dessiner, comme ça, au téléphone, c'est toujours rond; ça m'énerve parce que j'aimerais bien faire*

¹²⁸CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A.; Dictionnaire des Symboles, Paris, édit. Robert Laffont S/A, 1982, p. 616.

*des beaux dessins qui soient un peu dissymétriques, et puis c'est toujours rond, j'arrive pas à sortir du rond. En fait, j'avais pas envie de faire un masque. Quand je vois de l'argile, j'ai envie de donner des coups de poing dedans, c'est tout: j'aurais donné des coups de poing et je me serais arrêtée quand j'en aurais eu marre. En fait, ce qu'il faudrait c'est lui mettre un méga coup de poing dans la figure, mais j'ai pas osé. Vas-y! Oui mais si tu commences à laisser ouvrir les vannes... donc je le laisse comme ça, mais j'ai un peu du mal à gérer ce qui me tombe dessus ..."*¹²⁹

No caso acima, o analisando pouco a pouco foi se permitindo expressar e mesmo a redimensionar seus sentimentos. De uma forma menos abstrata, com uma intervenção mínima, ela pode expressar-se manual e depois verbalmente sobre sua dificuldade em lidar com sentimentos agressivos que vinham comprometendo sua liberdade.

No cenário analítico, as representações argilosas enriquecem o trabalho analítico graças ao fenômeno que permite ao analisando de atingir, pelo manuseio da argila, às mais estranhas formas inconscientes. Diríamos que a parte "sombria" da alma, ao escapar ao discurso verbal vai encontrar nas imagens de argila uma possibilidade maior de expressão, servindo de ponto de apoio para que se comece a expressar sentimentos agressivos num campo de associações mais funcionais. Assim, uma vez que os conteúdos da

¹²⁹ Este texto é falado pelo próprio analisando do filme documentário "La relation d'objet - La médiation de l'argile en psychothérapie" realizado em Dijon-França.

"sombra" são confrontados na "relação de Objeto", eles se deixariam moldar em máscaras de argila. Essas imagens argilosas, provocam um relaxamento total no verbal do analisando e se oferecem como testemunhas de complexos neuróticos e de vias para elucidação dos mesmos.

Na verdade, as máscaras modeladas na "relação de Objeto", são típicas entidades clínicas. A argila fixa de alguma maneira a projeção neurótica e os contornos das máscaras recriam a projeção sobre uma outra camada, facilitando assim a interpretação e a perlaboração do conteúdo projetado. Em seguida, através da imaginação falada, acelerados pela potência energética do elemento matéria, muitas interfaces da doença são deslocadas dos complexos e se submeterão à modificação necessária. Nesse caso, a consciência do Eu se alarga, dotando o analisando de um olhar em perspectiva sobre sua maneira de ser no mundo. Portanto, é a argila como matéria prima e mais o plano geométrico da máscara, que oferecem a base e a espacialidade necessárias para que se estabeleça a dialética entre o Eu e o inconsciente.

Com o testemunho das imagens argilosas, o analisando acaba reconhecendo a fraqueza de sua argumentação verbal, descobrindo o prazer saudável que é o de dar um corpo concreto às suas numerosas metáforas. Portanto, as máscaras de argila exercem uma força infatigável contra o núcleo psicótico do analisando, assegurando, graças ao fato de serem eminentemente ativas, um resultado terapêutico satisfatório, atuando exatamente nas estruturas internas pelas quais o

psiquismo sente se esvair. Contudo, não poderíamos dizer que o analisando experimenta somente prazer no manusear de máscaras de emoções. Durante o processo advém muitas dificuldades: o analisando experimenta do prazer à situações profundas de nojo ou tédio, de inseguranças, de perplexidade diante das formas que se insinuam em máscaras que se sucedem sem parar, desafiando a imaginação verbal. Em muitos casos, observamos que o analisando começa querendo falar ao mesmo tempo que faz a máscara, mas o acúmulo de imagens plásticas que vão se sugerindo na argila, acaba por silenciá-lo, conduzindo-o à um mergulho total na "imaginação porosa".

Esvazia-se uma mente saturada pelo verbo. O silêncio se impõe. É aqui que os conteúdos inconscientes começam a penetrar nas camadas mais profundas do Eu. Verificamos que nessa passagem, o analisando numa reflexão manual dos sentimentos, é tomado por os mais inusitados sentimentos que lhe vem naturalmente ao espírito, como por exemplo, sentimentos de angustias desconhecidas, de vergonha, de ridículo, de perplexidades, de medo por estar tocando e mesmo revelando áreas profundas de seu ser; tudo isso, às vezes em meio à uma imensa calma e satisfação profunda. O que ressalta nesse tipo de análise é a ebulição de conteúdos que começam a se organizarem e a enriquecer a vida do indivíduo.

Naturalmente que os sonhos virão mostrando o apelo do inconsciente acerca dos caminhos a serem tomados na busca de um novo sentido para a vida. Neste momento, a tarefa do analista é de favorecer a livre circulação da energia

psíquica, em particular, através de uma verbalização que renascerá quando estiver esgotado o desejo de continuar a manusear a máscara. Portanto, diríamos que o nosso método se completa numa reflexão final formulada em linguagem oral. Desta maneira, o analisando passa do campo sensorial ao campo verbal. E os objetos internos e externos organizam-se forçosamente sobre uma nova dimensão estrutural ou lógica. A ferramenta, o Objeto ostenta sua plasticidade, articulando ao mesmo tempo a experiência sensível com as formas verbais, extraíndo daí o substancial da relação simbólica.

2. A EXPERIÊNCIA FRANCESA

" Dans la mesure où je parvenais à traduire en images les émotions qui m'agitaient, c'est-à-dire à trouver les images qui se cachaient dans les émotions, la paix intérieure s'installait. Si j'avait laissé les choses demeurer sur le plan de l'émotion, il y a lieu de penser que j'aurais été déchiré par les contenus de l'inconscient. Peut-être aurais-je pu les refouler, les dissocier, les scinder; mais alors, j'aurais inmanquablement été victime d'une névrose et les contenus de l'inconscient m'auraient donc tout de même finalement détruit. Mon expérience eut pour résultat de m'apprendre combien il est salutaire, du point de vue thérapeutique, de rendre conscientes les images qui résident, dissimulées, derrière les émotions."

JUNG¹³⁰

Diríamos que as imagens em argila evoluem na direção de linhas invisíveis de nossa imaginação, criando ao mesmo tempo uma temporalidade que condiciona a virtualidade arquetípica às exigências do mundo real. Reservamos aqui, um espaço a estas imagens e a

¹³⁰ JUNG, C.G.: *Ma vie - Souvenirs, rêves et pensées*, Paris, Gallimard, 1992, p.206.

algumas reflexões de nossos analisandos. Importa sublinhar que as palavras em letra miúda e entre aspas, correspondem exatamente ao diálogo evocado pelos analisandos durante o percurso. Nesse trabalho, surpreendeu-nos, mais uma vez, a abertura da alma humana para os caminhos geradores do barro. Enquanto o motor é o imaginário, a asa é o barro. Assim, todos puderam voar.

Não saberíamos dizer se seria possível a realização desse grupo, como também dos nove outros realizados pela França, se não houvesse a argila como ponto de referência para nossa proposta terapêutica. Como sempre, na nossa estratégia de trabalho analítico, a argila acaba nos unindo pelo que há de universal em todos nós. Isso explica a recepção calorosa que teve este trabalho na França. Realizamos nossa experiência em muitas cidades francesas, incluindo Boyer e Paris.

Assim como o livro "Sol da Terra" traz as experiências com analisandos no Brasil, aqui apresentamos um pouco de nossa praxis realizada com um dos grupos de Dijon. Através de nosso orientador M. Wunenburger foi feito contato com alguns artistas (pintores e escultores), com os alunos do mestrado e doutorado do Centro de Pesquisa G. Bachelard, e com psicólogos e arte-terapeutas que trabalhavam num "hebergement therapeutique" nas imediações de Dijon. Tais contatos ocorreram dentro e fora da universidade, tendo como objetivo fazer uma pequena seleção tendo em vista o objetivo de nosso trabalho. A estratégia escolhida fora a de reunir em pequenos grupos os interessados e apresentar a nossa proposta de trabalho. O primeiro contato com esse grupo ocorreu em novembro de 1993. A proposta fora a de submetê-los a uma sensibilização psicológica pela

via da argila. Foram selecionados sete pessoas, todos franceses. Havia um homem de 28 anos (doutorando em filosofia) e seis mulheres entre 40 e 50 anos (uma pintora, uma psicóloga e cinco arte-terapeutas que trabalhavam em diferentes "hôpitaux de jour"). O nosso enquadre previa um ano de trabalho, com uma sessão de duas horas e meia uma vez por semana, finalizando com uma jornada (de 9 horas às 17:00) num fim de semana. Após as incertezas do primeiro encontro, nós constatamos a possibilidade de levar a bom termo este trabalho; como fora feito em consultório particular no Rio de Janeiro e na favela da Rocinha. O trabalho durou exatamente o previsto pelo nosso cronograma.

Assim, procuramos através destas imagens que seguem, oferecer ao leitor uma pequena visão do que fora essa nossa experiência em outra cultura. Logicamente que as nuances culturais e sociais estão sempre presentes, mas não há dúvida que a argila ajuda a estabelecer um vínculo profundo entre analista e analisando. Através dela harmonizam-se as dissonâncias e estimula-se o terapêutico, contribuindo assim na elaboração de tudo aquilo que poderia nos nutrir ou mesmo nos devorar ao nível de nossos fantasmas inconscientes.

Eis aí então uma pequena mostra de algumas imagens traduzindo sonhos e palavras, unindo argila e fantasmas, numa atividade denominada sabiamente por um de nossos analisandos de "psychoterrapie". De fato, pela introversão e regressão da libido, a estrutura arquetípica do inconsciente encontra na argila a neutralidade formal capaz de esculpir o rosto de conteúdos latentes. Entregamos essas imagens à sua acuidade teórica e à vibração de sua imaginação.

O VALOR SIMBÓLICO DO PRIMEIRO ENCONTRO

A angústia e a incerteza do primeiro encontro é calculada pelo analista que prontamente se integra ao *setting*, recuperando para ele próprio, o velho jogo do *Fort da*.



Fig. nº 1.

A angústia e a incerteza diante da confrontação com o inconsciente e o problema de saber como se efetuará a reestruturação do Eu, devem servir para ampliar e equilibrar a relação "analista/analizando. De fato, na "relação de Objeto", a ambiência exige que o analista esteja pronto a ser o primeiro a colocar a mão na massa.

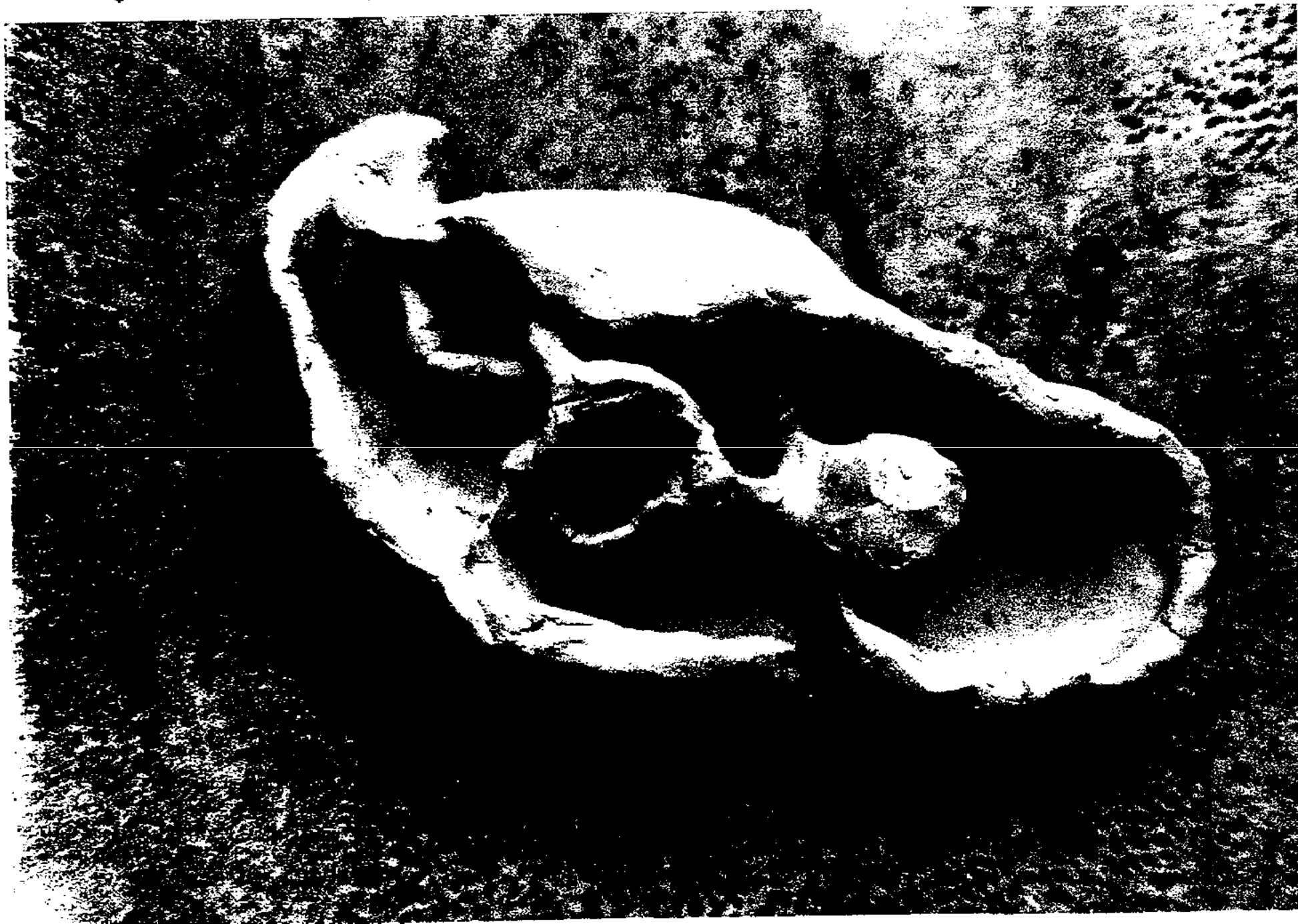
* Il est vrai qu'à chaque séance ce que j'apprécie c'est que tu parles, tu t'impliques, tu existes avec nous. ¹³¹

¹³¹fala de um analisando.

A HISTORICIDADE DO INCONSCIENTE

A força de viver na medida exata do desejo inconsciente, não significa ter que se ligar de maneira regressiva a gerações perdidas em nossa memória. O que podemos assinalar é que a imaginação material pela argila nos leva a contactar com o passado e o futuro numa dinâmica essencialmente prospectiva.

Fig. nº 2.



*" Nossa consciência não se cria a si mesma, mas emana de profundezas desconhecidas. Na infância, desperta gradualmente e, ao longo da vida, desperta cada manhã, saindo das profundezas do sono, de um estado de inconsciência. É como uma criança nascendo diariamente do seio materno. "*¹³²

*" En fait, tous les rêves m'ont apporté une réflexion sur la vie, ce que j'essaye de traduire dans la terre, le coquillage et la maison aux nombreuses portes qui montent vers le ciel. Je n'ai pas envie de retourner à mon état d'enfance, mais c'est un très grand point d'appui pour vivre ma vie d'adulte... "*¹³³

¹³² JUNG, C.G.: *Memórias, sonhos e reflexões*, Rio, N. Fronteira, 1962, p.353.

¹³³ Fala de um analisando.

A METAMORFOSE DA "SOMBRA" ATRAVÉS DA ARGILA

A maioria das tendências inconscientes, consideradas incompatíveis com a consciência e, interditadas muitas vezes de serem simbolizadas pela linguagem oral, podem elas vir a ser elaboradas através da simbolização porosa. Tais zonas sombrias, encontram na argila um meio seguro para atingir a luz, sem que isso viole a intimidade do analisando. Vejamos essas reflexões feitas por alguns analisandos logo após a modelagem dessas máscaras, aqui enumeradas de 3 a 13.

Figs: 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13.

" SOMBRA - A parte inferior da personalidade. Soma de todos os elementos psíquicos pessoais e coletivos que, incompatíveis com a forma de vida conscientemente escolhida, não foram vividos e se unem ao inconsciente, formando uma personalidade parcial, relativamente autônoma, com tendências opostas às do consciente. A sombra se comporta de maneira compensatória em relação à consciência." "A tarefa do início da análise é tornar a sombra consciente. Negligenciar e recalcar a sombra ou identificar o Eu com ela pode determinar dissociações perigosas." ¹³⁴

" Je ne voudrais pas trop me couper des autres. Mais je pense que rien d'en avoir le souci, suffit à me préserver, n'est ce pas ? "

" Chacun de nous comme un fil de trame la trame du groupe. En chacun de nous des zones sombres qu'on ne veut pas éclairer, des zones lumineuses qui nous éclairent et éclairent aussi les autres. Les métaphores qui nous frappent: un chien, une plume, un poil, un taureau, une boule rouge, le feu, l'eau, la mort au fond des yeux... Les productions d'argile, à la fois en dehors de nous et à l'intérieur de nous. Nos productions d'argile qui viennent comme la concrétisation d'une obsession, comme traduisant un va et vient entre le plaisir d'être en phase avec cette matière dense, et l'angoisse que suscite l'envahissement de ma conscience par ses objets internes. Les autre du groupe: tantôt absents de moi-même, tantôt présents en moi-même par ce qu'ils ont d'identique et de différent. L'énergie que chacun met pour produire et en même temps sauvegarder son équilibre mental et son intégrité."

" La terre me semble être un élément assez crucial, à cause de sa malléabilité et de sa puissance d'évocation onirique. Les séances de travail avec elle m'ont permis de prendre une conscience existentielle (et non plus abstraite ou intellectuelle) de mon inconscient, en particulier à cause du "sur rêve" qui a manifesté avec évidence cette part d'ombre, d'oublié, en moi. J'avais bien le sentiment, auparavant, d'avoir en moi, du sombre, mais pas du "noir" comme cela, littéralement de l'in-conscient... J'ai plutôt l'impression de m'être libéré..." ¹³⁵

¹³⁴Ibid. p.359.

¹³⁵Trata-se aqui de citações, de pedaços de palavras, ditas pelos analisandos durante às sessões.



Fig. 3



Fig. 4

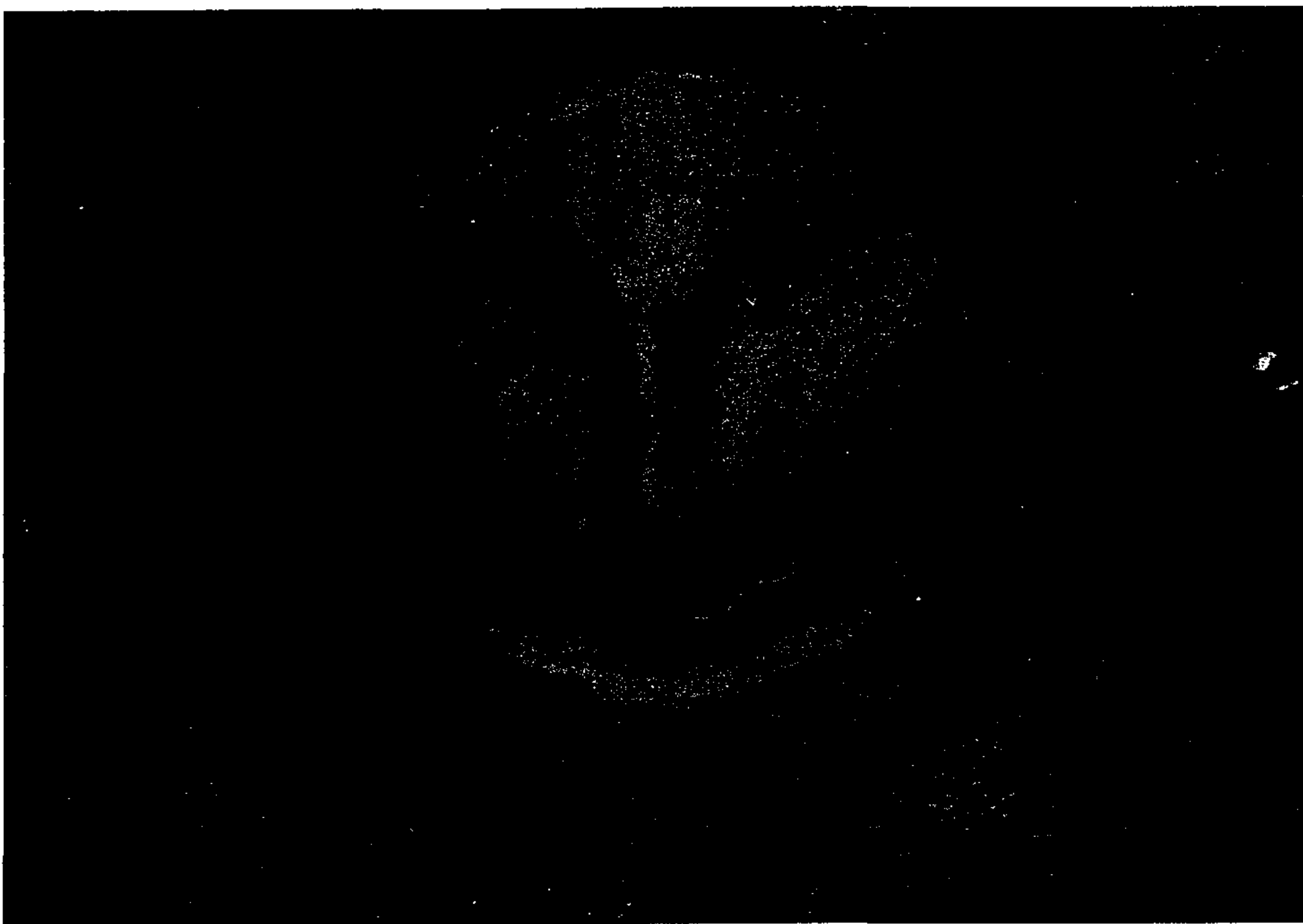


Fig. 5



Fig. 6

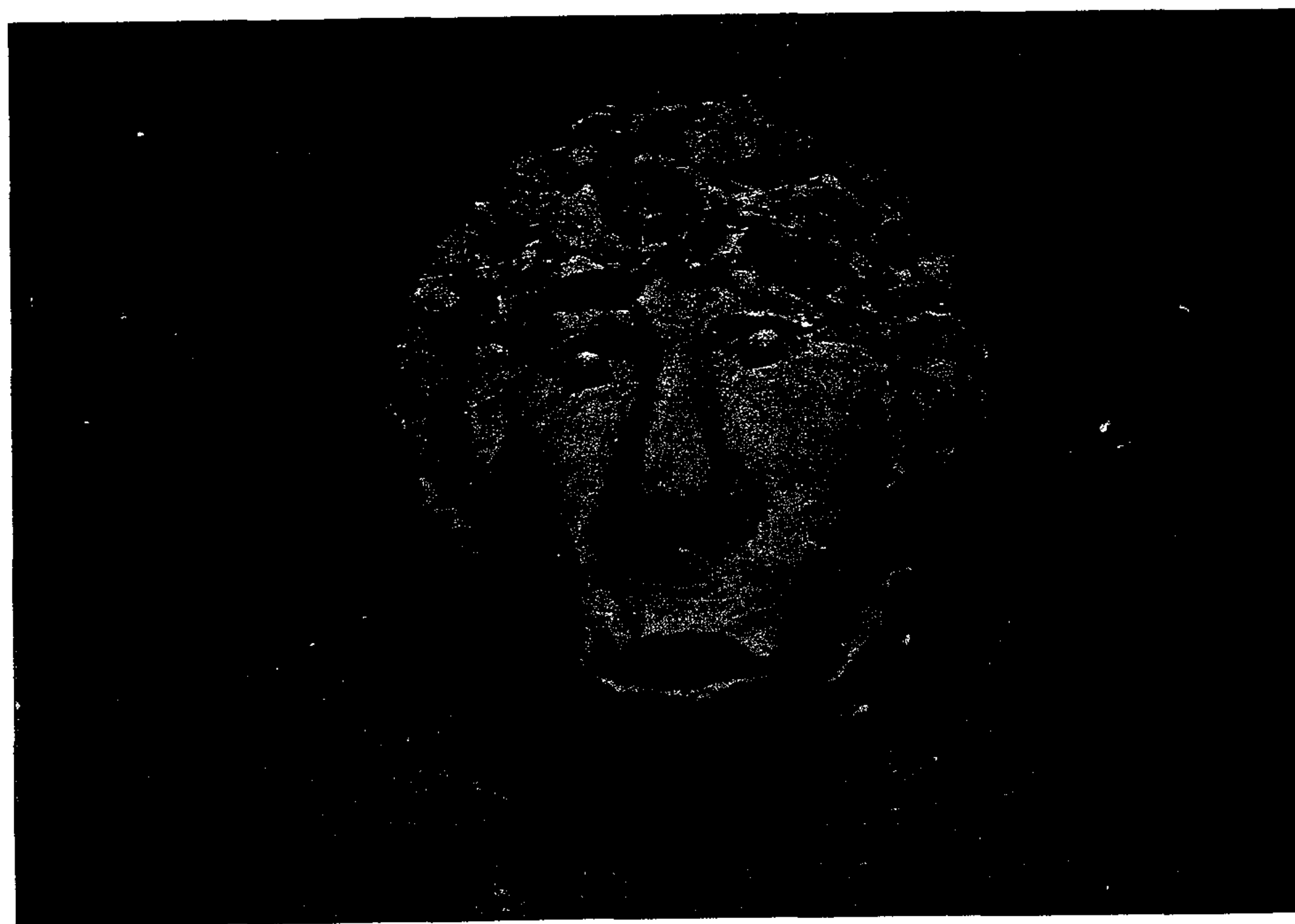


Fig. 7



Fig. 8

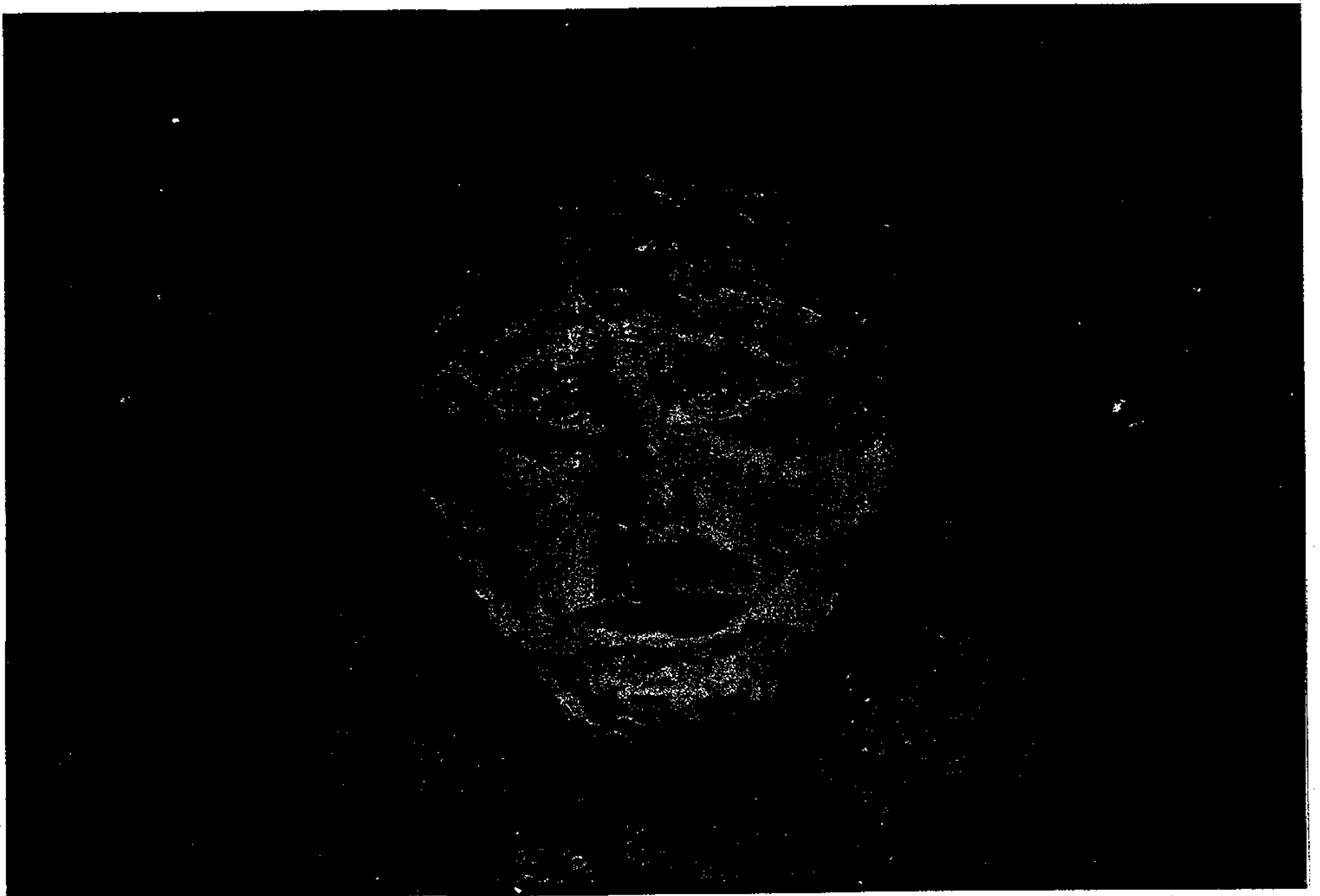


Fig. 9



Fig. 10

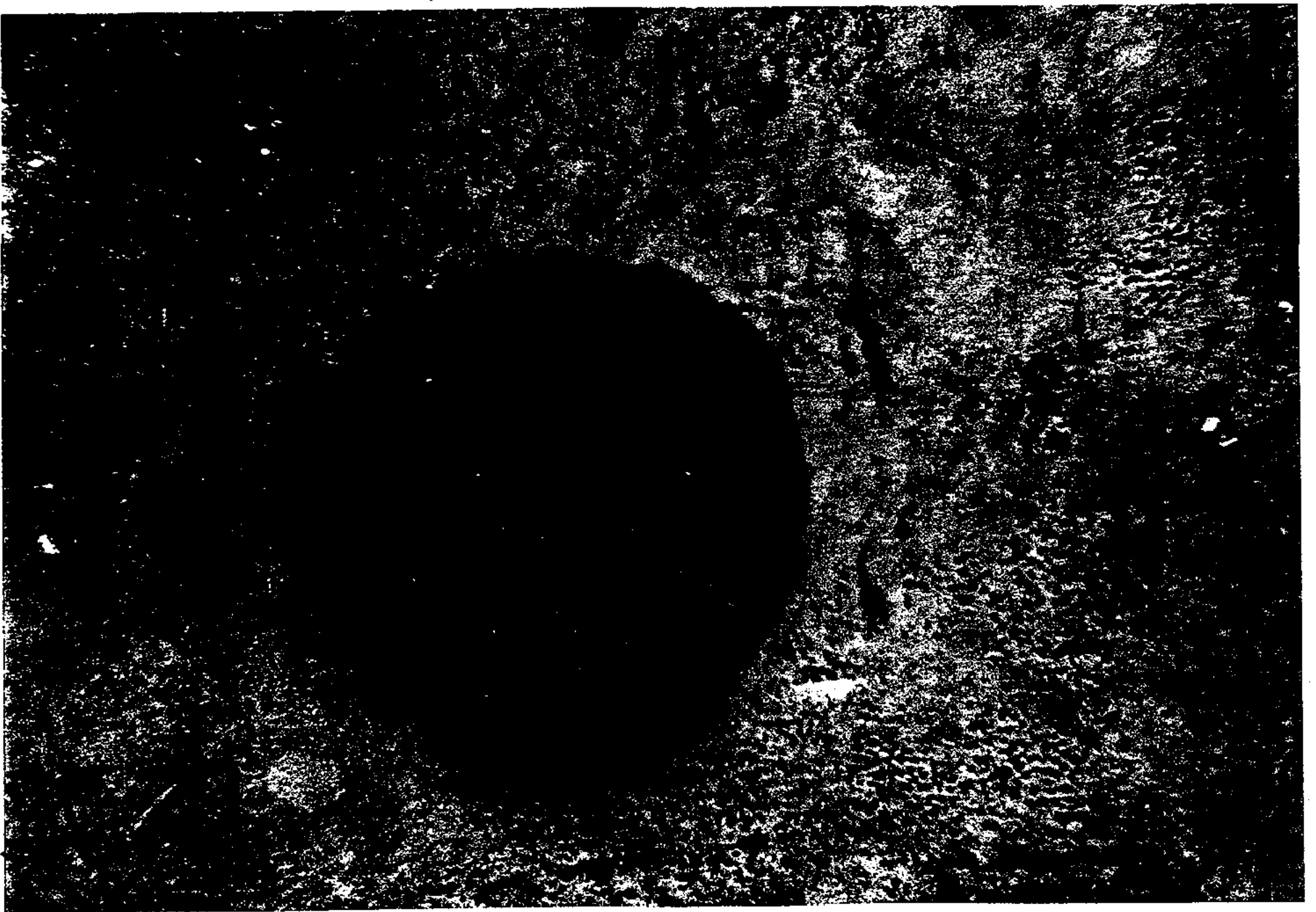


Fig. 11

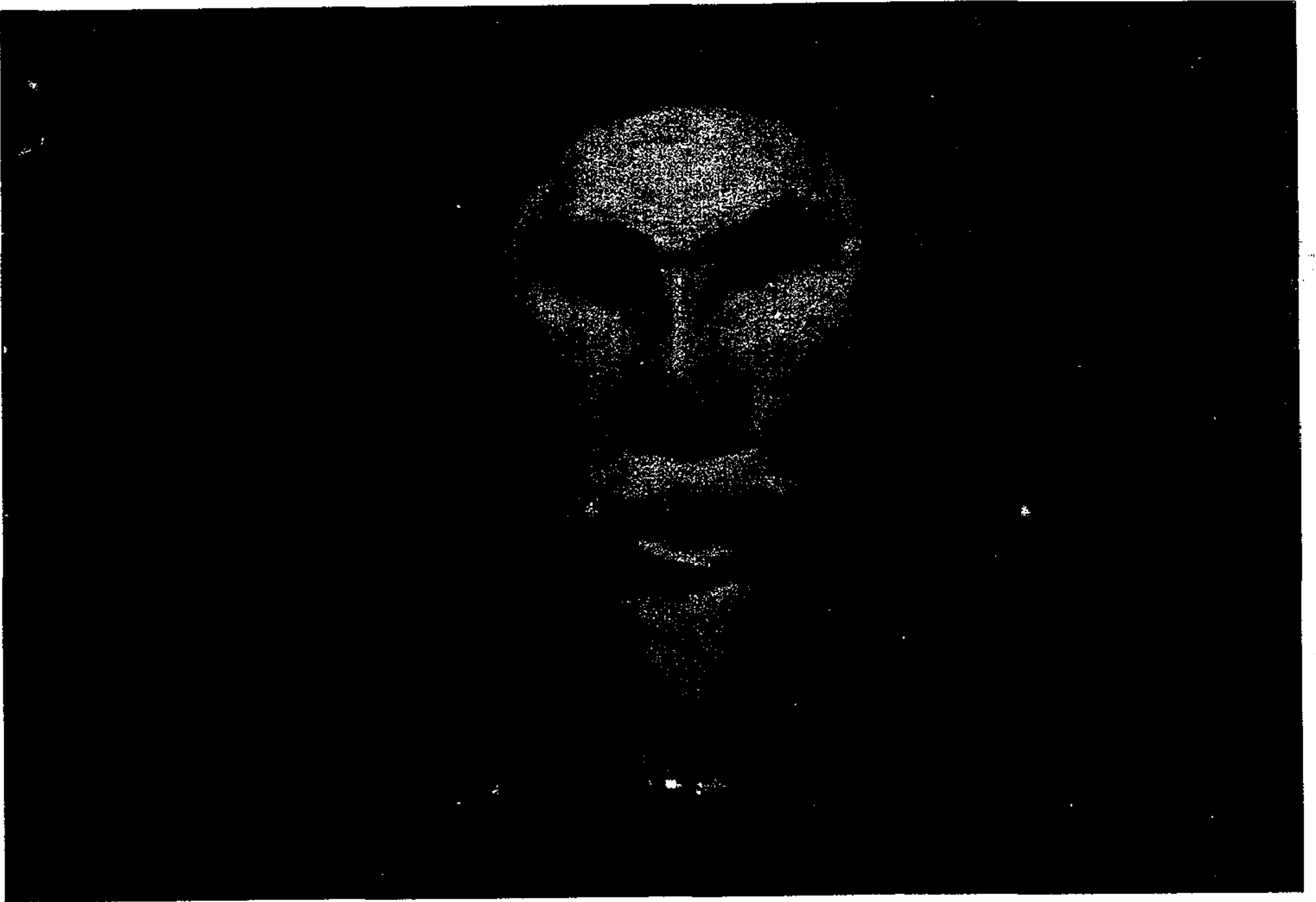


Fig. 12



Fig. 13

A BISSEXUALIDADE PSÍQUICA: ANIMA E ANIMUS

Segundo Jung, em todo homem existe um arquétipo sexual feminino e em toda mulher um arquétipo sexual masculino. Esse arquétipo sexual (anima e animus) se mantém em contato com a "sombra" e a esta por sua vez contacta-se com a "persona". Enquanto arquétipos tanto a anima como o animus podem possuir o indivíduo. Nesse caso, o homem e a mulher correm o risco de serem dominados pelo arquétipo sexual. Contudo, Jung coloca como sendo a função natural, tanto da anima como do animus, a de estabelecer a relação entre a consciência individual e o inconsciente coletivo. No caso da imagem nº 14, trabalhamos na argila, em "expressão conduzida", os conteúdos relacionados com a natureza feminina do inconsciente do homem e, através do manuseio da figura nº 15, foi simbolizado o animus enquanto natureza masculina de inconsciente de uma analisanda. Vejamos o que dissera um analisando quando em "livre expressão" veio a criar uma espécie de sereia: "*Au fur et à mesure je me suis laissé aller à modeler une femme; j'ai pris du plaisir à toucher, à manipuler. Au début je me suis censuré un peu, parce que je me suis dit "ça va être nul, ça va ressembler à rien", et puis j'ai dit "on va voir". Et finalement je l'aime bien comme ça, elle dort, tranquille.*"¹³⁶



LA BISSEXUALITE PSYCHIQUE: ANIMA ET ANIMUS

fig. 14 - L'anima : la nature féminine de l'inconscient de l'homme
fig. 15 - L'animus: la nature masculine de l'inconscient de la femme

¹³⁶Retirado de um pequeno documentário filmado em Boyer, intitulado "La relation d'Objet" e editado com a ajuda do "Centre Gaston Bachelard de recherches sur l'imaginaire et la rationalité" - de l'Université de Bourgogne.

AS FORÇAS FORMADORAS: O ASPECTO CRIADOR DA LIBIDO

Em Jung a noção de libido está ligada à de "energia vital", ultrapassando uma conotação meramente sexual. Na presença da argila, o potencial energético do analisando pode aderir à plasticidade da argila e ajudar a "função transcendente" no trabalho de superação dos conflitos internos. Este modo de favorecer a dinâmica libidinal, instaura um certo prazer a quem experimenta manusear determinados símbolos antes limitados ao verbal. Certamente que esse prazer será rapidamente confrontado com a dificuldade que terá mais tarde em ter que elaborar verbalmente o significado das imagens produzidas. Mas, de toda maneira, temos constatado o prazer e a sensualidade que o analisando experimenta ao modelar algumas imagens relacionadas com o "phallus" ou por outros símbolos análogos. Assim, o diabo que poderia representar o perverso, o malicioso, servirá, ao ser manuseado na argila, para liberar e harmonizar forças desintegradoras e antagônicas do psiquismo do analisando, deixando de ser o "bode expiatório" do instinto sexual.

Fig. 16 e 17.



AS MÃES DE ARGILA

Poderíamos aprofundar teoricamente a questão paterna e materna a partir da noção junguiana de "grande mãe" ou de "complexo de Édipo" em Freud. Mas, o nosso objetivo aqui é ajudar o analista a compreender que na "relação de Objeto" o que conta é levar o analisando a "por as mãos na massa" e tentar, através de uma simbolização porosa, solucionar os impasses existentes entre o mundo interno e externo. A argila é a chave que conduz às mães. Do ponto de vista psicológico, a introjeção de um certo tipo de energia durante o período da vida em que o indivíduo está dependente dos pais reais ou mesmo de seus substitutos, formará no indivíduo uma "Imago materna" cujas raízes acham-se plantadas no inconsciente coletivo, onde se encontra o "maternal arquetípico".

Por outro lado, diferentes níveis do materno podem vir a assumir no psiquismo uma conotação de "mãe boa" ou de "mãe terrível". Nesse nosso trabalho com a argila nós deixamos um grande espaço para a elaboração e compreensão dos conteúdos ligados a esta "Imago materna"¹³⁷. Convém deixar claro que o intuito é atingir o duplo "pai/mãe" pela via do materno. Trata-se de um encontro com a mãe arcaica enquanto raiz do inconsciente. Sendo assim, o analisando encontrará na dialética úmida e quente da argila, um meio prazeroso para chegar à diferenciação entre os três níveis de mãe: a mãe arcaica, a mãe imaginária e a mãe real. Sabe-se que a adaptação psicológica às dificuldades do mundo externo estará sempre comprometida se o analisando não se desembaraçar da ambivalência afetiva causada por alternâncias emocionais provocadas pelo duplo "mãe boa" e "mãe devoradora de crianças". Aqui, nós encontramos as raízes da "pulsão de vida" e "pulsão de morte" e a fonte da dinâmica libidinal.

Inscrevendo-se nessa dinâmica, a confrontação com maternal arcaico e mesmo com "Imago de mãe", pode inserir o analisando em emoções novas e criativas. Daí considerarmos que a argila ao abrir-se ao materno tem o efeito de conduzir o analisando às mães imaginárias e sombrias, permitindo em contrapartida uma melhor relação com a mãe real. Certamente que contactar vestígios de mães sombrias significa reconhecer o lugar exato da mãe real, liberando o indivíduo para o mundo. Ao manusear a argila, o analisando chega naturalmente ao centro de suas angústias e se torna capaz de dizer positivamente aquilo que antes lhe parecia pesadelo. Num primeiro momento, o indizível apropria-se das mãos e, de imagem em imagem, chega-se às palavras, aos sonhos e, finalmente, ao real possível. Eis aí então, pequenos pedaços de imagens, sonhos e reflexões a que chegaram alguns de nossos analisandos, tendo em vista suas experiências pessoais em torno do complexo materno.

Figs: 18, 19, 20, 21, 22, 23.

¹³⁷Ver sobre "imago materna" e sobre "a terrível mãe" em JUNG, C.G.; *Símbolos de transformação*, Petrópolis, Vozes, 1988, p. 164/165 e 358.



Fig. 18.

" La frustration m'est toujours très pénible. Une souffrance que je ne peux pas expliquer. La séparation en quelque sorte d'avec quelque chose qui m'est cher. Peut-être la mère! ! encore! ! "

" J'écoute plus ma psyché quand je me mets à parler de ma mère. Savoir s'arrêter pour écouter le dedans et se dire attention ceci est de ma mère, mais n'est pas bon pour moi. Ne garder que l'authentique. Laisser venir à moi tous ces rêves et voir quels points d'ancrage ils ont dans la réalité. Bien me dire qu'ils sont à moi, qu'ils viennent de ma psyché donc essayer d'en faire quelque chose."¹³⁸

¹³⁸Trata-se da fala de um dois dos analisandos



Fig. 19

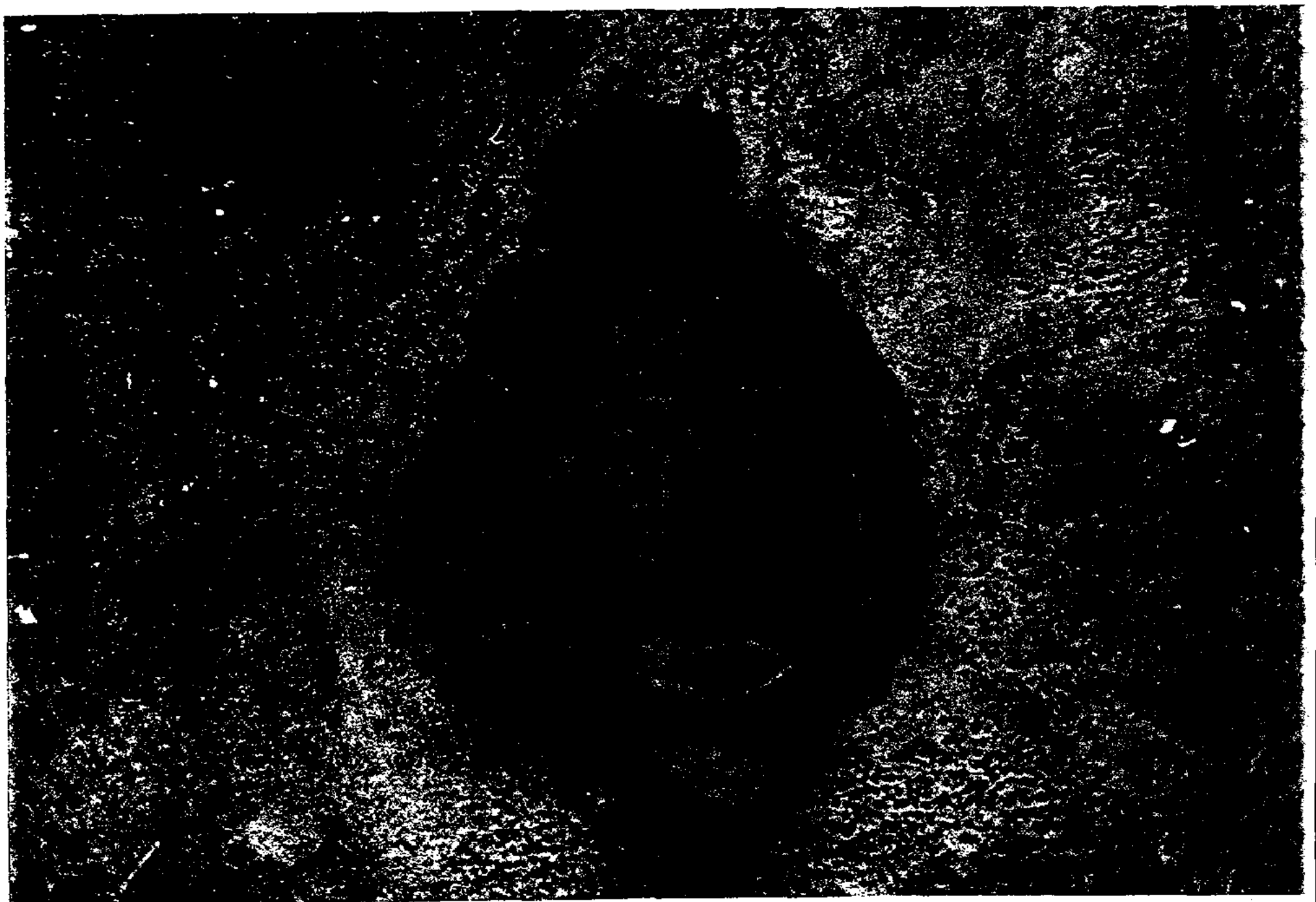


Fig. 20

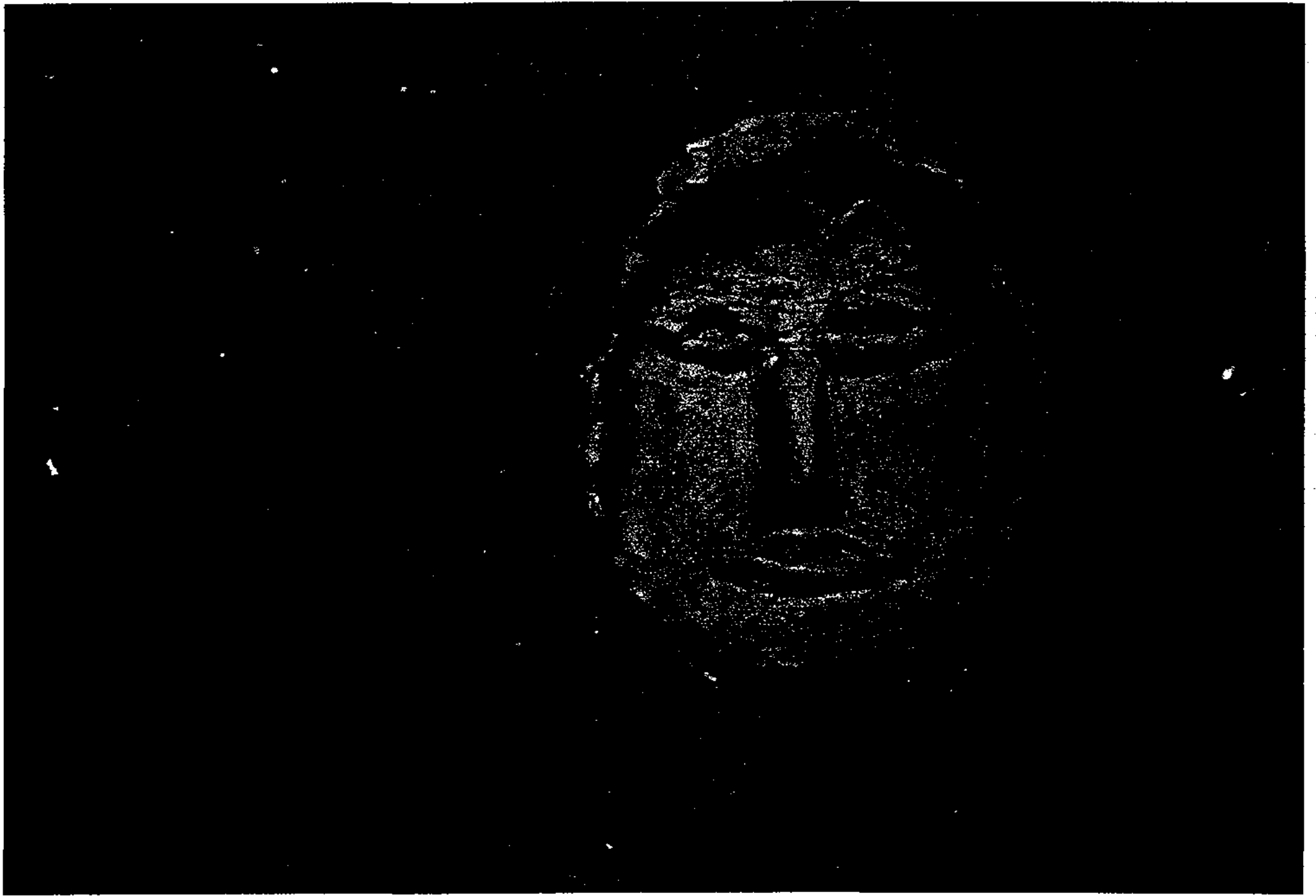


Fig 21



Fig 22

A MÁSCARA QUE DANÇA

" Des choses aux yeux et des yeux à la vision il ne passe rien de plus que des choses aux mains de l'aveugle et des ses mains à sa pensée."

MERLEAU-PONTY 139

Eis aqui na linguagem do próprio analisando, aquilo que fora uma de suas metamorfoses. É através de máscaras de argila que a libido se deixa fluir, levando o analisando a guiar-se pela imagem-ação. Encontramos prova disto no sonho narrado aqui; esse exemplo nos mostra como verdadeiramente o inconsciente é capaz de introjetar a matéria, fazendo dela a via ideal para "simbolizar" conflitos internos.

" Avec la glaise ... je n'en suis pas revenue d'être arrivée à sortir quelque chose... de voir apparaître des choses qui naissent comme ça et qui viennent de mille lieues et lieux à la fois... un beau voyage, un riche voyage vers les racines et les liens qui nous traversent et qui font sens..."

" J'avais tellement peur de retrouver ma mère à tous les tournants... et que reviennent en même temps toutes mes émotions agressives... Nos rapports à toutes les deux, étaient si conflictuels. Retrouver ma mère, c'est aussi risquer de retrouver une grande partie de ce qu'elle voyait de négatif en moi: j'étais le diable, n'en faisais qu'à ma tête... Autant de défauts bien diaboliques pour ma mère, sans doute parce qu'ils la remettait elle en cause..."

"Retrouver ma mère, c'est voir tous mes élans coupés: "ne crie pas, ne rit pas fort, ne bouge pas tes hanches, ne saute pas, ne danse pas..." C'est le souvenir de ces repas de famille difficiles où l'on disait toujours que j'avais encore dit ce qu'il ne fallait pas... Mère que j'admire pour vitalité, sa force de caractère... je crois qu'elle se voyait en moi et qu'elle aurait voulu que je sois l'idéal d'elle-même. En faisant les masques j'ai découvert qu'elle m'a sans doute "brimée", mais aussi qu'elle m'a laissée partir..."

¹³⁹MERLEAU-PONTY, M.; L'oeil et l'esprit, Paris, Gallimard, 1964, p. 41.

"Dans les masques j'y pensais mais plutôt en positif à cette mère..., mais il y avait aussi des oncles, une tante, la nature ou l'on jouait... et mon père avec toutes les portes qu'il ouvrait sur l'aventure, le non conformisme, la poésie, les livres. C'est lui qui parlait des dents du bonheur pour que j'aime mes dents écartées (em referência aos dentes feitos por ela na máscara da fig. 11) J'aimais sa contestation des idées dominantes, ou reçues. Je écoutais ses questionnements sur la vie, la mort, sur Dieu.

C'était après avoir pensé à tout cela et calé devant le choix à faire de ce que je pourrais dire ou non... de l'éclairage utile à la compréhension que: j'ai dormi et révé: (este foi o primeiro sonho trazido por esta paciente depois do começo das sessões. É importante frisar que ela já havia feito várias máscaras em "expressão conduzida" e algumas outras figuras em "expressão livre" como é o caso da figura 27).

Voici ce rêve:

" Quelque part, je venais d'apercevoir les masques de la dernière rencontre et voulais les regarder encore; voir ce qu'ils me diraient ce jour là, confronter mon souvenir à la réalité et avec les événements vécus entre temps. J'ai touché le mien de la main, alors il s'est mis à bouger et ce de plus en plus vite, à tourner comme autour d'un pivot. Ce n'était plus un masque, mais quelqu'un qui dance, c'était beau... et me rappelait la gitane des paquets de cigarettes. Cela y était, j'allait encore mettre la pagaille, la dance est communicative, si tous allaient "s'y mettre", alors j'ai ramené mes mains "tranquilles" sans bouger et la danseuse s'est arrêtée, a replié ses bras, sa cape ou ses ailes, ça pouvait être tout cela. Le masque était redevenu masque, replié sur lui-même et me regardait. Je me suis réveillée..."

Vejamos a reflexão do analisando à propósito desse seu sonho:

"Pour moi, c'est une histoire de vie et de mort. A la dernière séance quand le groupe échange du vécu, tout à coup, le regard du rêve est là, c'est le tien Alvaro et il dit la même chose. C'est ton regard du jour où j'ai parlé de mon cauchemar d'enfance d'être enterrée vivante. Ce jour là, en le racontant, j'étais encore émue, tu devais le sentir, tu as réagi avec force... J'aurais voulu tout comprendre... J'ai entendu: "c'est la peur de mourir... c'est la maladie... ce n'est pas l'inconscient qui a toujours raison... si tu fais ça, ça arrivera.. on peut discuter avec son rêve."

"J'aime vérifier ce que je pense, ou le souvenir de cette pensée... J'aime confronter les choses à leur réalité... remettre les choses à leur place, les revoir avec le recul de l'heure actuelle... voir et revoir les choses avec de la distance... je voulais revoir dans mes masques ce qui a changé entre le moment du "faire" et le moment du "voir" quelques semaines plus tard, avec d'autres émotions venues s'ajouter à mon cheminement..."

" A la fin du rêve, quand le masque consent à reprendre la pose, c'est son regard qui me frappe en dernier et me réveille. C'était encore pour moi, une histoire de vie et de mort. Quant je vis spontanément avec mes émotions, je vis bien et je fais face... mais quand je mets à réfléchir sur moi, je me demande si même j'existe... J'ai tout le temps peur de voir ce qui peut sortir de moi et je crois que je bloque souvent mes élans à cause de cela. On me prend difficilement en photo, il faut vraiment que j'ai confiance pour ne pas me raidir. Est ce que j'avais peur que sorte un monstre sans limite de forme de volume, d'énergie, donc incontrôlable... est ce que j'ai encore aussi peur de mes pulsions agressives? Est ce autre chose? "



Fig. n° 23.

**" Une foi ,
j'ai cru revoir un mouvement d'orbite
et de regard similaire à mon masque
chez une personne
à qui j'essayais de faire comprendre
quelque chose
qui me semblait important pour elle.**

L'oeil était sorti du contexte, je n'ai retenu qui lui.

**Pour quoi
L'oeil a-t-il tant de place chez moi ?**

**Depuis ces séances de terre
je remarque aussi bien d'avantage
le bipolarité des visages. "**

A VIRTUALIDADE ARQUETÍPICA

A força vital psíquica, quando ela entra em relação com a argila, torna-se capaz de atingir as mais profundas camadas do inconsciente. Dessa esfera íntima da alma é que provêm as máscaras que, ao perderem o seu contorno individual, acabam se aproximando das formas coletivas e universais que constituem os arquétipos. Sendo assim, mesmo escapando às representações em imagens por ser só virtualidade, os arquétipos acabam encontrando na argila um continente para a emergência da alma universal.

" Dans la terre on découvre les traces d'une fossilisation atavique des événements qui ont marqué la conscience par le passé, elle contient comme en filigrane ces fossiles de la conscience, que l'habileté et l'expérience du thérapeute aident à mettre en lumière, pour ensuite les diriger vers un ou plusieurs réseaux de significations. Cette multiplicité des explications possibles de tel ou tel événement qui resurgît me semble d'ailleurs importante pour ne pas enfermer le "patient" dans la logique et la subjectivité du thérapeute."

Figs: 24,25



A CONIUNCTIO NA ARGILA

Figs: 26, 27 .

A Coniunctio ou conjunção, é um símbolo alquímico para indicar a união de substâncias diferentes. No que diz respeito ao seu uso pela psicanálise junguiana, ela quer assinalar a existência de uma harmonia que o analisando experimenta frente às contradições internas. Nesse sentido, não se trata de um objetivo a perseguir, mais simplesmente a vivência pessoal de momentos de elaboração e de união profundas com o "Si-mesmo". Na coniunctio o eixo "Eu-Si-mesmo" está em perfeita consonância com a economia libidinal, indicando através de imagens, momentos de suma importância para o desenvolvimento salutar do analisando. Aqui, o medo dos fantasmas inconscientes cede lugar à experiência gratificante de se saber portador de uma estrutura arquetípica capaz de encontrar caminhos seguros para o desdobramento não neurótico das forças antagônicas que povoam o imaginário.

* Je me rends compte de plus en plus de l'importance de la prise de conscience de notre
"énergie intérieure" ... Je ne sais comme appeler cela...
J'aime bien la formule de Kandinsky.
Il parle du processus créatif qu'il dit cela...
Je prendre conscience de mon corps
et
je sens que c'est important pour moi.
Ensuite,
je creuse l'idée de l'importance de la relation entre l'équilibre physique et l'équilibre intérieur.
Car après,
sur la terre,
cet équilibre je le retrouve:
entre creux et bosses,
entre appuyer ou faire naître la bosse,
entre volume ou plat,
entre cette sensation de la terre et le plaisir que cela fait naître.
Inévitablement,
cette navette nous amène à un point,
où tout navigue -
vient, s'en va, revient ...
Le présent, l'avenir ...
une espèce de temps, où tout est possible, se mélange
C'est là qu'on pense à plein de choses,
très semblable aux rêves dont on tant parlé..."



Fig. 26 - A conjunção pela "expressão conduzida" (máscaras de argila)

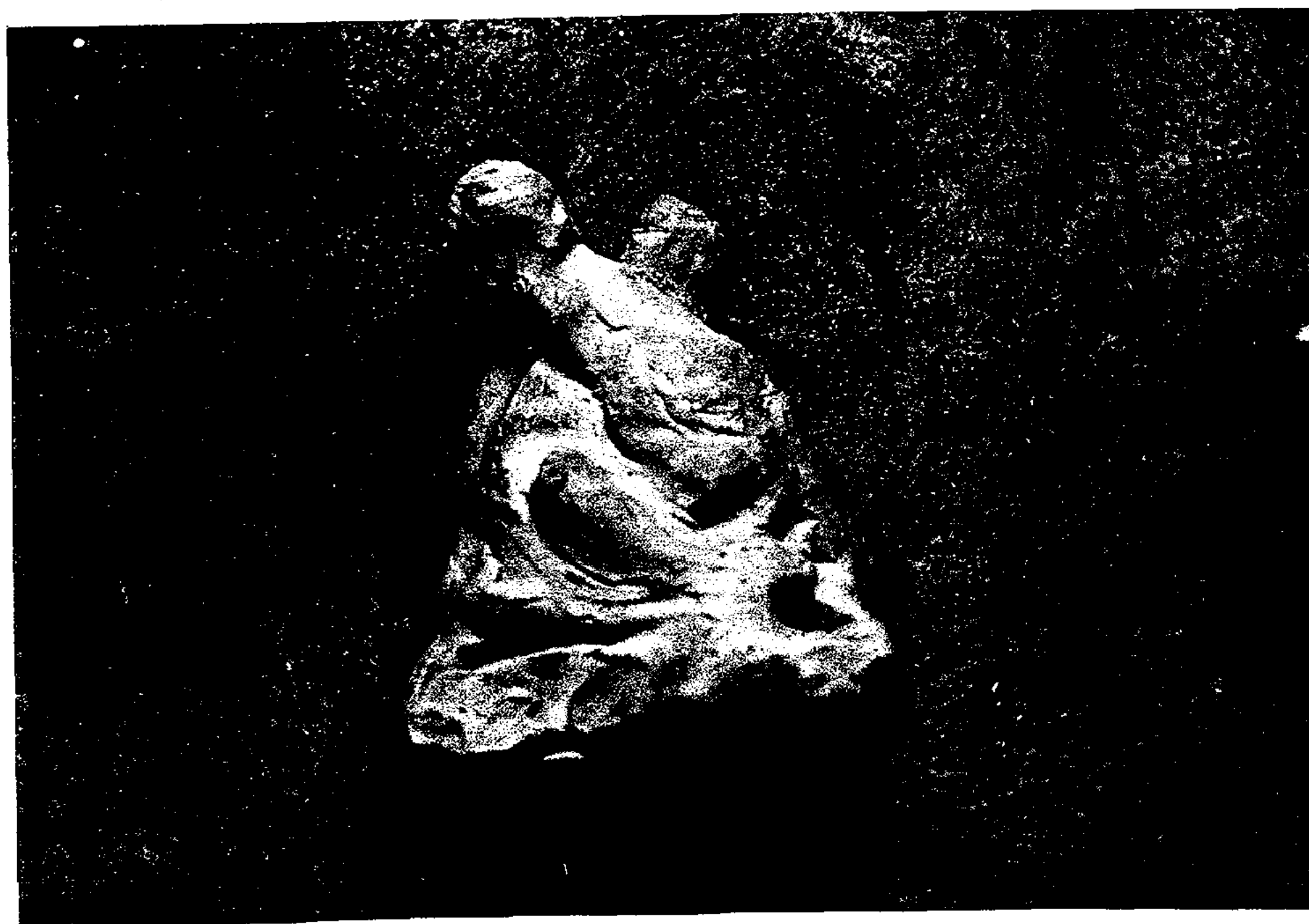


Fig. 27 - A conjunção pela "expressão livre".

AS IMAGENS EM "EXPRESSÃO CONDUZIDA" E "EXPRESSÃO LIVRE"

De uma maneira geral, a "relação de Objeto" segue esses dois momentos específicos: a "expressão conduzida" e a "expressão livre". Esta maneira de conduzir a imaginação supõe a idéia de "Plena atenção" como suporte para o processo simbólico. Isto significa dizer que a "conjunção" entre uma expressão e outra é feita tendo em vista o que chamamos de "plena atenção". Pode-se dizer que o itinerário da "relação de Objeto" procura culminar em momentos de "plena atenção". Sendo assim, para compreendermos melhor o que seria a "plena atenção" é necessário associá-la à engrenagem teórica do conceito junguiano de "Eixo **Eu-Si-mesmo**". Deste modo, a "plena atenção", supõe que o Eu, enquanto "centro da consciência", esteja em afinidade com o "Si-mesmo" enquanto "centro da totalidade da psique". Isto implica em dizer que a "plena atenção" possui o valor do conceito de "individuação" de Jung. Sendo assim, dizer que a "plena atenção" é uma espécie de "chave de leitura" para nos situarmos na "relação de Objeto", significa dizer que consideramos ser a noção de "individuação" que estaria norteando a "expressão conduzida" e a "expressão livre". Por que então não falamos diretamente em "individuação"? Simplesmente, porque a "plena atenção", é uma noção que pode ser veiculada em qualquer que seja a linha psicológica que resolva adotar e conduzir a praxis analítica pela "relação de objeto". Como já fora dito, a "relação de Objeto" não se limita à psicanálise de base junguiana. Basta que o analista perceba o limite da "relação de objeto", procurando ultrapassar a "psicanálise verbal" pelo manuseio de objetos mais estáveis, como atestamos ser a argila.

Fig. 28 e 29



Fig. 28 - As imagens em "expressão conduzida" (a imaginação é ativada por máscaras de argila)

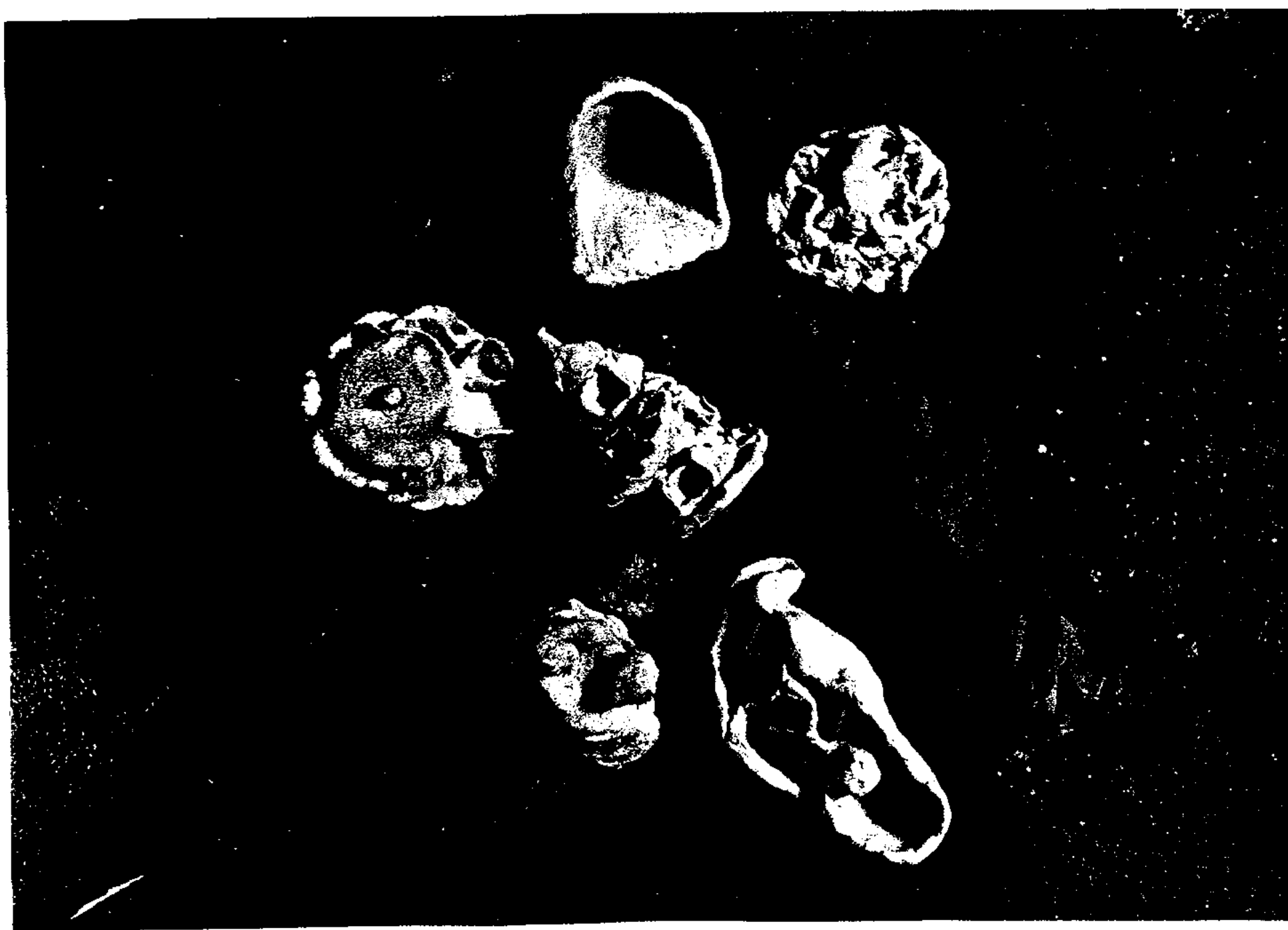


Fig. 29 - As imagens em "expressão livre" (a imaginação é ativada livremente através da argila)

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ADLER, G., *Etudes de psychologie jungienne*, Genève, Georg ed., 1957.
- ANZIEU, D., *Le moi-peau*, Paris, Dunot, 1985.
- Os métodos projetivos*, Rio, Campus, 1979.
- Une peau pour les pensées*, Paris, Apsygée, 1991.
- A POLLINAIRE, G., *Calligrammes*, Paris, Poésie/Gallimard, 1993.
- ATTIGUI, P., *De l'illusion théâtrale à l'espace thérapeutique*, Paris, Denoel, 1993.
- AUGRAS, M., *A dimensão simbólica*, Rio, Fund. Get. Vargas, 1967.
- Alteridade e dominação no Brasil-Psicologia e cultura*, Rio, Nau, 1995.
- O ser da compreensão*, Petrópolis, Vozes, 1978.
- AULAGNIER, P., *La violence de l'interprétation*, Paris, PUF, 1991.
- ARJIPSEV, F.T., *A matéria como categoria filosófica*, S. Paulo, M. Fontes, 1973.
- BACHELARD, G., *Epistémologie*, Paris, PUF, 1971.
- La dialectique de la durée*, Paris, PUF, 1950.
- La poétique de l'espace*, Paris, PUF, 1992.
- La poétique de la rêverie*, Paris, PUF, 1989.
- La psychanalyse du feu*, Paris, Folio/essais n° 25.

- A Terra e os devaneios da vontade, S. Paulo, M. Fontes, 1991.
- La terre et les rêveries de la volonté, Paris, J. Corti, 1947.
- L'eau et les rêves, Paris, J. Corti, 1942.
- Le matérialisme rationnel, Paris, PUF, 1950.
- Le nouvel esprit scientifique, Paris, PUF, 1991.
- BAKHTIN, M., *Marxismo e filosofia da linguagem*, S. Paulo, Hucitec, 1990.
- BARTHES, R., *Le bruissement de la langue*, Paris, Seuil, essais, n° 258, 1984.
- BAUDRILLARD, J., *Para uma crítica da economia política do signo*, S. Paulo, M. Fontes, 1980.
- BAURREAU, H. e outros; *Bachelard - colloque de Cerisy*, Paris, U.G. D'édit, 1974.
- BERENSTEIN, I. e PUGET, J., *De l'engagement amoureux au reproche*; Paris, Dunot, 1984.
- BERGSON, H.; *La conscience et la vie / Le possible et le réel*, Baume-les-dames, Magnard, 1993.
- La pensée et le mouvant*, Paris, PUF, 1993.
- L'énergie spirituelle*, Paris, PUF, 1993.
- L'évolution créatrice*, Paris, PUF, 1991.
- Matière et mémoire*, Paris, PUF, 1993.
- BEUYS, J., *Qu'est-ce que l'art?*, Paris, L'arche, 1992.
- Parcours - Joseph Beuys*, Paris, C.G. Pompidou, M.N. d'art Moderne, 1994.
- BION, W.R.; *Experiências com grupos*, S. Paulo, Imago, 1970.
- BLEGER, J.; *Simbiose e ambigüidade*, Rio, F. Alves, 1977.
- BLIKSTEIN, I., *Kaspar Hauser ou Fabricação da realidade*, S. Paulo, Cultrix, 1990.
- BRENNER, C.; *Noções básicas de psicanálise*; Rio, Imago, 1977.
- BOVERESSE, J.; *Le pays des possibles*, Paris, Minuit, 1988.
- BRETON, A.; *La clé des champs*, Paris, essais n° 4135.
- Manifestes du surréalisme*, Paris, Folio/essais n° 5.
- Les champs magnétiques*, Paris, Galimard, 1968.
- BRETON, T.; *La dimension invisible*, Paris, édition Odile Jacob, 1994.
- BRUN, J.; *La main et l'esprit*, Paris, PUF, 1963.
- CADY, S.; *Le corps, le mouvement et la parole*, Paris, Bayard Edit., 1992.
- CANTEINS, J.; *Le potier demiurge*, Paris, Ed. M. Larousse, 1986.
- Les baratteurs divins*, Paris, Ed. M. Larousse, 1987.
- CARNEIRO LEAO, E.; *Aprendendo a pensar*, Petrópolis, Vozes, 1989.
- CARUSO, I.; *Psicanálise e dialética*, Rio, E. Bloch S/A, 1967.
- CASSIRER, E. e outros; *Essais sur le langage; le langage et la construction du monde des objets*, Paris, Minuit, 1969.
- CHEMAMA, R.; *Dictionnaire de la psychanalyse*, Paris, Larousse, 1993.
- CHEVALIER, J. e GHEERBRANT; *Dictionnaire des symboles*, Paris, Robert Laffont/Jupiter, 1982.
- COOPER, D.; *Psiquiatria e antipsiquiatria*, S.P, Perspectiva, 1968.

- CHIPP, H.B.; Teorias da arte moderna, S. Paulo, M. Fortes, 1988.
- DARTIGUES, A.; O que é fenomenologia, Rio, Eldorado, 1973.
- DELEUZE, G. *Critique et clinique*, Paris, PUF, 1966.
- Empirisme et subjectivité*, Paris, 1993.
- L'anti-Oedipe*, Paris, Minuit, 1992.
- Le bergsonisme*, Paris, PUF, 1966.
- Le Pli-Leibniz et le baroque*, Paris, édit. Minuit, 1988.
- L'image-mouvement - Cinéma 1*; Paris, Minuit, 1983.
- L'image-temps - Cinéma 2*; Paris, Minuit, 1983.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F.; *Qu'est-ce que la philosophie*, Paris, Minuit, 1991.
- DE LIMA VAZ, H.C.; *Antropologia filosófica*, S. Paulo, Loyola, 1991.
- Escritos de filosofia 1 e 2*, S. Paulo, Loyola, 1986/1988.
- DUBORGEL, G.; *Imaginaires à L'oeuvre*, Paris, Edt. Greco, 1989.
- DUCROT, O. e TODOROV, T.; *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage*, Paris, Seuil, 1972.
- ECO, H.; *A estrutura ausente*, S. Paulo, Perspectiva, 1987.
- La productions des signes*, Paris, Folio/essais n°4152.
- Le signe*, Paris, Labor, 1980.
- EIGUER, A.; *Le lien d'alliance, la psychanalyse et la thérapie de couple*, Paris, Dunot, 1984.
- ELLENBERGER, H.F.; *Histoire de la découverte de l'inconscient*; Mesnil-sur-l'Estrée, Fayard, 1994.
- ELIADE, M.; *Forgerons et Alchimistes*, Paris, Flammarion, 1977.
- Mito e realidade*, S. Paulo, Perspectiva, 1986.
- ELLIOT, A.J.; *A linguagem da criança*, Rio, Zahar, 1981.
- EPSTEIN, J. e RADIGUET, C.; *L'explorateur nu - plaisir du jeu*, Paris, Edt. Univ., 1982.
- FEDIDA, P.; *L'absence*, Paris, Gallimard, 1978.
- FILLOUX, J.C.; *O inconsciente*, S. Paulo, Dif. Eur. de livro, 1966.
- FOUCAULT, M.; *As palavras e as coisas*, S. Paulo, M. Fortes, 1987.
- Doença mental e Psicologia*, Rio, Tempo brasileiro, 1968.
- História da loucura*, S. Paulo, Perspectiva, 1978.
- FREUD, S.; *Abrégé de psychanalyse*, Paris, PUF, 1985.
- Essais de psychanalyse*, S.A. Montrond, Payot n° 15, 1993.
- La technique psychanalytique*, Paris, PUF, 1992.
- Métapsychologie*, Paris, Gallimard, 1968.
- Nouvelles conférences d'introduction à la psychanalyse*, Paris, Gallimard, 1984.
- O ego e o id (1923) - vol. XIX*, Rio, Imago, 1976.
- Psicologia de grupo e análise do ego - vol. XVIII*, Rio, Imago, 1976.
- Résultats, idées problèmes (1890-1920) - I et II*, Paris, PUF, 1991.

- Sur le rêve**, Paris, Gallimard, 1988.
- GILSON, E.; **Linguistique et philosophie**, Paris, L.P.J. Vrin, 1969.
- GOUVÊA, A.P.; **Sol da Terra: o uso do barro em psicoterapia**, S. Paulo, Summus, 1990.
- GREEN, A.; **Metapsicologia dos limites**, Rio, Imago, 1990.
- HEGEL, G.W.F.; **Phénoménologie de l'esprit**; Paris, Gallimard, 1993.
- HEIDEGGER, "La phénoménologie de l'esprit" de Hegel, Paris, Gallimard, 1980.
- Qu'est-ce qu'une chose?**, Paris, Gallimard, 1962.
- Ser e tempo - vol. I e II**, Petrópolis, Vozes, 1989/1990 .
- HILLMAN, J.; **Estudos de psicologia arquetípica**, Rio, Achiamé, 1981.
- JACOBI, J.; **Complexo, arquétipo e símbolo**, S. Paulo, Cultrix, 1990.
- JAFFÉ, A.; **O mito do significado**, S. Paulo, Cultrix, 1983.
- JUNG, C.G.; **A energia psíquica**, Petrópolis, Vozes, 1983.
- A prática da psicoterapia**, Petrópolis, Vozes, 1981.
- Analytical Psychology its theory & practice**, New York, vitage Book, 1970.
- Dialectique du moi et de l'inconscient**, Paris, Folio/Essais n° 46, 1964.
- Essai d'exploration de l'inconscient**, Paris, Folio/Essais n° 90.
- Essais sur la symbolique de l'esprit**, Paris, A. Miches, 1991.
- Freud/Jung correspondência completa**, Rio, Imago, 1976.
- Freud e a psicanálise**, Petrópolis, Vozes, 1991.
- Jung parle - rencontres et interviews**, Paris, Buchet, 1985.
- La guérison psychologique**, Genève, Georg. éditeur, 1981.
- L'âme et la vie**, Paris, Buchet, 1963.
- L'énergétique psychique**, Genève, Georg éditeur, 1981.
- L'homme à la découverte de son âme**, Paris, A. Michel, 1980.
- Ma vie**, Paris, Gallimard, 1992.
- Memórias, sonhos, reflexões**, Rio, N. Fronteira, 1962.
- Métamorphoses de l'âme et ses symboles**, Genève, Georg. éditeur, 1989.
- Mysterium conjunctionis - tome 1**, Paris, A. Michel, 1980.
- O Eu e o inconsciente**, Petrópolis, Vozes, 1978.
- Psicologia e alquimia**, Petrópolis, Vozes, 1991.
- Psychologie de l'inconscient**, Genève, Georg. éditeur, 1989.
- Tipos psicológicos**, Rio, Guanabara, 1987.
- Um mito moderno**, Lisboa, Ensaio, 1962.
- KANDINSKY, N.; **Du spirituel dans l'art et dans la peinture en particulier**, Paris, Denoel, Folio/essais n° 72, 1989.
- Point et ligne sur plan**, Paris, Gallimard, 1991.
- KANT, E.; **La raison pratique**, Paris, PUF, 1991.

- KHAN, M.; *Passion, solitude et folie*, Paris, Gallimard, 1983.
- KOHUT, H.; *Le soi*, Paris, PUF, 1977.
- KOSIK, K.; *Dialética do concreto*, Rio, Paz e Terra, 1986.
- LACAN, J. e outros; *A querela dos diagnósticos*, Rio, Zahar, 1986.
- Escritos*, México, siglo veintiuno editores, s/a, 1972.
- La relation d'objet*, Paris, Seuil, 1994.
- O seminário - livros 1, 2 e 7*, Rio, Zahar, 1983/1985/1986.
- LADRIERE, J.; *A articulação do sentido*, S. Paulo, EPU, 1977.
- LAPLANCHE, J. / PONTALIS, J. B.; *Vocabulário de Psicanálise*, Santos, M. Fontes, 1970..
- LE BON, G.; *Psychologie des foules*, Paris, PUF, 1991.
- LECLAIRE, J.; *Psychanalyser*, Paris, Seuil, 1968.
- LERCHER, A.; *Les mots de la philosophie*, Paris, Belin, 1985.
- LEVI-STRAUS, C.; *La voie des masques*, Paris, Agora, 1979.
- MAIER, S. M.; *Atalanta Fulgens - Sources of an alchemical book of emblems by H.M.E. de Jong*, Leiden, Netherlands, 1969.
- MARITAIN, J.; *Introdução geral a filosofia*, Rio, Agir, 1963.
- MERLEAU-PONTY, M.; *Le visible et l'invisible*, Paris, Gallimard, 1964.
- L'ocul et l'esprit*, Paris, Gallimard, 1964.
- Merleau-Ponty à la Sorbonne - résumé de cours (1949-1952)*; Dijon Quetigny, éditions Cynara, 1988.
- MORIN, E.; *La méthode - I, II, III*; Paris, Seuil, Essais n° 123, 175, 236; 1977.
- Science avec conscience*; Paris, Fayard, 1982.
- NADEU, M.; *Histoire du surréalisme*, Paris, Seuil, 1964.
- NASIO, J.-D.; *Cinq leçons sur la théorie de Jacques Lacan*, Paris, Payot, 1994.
- NATHAN, T.; *L'influence qui guérit*, Paris, édit. Odile Jacob, 1994.
- NOVAES, M. H.; *Psicologia pedagógica*, Rio, Archimé, 1982.
- OGDEN, C. K. e RICHARDS, I. A.; *O significado do significado*, Rio, Zahar, 1972.
- OSTROWER, F.; *Criatividade e Processos de criação*, Rio, Imago, 1977.
- PALMIER, J.-M.; *Lacan*, Paris, Edt. Universitaires, 1969.
- PASQUA, H.; *Introduction à la lecture de Etre et Temps de M. Heidegger*, Lausanne, éditions l'âge d'homme, 1993.
- PEREC, G.; *Les choses*, Paris, Julliard, 1965.
- PIAGET, J.; *O Estruturalismo*, S. Paulo, D. E. do livro, 1970.
- PONGE, F.; *Le parti pris des choses*, Paris, Gallimard, 1994.
- Lyres*, Paris, Gallimard, 1980.
- Pièces*, Paris, Gallimard, 1962.
- PORCHAT, I. e BARROS, P.; *Ser Terapeuta*, S. Paulo, Summus, 1985.
- POSTEL, J.; *Dictionnaire de psychiatrie et de psychopathologie clinique*, Paris, Larousse, 1993.
- RAMOS, M. L.; *Fenomenologia da obra literária*, Rio, Forense, 1969.

- ROUDINESCO, E.: *A ação de uma Metáfora*, Rio, Lugar edit, 1975.
- ROUGEMONT, D.: *Penser avec les mains*, Paris, Gallimard, 1972.
- SAMUELS, A. e SHORTER, B. e PLAUT, F.: *Dicionário Crítico de Análise Junguiana*, Rio, Imago, 1988.
- Jung e os pós-junguianos*; Rio, Imago, 1989.
- SAINT-DROME, O.: *Dictionnaire de 55 termes visités par J.Lacan*, Paris, Seuil, 1994.
- SAMUELS, A.; SHORTER, B.; PLAUT, F.: *A critical dictionary of jungian analysis*, London, 1986.
- SILVEIRA, N.: *Casa das Palmeiras - a emoção de lidar - uma experiência em psiquiatria*, Rio, Alhambra, 1986.
- Imagens do inconsciente*, Rio, Alhambra, 1981.
- Jung vida e obra*, Rio, J. Alvaro edit, 1974.
- Terapêutica Ocupacional - Teoria e prática*, Rio, PUC, 1979.
- TIRY, G.: *Connaitre le réel*, Lyon, Chronique Sociale, 1994.
- VALABREGA, J.P.: *La formation du psychanalyste*, Paris, Payot, 1992.
- VAN DER LEEUW, G.: *Fenomenologia de la Religion*, B. Aires, F.C. Econ, 1978.
- VAYER, P. e ROCIN, C.: *Psicologia Atual e desenvolvimento da criança*, S. Paulo, Ed. Manole dois, 1990.
- VON-FRANZ, M-L.: *Alchimie et Imagination Active*, Paris, Edt. J. Renard, 1989.
- L'ombre et le mal dans les contes de fées*, Paris, Edt. J. Renard, 1990.
- WINNICOTT, D.W.: *Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil*, Rio, Imago, 1984.
- O brincar & a realidade*, Rio, Imago, 1975.
- Jeu et réalité*, Paris, Gallimard, 1993.
- The Piggie*, Rio, Imago, 1977.
- WOLMAN, B.B.: *Técnicas psicanalíticas - volumes 1, 2 e 3*; Rio, Imago, 1976.
- WUNENBURGER, J-J.: *La vie des images*, Strasbourg, Presses Universitaires de Strasbourg, 1995.
- L'idéal de symétrie et la logique de la dualité*, Extrait de Cahiers internationaux de symbolisme n° 31/32.
- L'imagination*, Paris, PUF, 1991.
- L'utopie ou la crise de l'imaginaire*, Paris, Editions Universitaires, 1979.
- YAGUELLO, M.: *Alice au pays du langage - Pour comprendre la linguistique*; Paris, Seuil, 1991.

ARTIGOS, REVISTAS E ENTREVISTAS:

- Bachelard, colloque de Cerisy - 10/18*; Paris, Union Générale des éditions, 1974.
- Figures, Miroirs et reflets*, Centre de Recherche sur l'Image de Symbole et le mythe, Université de Bourgogne, 1989.
- Etudes psychothérapeutiques, "Jouer, déjouer"*, n° 6, Paris, Bayard éditions, 1992.
- Les figures de la forme*, Sous la direction de Jean Gayon et J-J. Wunenburger, Paris, édition l'harmattan, 1992.
- Les rythmes, lectures et théories*, Sous la direction de J. J. Wunenburger, Paris, édít. l'harmattan, 1992.

Les écoles psychanalytiques-La psychanalyse en mouvement, Tunisie, Tchou éditeur, 1981.

Les stades de la libido-de l'enfant à l'adulte, Tunisie, Tchou éditeur, 1978.

Situations Européennes de L'hébergement Thérapeutique, Sous la direction de Gilles Vidon, Patrick

Halmos et de Michel Goutal, Toulouse, Erès, 1992.

CAHIERS DE PSYCHOLOGIE JUNGIEUNE:

-Etudes sur les Organismes Inconscients; n°42; Paris, 1984.

-L'enfant et l'adolescent, n°48, Paris, 1986.

-Le père en question, n°35, Paris, 1982.

-Savoir du rêve; n°46; Paris, 1985.

-Transferts, n°31, Paris, 1981.

-Psychothérapies d'enfants; n° 36; Paris, 1983.

CAHIERS JUNGIENS DE PSYCHANALYSE

Analyse et création, n°67, Paris, 1990.

Déjouer le mythe, n°66, Paris, 1990.

De l'enfance à l'adolescence, N°56, Paris, 1988.

Deux études sur Jung, n°44, Paris, 1985.

Images et transformation; n°74, Paris, 1992.

Le rêve, l'entendre, l'interpréter, le vivre, n°62, Paris, 1989.

L'espace intérieur, n°50, Paris, 1986.

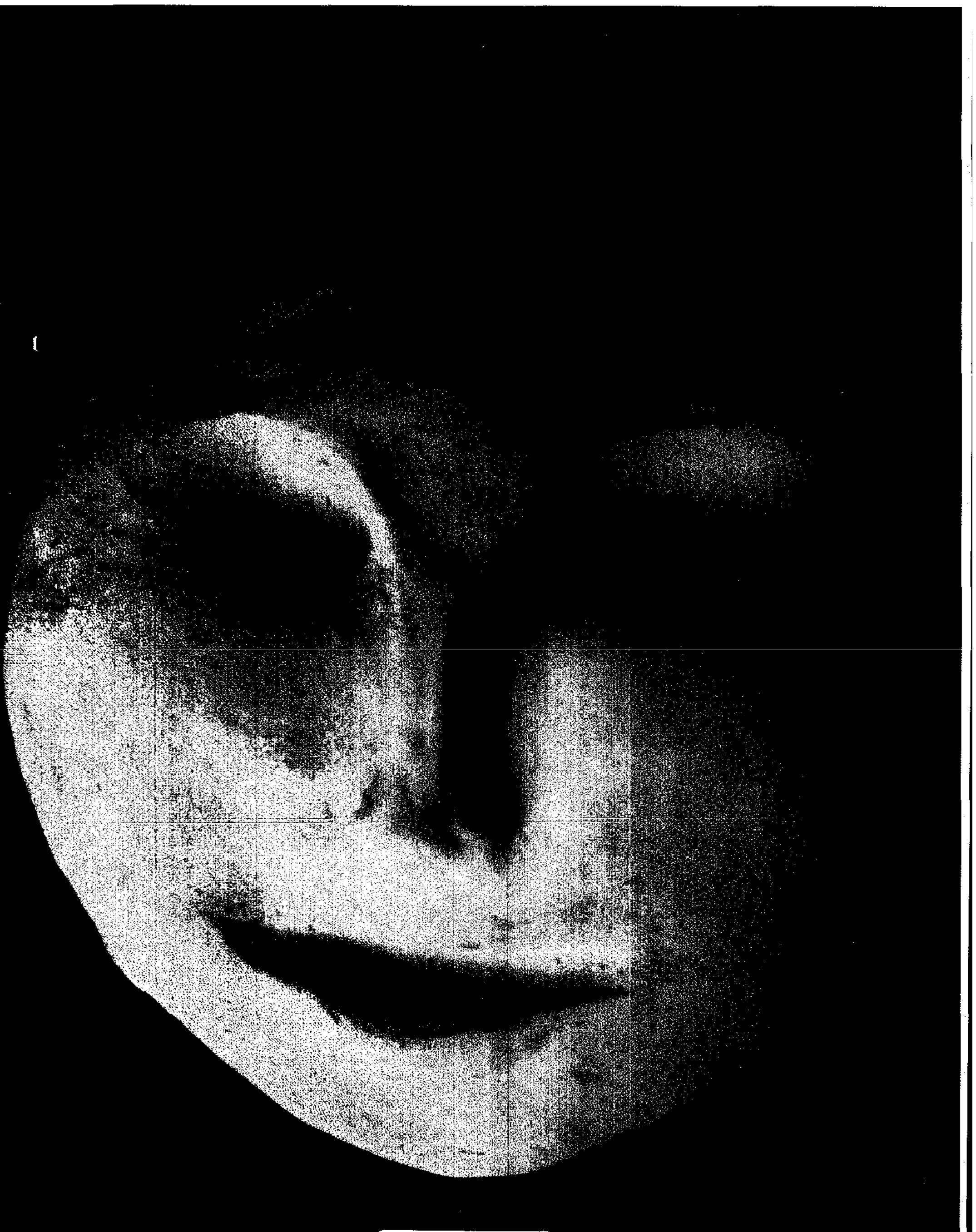
L'expérience du vide, n°73, Paris, 1992.

Le temps, n°18, Paris, 1978.

Psyché / Soma, n° 76, Paris, 1993.

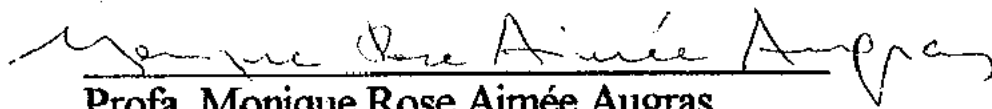
Séparation / Différenciation, n°61, Paris, 1989.

Synchronicité: correspondance du psychique et du physique, n°28, Paris, 1981.

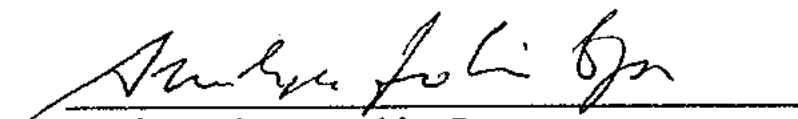


DASEIN IST RUND
Heidegger

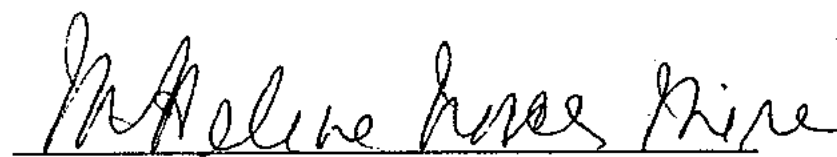
Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pelo aluno Alvaro de Pinheiro Gouvêa, intitulada "A relação de 'ob-jeu': uma estratégia em psicoterapia", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



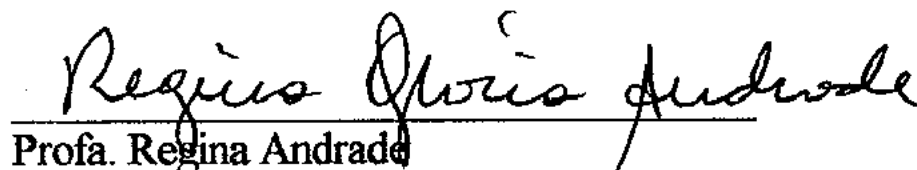
Profa. Monique Rose Aimée Augras
PUC/Rio



Prof. Anchyses Jobim Lopes
PUC/Rio



Profa. Maria Helena Novaes Mira
PUC/Rio




Profa. Regina Andrade
UERJ



Profa. Sherrine Njaine Borges
FIOCRUZ

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 10 de abril de 1996.



Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas